

CARMEN LÚCIA SOARES

IMAGENS DA EDUCAÇÃO NO CORPO
estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1996

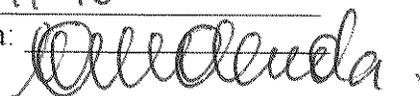
6411946

CARMEN LÚCIA SOARES

Este exemplar corresponde à
redação final da Tese defendida
por **CARMEN LÚCIA SOARES**
e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 5.11.96

Assinatura:



IMAGENS DA EDUCAÇÃO NO CORPO
estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1996

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

So11i

Soares, Carmen Lúcia

Imagens da educação no corpo : estudo a partir da ginástica francesa no século XIX / Carmen Lúcia Soares. -- Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador : Milton José de Almeida.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ginástica - França - História. 2. Corpo. 3. Imagem. 4. Educação física. I. Almeida, Milton José de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Tese apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de DOUTOR em EDUCAÇÃO
na Área de Concentração: **Metodologia do Ensino**
à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, sob orientação
Prof. Dr. Milton José de Almeida.

Comissão Julgadora:

Delcelyne

Salim

Eustáquio S. de Souza

Attila

IMAGENS DA EDUCAÇÃO NO CORPO

ESTUDO A PARTIR DA GINÁSTICA FRANCESA
NO SÉC. XIX

CARMEN LÚCIA SOARES



La Gi

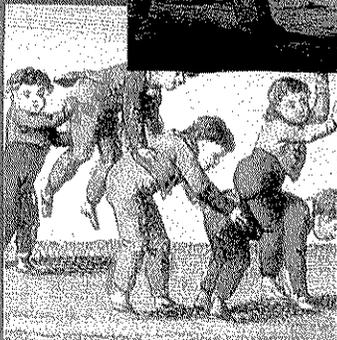


lema



Le di

n. attent



Le Cheval fondit



Le Ballon



la Patine

RESUMO

Este estudo centrou-se na análise de uma forma específica de educação do corpo na Europa do século XIX - a Ginástica. Para focalizá-la, tomou-se como referência a ginástica francesa e, particularmente, a obra de dois fundadores: Francisco Amoros e Georges Demeny.

O discurso explicativo deste estudo foi construído pela análise e interpretação de diferentes fontes: obras escritas pelos dois fundadores aqui tratados; a literatura, em particular o romance realista de G. Flaubert e E. Zola; as artes plásticas cujo conteúdo revelava a presença de uma educação no corpo ou, então, ampliava a compreensão das ações humanas no tempo; imagens sobre a Ginástica no século XIX presentes nas obras dos autores analisados, bem como naquelas de comentadores nacionais e estrangeiros.

RESUMÉE

Cet étude s'est rassemblé autour de l'analyse d'une forme spécifique de l'éducation du corps dans l'Europe du XIXème siècle - la gymnastique. Pour y arriver, on s'est servi des références de la gymnastique française et plus particulièrement, de l'oeuvre de ses deux fondateurs: Francisco Amoros et Georges Demeny.

Le discours explicatif de cet étude a été bâti sur l'analyse et l'interprétation des différentes sources: des oeuvres écrites par les deux fondateurs cités ci-dessus; de la littérature de l'époque, surtout sur les romans réalistes de G. Flaubert et E. Zola; et de la peinture, des dessins qui représentaient le culte ou l'éducation du corps; aussi bien que les images, sur la Gymnastique du XIXème siècle, présentées dans les oeuvres des auteurs analysés, comme dans celles des commentateurs nationaux et étrangers.

Donc, ce rassemblement décrit l'images de l'éducation du corps a partir de la gymnastique française du XIX siècle.

Na Europa, ao longo de todo o século XIX, a Ginástica científica afirma-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade. Exibe um corpo milimetricamente reformado, cujo porte ostenta uma simetria nunca antes vista. Nada está solto ou largado. Nada está fora do prumo. Este corpo fechado e empertigado desejou banir qualquer vestígio de exibição do orgânico e, sobretudo, qualquer indício de perda de fixidez, qualquer sinal de um estado de mutação.

Forma-se no século XIX, de um modo mais preciso que em outros momentos da história do homem ocidental, uma pedagogia do gesto e da vontade configurando-se, assim, uma “educação do corpo” já reconhecida como importante.

Os silêncios contidos nos gestos esboçam imagens que devem ser internalizadas em posições e comportamentos. A Ginástica, com suas prescrições, enquadra-se nesta pedagogia e se faz portadora de preceitos e normas.

...”O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos destinados a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões”¹.

Os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam. Desde a infância, ou melhor, sobretudo nela, deve incidir uma educação que privilegie a retidão corporal, que mantenha os corpos aprumados, retos ou como sublinha Vigarello, que os mantenha em verticalidade².

O corpo reto e o porte rígido comparecem nas introduções dos estudos sobre a Ginástica no século XIX. Estes estudos, carregados de descrições detalhadas de exercícios físicos que podem moldar e adestrar o corpo imprimindo-lhe este porte, reivindicam com insistência seus vínculos com a ciência e se julgam capazes de instaurar uma ordem coletiva. Com estes indícios, a Ginástica assegura, neste momento, o seu lugar na sociedade burguesa.

Sua prática, em diferentes países da Europa, faz nascer um grande movimento que foi chamado, genericamente, de Movimento Ginástico Europeu³. Como expressão da cultura, este movimento se constrói a partir das

relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia. Possui em seu interior princípios de ordem e disciplina coletiva que, aos olhos da burguesia, podem ser potencializados.

Para sua aceitação, porém, estes princípios de disciplina e ordem não são suficientes. A burguesia que vai se apropriando daquele movimento ginástico exige rompimentos com seu núcleo primordial, cuja característica dominante se localiza no campo dos divertimentos.

É, portanto, a gradativa aceitação dos princípios de ordem e disciplina formulados pelo Movimento Ginástico Europeu e o também gradativo afastamento de seu núcleo primordial que vai, pouco a pouco, afirmar a Ginástica como parte da educação dos indivíduos. Uma Ginástica que estará reformulando seus preceitos a partir da ciência, da técnica e das condições políticas de uma Europa que, no século XIX, se consolida como centro do Ocidente.

Porém, é possível destacar que o reconhecimento da Ginástica pelos círculos intelectuais, é fator decisivo para sua aceitação por uma burguesia que a deseja transformada e, assim, devolvida à população como conjunto de preceitos e normas de bem viver. É a partir deste reconhecimento que, de fato, a Ginástica passa a ser vista como prática capaz de potencializar a necessidade de utilidade das ações e dos gestos. Como prática capaz de permitir que o indivíduo venha internalizar uma noção de economia de tempo, de gasto de energia e de cultivo à saúde como princípios organizadores do cotidiano.

E estas são as metas de uma burguesia que desde o século XVIII vem construindo uma nova mentalidade científica, prática e pragmática baseada na ciência e na técnica como formas específicas de saber.

Deste modo, o século XIX merece a atenção daqueles que desejam compreender o homem e a sociedade do Ocidente. A Europa, que consolida uma dupla revolução⁴, é o lugar da formação de um novo homem e de uma nova sociedade regida por um “espírito capitalista” que passa a dominar quase exclusivamente aquele presente.

Este tempo/espaço regido por este “espírito”, afirma e difunde uma crença desmedida no chamado progresso e ancora-se nas conquistas da ciência, esta nova religião do homem oitocentista que cria e (re)cria práticas sociais a partir, exclusivamente, de parâmetros ditados pelo “método científico”, positivo em si⁵.

Uma ideologia científicista impregna a vida de indivíduos, grupos e classes, transformando a sociedade num grande organismo vivo que tende a evoluir do inferior ao superior, do simples ao complexo, e onde tudo pode (e deve) ser medido, classificado, comparado, definido e generalizado a partir da descoberta constante de “leis”.

A partir de visões de mundo geradas no interior de teorias evolucionistas, organicistas e mecanicistas, o século XIX realiza a grande revolução científica dos laboratórios, da industrialização e do crescimento de disciplinas e de instituições sociais⁶.

Conforme observa Vovelle, a ... “ideologia científicista junto com uma filosofia biológica apoiam este sistema, que associa a explicação idealista (do progresso da razão) à explicação materialista e mecanicista (os triunfos da vida sobre a morte)”⁷.

A ciência deste período dirige um certo tipo de esquadramento da vida em todas as suas dimensões, pretendendo estabelecer uma ordem lógica nas atividades e um adequado aproveitamento do tempo ou, mais precisamente, uma economia de energias.

A Ginástica é constitutiva desta mentalidade. Destaca-se pelo seu caráter ordenativo, disciplinador e metódico. É possível afirmar que ao longo do século XIX surgem inúmeras tentativas de estender sua prática ao conjunto da população urbana cada vez mais numerosa e potencialmente “perigosa” para os objetivos do capital. Havia ainda mais uma vantagem na aplicação da Ginástica: a suposta aquisição e preservação da saúde, compreendida já como conquista/responsabilidade individual, podia ocorrer como decorrência de sua prática sistemática, afirmavam higienistas e pedagogos como críticos dos “excessos do corpo” vividos por acrobatas e funâmbulos.

Abarcando uma enorme gama de práticas corporais, o termo GINÁSTICA⁸, pertencente ao gênero feminino, de designação feminina e que historicamente se constrói a partir de atributos culturalmente definidos como masculinos: força, agilidade, virilidade, energia/têmpera de caráter, entre outros, passa a compreender diferentes práticas corporais. São exercícios militares de preparação para a guerra, são jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos, corridas, equitação, esgrima, danças e canto⁹.

Em suas primeiras sistematizações na sociedade ocidental européia, o termo Ginástica foi assim compreendido. Quando os círculos científicos se debruçam sobre o seu conteúdo desejam então aprisionar todas as formas/linguagens das práticas corporais sob uma única denominação: GINÁSTICA.

O Movimento Ginástico Europeu foi, portanto, um primeiro esboço deste esforço e o lugar de onde partiram as teorias da hoje denominada Educação Física no Ocidente. Balizou o pensamento moderno em torno das práticas corporais que se construíram fora do mundo do trabalho, trazendo a idéia de saúde, vigor, energia e moral coladas à sua aplicação.

Este é o Movimento que pode ser pensado como o conjunto sistematizado pela ciência e pela técnica do que ocorreu em diferentes países ao longo de todo o século XIX, especialmente na Alemanha, Suécia, Inglaterra e França¹⁰.

Assumido pelos Estados Nacionais, este movimento apresentava particularidades do país de origem mas, de um modo geral, acentuava finalidades muito semelhantes como por exemplo, regenerar a raça e promover a saúde numa sociedade marcada pelo alto índice de mortalidade e de doenças sem contudo alterar as condições de vida e de trabalho. Num outro plano, as finalidades se completavam pelo desejo de desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver para servir à Pátria nas guerras e na indústria. Mas a finalidade maior foi, sobretudo, moralizar os indivíduos e a sociedade intervindo radicalmente em modos de ser e de viver¹¹.

Com estas finalidades, este Movimento foi se consolidando também a partir de diferenças, sendo a mais radical aquela que ocorreu na Inglaterra. Lá a prática corporal que se afirmou foi o jogo esportivo, constituindo então um movimento que acabou por desenvolver, aprimorar e consolidar a compreensão do esporte moderno¹².

Nos demais países europeus afirmou-se a Ginástica, cujo conteúdo básico fora definido a partir de parâmetros formulados pela cultura grega que a compreendia ligada a idéia de saúde, beleza e força. Ciência e arte, então, explicitavam para esta cultura, as diferenças de aplicação, as possibilidades de classificação bem como os efeitos dos exercícios sobre os indivíduos. Explicitavam, ainda, a relação direta que acreditava-se existir entre a Ginástica e o desenvolvimento do caráter, da moral e da virtude¹³.

Ciência e técnica parecem ter sempre comparecido para afirmar a Ginástica como instrumento de aquisição de saúde, de formação estética e de treinamento do soldado. Comparecem, sobretudo, para revelar a Ginástica como protagonista do que é racional, experimentado e explicado.

E é somente a partir da revelação do caráter científico da Ginástica que a burguesia do século XIX inicia um lento processo de tentativa de diferenciar sua aplicação entre os militares e a população civil.

Solicitava-se da ciência, então, o estabelecimento de diferenças, não de oposições e pensava-se, sobretudo, na preservação da disciplina e da ordem tão caras à instituição militar.

Na França havia uma vontade manifesta de sistematizar saberes que permitissem a compreensão da Ginástica a partir de cânones científicos. Desejava-se fazer dela um objeto de investigação científica e, desse modo, apartá-la definitivamente de seus vínculos populares. E são estes aspectos, bastante acentuados, que a fazem multifacetada e contraditória em seu desenvolvimento no século XIX tornando-a, assim, referência para o desenvolvimento deste trabalho.

Cabe registrar também que os homens de ciência que na França dedicaram-se ao estudo da Ginástica, declaravam-se profundos admiradores da

cultura grega julgando-se, inclusive, seus legítimos continuadores. Percebiam a Ginástica como importante instrumento de recuperação daquela cultura e sociedade, por eles identificada como portadora da mais absoluta harmonia.

A Ginástica então deveria ser pensada pelo aparato científico disponível e assim colocada em igualdade com outras práticas sociais, explicada e sistematizada. Devia tornar-se obrigatória para a sociedade em geral, bem como prática regular em todos os currículos escolares.

A base de saberes que serviu para estruturar um conhecimento mais preciso sobre a Ginástica, localizou-se principalmente na Anatomia e Fisiologia, a partir do qual, meticulosamente, foi se estruturando um grande esboço do que se poderia chamar de “teoria geral da ginástica”. Como se poderá observar nos primeiros trabalhos sobre Ginástica, não há o menor descuido com a globalidade do corpo em ações específicas, nas quais, explicações também específicas para cada ação foram buscadas, nada escapando aos mil olhos da ciência.

Autores como G. Demeny, E. Marey, F. Lagrange, renomados cientistas que se debruçavam sobre o estudo e o aperfeiçoamento do gesto no trabalho, elegem a Ginástica como instrumento privilegiado para treinar o gesto harmônico e econômico.

Afinados com o Estado constituído, exortam a moral de classe (burguesa) afirmando em seus tratados sobre a Ginástica, o “culto” a saúde, ao corpo e a Pátria.

“Oculto” contudo o raciocínio que cria os meios, bem mais profundos e maiores do que a Ginástica, para a obtenção da saúde. De uma saúde que não pode ser obtida nem preservada em condições miseráveis e degradantes a que estava sujeita a maioria da população que exercia algum tipo de “trabalho livre” na indústria, no comércio, nas minas. Lugares que fazem nascer e crescer o tão propalado progresso no mundo ora dominado pela ciência e pela técnica, estas musas da burguesia que realizam o seu triunfo.

A Ginástica, então, passa a ser apresentada como produto acabado e comprovadamente científico. Radicaliza, no universo das práticas corporais existentes, a visão de ciência como atividade humana capaz de controlar, experimentar, comparar e generalizar as ações de indivíduos, grupos e classes.

Do menor gesto do trabalhador em “atividade produtiva” na indústria e fábrica que se afirmam como expressão do domínio do homem sobre a natureza até a mais ousada acrobacia, seria a ciência a prescrever, indicar e ditar, enfim, o modo de realizar a tarefa ... a forma de viver. A Ginástica científica se apresentava como contraponto aos usos do corpo como entretenimento, como simples espetáculo, pois, trazia como princípio a utilidade de gestos e a economia de energia.

Desse modo, práticas corporais realizadas nas feiras, nos circos, onde palhaços, acrobatas, gigantes e anões despertavam sentimentos ambíguos de maravilhamento e medo passam a ser observadas de perto pelas autoridades.

O circo é uma atividade que exerce grande fascínio na sociedade europeia do século XIX. Ali o corpo é o centro do espetáculo, de todas as “variedades” apresentadas pela multifacetada atuação de seus artistas.

Conforme observa Catherine Strasser¹⁴, nas duas últimas décadas do século XIX, o circo surgia como a encarnação do espetáculo moderno e seu sucesso era inegável nas diferentes classes sociais que, inclusive, assistiam ao mesmo espetáculo, porém, em dias e horários especiais. Nas artes plásticas, também, o seu registro é singular: Seurat, Degas, Renoir, Toulouse-Lautrec trabalharam em seus quadros toda a orgia de movimentos e cores que o circo oferecia.

Mas tudo isso não impediu o crescente receio da família burguesa, de profissionais que “cuidavam” do corpo como por exemplo os médicos, de higienistas e filantropos frente a este universo que se apresentava de modo tão encantador e, porque não dizer, “perigoso” para a idéia de disciplina e ordem burguesas, sobretudo no que se refere aos usos do corpo. A razão básica do crescente receio era a constatação de que o universo gestual próprio do circo

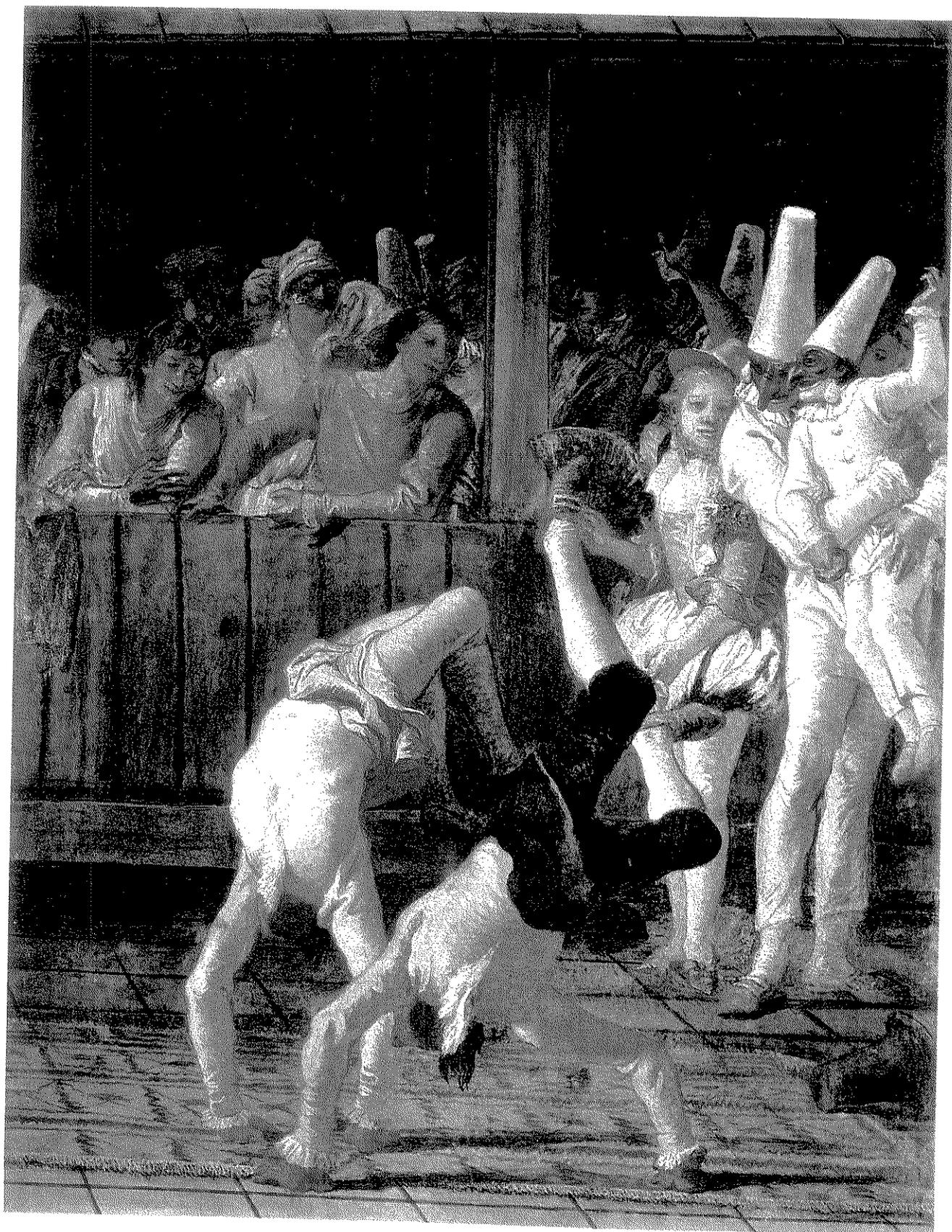


FIG. 1 - GIANDOMENICO TIEPOLO.
POLICHINELOS E SALTIBANCOS (OU O BARRACO DOS SALTIBANCOS), CIRCA 1793

apresentava uma total ausência de utilidade. O corpo ali exibido em movimento constante despertava o riso, o temor e, sobretudo, a liberdade. Havia uma inteireza lúdica na gestualidade de cada personagem: o anão, o palhaço, o acrobata, a bailarina. Esta inteireza não cabia na sociedade cindida, fundada e erigida pelo pensamento burguês. A atividade física fora do mundo do trabalho, devia ser útil ao trabalho. A atividade livre e lúdica, encantatória do acrobata devia ser redesenhada no imaginário popular. Em seu lugar e a partir daquele universo gestual nasceriam as “séries de exercícios físicos” pensados, exclusivamente, a partir de grupos musculares e de funções orgânicas, a serem aplicados com finalidades específicas, úteis e não como mero entretenimento.

Instalava-se, também, com força nunca antes vista, um desejo de controlar o divertimento do povo, o tempo fora do trabalho. Conforme observa Hobsbawm, no divertimento dos pobres, especialmente na 1ª metade do século XIX, vamos encontrar basicamente ... “revistas de contos sentimentalóides, circos, pequenas exibições com uma atração principal, teatros mambembes e coisas semelhantes”¹⁵.

Nos meios urbanos, são diferentes manifestações lúdicas de caráter popular realizadas com base nas atividades de artistas circenses que se impõem. Elas trazem ainda os restos de uma concepção de mundo popular ... a ambivalência característica da cultura popular da Idade Média e do Renascimento. De uma cultura não oficial e de um território e datas próprias: a praça pública, a rua e os dias de festa¹⁶.

Equilibristas, funâmbulos, volantins, palhaços, bailarinas, contorcionistas, anões, personagens que chegam e partem, transitórias, nômades.

Qual era o seu lugar? O seu lugar era o mundo inteiro conhecido e, principalmente, imaginado. Era sempre o lugar onde houvesse gente que se dispusesse a rir, a aplaudir, a se embevecer com as peripécias do corpo ... de um corpo ágil, alegre, cheio de vida porque expressão de liberdade e, sobretudo, resistente às regras e normas. Estes artistas viviam na contramão, fora da idéia de utilidade de ações. O seu mundo era desinteressado. Suas vidas se faziam mais de trajetos do que de lugares a se chegar e assim desterritorializavam a ordem do

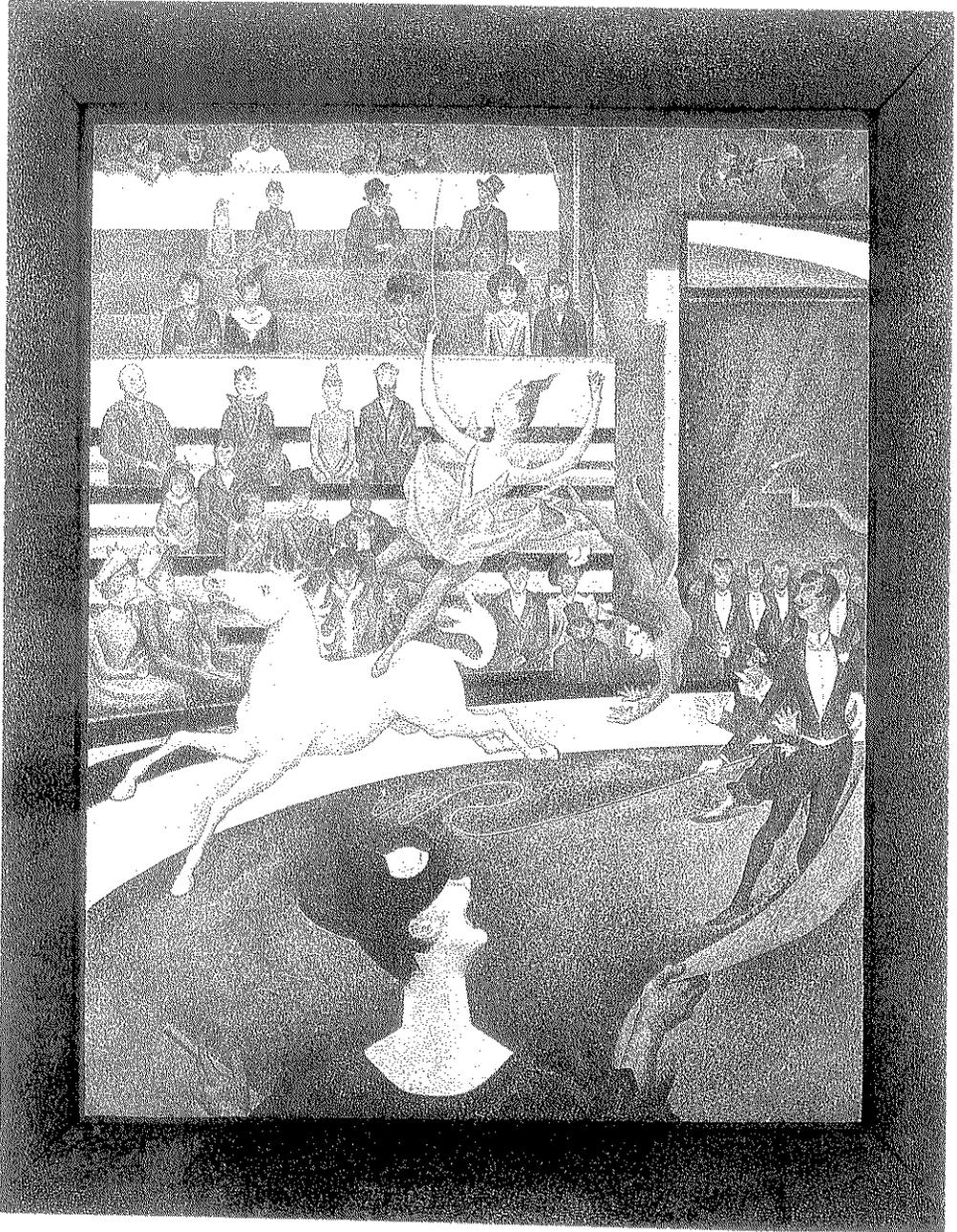


FIG. 2 - GEORGES SEURAT.
O Circo. 1891

espaço¹⁷. Suas apresentações aproveitavam dias de festas, feiras, mantendo uma tradição de representar e de apresentar-se nos lugares onde houvesse concentração de pessoas do povo.

Artistas, estrangeiros, errantes. Situados no limite da marginalidade fascinavam as pessoas fncadas em vidas metrificadas e fixas. Eram ao mesmo tempo elementos de barbárie e de civilização nos lugares por onde passavam. “Bárbaros: nômades, sem vínculos sociais fixos, quase vagabundos. Civilizados: pessoas que viajaram, conheceram várias cidades e até mesmo outros países, elegantes, com posses e vestes admiradas e invejadas...”¹⁸.

Compunham assim todos os atos do “teatro do povo”¹⁹ e cada vez mais despertavam o medo nas autoridades, pois seu modo de ser e viver desafiava as instituições, tão caras à sociedade que as inventara de modo tão profundo. Traziam o corpo como espetáculo. Invertiam a ordem das coisas. Andavam com as mãos, lançavam-se ao espaço, contorciam-se e encaixavam-se em potes, em cestos, imitavam bichos ... vozes, produziam sons com as mais diferentes partes do corpo, cuspiam fogo, vertiam líquidos inesperados, gargalhavam, viviam em grupos. Opunham-se assim aos novos cânones do corpo acabado, perfeito, fechado, limpo e isolado que a ciência construía, da vida fixa e disciplinada que a nova ordem exigia.

Nos escritos sobre a Ginástica científica no século XIX encontra-se, de modo sistemático, a negação de elementos cênicos, funambulescos, acrobáticos. Encontra-se, sobretudo, uma retórica de recusa aos espetáculos próprios do mundo circense e das festas populares onde o corpo ocupa o lugar central.

Paradoxalmente, porém, é a Ginástica científica que se oferece como espetáculo “controlado” dos usos do corpo, um espetáculo protegido e trazido para dentro das instituições. Assim, pode-se indagar, por exemplo, o que eram as classes de alunos de Ginástica nos Ginásios amorosianos em Paris, na primeira metade do século XIX senão uma confirmação do espetáculo institucionalizado? E a figura do mestre, o Coronel Amoros* vestido em seu magnífico uniforme militar,



FIG. 3 - AMOROS CONDUZINDO UMA AULA.

dirigindo pessoalmente as classes de alunos de diferentes idades, não estaria encarnando a figura do artista, daquele que se exhibe?

O Coronel Amoros convidava com regularidade ao seu Ginásio a imprensa e o grande público de Paris, sempre ávido em assistir espetáculos sensacionais. Nestes momentos Amoros se brindava com uma ocasião singular de abrilhantamento pessoal. No decorrer de sua “aula” (ou seria de seu “espetáculo”?), chegava a arrancar aplausos de uma platéia desprovida de conhecimentos para julgar seu conteúdo mas, sempre disposta a prestar homenagens a quem (o artista?) soubera criar exercícios e evoluções, deveras, emocionantes²⁰.

Percebe-se neste episódio a tentativa de valorização do espetáculo institucional, por seu lado, carregado de insígnias militares e que se afirmava pela sua própria negação. As palavras que seguem, pronunciadas pelo Coronel Amoros, são singulares:

...() O Ginásio Normal nunca foi e não pode tornar-se um espetáculo, já que tenho a honra de dirigi-lo, já que todos os meus alunos não fazem as belas coisas que eles realizam para divertir espectadores mas somente para se disporem a serem úteis ao Estado”²¹.

Nestas palavras percebe-se que o corpo, no “espetáculo institucionalizado”, deve apresentar e afirmar ações previsíveis, controladas e que demonstrem o seu útil aproveitamento na vida cotidiana. Há aqui uma nítida demonstração da busca de identidade da Ginástica científica com a ordem estabelecida.

Assim, a retórica da negação do circo nos escritos sobre a Ginástica científica no século XIX foi se ampliando. Acentuou-se, por exemplo, o temor ao imprevisível que o circo, aparentemente, apresentava. Seus artistas de arena, em suspensões e gestos impossíveis e antinaturais, a mutação constante de seus corpos se transformou numa ameaça ao mundo de fixidez que se desejou criar.

Afirmava-se, por exemplo, que enquanto na Ginástica se aprendia a adquirir forças, armazenar e economizar energias humanas, no circo os artistas faziam o uso desmedido de suas forças e gastavam inutilmente as energias.

Contraditoriamente, porém, é nas atividades circenses que a Ginástica têm um de seus mais sólidos vórtices. Portanto, a retórica da negação do circo nos escritos de Ginástica no século XIX parece repousar em águas mais profundas. É que o circo, os espetáculos de ruas e feiras traziam consigo, marcadamente, uma compreensão do corpo enraizada na fértil cultura cômica e popular da Idade Média e do Renascimento. Esta cultura revela um certo tipo de imagens e, mais amplamente, uma concepção estética da vida prática a qual Bakhtin chamou de realismo grotesco²².

No realismo grotesco

“... o corpo e a vida corporal adquirem simultaneamente um caráter cósmico e universal; não se trata do corpo e da fisiologia no sentido restrito e determinado que se tem em nossa época; ...

O porta-voz do princípio material e corporal não é aqui o ser biológico isolado nem o egoísta indivíduo burguês, mas o povo, um povo que na sua evolução cresce e se renova constantemente...

As manifestações da vida material e corporal não são atribuídas a um ser biológico isolado ou a um indivíduo “econômico” particular e egoísta, mas a uma espécie de corpo popular, coletivo genérico...

A abundância e a universalidade determinam por sua vez o caráter alegre e festivo (não cotidiano) das imagens referentes à vida material e corporal”²³.

Nestas imagens o corpo aparece fundido com todo o universo material que o circunda e com todos os corpos que se aproximam. Nelas são também evidenciados todos os signos de abundância e de fecundidade que, interpenetrando-se, formam algo que se mostra sempre inacabado. O corpo, assim, exhibe um estado permanente de gestação e de parto, de campo a ser fecundado. Outra característica básica destas imagens é o constante estado de mutação, de rompimento com toda superfície que se mostra plana. Desta mutação constante surgem, então, corpos cujas partes ganham formas de animais ou de objetos e onde narizes e bocas se multiplicam como orifícios que vão permitir a penetração do mundo neste corpo. Do mesmo modo, ganha significação tudo aquilo que cresce, que muda a forma que possui. São falos colossais e inúmeras protuberâncias que se

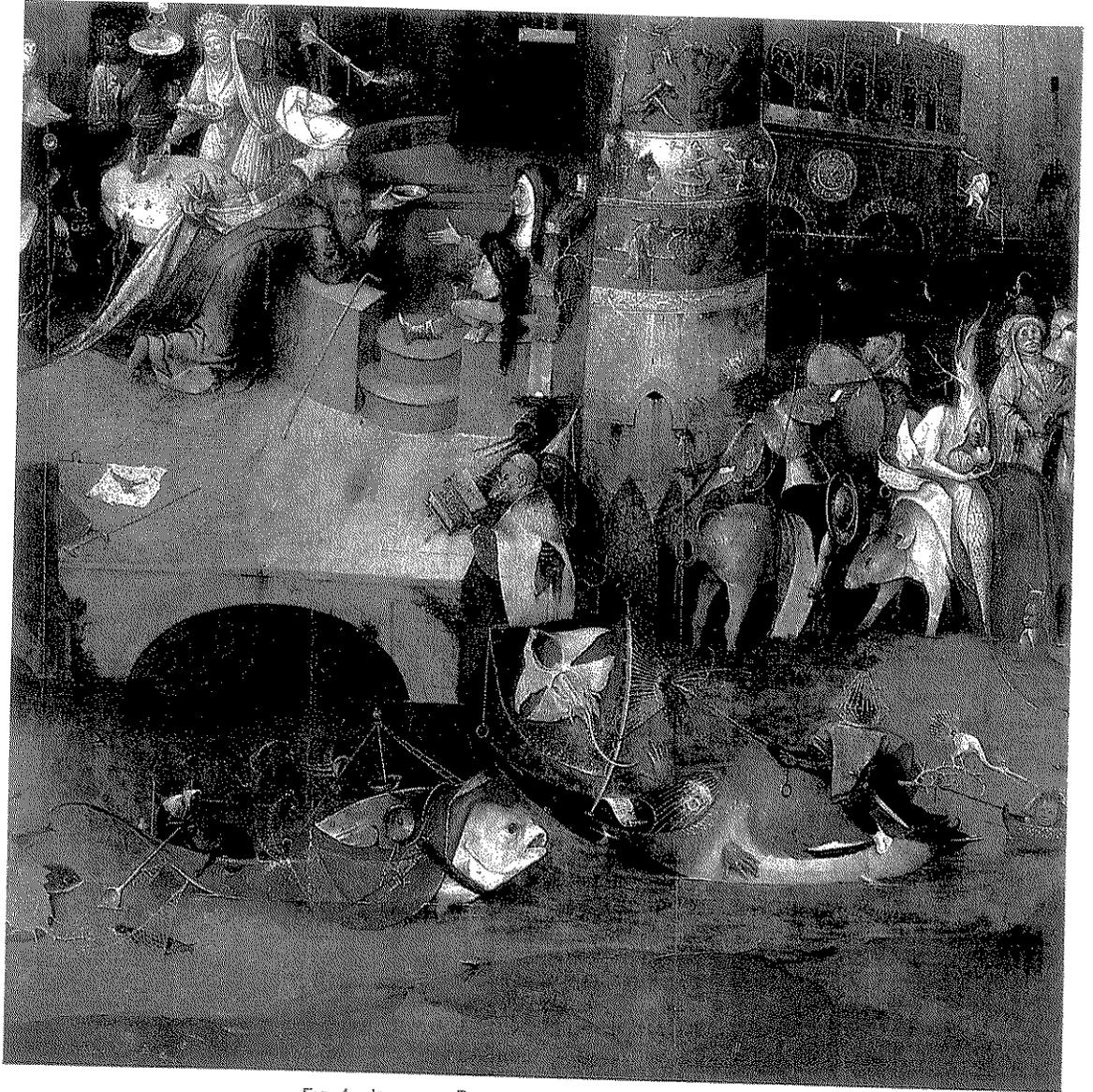


FIG. 4 - JERONIMUS BOSCH
A TENTACÃO DE SANTO ANTONIO (DETALHE), 1500-1510

afirmam como aquilo que está sempre prestes a sair para o mundo e nele penetrar. O corpo grotesco vive a plena comunicação com o universo e com os outros corpos.

Nas imagens grotescas há uma inversão topográfica do corpo. Neste corpo os órgãos genitais, as excreções e tudo o que é “baixo” possui um profundo sentido ambivalente, regenerador. O pensamento da elite, sobretudo o religioso, desconsiderava a “topografia baixa”. Ela representava os infernos, as tentações, a sujeira, o que devia ser contido, escondido. Valorizava o “alto” onde se localiza a cabeça, o comando deste corpo. Valorizava as permanências e condenava a mutabilidade, as inversões. Este pensamento desejava afirmar um outro corpo: solitário, fechado, limpo e completamente acabado. Neste novo corpo não devia aparecer nada que representasse crescimento ou que pudesse sugerir inacabamento ou traços de imperfeição.

Contudo, onde sobrevive o grotesco, sobrevive um tipo determinado de ousadia, de invenção, de associação e aproximação de elementos heterogêneos e distantes.

O circo e outras formas de exposições de rua carregavam, ainda, a herança de um universo grotesco. Acentuavam, desse modo, ... “a repulsa misturada de fascínio que as culturas do Ocidente, a partir da Renascença, tem experimentado pelo anômalo”²⁴.

As exposições de rua, os circos, libertavam o espontâneo que fora aprisionado pelo saber científico, faziam renascer formas esquecidas da inteireza humana. Exibiam o que se desejava ocultar e despertavam imagens adormecidas no coração dos homens. Eram dissonantes à sociedade que se afirmava no século XIX.

Descortinava-se, assim, a luta árdua travada por uma burguesia que desejava todo o poder contra este “outro” que não é seu espelho e insiste em aparecer, em confrontar seus postulados de transparência, de ordem, de limpeza, de fixidez.

Para vencer este “outro”, eram necessárias transformações profundas nos ânimos, vontades e costumes dos indivíduos. Era necessário ... “criar um homem novo em sua aparência, linguagem e sentimentos, dentro de um tempo e de um

espaço remodelados, através de uma pedagogia do signo e do gesto que procede do exterior para o interior”²⁵.

Compondo esta “pedagogia do signo e do gesto”, a Ginástica ganha espaço e se afirma como forma específica de treinamento do corpo e da vontade deste homem novo que se desejou criar ao longo de todo o século XIX.

Como modelo técnico de treinamento do corpo, esta atividade humana expressou, na primeira metade do século XIX, a visão da mecânica predominante, então, nos meios científicos. O corpo devia ser moldado, inclusive, pelo uso de tipos especiais de aparelhos que se destinavam a corrigir e melhorar posturas consideradas inadequadas do ponto de vista médico, ortopédico e estético.

De um modo geral disseminava-se a idéia de modelagem do corpo. As mães burguesas, por exemplo, desejavam “consertar” os corpos de suas filhas que não se enquadravam no padrão estético em voga. Assim, conforme observa A. Corbin ... “impõem terríveis aparelhos à suas filhas um tanto defeituosas; através do uso da cruz de ferro que mantém o dorso rígido, pretende-se aumentar os “dotes estéticos” das senhoritas casadouras”²⁶.

Já na segunda metade do século XIX, predomina nos estudos do corpo o chamado modelo energético proposto pela termodinâmica. Este modelo aparece como um sistema de forças e em seguida como um motor onde os objetivos são mais requintados. O que se destaca, então, é o adestramento do corpo, uma ação que especializa a modelagem.

O instrumento mais adequado para esta ação foi a Ginástica, uma atividade que não estava mais restrita aos meios militares, já havia atingido também a vida civil, conferindo aos corpos a sua máxima potência.

Nesta segunda metade do século XIX a Ginástica francesa fora totalmente renovada e redesenhada a partir de um requintado conjunto de trabalhos científicos. Ela se preparava, desse modo, para atender as finalidades estabelecidas por uma sociedade que preconizava uma retidão de posturas e hábitos de vida considerados “saudáveis”. Vícios posturais e doenças pulmonares deviam ser combatidos com séries específicas de exercícios físicos, desenvolvidos pela

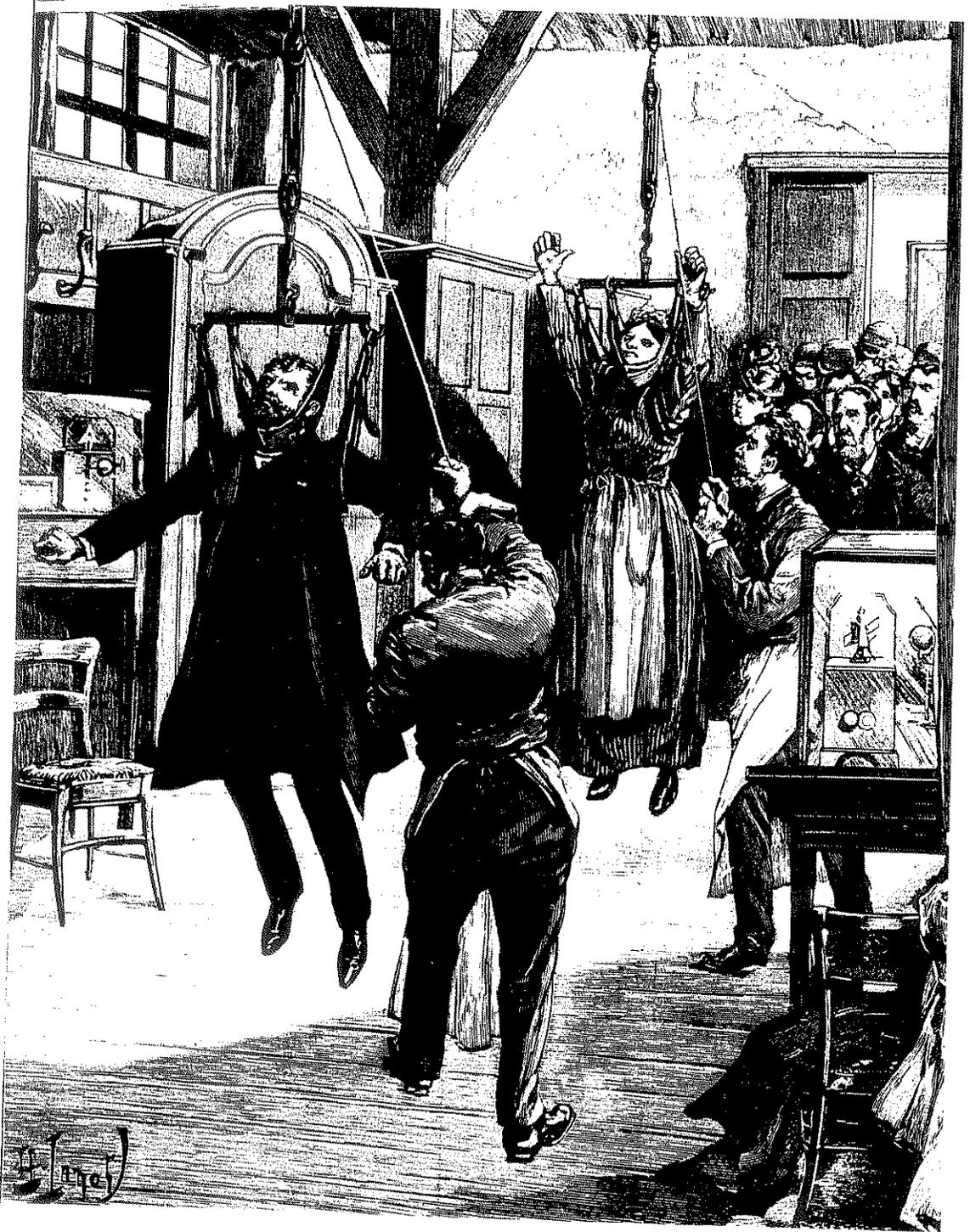


FIG. 5 - APARELHOS DE ORTOPEDIA. 1868

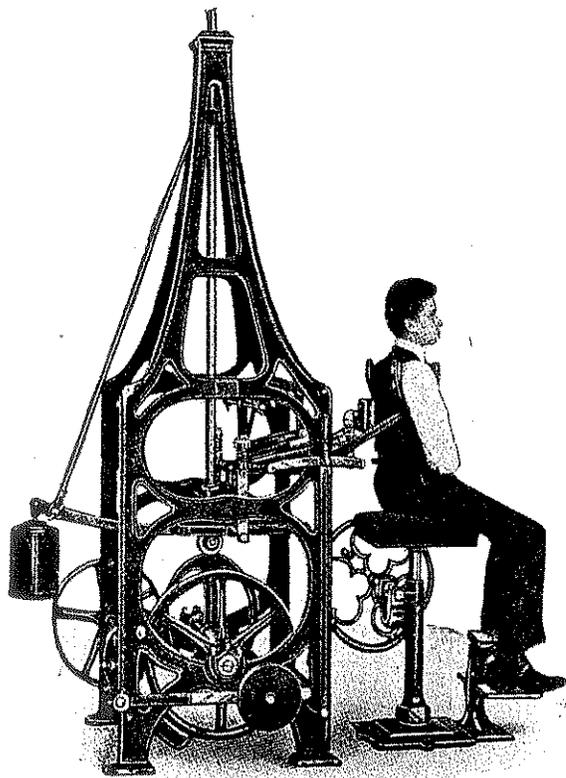


FIG. 6 - APARELHO ZANDER PARA EXTENSÃO DA COLUNA VERTEBRAL E PARA RESPIRAÇÃO PROVOCADA.

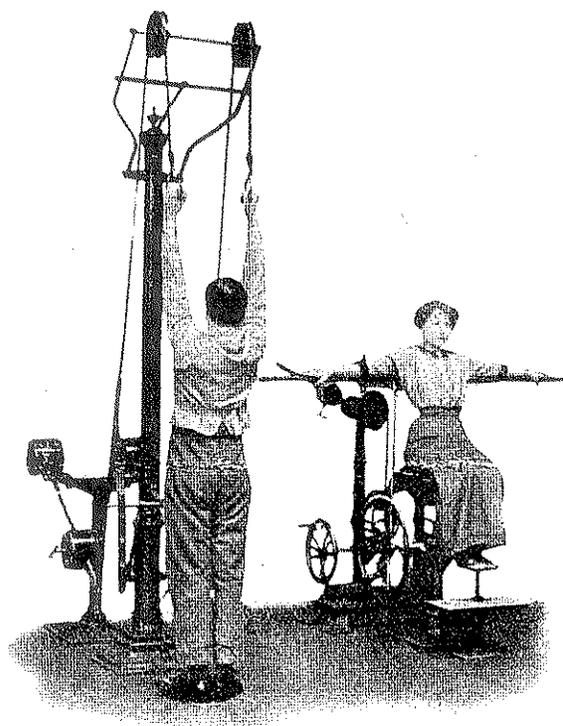


FIG. 7 - APARELHOS ZANDER A³ E A 5/6 PARA A EXTENSÃO E A FLEXÃO DE BRAÇOS E A ABDUÇÃO.

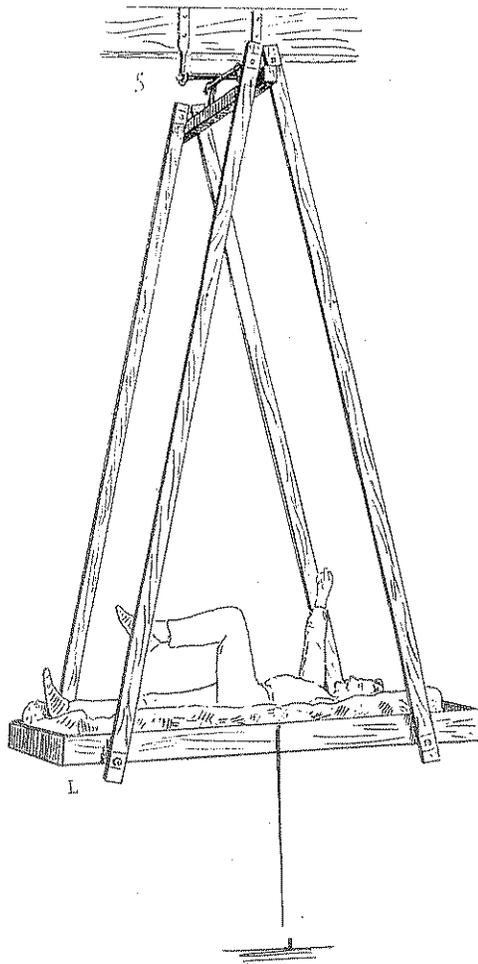


FIG. 8 - CAMA SUSPensa *CARDAN* PARA A DETERMINAÇÃO DA POSIÇÃO DO CENTRO DE GRAVIDADE NO CORPO EM DIFERENTES ATITUDES.

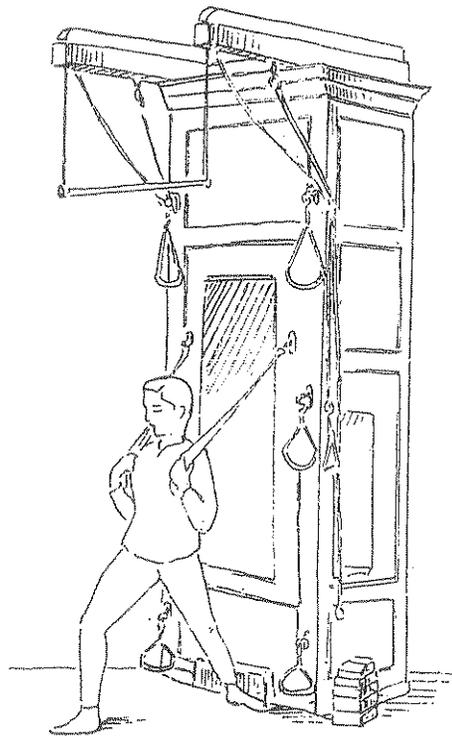


FIG. 9 - APARELHOS DE CONTRA-PESO DE BURLow.

Ginástica científica. Até as mulheres começaram a receber um tratamento especial e, assim, alertadas, de forma contundente, a abandonarem todos os artificios da moda como espartilhos, porta-seios, saltos altos, peças que formavam uma couraça e impediam o desenvolvimento corporal harmonioso da “futura mãe”. É neste período também que foram iniciadas, de forma mais sistemática, pesquisas que resultaram em propostas de exercícios físicos e práticas corporais específicas às mulheres.

Parece, então, que a Ginástica passa a ser mais uma receita e remédio para os males que afligiam uma sociedade ainda perplexa com suas próprias criações e assombrada com os rumos do seu destino.

Às primeiras décadas do século XIX, a Ginástica francesa já surgia pautada por proposições baseadas na ciência e voltadas à vida civil, muito embora um forte espírito militar ainda a percorresse de forma marcante.

Neste período, a Ginástica francesa esteve ligada a uma personagem emblemática e, de certo modo, contraditória: o Coronel espanhol Francisco Amoros y Odeano, Marques de Sotelo, deportado para a França pelo apoio que deu ao exército de Napoleão I na invasão espanhola.

A cidade de Paris é onde Amoros passa a viver desde o ano de 1814. Esta cidade se apresentava de modo assustador com sua aglomeração de casas, pessoas, inteligências. Parece que nas ruas desta cidade sobravam sempre os rastros de grandes homens do mundo das artes e da ciência. Nos corpos que transitavam nos bulevares se alojavam desejos, segredos e mistérios. Escondidos ou mostrados, os sentimentos de identidade ou de repulsa ao Estado animavam estes seres urbanos.

Amoros se mostrou plenamente identificado com a França que restaurara a Monarquia e, de certo modo, impusera claros limites aos objetivos e valores da Revolução de 1789. Esta escolha política tornou-o merecedor de apoio oficial do governo francês, um apoio que, de alguma maneira, teve desdobramentos que acabaram por definir os rumos iniciais da Ginástica científica francesa.



FIG. 10

*La bienfaisance est le but
principal de la gymnastique.*
Le Colonel Amoros

Francisco AMOROS y ODEANO* nasceu em Valença, Espanha em 19 de fevereiro de 1770. Sua vida militar iniciou-se aos 9 anos de idade quando ingressou no exército espanhol. Em 1871, com 17 anos foi nomeado 2º Tenente e em 1803, Coronel.

Foi secretário particular do Rei de Espanha Carlos IV a quem também adestrava em alguns exercícios, bem como tutor de seu filho, o infante Don Francisco de Paula, então com a idade de 12 anos.

A base da educação do infante espanhol foi a ginástica, a esgrima, a natação e a equitação, base que mais tarde, adotaria na França.

No levante espanhol contra a dominação napoleônica, francesa, Amoros declarou-se inimigo de Fernando VII e uniu-se a José Bonaparte, ficando do lado dos franceses. Foi deportado para a França em 1814 e em 1815 torna-se membro da Sociedade para a Instrução Elementar, em Paris onde apresenta um Estudo sobre as vantagens do Método de Pestalozzi.

Em 1816 naturalizou-se francês e iniciou seus empreendimentos para a criação dos Ginásios. A partir de 1820 começou a publicar seus estudos sobre a Ginástica.

Amoros morreu em Paris, em 8 de agosto de 1848, aos 78 anos de idade.



FIG.11 - FRANCISCO DE GOYA.
A FAMÍLIA DE CARLOS IV, 1800-1801

Foi, portanto, a partir deste apoio oficial recebido que Amoros pode imprimir uma forma mais definida aos estudos sobre a Ginástica que fizera desde fins do século XVIII, em Madrid. Nesta cidade, enquanto comandava um regimento, fêz de seus recrutas alunos de Ginástica, aplicando ali todos os conhecimentos científicos e técnicos que reunia sobre o assunto²⁷.

Para desenvolver e aplicar seu trabalho ginástico, Amoros inspirou-se nas idéias pedagógicas do suiço Jean Henri Pestalozzi (1746-1827), que acentuava a necessidade do exercício físico na educação das crianças como um meio de formação não somente física, mas também estética e sensorial²⁸.

A solidez demonstrada por Amoros ao longo de 13 anos sensibiliza o Rei de Espanha, Carlos IV, que no ano de 1806 lhe entrega a soma de 1.000.000 francos para a montagem e instalação de um Ginásio no Real Instituto Pestalozziano, instituição que formava engenheiros e oficiais. Aquele Ginásio foi então provido de todos os aparelhos e instrumentos que Amoros inventara e recriara em sua carreira militar²⁹.

Para aquele ginásio, seguindo o exemplo do infante don Francisco de Paula, filho do Rei Carlos IV e de quem Amoros era preceptor, vão também os filhos da aristocracia madrilenha e o espaço converte-se, rapidamente, no centro oficial da prática ginástica³⁰.

É no ginásio madrilenho que, com base nos princípios pedagógicos pestalozzianos, Amoros dedicou-se então a criar séries sistematizadas de exercícios físicos, jogos e danças, valendo-se sempre da música e do canto para cadenciar aquelas atividades. A utilização constante da música e do canto permitiram-lhe antever, ainda muito jovem, o papel determinante do ritmo na organização e condução dos movimentos³¹.

Toda esta base de conhecimentos desenvolvida e aplicada por Amoros em Madrid, recebeu impulso na França, país que efetivamente ampliou e divulgou sua obra, tanto na forma de publicações como na criação de ginásios para a prática da Ginástica.

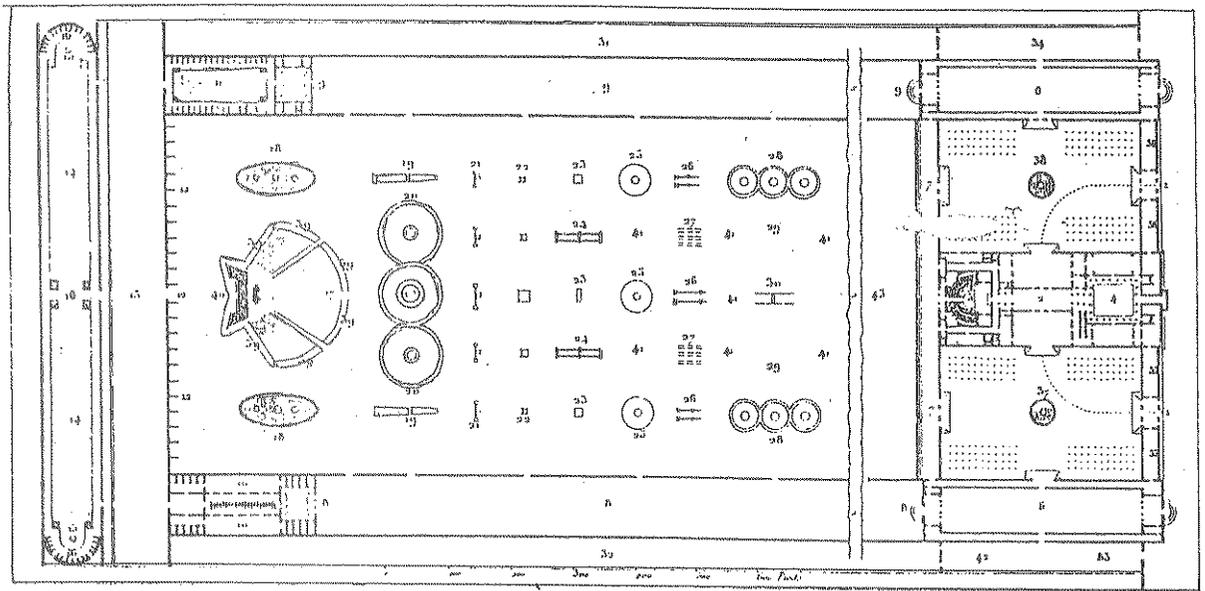
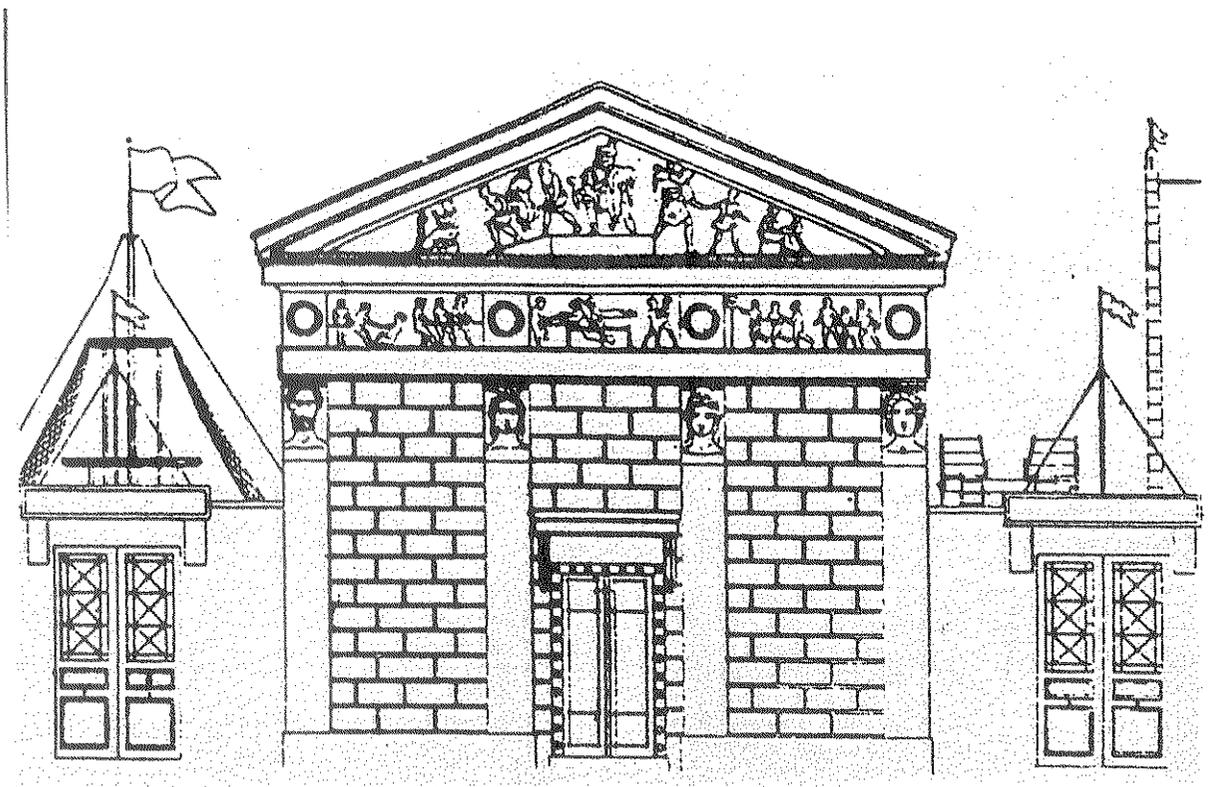


FIG. 12 - FACHADA E ESQUEMA DO GINÁSIO NORMAL MILITAR CRIADO E DIRIGIDO PELO CEL. AMOROS.

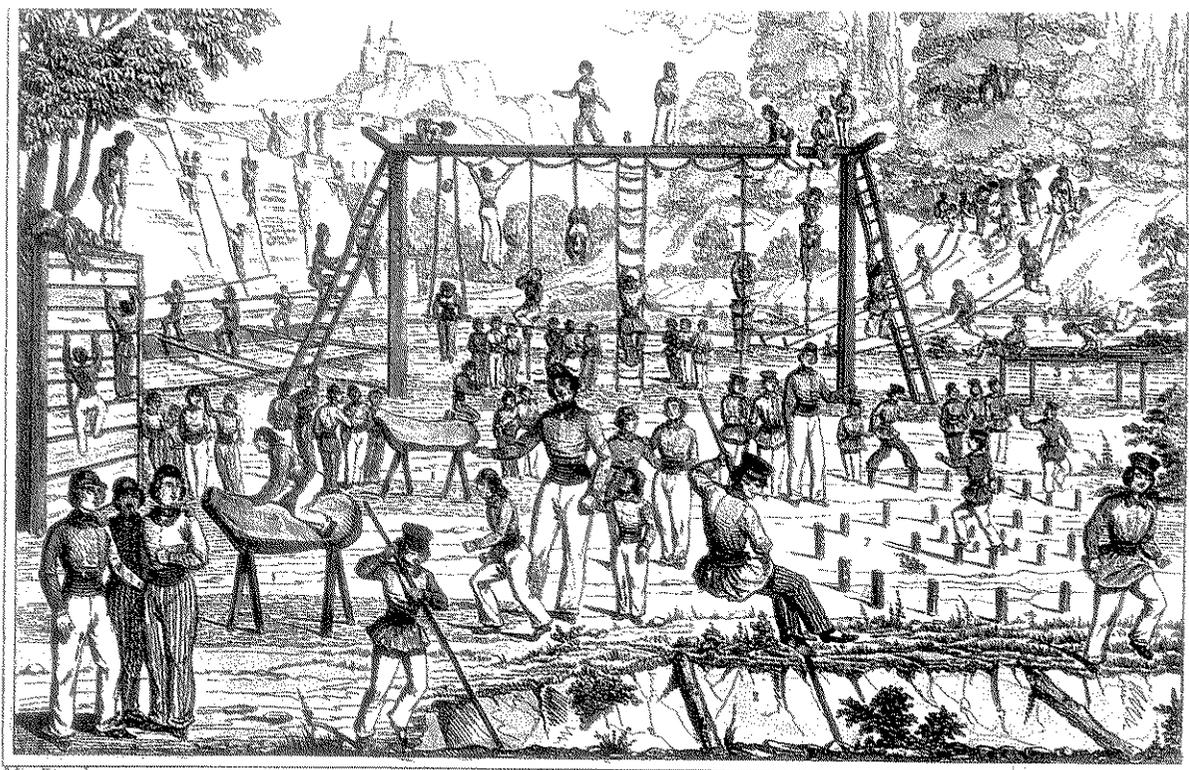


FIG. 13 - GINÁSIO AO AR LIVRE, 1840?

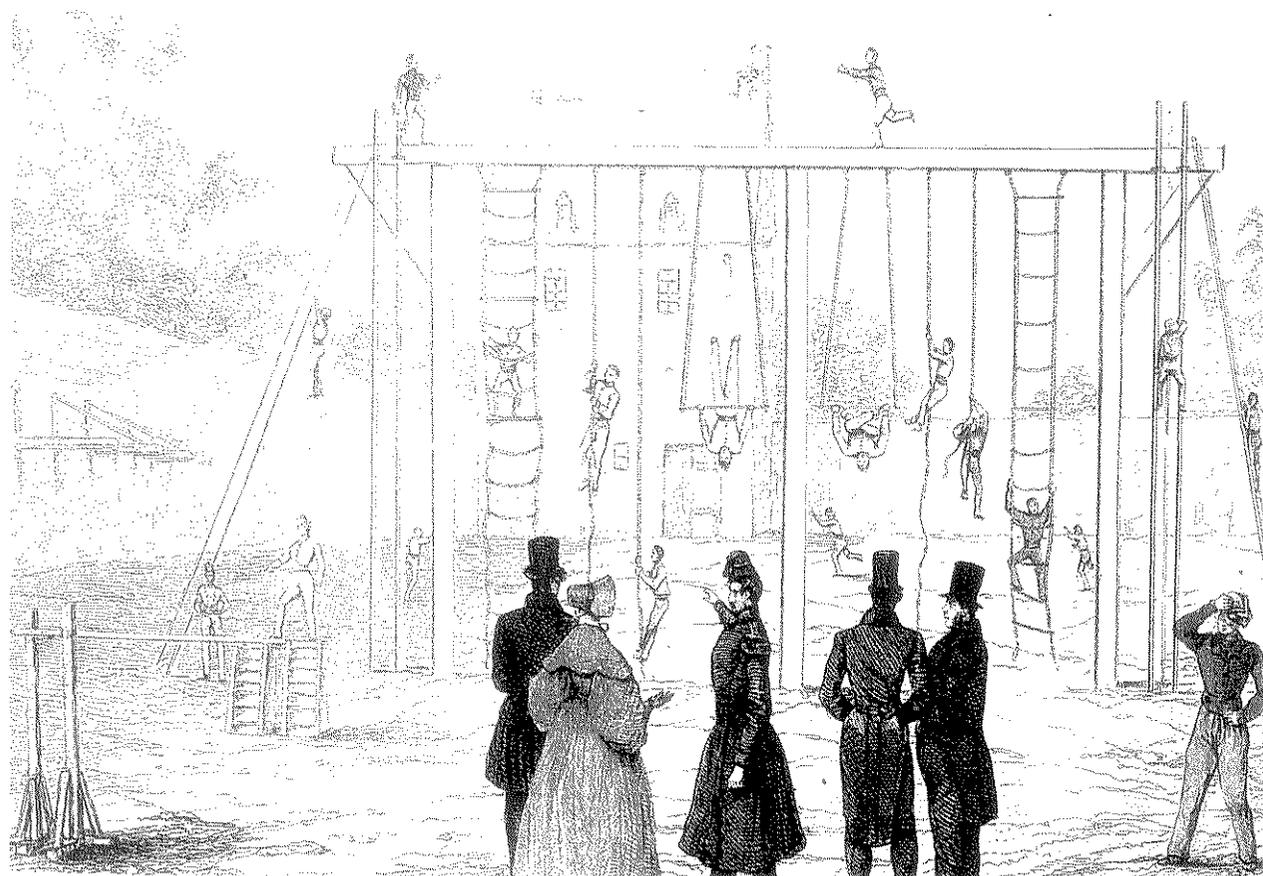


FIG. 14 - EXERCÍCIOS NO PÓRTICO, 1836

Amoros foi, de certo modo, seduzindo as autoridades parisienses com suas idéias sobre a Ginástica, as quais, expostas com requinte de detalhes demonstravam, inclusive, possibilidades de ampliar sua aplicação ao meio civil e até mesmo escolar, algo pouco discutido na época³².

Além de sua capacidade de argumentação havia também a construção dos Ginásios que, de fato, acumulavam toda sua experiência vivida na Espanha. De certo modo foram os Ginásios que, não só concretizaram suas idéias, mas também alargaram a confiança das autoridades em seu trabalho³³.

A Ginástica parece ter sido uma ponte que permitiu Amoros transitar da aristocracia espanhola para a aristocracia francesa. Um de seus Ginásios por exemplo, foi construído por ordem do Rei da França, Luís XVIII, num terreno - antigo Parque de Artilharia de Grenelle. Este Ginásio civil e militar foi concluído em 1820 e Amoros, nomeado seu diretor civil e militar³⁴.

Entre as atividades que lá ocorriam, destacam-se grandes festas cívicas, realizadas anualmente, nas quais eram conferidos prêmios aos alunos de Amoros que houvessem realizado um ato de virtude e bondade por um meio ginástico como, por exemplo, o salvamento de alguém que está se afogando, o que exige o ato de nadar³⁵.

Esta instituição, desde sua inauguração, foi transformada em “palco” onde ocorriam verdadeiros “espetáculos” de demonstração de força física e destrezas, portanto, em espaço oficial de divulgação de um modelo de treinamento do corpo e da vontade. O lugar onde se aprende a fazer o correto uso das forças físicas e morais.

De um modo geral, os inúmeros Ginásios amorosianos construídos na França, constituíram-se em verdadeiros santuários onde se treinava, de modo sistemático, um outro modo de ser. Deles saíam os homens e mulheres fortes, vigorosos e bons.

Ali treinavam-se as ações corporais que, determinadas pela utilidade e precisão, deviam estar muito próximas da vida real. Para demonstrar esta proximidade, Amoros desenvolveu um tipo de trabalho no qual seus alunos, a cada

mês. praticavam as ações corporais lá aprendidas em bosques, rios, cachoeiras e terrenos bem acidentados. Com este tipo de trabalho buscava estabelecer, de forma muito precisa, a relação dos exercícios praticados com sua utilização na vida cotidiana. Desse modo, Amoros acreditava estar descartando, definitivamente, a idéia que associava a Ginástica à frivolidade e entretenimento.

Isto porque desejava, também, deixar claro que o grande objetivo de seu trabalho era a educação moral. A Ginástica era apenas o meio mais adequado para realizá-la. E educar era, sobretudo, criar normas de conduta que fossem individualmente interiorizadas para serem socialmente mais eficazes. A criação de uma segunda natureza a partir da norma deveria ser de tal forma internalizada que tornar-se-ia a própria natureza.

Assim, era necessário ir além das condutas impostas a partir da submissão à norma geral. Os efeitos plenos da norma seriam atingidos quando, além da imposição social, o próprio indivíduo passasse a se empenhar para tornar-se seu próprio amo³⁶.

A Ginástica pensada por Amoros se insere no conjunto das normas de conduta moral e de pedagogias que se elaboram para formar ou reformar o corpo, regulando corretamente suas manifestações e educando a vontade. É o corpo que objetiva a ação educativa e moral por excelência ... “os gestos são signos e podem organizar-se numa linguagem; expõem a interpretação e permitem um reconhecimento moral, psicológico e social da pessoa”³⁷.

Amoros vislumbrou uma educação integral baseando-a, sobretudo, no exercício físico. Havia em sua obra uma clara percepção das relações existentes entre o físico e o moral e entre normalidade física e moral. Ele antecipou em algumas décadas enunciados clássicos pronunciados no fim do século XIX pelo sociólogo E. Durkheim³⁸, para quem educar era moralizar.

A importância atribuída ao seu trabalho na França deve-se, sobretudo, ao caráter científico que buscou para justificar a necessidade da Ginástica destinada, com especificidade, aos militares e aos civis.

As pretensões de Amoros em relação ao alcance de sua obra são encontradas de forma sintética em sua definição de Ginástica como:

“... a ciência fundamentada de nossos movimentos, de suas relações com nossos sentidos, nossa inteligência, nossos sentimentos, nossos costumes, e o desenvolvimento de todas as nossas faculdades. A ginástica abarca a prática de todos os exercícios que tendem a tornar o homem mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais astuto, mais desembaraçado, mais veloz, mais flexível e mais ágil e que nos dispõem a resistir a todas as intempéries das estações, a todas as variações climáticas; a suportar todas as privações e contrariedades da vida; a vencer todas as dificuldades; a triunfar sobre todos os perigos e todos os obstáculos; a prestar, enfim, serviços de destaque ao Estado e à humanidade. A beneficência e a utilidade pública são o objetivo principal da ginástica; a prática de todas as virtudes sociais, de todos os sacrifícios, os mais difíceis e os mais generosos são seus meios; e a saúde, o prolongamento da vida, o aprimoramento da espécie humana, o aumento da força e da riqueza individual e pública são seus resultados positivos”³⁹.

A abrangência de aspectos que formam o indivíduo é buscada por Amoros nesta compreensão de Ginástica. Emerge ali a preocupação de torná-la ciência e explicitam-se seus fundamentos na Física e na Biologia.

A sintonia com enunciados pestalozzianos⁴⁰ também ganha relevo quando aponta as relações existentes entre movimentos corporais, inteligência, sentidos e sentimentos. Finalmente, o seu desejo de aumentar a força e a riqueza individual e pública, atestam suas preocupações com o bem comum e com a ordem estabelecida. Pretende, sobretudo, desenvolver o caráter, objetivando, pela Ginástica, educar o indivíduo para servir ao Estado em qualquer situação.

Merece destaque nesta análise, ainda, a idéia muito presente na sociedade oitocentista de “dominar” a natureza e de “moldá-la” ao seu próprio modo. A Ginástica esteve fortemente vinculada a esta idéia, sobretudo no que diz respeito as questões ortopédicas e aos aparelhos, tão presentes na obra de Amoros⁴¹.

Seus estudos sobre a “análise mecânica do movimento”, por exemplo, permitiram importantes conclusões, as quais, direcionaram, de certo modo, a criação de aparelhos de Ginástica que vieram auxiliar na melhoria da postura dos indivíduos, bem como dos movimentos corporais em geral.

Assim, é possível afirmar que Amoros eliminou dúvidas, ambigüidades e criou um campo de certezas, sendo sua obra a expressão de uma sólida estrutura científica, técnica e filosófica. A citação a seguir, constituída de 17 itens, apresenta de modo sintético aquilo que Amoros considerava essencial em sua obra, cuja reunião forma o que chamou de “ciência da ginástica geral”:

“1° - Exercícios elementares ou movimentos graduados das extremidades superiores e inferiores, acompanhados de diferentes ritmos, para dar regularidade e conjunto aos movimentos, e cantos para desenvolver a voz, aumentar a resistência à fadiga e dar um direcionamento moral ao método.

2° - Andar e correr sobre terrenos fáceis ou difíceis, e permeados de obstáculos; deslizar e patinar para se acostumar a percursos longos e fatigantes ou a percursos curtos e perigosos, a fim de alcançar o inimigo que foge, de interromper sua retirada, de substituir a cavalaria, de conquistar um terreno elevado, de surpreender um posto e decidir a vitória.

3° - Saltar em profundidade, extensão e altura, em todas as direções, para frente, para trás, de lado, com ou sem armas, com a ajuda de um bastão ou de uma vara, de um fuzil ou de uma lança.

4° - A arte dos equilíbrios e a passagem sobre piquetes, traves fixas, móveis horizontais ou inclinados, a cavalo, em pé, para frente ou para trás, por cima e por baixo, para habituar-se a passar sobre riachos ou precipícios, com a ajuda de um tronco de árvore, de uma vara ou de uma ponte estreita sem grade de proteção.

5° - Transpor barreiras, muros, valas, barrancos ou torrentes, sem ser detido por nenhum obstáculo, com o auxílio de um instrumento ou sem nenhum recurso, carregando um fardo, um doente, uma criança ou sem levar nada.

6° - Lutar de várias maneiras, para desenvolver a força muscular, a agilidade do corpo, a resistência à fadiga, e triunfar sobre seu adversário nos combates individuais, arrancar-lhe uma bandeira, mesmo sendo ele duplamente forte, ou fazê-lo prisioneiro. Essas lutas ocorrem com ou sem instrumentos.

7° - Subir com o auxílio de escadas de madeira, em pé ou tombadas, fixas ou móveis, pela frente ou por de trás, só com os pés, sem servir-se das mãos, ou com as mãos sem servir-se dos pés, carregado ou não; subir até o alto de um muro com ou sem instrumentos, ao topo de um mastro ou de uma vara de todas as grossuras possíveis, da mesma forma que ao longo de uma corda com nós ou lisa, fixa ou móvel, diagonal ou inclinada, esticada ou frouxa, e também por escadas de corda, pela de

Bois-Rose ou pela escada amorosiana de invenção recente, e descer ou deixar-se deslizar de todas as maneiras possíveis, servindo-se dos objetos que encontrar.

8° - Atravessar um espaço qualquer, sobre um riacho ou um precipício, ou de uma construção a outro ponto, mantendo-se suspenso pelos braços, mãos e pés ou somente pelas mãos, com o auxílio de uma trave, de uma vara, de uma barra de ferro ou de uma corda esticada ou frouxa.

9° - Nadar nu ou vestido, com ou sem fardos, e, sobretudo, com armas de fogo; mergulhar e manter-se por bastante tempo sob a água; fazer uso, com destreza, de todo tipo de escafandros e de máquinas para mergulho, e aprender a retirar uma pessoa da água sem ser arrastado por ela.

10° - Carregar, estando parado ou em movimento, com destreza e segurança, corpos incômodos e pesados, por vezes homens ou crianças, para salvá-los de um perigo, retirá-los de um campo de batalha, ou forçá-los a se render, puxar para si, levantar, arrastar e empurrar pesos ou massas consideráveis, para aplicar todos esses procedimentos a um grande número de situações de guerra ou de interesse público.

11° - A esferística antiga e moderna, atlética e militar, em todas as suas modalidades; bolas de diferentes pesos e tamanhos, e a arte de lançar, com a mão, setas, dardos, lanças, pedras e todo tipo de projéteis de guerra, e de atingir um alvo.

12° - O tiro ao alvo e a objetos em movimento com bestas, arcos, fuzis, mosquetas, bacamartes, pistolas.

13° - A esgrima a pé ou a cavalo, e o manejo de todo tipo de armas brancas tais como espadas, sabres, baionetas, facas de caça, espadões, machados de combate e de sapador, tenazes e alavancas.

14° - A equitação e o volteio sobre cavalos de madeira, primeiramente, e sobre cavalos vivos, em seguida, para acostumar os infantes a montar agilmente na garupa de um cavalo, mesmo que ele esteja em movimento, a atravessar assim riachos, e a serem transportados pela cavalaria, para se apossar do cavalo pela garganta ou de qualquer outro ponto de um só golpe. Os cavaleiros aprenderão também a montar e desmontar rapidamente, a pegar um objeto caído no chão, sem deixar o cavalo, e vários outros exercícios ginásticos indispensáveis para homens que, ficando às vezes a pé, são obrigados a saber transpor um obstáculo, carregar fardos, correr, escalar, etc...

15° - As danças pírricas ou militares, e as danças de sociedade mais ou menos desenvolvidas, de acordo com as aplicações que o aluno deverá dar a elas. A dança cênica ou teatral pertence ao funambulismo e não pode entrar no nosso projeto.

16º - Para os alunos civis e os alunos militares que se destinam a ser diretores e professores, são dadas lições de canto e de expressão musical, mais elaboradas; é mostrada a eles a influência da música sobre o aperfeiçoamento moral do homem, as modificações salutares e vantajosas que ela pode fornecer aos costumes, ao caráter e à educação; a energia que ela pode inspirar, os nobres sentimentos e as paixões louváveis de que ela pode ser fonte. São dadas também lições de fisiologia, a fim de que eles aprendam a tomar consciência de seus movimentos e suas funções; a conhecer o caráter, o temperamento e as capacidades de seus alunos, a utilizar os meios mais convenientes para a obtenção dos resultados desejados. Recebem lições de tecnologia ginástica para a construção de máquinas, instrumentos convenientes às diversas circunstâncias.

17º - Além desses exercícios ginásticos gerais e especiais, esse método emprega outros que tendem a melhorar a resistência à fadiga, a trabalhos penosos e às intempéries das estações, ou que servem para aumentar a destreza e tornar os alunos hábeis. A arte de modelar com todo tipo de materiais pertence a este grupo; pois nada amplia tanto os recursos do espírito e da invenção quanto o hábito de imitar os objetos e de dar formas à matéria. Mas nesse caso, são modificadas as aplicações desses princípios e desses trabalhos, de acordo com a profissão especial que cada aluno deva seguir⁴².

Tem-se aqui, portanto, um atestado da sintonia de Amoros com uma sociedade que, cada vez mais, valorizava práticas que estivessem respaldadas pela ciência e pela técnica. Práticas que pudessem responder aos desafios da natureza, aos desafios criados pelos homens e, sobretudo, resultassem em ações úteis à sociedade.

Parece que Amoros conseguiu demonstrar uma relação direta que poderia existir entre “sua” Ginástica e a saúde dos indivíduos, bem como a tão ansiada utilidade das ações humanas. E tudo baseado em extensa argumentação científica onde aparecem em relevo as noções de Anatomia, Fisiologia⁴³ e Mecânica do Movimento, acrescidas da Música, do Canto e da Filosofia.

Em suas propostas de Ginástica havia a preocupação constante de descartar qualquer empiria, razão que o levava a demonstrações sistemáticas de enunciados científicos para explicar os exercícios físicos.

Os registros que fez Amoros sobre os exercícios físicos ao longo de sua vida, atestam uma sintonia com os conhecimentos científicos mais

atualizados do tempo em que viveu. Seus estudos sobre a mecânica do movimento permitem afirmá-lo como um precursor da ciência da análise e mecanismo do movimento que seria, na segunda metade do século XIX, desenvolvida na França pelo fisiologista E. J. Marey e seu discípulo G. Demeny.

Em relação à estudos sobre o equilíbrio estático e dinâmico do ser humano, Amoros conseguiu estabelecer importantes princípios baseado em conhecimentos sobre as leis gerais da mecânica. Seus trabalhos destacavam a importância destas leis para a compreensão do papel do centro de gravidade na obtenção do equilíbrio e execução de exercícios, conforme pode ser constatado na citação a seguir:

... “o centro de gravidade, considerado a partir das regras da mecânica geral, é o ponto situado no interior de um corpo, em torno do qual todos os outros pontos desse corpo se encontram em equilíbrio. O conhecimento das leis do equilíbrio e a prática dessas mesmas leis são necessários ao homem. Ele não pode executar nenhum movimento sem que faça aplicação delas; e sua vida, assim como a de seus semelhantes, dependem, em várias circunstâncias, da precisão e exatidão com que essas aplicações ocorrem. O equilíbrio pode ser encarado como a equidade de nossos movimentos; está para eles, assim como a justiça está para a moralidade de nossas ações”⁴⁴.

De estudos precisos e detalhados teoricamente sobre as leis da mecânica, Amoros parte para as possíveis aplicações ao homem em ações como por exemplo, a marcha e a corrida. Em relação à primeira, seus estudos apontam desde a mecânica mais elementar relativa aos deslocamentos constantes do centro de gravidade, até sua aplicação com fins terapêuticos, o que lhe valeu a aprovação dos médicos que, por seu lado, passaram também a divulgar aquela prática.

As marchas foram largamente tratadas na obra de Amoros. Ele as classificava como um exercício de fácil aplicação que podia ser executado em diferentes terrenos, condição que as tornava mais ou menos complexas do ponto de vista do esforço para realizá-las. Desse modo, então, as marchas poderiam ser aplicadas tanto à um coletivo, como por exemplo os militares, quanto à indivíduos isoladamente, ou seja, à população civil.

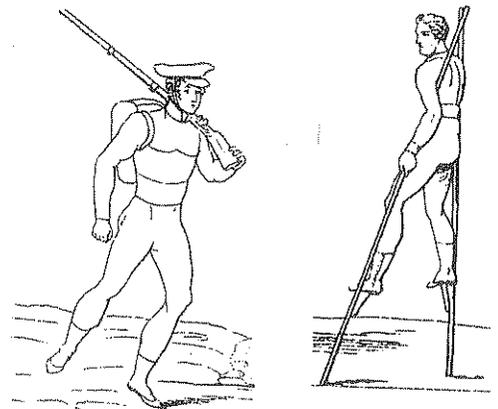
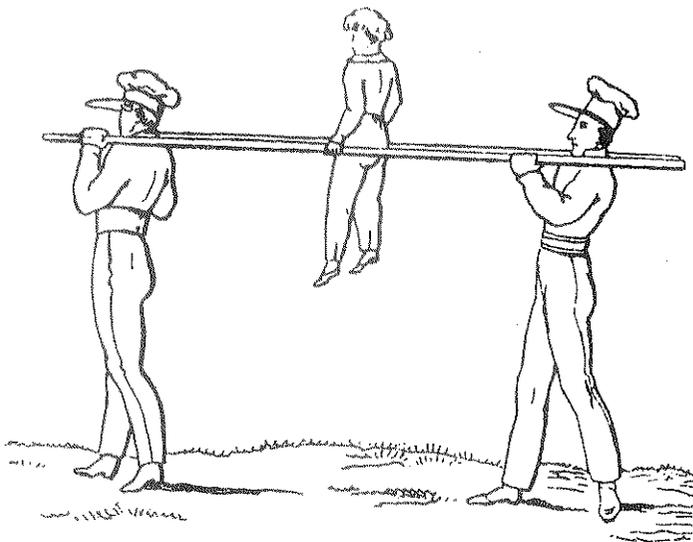
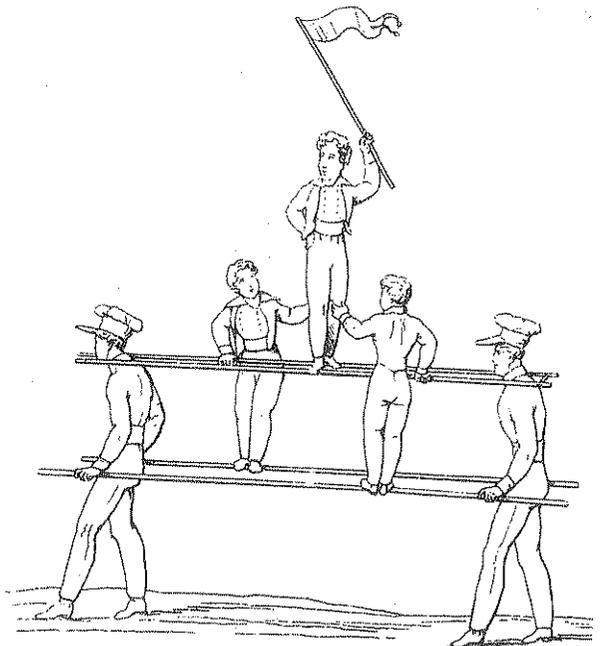
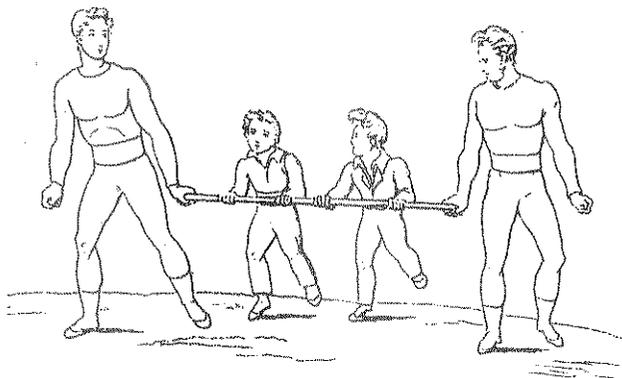
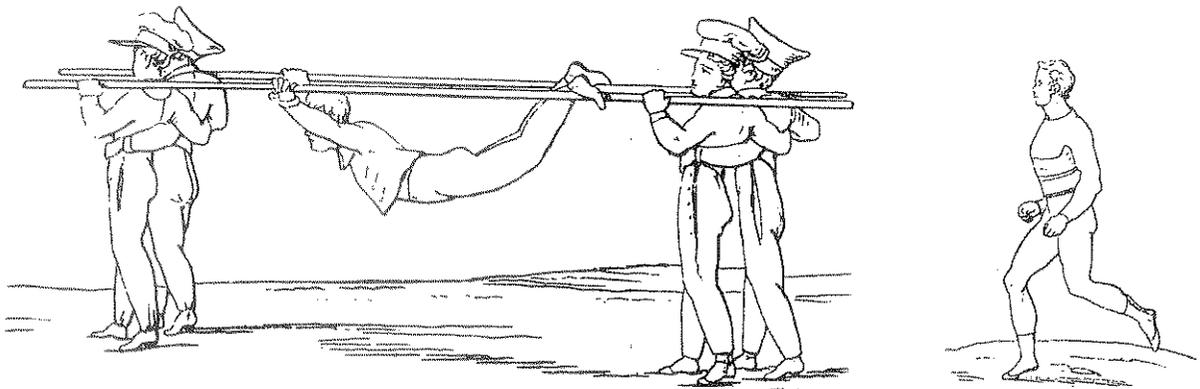


FIG. 15 - GINÁSTICA ELEMENTAR DE AMOROS: MARCHAS E CORRIDAS.

Amoros tomou as diferentes formas de deslocamento no espaço como possibilidades de treinamento físico. Aos estudos detalhados que empreendeu sobre a marcha, acrescentou outros acerca da corrida, neles destacando as singularidades de uma e outra. Algumas de suas conclusões em torno dos principais aspectos que estruturam os atos de correr e marchar estão registradas a seguir:

“A corrida difere da marcha na medida em que o centro de gravidade permanece, a cada passo, um pequeno instante no ar, em meio ao salto que fazemos alternadamente sobre cada perna, enquanto que na marcha, um dos pés só deixa o solo ou a base de sustentação, quando aquele que fez o movimento já estiver bem estabelecido sobre o novo ponto de apoio. Dessa forma, a corrida é um movimento de progressão irregular, que se dá através de uma seqüência de saltos executados alternadamente por uma perna que dá um golpe no solo, enquanto a outra muda de lugar, para colocar-se à frente ou atrás, de acordo com a direção da corrida. Deve-se cair sobre a ponta dos pés, apoiar o mínimo possível o calcâneo ou o calcanhar no solo, multiplicar bastante os movimentos, realizá-los com uma extensão proporcional à das pernas de cada corredor, para evitar deslocamentos bem como a fadiga que o corpo sofre quando as passadas são grandes demais. Esses movimentos violentos diminuem também a velocidade da corrida, e são feios e ridículos”⁴⁵.

No conjunto das observações técnicas é possível encontrar a preocupação de Amoros com a beleza. Não bastava o caráter de eficiência numa corrida, era também necessária a existência da beleza, que seria, conseguida pela harmonia dos movimentos e pelo seu ritmo constante.

Independentemente da classificação das corridas, que se dava de acordo com as distâncias percorridas, a velocidade imprimida e a qualidade do terreno onde se corria, a harmonia e ritmo deviam estar sempre presentes, pois eram os elementos determinantes da beleza nas corridas⁴⁶.

Amoros recorria, também, à autores da antigüidade, sobretudo aos gregos para discorrer sobre as corridas e imprimir-lhes um caráter heróico. Assim, por exemplo, citava Homero, para quem não podia haver jamais ... “maior glória para um homem do que aquela de brilhar nos combates da corrida”⁴⁷.

A recorrência constante à enunciados científicos e filosóficos o respaldava diante da sociedade francesa e, de certo modo, autorizava a abrangência,

por ele desejada. de seu trabalho. Assim, ao universo da técnica, da precisão e da beleza, agregava-se aquele de caráter moral e as corridas, dessa forma, transformavam-se em instrumento de “educação moral” dos alunos.

Para a aplicação das corridas, por exemplo, Amoros envolvia um grande número de alunos, aos quais entregava, na saída, marcas individuais, ou seja, o tempo necessário para percorrer uma dada distância. Aqueles que a superassem seriam os campeões e deviam ser então aplaudidos. A explicação dada por Amoros merece destaque: ... “Eu faço aplaudir os vencedores de cada pelotão pelos vencidos que tenham disputado a vitória, para habituá-los a ser justos, a louvar o mérito que seus rivais podem ter e a evitar o baixo e funesto sentimento da inveja”⁴⁸.

As corridas, portanto, eram valiosos instrumentos de formação moral e, ao mesmo tempo, uma “forma correta” de uso do corpo em ações úteis. No meio civil, por exemplo, estiveram sempre vinculadas ao salvamento de pessoas, à fugas e perseguições de ladrões e bandidos, bem como à necessidade de locomover-se em distâncias nem sempre próximas e providas de meios de transporte que não o próprio corpo. E esta autonomia corporal era um objetivo buscado por Amoros. Assim, explicados os detalhes relacionados ao caráter moral e instrumental das corridas ele, ainda, acrescentava-lhes uma outra função relacionada à alma humana e afirmava que ... “as vezes a corrida é um recurso para nos libertarmos de idéias que nos atormentam e assim também é benéfica para a saúde da alma tanto quanto a do corpo”⁴⁹.

Se no meio civil as corridas foram assim tratadas e enaltecidas, no meio militar apenas lhes foi acrescentado o que é específico deste meio, ou seja: as ações com o porte de armas, os assaltos e os treinamentos em terrenos mais acidentados⁵⁰.

Todos estes estudos e conclusões acerca das marchas foram desenvolvidas, basicamente, a partir da análise e mecânica do movimento, referencial que estruturou também o estudo dos saltos, considerados instrumentos de grande utilidade na vida civil e militar⁵¹.

Conforme as análises de Amoros, os saltos eram atividades de difícil ensinamento, pois se realizavam em breves instantes, razão pela qual, para

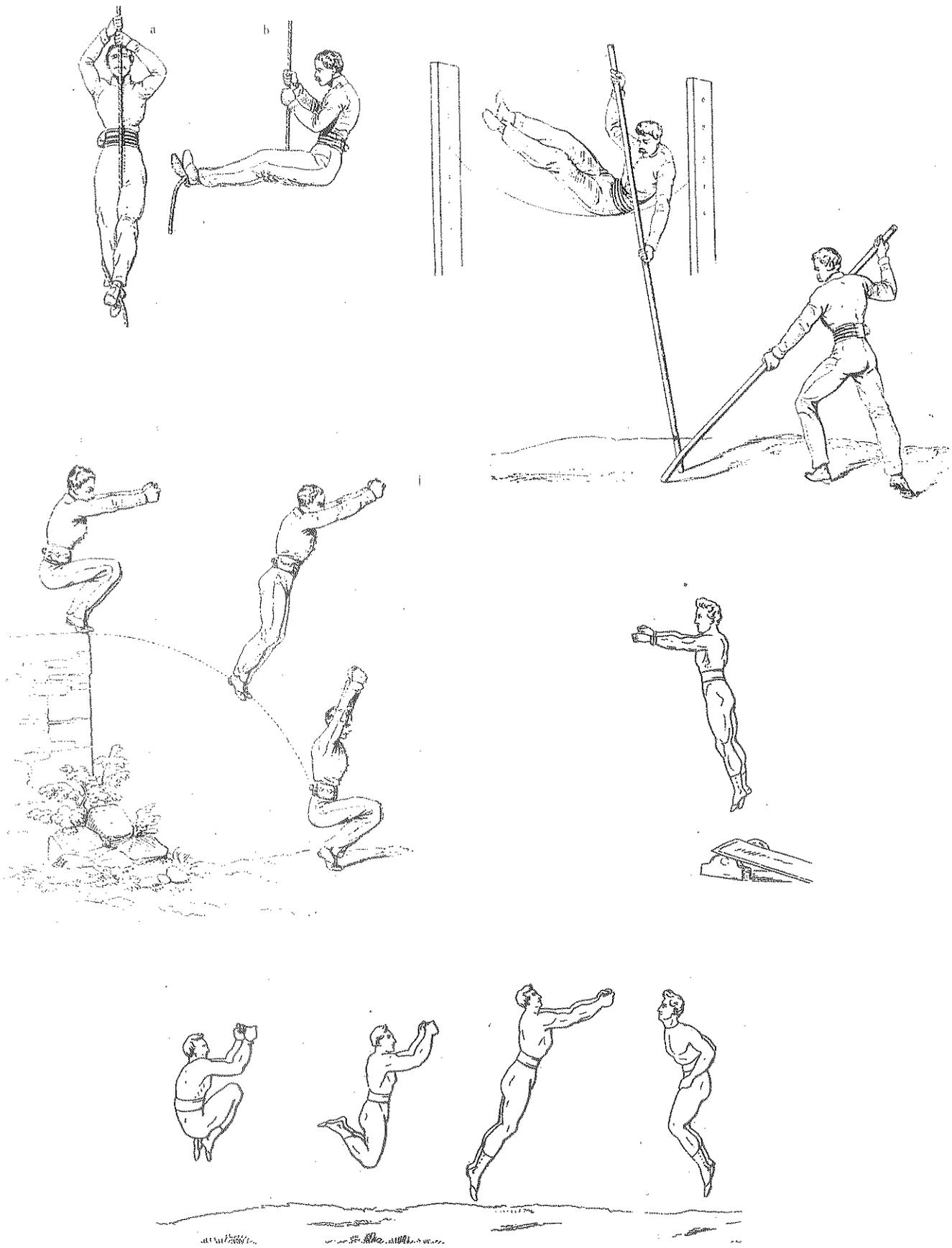


FIG. 16 - EXERCÍCIOS DE SALTO.

ensiná-los, era necessário uma educação intelectual a par da física. De todos os ramos da Ginástica, o salto é aquele de maior complexidade, que oferece maior perigo e, portanto, exige de professores e alunos um cuidado redobrado⁵².

Se o ato de saltar é, do ponto de vista físico, difícil, complexo e perigoso, são estas dificuldades que devem reforçar a importância de seu ensino, uma vez que, do ponto de vista moral, este ato irá:

“habituar o coração e a cabeça a realizar ações audazes e perigosas, a tomar resoluções oportunas e a percorrer espaços consideráveis no ar, sem perder a cabeça ou a faculdade de raciocinar, sem tremer ou abater-se como ocorre demasiado frequentemente a aqueles que não se tenham exercitado nunca ou que não tenham experimentado nunca as repetidas sacudidas do corpo. Estes exercícios devem ser conduzidos com muita circunspeção e método”⁵³.

Note-se a observação feita acerca da necessidade de circunspeção e método para a arte de saltar. A ação audaciosa possuía prescrições precisas. O perigo era medido, previsto; a distância e a altura, milimetricamente, calculadas. O treino objetivava a diminuição do risco pela ampliação da capacidade de raciocinar, de usar a razão em situações limite e ainda, de elevar a moral, manter a calma e realizar a ação na qual, “saltar” era fator determinante.

Saltos, corridas e marchas eram, portanto, poderosos instrumentos de educação física e moral. Afirmar, progressivamente, estas ações corporais como meios de educação moral dos indivíduos era um desejo de Amoros. E é assim que introduz em sua obra o canto, ali compreendido a partir de três objetivos básicos: a) regular os exercícios, imprimir-lhes um ritmo; b) desenvolver os pulmões (órgão da respiração por excelência); c) educar moralmente o aluno⁵⁴.

O canto era considerado por Amoros ... “como a expressão mais enérgica das paixões da alma, (sendo assim) o instrumento de civilização, de moralização e de regeneração mais poderoso que existe”⁵⁵. Portanto, se apresentava com inúmeras vantagens para o desenvolvimento de virtudes, podendo inspirar o amor a Deus, a juventude, ao Rei, as leis e a Pátria. Seu emprego na ginástica cumpria, assim, dupla finalidade: desenvolver o aparelho respiratório e, ao mesmo tempo, virtudes. É

possível inferir que os cantos, mais do que voltados à uma melhoria da capacidade respiratória, buscavam um efeito político de integração social tornando-se, assim, elementos de moralização⁵⁶.

As letras das estrofes que se seguem, atestam a asserção registrada pois, conforme afirmava o próprio Amoros, tinham por finalidade inspirar o desejo de se adquirir belas qualidades da alma, o desprezo aos vícios, comover os corações frios e ferozes, elevar o espírito, engrandecer a alma e inspirar ideais sublimes⁵⁷.

“Un homme sans courage et sans activité,
Énérvé chaque jour par sa lâche paresse.
Sans vertus, sans talents, éprouve que sans
cesse
Les vices et l’ennui suivent l’oisiveté”.

“Um homem sem coragem e sem atividade,
Por sua frouxa preguiça irritado constantemente.
Sem virtudes, sem talentos, comprova que
ininterruptamente,
Os vícios e o tédio acompanham a ociosidade”.

* * *

“Ne nous laissons jamais aller à la paresse;
Faisons tous nos devoirs avec la même ardeur:

Le dégût suit toujours l’indolente mollesse:
La peine surmontée augmente le bonheur”.

“Não nos deixemos jamais chegar à preguiça,
Façamos todos os nossos deveres com a mesma
vivacidade:
O desgosto acompanha sempre a indolente fraqueza:
A dificuldade vencida aumenta a felicidade”.

* * *

“Le coeur est notre code: en traits ineffaçables
La nature y grava ces deux mots: Aimez-vous.
Les vertus sans l’amour en nous sont
peu durables
Aimons-nous ... O mortels! que ce précepte
est doux! “.

“O coração é nosso código: em traços indeléveis
A natureza nele gravou estas duas palavras: Amai-vos.
As virtudes, sem o amor, em nós são pouco duráveis
Amemo-nos ... Ó mortais! Quão doce é esse preceito!”.

* * *

“La haine est, mes amis, un setiment horrible:
Un coeur honnête et bon dait l’ignorer toujours.
Il est si doux d’aimer, hair est si pénible.
Qu’un seul instant de haine empoisonne
nos jours”.

“O ódio é, meus amigos, um sentimento horrível:
Que um coração honesto e bom deve sempre ignorar
É tão doce amar, odiar é tão horrível.
Um só instante de ódio pode nossos dias envenenar”.

“Il n'est rien sûrement dont on ne vienne à bout. Avec du temps, des soins et de la patience. On peut tout ce qu'on veut; ce n'est que l'indolence. Qui trouve à chaque instant des obstacles à tout”.

“Não há nada certamente que não se alcance. Com tempo, cuidados e paciência. Querer é poder, é somente a indolência. Que encontra obstáculos em tudo, a todo instante”.

1°
 “Courage, amis, courage !
 Gardons-nous de céder !
 Quand on voit le rivage.
 On este près d'aborder.
 Courage, amis, courage !

1°
 “Coragem, amigos, coragem !
 Cuidado para não ceder !
 Quando vemos a margem.
 Estamos perto de abordar.
 Coragem, amigos, coragem !

2°
 Courage, amis, courage !
 Méprisons la douleur.
 Le rocher de l'orage
 Ne craint pas la fureur”.

2°
 Coragem, amigos, coragem !
 Desprezemos a dor,
 O rochedo, da tempestade
 Não teme o furor”.

* * *

“DOMinatuer de la nature,
 REponds, Dieu clément, à ma voix;
 MIroir de la justice pure,
 FAçne mon coeur à tes lois.
 SOLdat fidèle à ta consigne,
 LA remplir comblera mes vœux;
 SI de te plaire je suis digne,
 DO rénavant je suis heureux”.

Senhor da natureza,
 Responde, Deus clemente, à minha voz
 Espelho da justiça pura
 Modela meu coração segundo tuas leis.
 Soldado fiel à tua ordem,
 Atendê-la, fará cumprir meus votos;
 Se de Te agradar eu sou digno
 Doravante serei feliz”.

* * *

“Contre les vices et les crimes
 Tournons nos efforts magnanimes,
 Et luttons avec fermeté.
 De sa gloire l'homme est le maître
 Et la nature le fit naître”.

“Voltemos nossos esforços com ardor
 Contra os vícios e a criminalidade.
 E lutemos com firmeza.
 De sua glória o homem é o senhor.
 Para buscar a imortalidade
 O fêz nascer a natureza”.

O canto ocupava um lugar de destaque na obra amorosiana seguindo, assim, os caminhos trilhados por pensadores da antiguidade como Plutarco, que afirmava as vantagens que podiam ser retiradas do exercício diário da voz através do canto. Estas vantagens não se resumiam somente a saúde mas, eram úteis também ... “para o treinamento das forças, não digo daquelas que são próprias dos

atletas, mas da força e do verdadeiro vigor das principais vísceras do corpo, de onde depende principalmente o restabelecimento da saúde”⁵⁸.

A utilização do canto exigia também um profundo conhecimento de música. Os diferentes ritmos tinham finalidades precisas e estavam relacionados muito diretamente com o conteúdo que se desejava passar ao aluno. Por exemplo, os ritmos lentos e graves eram sempre utilizados para conteúdos sérios; já os calmos e moderados serviam para explicar o pensamento filosófico.

A importância atribuída à música no conjunto da obra amorosiana é inegável, como também o é o caráter moral dela esperado, de instrumento de aperfeiçoamento moral do homem. Amoros vale-se novamente do pensamento grego, agora, para argumentar a favor da música. Cita Aristóteles, para quem a música influencia na retidão dos julgamentos humanos⁵⁹. Cita Platão, para quem a música e a Ginástica são as duas bases principais de todo o processo educacional. A música porque encerra todas as formas de discursos seja em prosa, seja em verso e tem por finalidade formar a alma e a Ginástica como aquela que abarca todos os exercícios para fortificar o corpo⁶⁰. Nas conclusões a que chegou acerca do lugar a ser ocupado pela música e pelo canto na aplicação dos exercícios físicos Amoros expôs, de certo modo, o seu projeto estético. Para ele,

... “A música e o canto servem ainda para equilibrar os efeitos dos exercícios do corpo que poderiam dar ao espírito e ao caráter uma aspereza e uma rudeza excessivas. Sua poderosa influência suaviza e modera o excesso de força muscular que designamos com o nome de temperamento atlético e mantém a sensibilidade numa medida adequada”⁶¹.

Formar o homem forte e integrado na emergente sociedade burguesa mas, sobretudo, o homem sensível, foi um dos grandes objetivos de Amoros com o seu método de Ginástica.

Amoros desejava que a Ginástica, acompanhada do canto e da música, fosse estendida a um número maior de pessoas. Criou então um conjunto de exercícios fáceis, que não exigiam o uso de materiais e podiam ser executados em

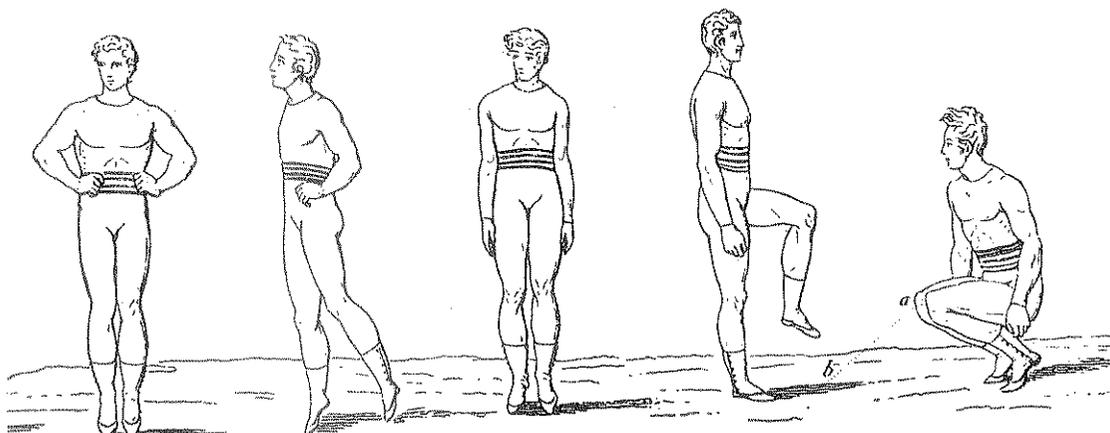
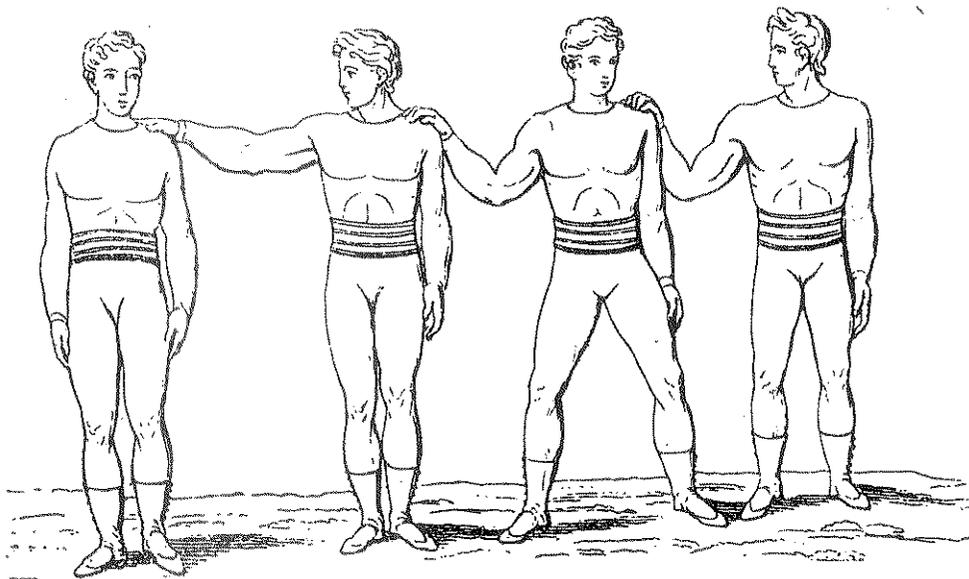


FIG. 17 - GINÁSTICA ELEMENTAR DE AMOROS: EXERCÍCIOS A MÃOS LIVRES.

qualquer lugar. Chamou a este conjunto de exercícios de Ginástica Elementar, uma ginástica que podia ser ensinada à diferentes indivíduos, grupos sociais e instituições. Este conjunto de exercícios era, então, adequado ... “às mães, às crianças de pouca idade ... às casernas, campos, escolas particulares, fábricas, prisões e em casa”⁶².

A Ginástica Elementar era constituída por marchas, corridas, flexionamentos graduais de braços e pernas, exercícios de equilíbrio, de força individual e de destrezas múltiplas. Seu objetivo básico: desenvolver qualidades físicas e, deste modo, a resistência à fadiga. Seu fim último: educar moralmente seus praticantes⁶³.

Desse modo a Ginástica poderia ter um caráter bastante genérico, com procedimentos de ensino bastante simples e, assim, atender a um número grande e diversificado de pessoas. Isto porque, conforme Amoros ... “todos devem ser destros, fortes, velozes, ágeis, flexíveis, perseverantes, corajosos e bons”⁶⁴.

Porém, paralelamente a este caráter genérico, a Ginástica deve se complexificar, particularizar e, desse modo, atender as diferentes profissões como cavaleiros, soldados, marinheiros, bombeiros ou ainda, atender ao homem indolente, ao medroso, ao doente, ao convalescente⁶⁵.

Assim, aquele que ensinava Ginástica devia estar atento às necessidades dos indivíduos e grupos que a ele se dirigiam. Neste contexto, Amoros destacava, acima de tudo, a importância de conhecer o caráter do aluno. Somente a partir deste conhecimento era possível melhor dirigir-lhe a vontade, corrigi-lo ou voltar-lhe as costas se persistisse nos erros, pois

“um homem de um grande espírito, de um grande talento, mas insensível, mas fraco e desajeitado, é um homem imperfeito, e que para ser perfeito (na medida em que o homem pode sê-lo), é preciso unir à inteligência, ao saber, a bondade e a possibilidade de fazê-la atuar e de praticar as virtudes caritativas e úteis à humanidade”⁶⁶.

Desenvolver estes princípios, tornar cada homem um soldado da Pátria e um benfeitor da humanidade, era tarefa da ginástica amorosiana. Em meio a

grande miséria humana e social que expõe as entranhas do capitalismo triunfante, com as populações urbanas sendo dizimadas por fome e epidemias, Amoros seguia seu curso alheio a todo conflito, alheio ao clima pré-revolucionário de 1848. Seguia desenvolvendo seu ideário triunfalista e monárquico mas, absolutamente, sintonizado com as conquistas da ciência positiva predominante.

Entre as idéias em voga no campo científico estava aquela que, oriunda das leis da mecânica, destacava a possível analogia entre o corpo humano e as máquinas, esta criação humana que sempre exerceu enorme fascínio ao seu criador. Amoros inseriu-se plenamente neste clima e desenvolveu inúmeros estudos nos quais afirmava que ... “o corpo humano é uma máquina que, sem escapar as leis mecânicas evolue nas suas leis e se adapta porque é uma máquina consciente”⁶⁷.

Seus trabalhos sobre a locomoção humana estiveram sempre baseados nas leis da mecânica e, deste modo, representaram significativos avanços para a sua compreensão na época. A analogia que estabeleceu entre o corpo humano e a máquina, foi apenas mais uma demonstração de conhecimento e identidade com as principais idéias científicas em voga, sobretudo porque desejava fazer uso de “máquinas” e de “instrumentos” na execução de exercícios físicos. Máquinas em sua obra eram todas as construções fixas, cujo transporte para lugares distintos era impossível. Estas construções, dadas as suas características de solidez e tamanho, podiam receber sobre si mesmas duas ou mais pessoas. Já os instrumentos eram compreendidos no âmbito de tudo o que fosse manipulável e de fácil transporte por uma ou duas pessoas⁶⁸.

O cuidado que demonstrava com as máquinas e instrumentos reflete o seu desejo de marcar a diferença com o circo, os acrobatas, funâmbulos e artistas de feira. Para Amoros a Ginástica feita em máquinas e instrumentos era aquela que lidava mais de perto com qualidades morais e virtudes. Sua prática, portanto, exigia locais apropriados, como por exemplo, um Ginásio⁶⁹. Para a sua construção, Amoros inspirou-se nos gregos, de onde retirou as idéias básicas. Assim, uniu um Ginásio a um Estádio, sendo o primeiro destinado a sua Ginástica com as máquinas, instrumentos e o segundo destinado ao que chamou de Ginástica

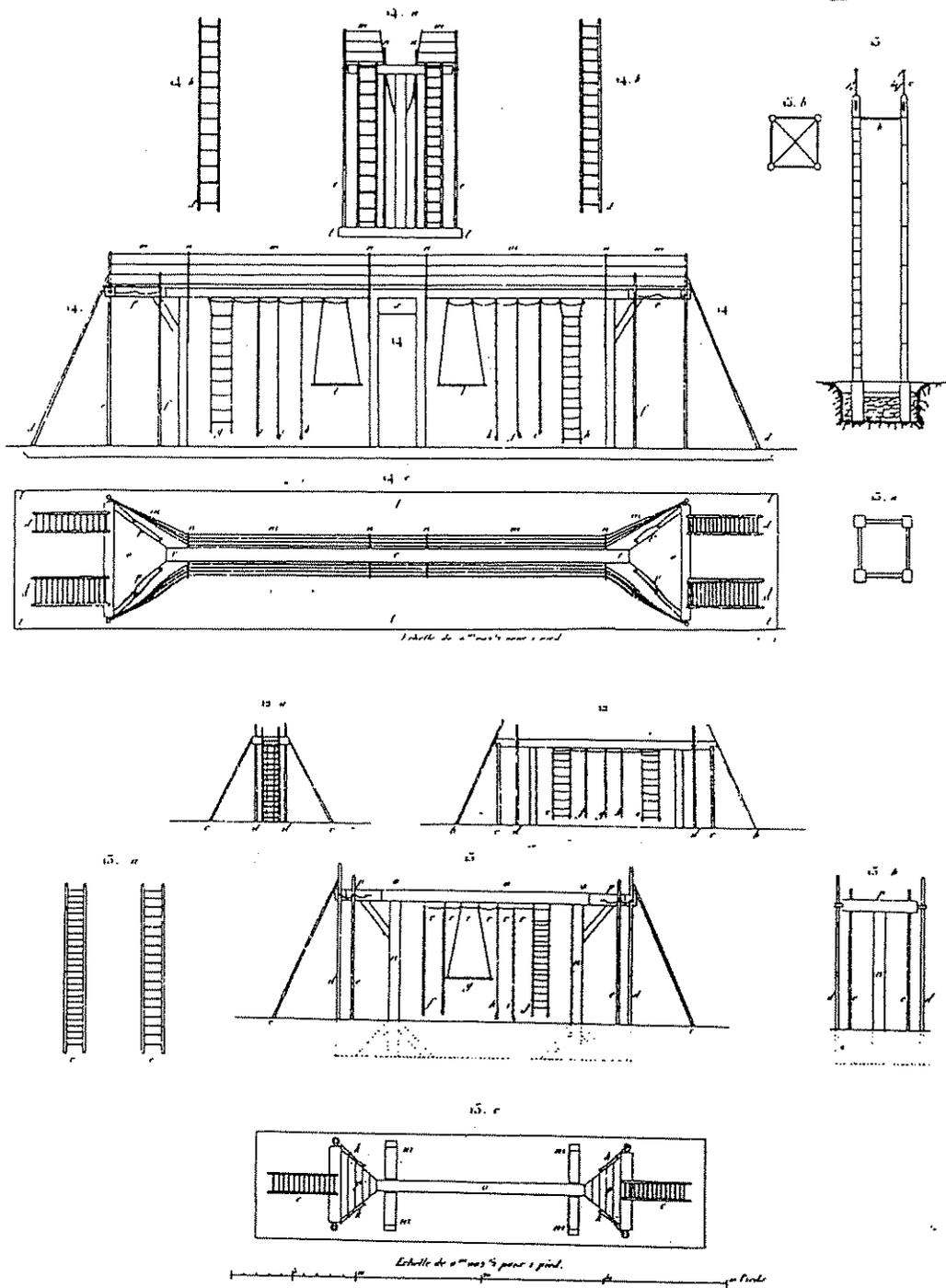


FIG. 18 - APARELHOS DE AMOROS. PÓRTICOS.

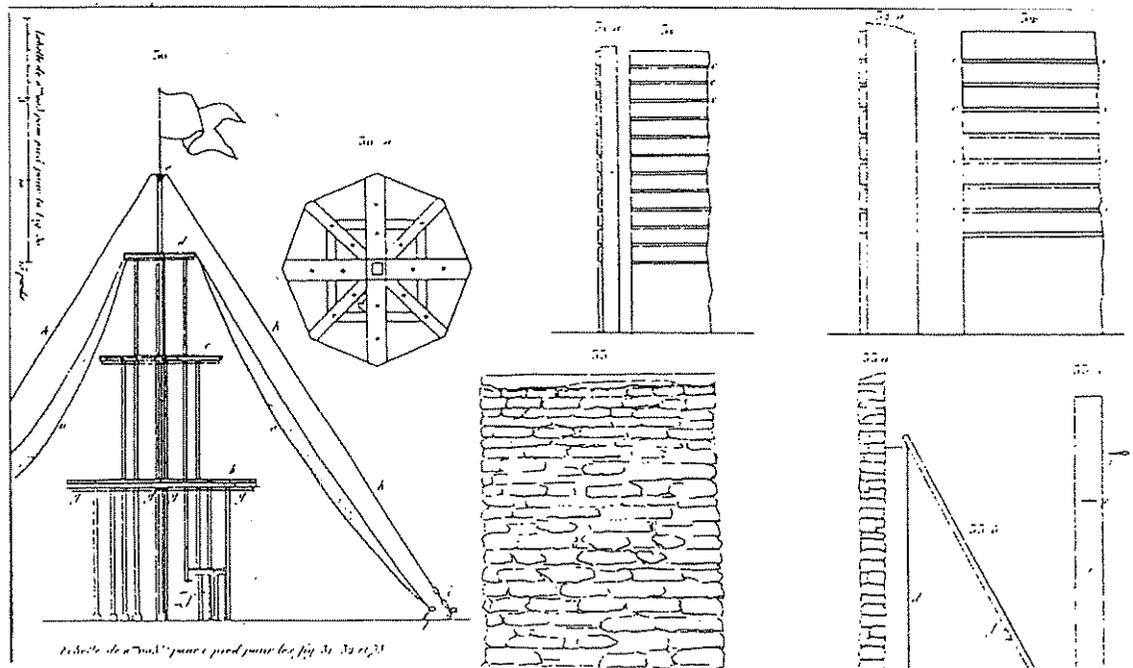
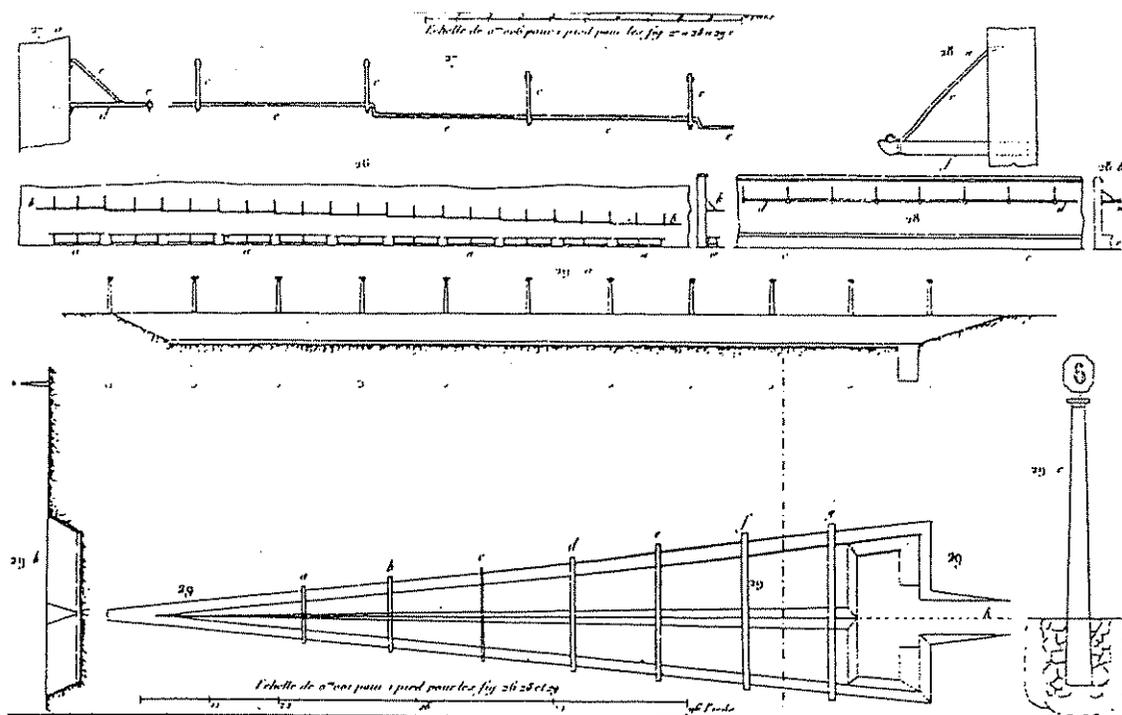


FIG. 20 - APARELHOS DE AMOROS. BARRAS DE SUSPENSÃO E OCTÓGONO.

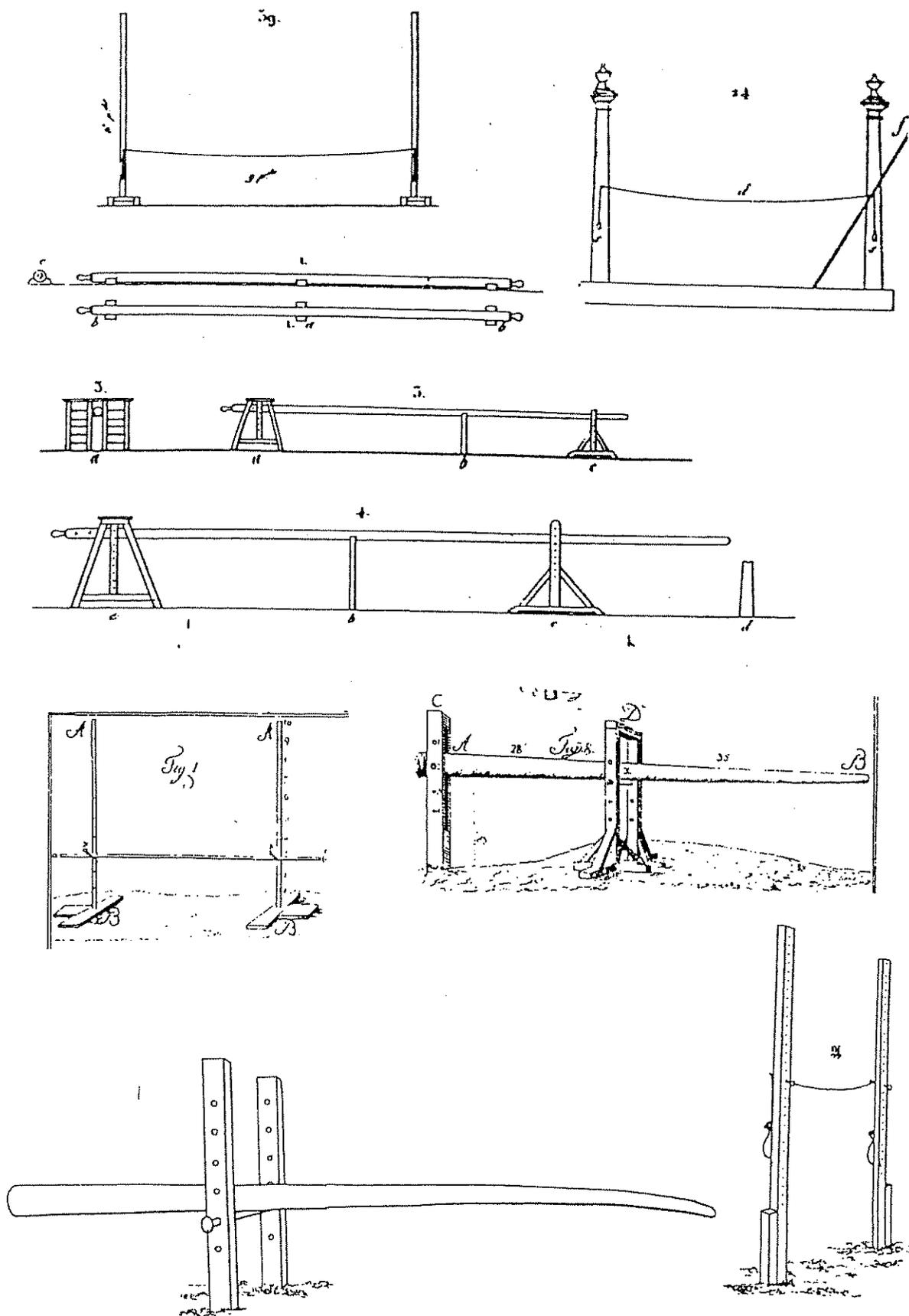


FIG. 21 - APARELHOS DE AMOROS. APARELHOS PARA SALTOS, MASTROS HORIZONTAIS E BASCULANTES.

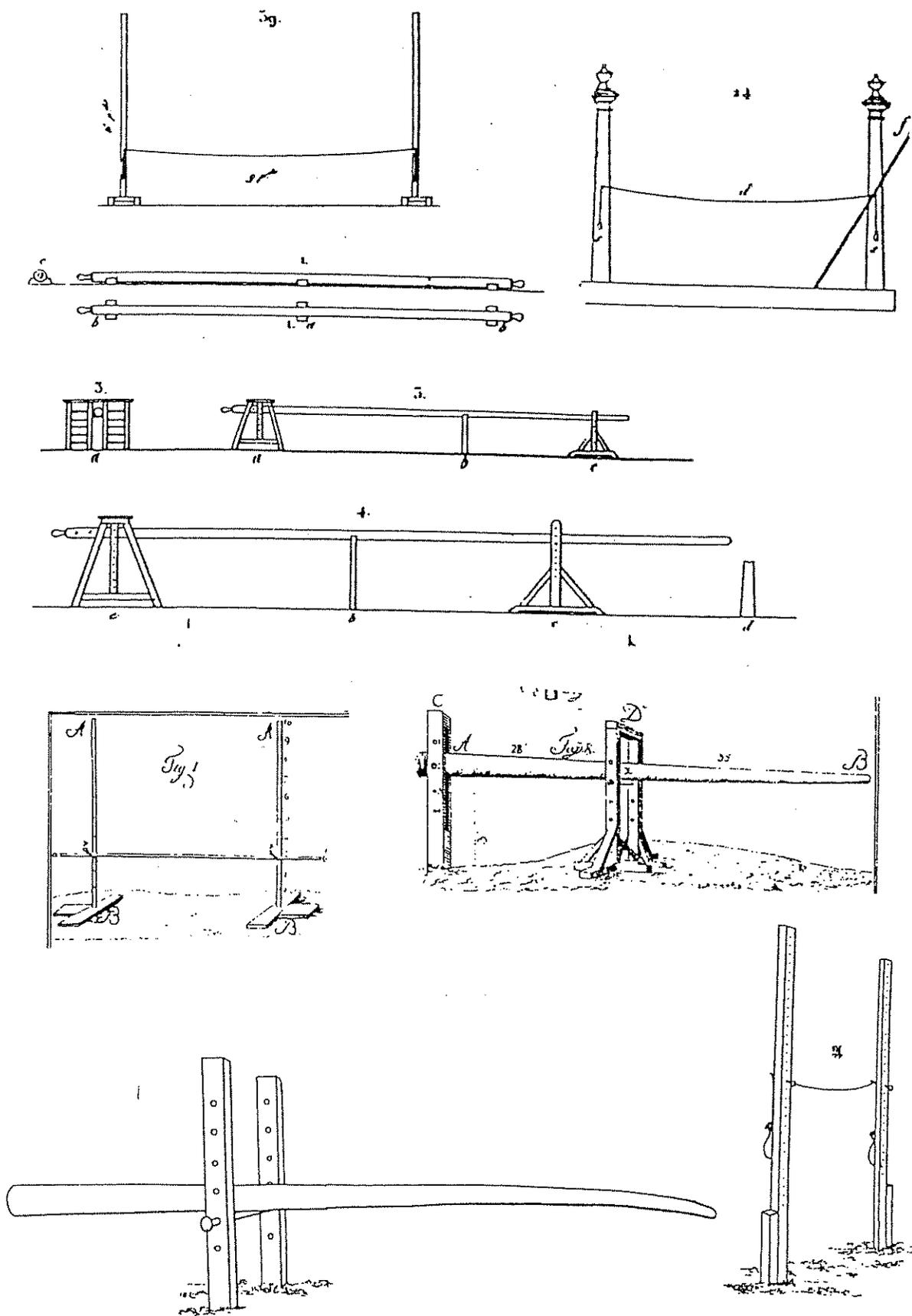


FIG. 21 - APARELHOS DE AMOROS. APARELHOS PARA SALTOS, MASTROS HORIZONTAIS E BASCULANTES.

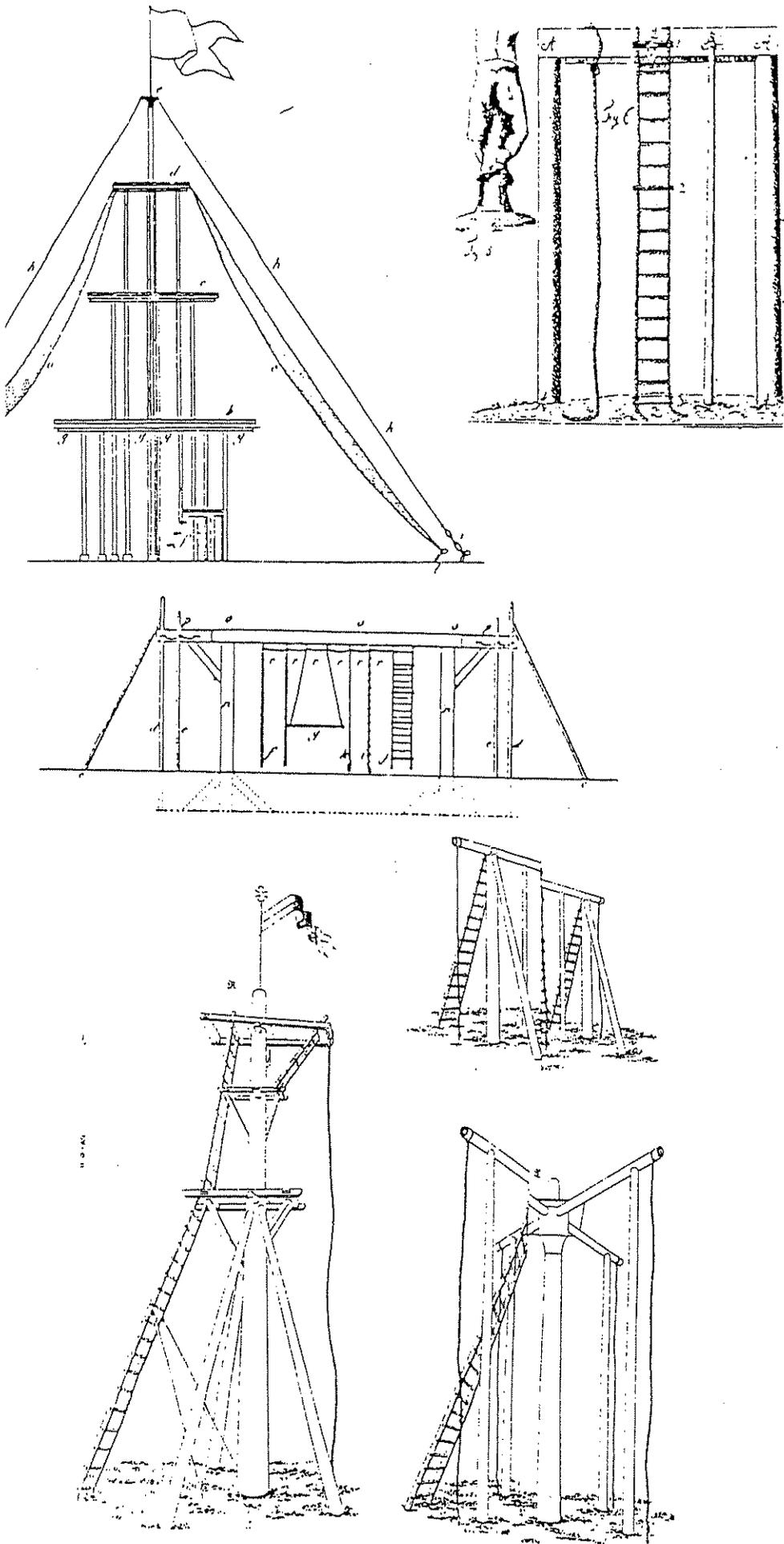


FIG. 22 - APARELHOS DE AMOROS. MASTROS, PÓRTICOS E APARELHOS PARA TREPAR.

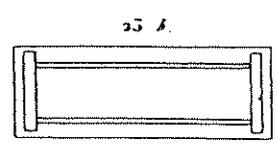
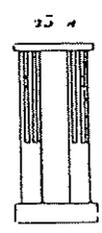
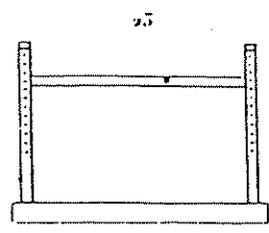
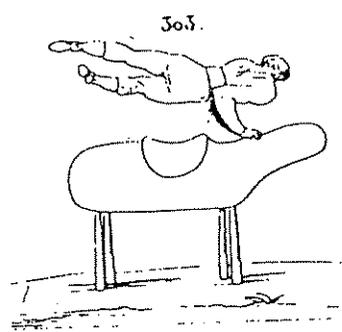
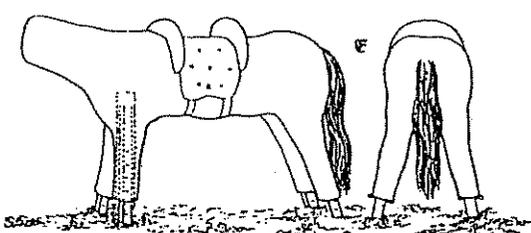
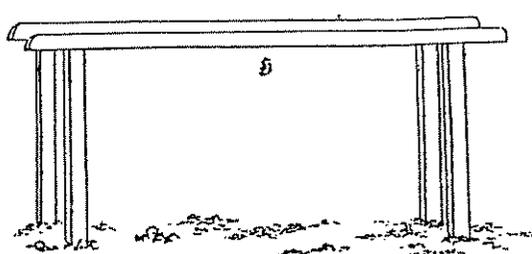
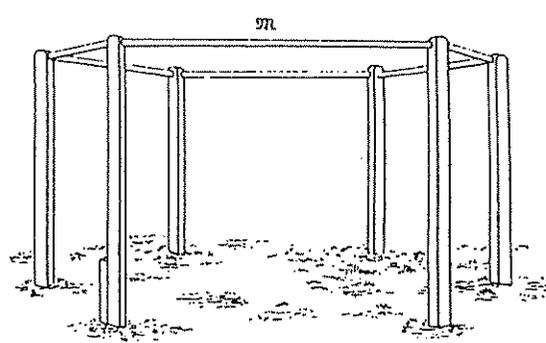
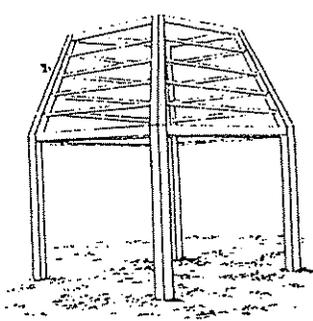
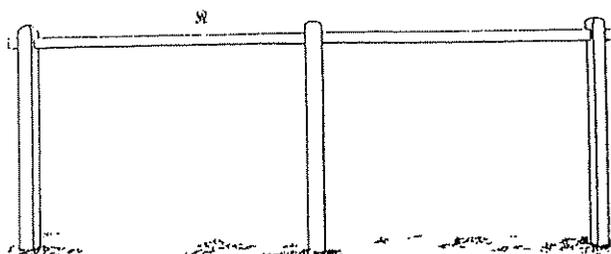


FIG. 23 - APARELHOS DE AMOROS. BARRAS, PARALELAS E CAVALO.

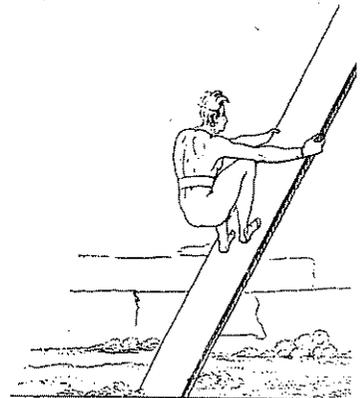
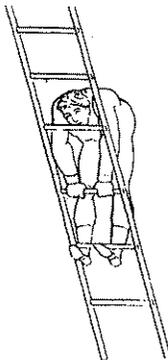
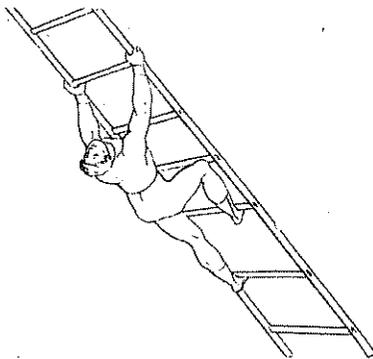
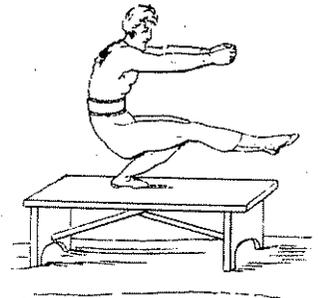
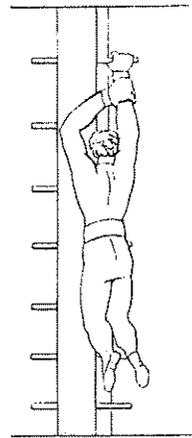
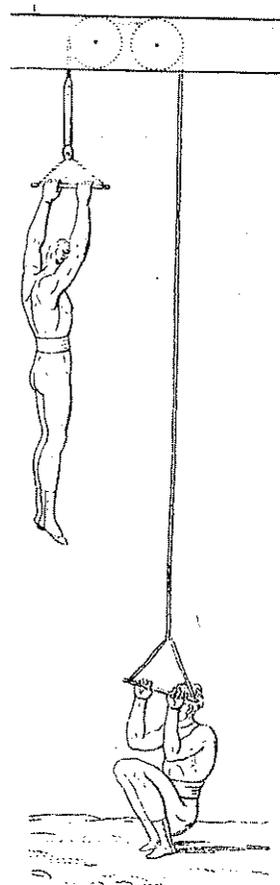
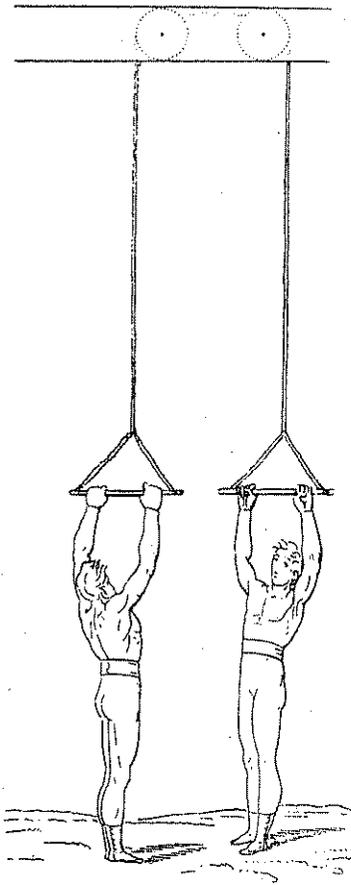


FIG. 24 - APARELHOS DE AMOROS. BÂSCULAS E ESCADAS.

elementar. Estes dois espaços formavam, então, o ambiente completo para a correta aplicação de seu método.

Em sua obra estão registradas barras fixas e móveis, barras paralelas, escadas, cordas, cavalo, pórtico, trapézio. Mas, o que eram estas “máquinas” senão tudo aquilo que fora utilizado por acrobatas e funâmbulos durante toda a Idade Média e Renascimento? Aquilo que ainda era largamente utilizado pelo circo? Amoros tinha clareza do lugar de onde vieram estes aparelhos. Quando fazia alusão ao trapézio, por exemplo, procurava mostrá-lo em sua origem, ou seja, como o triângulo que fora utilizado por acrobatas e funâmbulos italianos na Idade Média.

Todavia, seu maior desejo era afirmar um projeto científico e estético. Ocultar, assim, contradições. Acrobacias no solo e em máquinas, por exemplo, faziam parte de sua Ginástica mas não seria desejável associá-la à funâmbulos e artistas de circo. Os vínculos não só ideológicos que Amoros tecera com determinadas facções da elite francesa, exigiam-lhe que acentuasse seu distanciamento do mundo circo e, ao mesmo tempo, sua aproximação com o mundo da ciência e dos preceitos morais que a burguesia afirmava.

Desse modo, Amoros só faz alusão aos exercícios cênicos ou funambulescos no conjunto de sua obra, afirmando que não os exclui, mas que lhes imprime sempre um caráter de utilidade. Reafirma também que o propósito de seu método não é o de entreter, nem de divertir por meio de demonstrações e usos de força física e muito menos fazer dos exercícios um mero e frívolo prazer⁷⁰.

As acrobacias em seu método de Ginástica serão transformadas em ações úteis para serem executadas com precisão a partir de princípios científicos ditados pela mecânica do movimento. Se restavam ainda aproximações com os exercícios cênicos ou funambulescos, Amoros as justificava pela utilidade que poderiam ter aqueles exercícios para a sobrevivência em situações limite. Afirmava assim que, por vezes as pessoas podiam achar-se em situações nas quais necessitassem ficar de cabeça para baixo, em equilíbrio invertido sobre as mãos, em

locais pouco usuais como escadas, troncos, etc e, se não dominassem certas destrezas físicas, podiam perder a vida⁷¹.

Já no circo, a lógica da movimentação corporal era outra pois

...”O sistema de movimentos desse corpo é orientado em função do alto e do baixo (vãos e quedas). Sua expressão mais elementar - por assim dizer o fenômeno primeiro do cômico popular - é um movimento de roda, isto é, uma permutação permanente do alto e do baixo do corpo e vice-versa (ou seu equivalente, a permutação da terra e do céu). Reencontramo-lo em vários outros movimentos elementares do palhaço: o traseiro insiste obstinadamente em ocupar o lugar da cabeça e a cabeça do traseiro. A outra expressão do mesmo princípio é o papel enorme do inverso, do contrário, do dianteiro-traseiro, nos movimentos e ações do corpo cômico.

... a topografia corporal funde-se com a topografia cósmica: distinguimos no arranjo do espaço no circo ou nos palcos de feira os mesmos elementos topográficos da cena onde se apresentavam os mistérios: terra, inferno e céu (mas naturalmente, sem a interpretação religiosa): sentimos aí igualmente os elementos cósmicos: ar (saltos e números acrobáticos), água (exercícios aquáticos), terra e fogo⁷².

O mundo do circo trazia imagens de luz e riso, do grotesco e do sublime e, sobretudo do corpo como centro de entretenimento. Em suas passagens, o circo deslocava os habitantes das vilas e cidades das rotinas binárias do trabalho e do descanso. Seus integrantes ... “acenavam com a possibilidade de uma vida de alargamento de contornos e fronteiras em oposição à família, ao trabalho fixador, à vida estabelecida em um lar imóvel numa só cidade⁷³.

Rompiam assim com a ordem das instituições. A diversão que apresentavam era completamente descomprometida, não pretendiam “educar” ninguém ... apenas encantar. E é este encantamento que atemorizava, era a ausência de fixidez que desestruturava as formas habituais de controle. ... “Desde a sua chegada e em cada momento do espetáculo, os circenses tinham, como únicas propostas, cultivar o riso, o sonho, a fluidez e a mutação constante de homens e animais, numa criatividade intensa e cativante⁷⁴.

Mergulhada então num mundo de luz, sons, gestos e risos, a platéia do circo podia romper com os comportamentos civilizados. Aquele espaço delimitado por lonas, o tablado centrado, a claridade constante, fazia da platéia

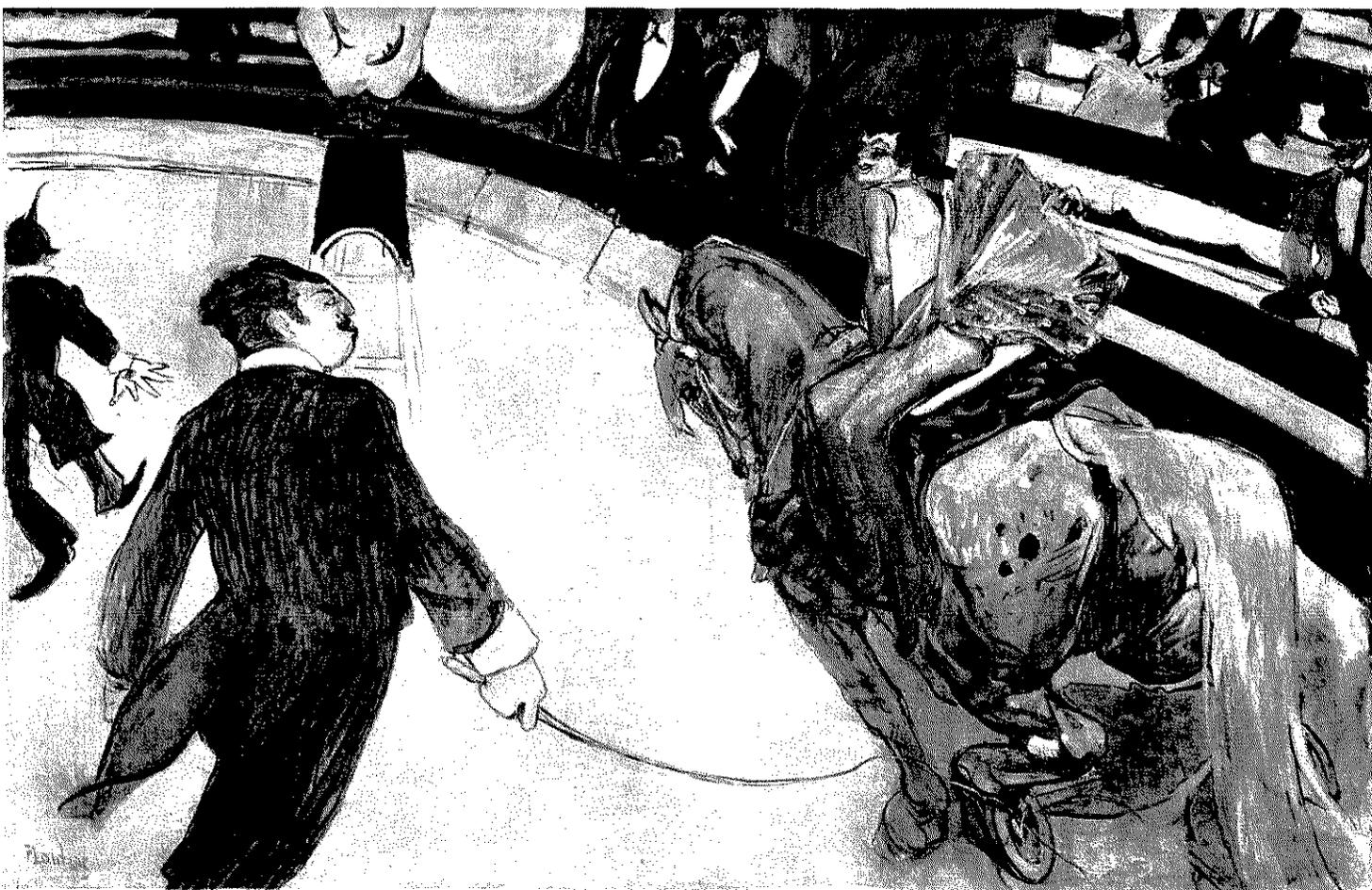


FIG. 25 - TOULOUSE-LAUTREC
NO CIRCO FERNANDO: A AMAZONA. 1888



FIG. 26 - TOULOUSE-LAUTREC
NO CIRCO FERNANDO: CAVALO E MACACO AMESTRADOS, 1899



FIG. 27 - EDGAR DEGAS
MADemoisELLE LALA NO CIRCO FERNANDO, 1879

parte do espetáculo; ela era estimulada ao riso, a gritaria, a expor as sensações de suspense, de medo, de alegria.

“Ao voltar o rosto para o alto, a fim de avistar os equilibristas nos trapézios e arames, cada espectador fitava uma espécie de super-homem, intrépido, ousado, que parecia trazer implícito em cada um dos seus calculados movimentos a potência de sempre acertar ... o fascínio exercido sobre os cidadãos comuns inspira-se na execução de atos emissores de signos de liberdade, desafio e aventura”⁷⁵.

E os atores do circo projetam esses signos a partir do corpo. O seu talento ancora-se em qualidades físicas e é a partir delas que procuram a superação de si mesmos.

Nos espetáculos circenses há uma obsessiva exploração da ultrapassagem de limites ... o auto-desafio é uma constante. O corpo não é um limite das potencialidades humanas mas, pelo contrário, é o seu ponto de partida. Engolem espadas, cospem fogo, lançam fogo pelos olhos ... apresentam a concepção grotesca de corpo numa singular utilização de seus orifícios. Ignoram a concepção de corpo fechado e os limites espaciais definidos pelas regras de civilidade da sociedade burguesa.

Acrobatas, trapezistas, funâmbulos desprezavam o peso de seus corpos, ignoravam a ameaça da queda. Lançavam-se ao espaço como se fossem portadores de asas invisíveis. Aos olhos da platéia, voavam, trocavam de lugar em pleno ar e desenhavam, no vazio do espaço, com seus corpos, linhas imaginárias por onde seguiam. Nas cordas e arames, funâmbulos exibiam o requinte do equilíbrio móvel ... tudo se apresentava numa espantosa harmonia instável⁷⁶.

Em sua instabilidade e ambivalência o circo permitia à platéia transitar entre o mundo mágico de acrobatas, equilibristas e funâmbulos, estes seres que apareciam divinamente humanos, para expressões de aberração - o contorcionista - e assim, para o limite do humano em direção a vida animal.

“Em suas mutações (os contorcionistas) aproximavam-se explicitamente da animalidade, transformando-se em seres como rãs e lagartos ... Mais

uma vez, o público defrontava-se com um universo plenamente material, físico, corpóreo. As possibilidades do artista encontram-se no corpo”⁷⁷.

O sentimento de medo ou de repulsa despertado pelos contorcionistas era seguido pelo descompromisso do palhaço. Cabia-lhe tão somente despertar o riso, um riso completamente alheio a pretensões educativas. Fazer a platéia rir desmedidamente, transformar aquele momento numa grande festa que invade tudo e todos com muito riso.

O riso é uma força vital constitutiva do humano. Nos tempos sombrios e obscuros da Idade Média em que o homem vivia mergulhado no medo, aterrorizado por tudo - pelo natural e pelo divino - o riso desempenhou um papel fundamental no alargamento da consciência humana. Possuía uma relação essencial com a verdade popular não-oficial, fazia parte da visão de mundo cômica e popular⁷⁸.

Seguindo a análise de Bakhtin, enquanto o sério associava-se ao oficial, ao violento, a interdições e restrições, ao medo e a intimidação que dominavam a Idade Média, o riso supunha o domínio sobre o medo. O sentimento do homem medieval em relação ao riso é o de vitória sobre o medo⁷⁹.

No Renascimento, o riso tem um valor muito profundo de concepção de mundo,

“... é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem: é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério ... somente o riso ... pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo”⁸⁰.

O riso trazido pelo circo no século XIX recolocava a inteireza do ato de rir descomedido, o riso grotesco, o riso como visão de mundo. O público “ri as gargalhadas”, se “despedaça de rir”, “se mata de rir” ... ri das ambigüidades do palhaço, das infindáveis pancadarias, do número de vezes em que morre e ressuscita.



FIG. 28 - PIERRE-AUGUSTE RENOIR
O CLOWN NO CIRCO, 1868

“O elogio da ilusão, da agressividade vivida alegremente pelo palhaço, a relatividade da dor e da morte, o descompromisso com valores morais - expresso na baixeza dos ditos e gestos do clown - e a criação de uma corporalidade viva e criativa tornavam o circo um local tentadoramente perigoso”⁸¹.

Razão pela qual havia o desejo não mais contido de redesenhar o lugar do corpo como espetáculo, fosse pela ousadia de gestos de risco, pelo atrevimento das personagens cômicas ou pela ambigüidade de sentimentos causados na exibição das aberrações. Tudo devia tomar outra configuração a partir da ciência.

A ludicidade, magia, risco e alegria, características visíveis do mundo do circo deviam ser abafadas em nome do que se acreditou ser precisão, utilidade, rendimento. Lentamente vai se construindo um deslocamento daquele mundo encantatório feito de plasticidade e magia para os laboratórios de análise do gesto⁸². De um mundo desinteressado e alegre onde o equilíbrio é calculado e avaliado somente pelo prazer de confrontar-se com o risco, onde a ousadia de uma acrobacia responde apenas aos seus efeitos de plasticidade e magia, passa-se para as análises metrificadas dos cientistas. O universo de signos, sentidos e significados daquelas práticas corporais é descaracterizado e atacado com veemência, especialmente pelos médicos.

Vivia-se um momento no qual se desejava criar um corpo civilizado⁸³, onde não existissem excessos, onde os gestos fossem comedidos e, sobretudo, econômicos e úteis a finalidades precisas. O corpo como espetáculo estava fora do receituário de “vida saudável” construído pela sociedade oitocentista, sobretudo pelo discurso médico⁸⁴.

Para o ideário burguês que se desejou universal, tudo teria utilidade, nada podia ou devia ser desinteressado e a finalidade suprema das ações se concentrava no lucro. Até nas exercitações físicas descobriu-se um valor que se relacionava com a produção, quer na indústria, quer na quantidade de filhos para servir ao capital e à Pátria⁸⁵.

Nas análises empreendidas por W. Sombart sobre a formação do indivíduo burguês, destaca-se a necessidade de ... “estabelecer uma ordem lógica nas

atividades e um aproveitamento adequado do tempo, que é o que se poderia chamar de economia das energias”⁸⁶.

Ora, aquela agilidade demonstrada pelos acrobatas e funâmbulos haveria de ser útil. Era preciso pensá-la fora daquele universo que ao olhar burguês se mostrava desregrado, ocioso e “quase” imoral em que nascera. Os acrobatas e funâmbulos eram a má consciência, o irracional dos círculos científicos que elegiam a “Ginástica científica” como prática corporal capaz de contribuir na formação do corpo civilizado. Contraditoriamente, porém, todo aquele universo de ousadia e risco com as atividades corporais feitas no mundo do “teatro do povo”, foi a base da metrificação e classificação científica.

Ciência e técnica como formas específicas de saber, determinarão os ângulos corretos de cada alavanca que possui o corpo visto, como máquina; indicarão o quanto de força é preciso imprimir para um impulso e um salto; quais as partes do corpo (totalmente esquadrihado) são mais resistentes. As atividades corporais então, paulatinamente, são classificadas, analisadas e, meticulosamente, redesenhadas pelas mãos dos homens de ciência. Devem reaparecer no interior de um projeto científico, estético e, sobretudo, distante de seu núcleo primordial.

Surgem então, como o lado verdadeiro de um avesso que deve ser escondido, difamado, olhado com desconfiança porque vindo de um espaço que insiste em não enquadrar-se na metrificação e quantificação burguesa e científica. Se afirmam então como o correto, o verdadeiro, o necessário porque útil. Um mínimo de risco com o máximo de precisão, tendo como consequência “benéfica” a utilidade da ação corporal.

Precisão, sistematização, rigor, experimentação, controle ... é este o universo terminológico no qual mergulha o conjunto das atividades corporais, antes livres e praticadas como rituais de viver.

Pensadores da Antigüidade e do Renascimento são invocados e, muitas vezes, têm suas obras deslocadas e roubadas de sua inteireza para afirmar a Ginástica científica e os novos cânones do corpo limpo e civilizado.



FIG. 29 - PIETER BRUEGEL
O COMBATE DO CARNAVAL E DA QUARESMA, 1559

Um caso exemplar deste deslocamento é o tratamento dado à obra de Rabelais, da qual privilegia-se apenas o seu projeto educativo.

Rabelais vale-se de uma linguagem singular a qual Bakhtin chama de “vocabulário da praça pública”. Sua literatura é cheia de imagens da festa medieval com seus gigantes, anões, loucos e todos os mecanismos de inversão.

Conforme sublinha Goulemot, a literatura de Rabelais erigiria, de modo mais amplo ... “a concepção grotesca de corpo e valorizaria o vil material e corporal contra uma visão ao mesmo tempo aristocrática, cristã, humanista e cortesã do homem”⁸⁷.

Rabelais é, portanto, um autor mergulhado nas imagens grotescas, é um representante da literatura cômica e popular do Renascimento.

... “Costuma-se assinalar a predominância excepcional que tem na obra de Rabelais o princípio da vida material e corporal: imagens do corpo, da bebida, da comida, da satisfação de necessidades naturais, e da vida sexual. São imagens exageradas e hipertrofiadas ... as imagens referentes ao princípio material e corporal em Rabelais (e nos demais autores do Renascimento) são a herança ... da cultura cômica popular, de um tipo peculiar de imagens e, mais amplamente, de uma concepção estética da vida prática que caracteriza essa cultura e a diferencia claramente das culturas dos séculos posteriores”⁸⁸.

Os pensadores da Ginástica ao longo de todo o século XIX, retiram-lhe os vínculos com este universo e realçam apenas o Rabelais ... “médico humanista e pedagogo, (que) se ocupa de uma propaganda aberta da cultura do corpo e do seu desenvolvimento harmonioso”⁸⁹.

Pantagruel⁹⁰ e Gargantua⁹¹, passam a aparecer sempre como ginastas e não como gigantes que, por definição encarnam a imagem grotesca do corpo, são as personagens típicas de toda a cultura cômica e popular da Idade Média e do Renascimento onde se inscreve a obra de Rabelais.

Os pensadores da Ginástica “limpam” a literatura rabelaisiana e extraem dela somente os elementos que apontam para o novo cânon corporal, onde se encontra

“um corpo completamente pronto, num mundo exterior todo acabado ... um único corpo; (que) não conserva nenhuma marca de dualidade; basta-se a si mesmo, fala apenas em seu nome; o que lhe acontece só diz respeito a ele mesmo, corpo individual e fechado ... () Todos os atos e acontecimentos só têm sentido no plano da vida individual: estão encerrados nos limites do nascimento e da morte individuais desse mesmo corpo, que marcam o começo e o fim absolutos e não podem jamais se reunir nele”⁹².

Torna-se necessário sublinhar que, mesmo com toda a força que emana das propostas que inscrevem a Ginástica científica como protagonista oficial das práticas corporais, sobrevive a concepção de corpo do realismo grotesco no circo, na feira, nas várias formas atuais do cômico⁹³. Lugares onde ainda é possível apreciar o acrobata executando um equilíbrio invertido (parada de mãos) como uma grande e calculada brincadeira com o corpo ... um movimento encarnado na vida e do qual ele parte para outras e mais ousadas peripécias corporais. No mundo da ciência e da técnica esta mesma ação receberá um tratamento metuculoso e visará a realização de objetivos tais como o desenvolvimento da força dos membros superiores e da caixa torácica, ao mesmo tempo em que deverão ser enaltecidas a coragem, a vitalidade e a força de caráter. Sua finalidade será, sobretudo, de utilidade: formar o homem forte que produza mais com o menor gasto de energias.

Os grupos de artistas, as companhias de marionetes, os saltimbancos ... homens e mulheres que viviam a liberdade das ruas e nelas ganhavam a vida com suas representações corporais, passam a ser alvo de preocupação de autoridades e de homens de ciência das cidades que julgavam suas práticas subversivas ao novo modelo de práticas corporais protagonizadas pela Ginástica científica, onde havia rigor e fundamentação para cada gesto.

Como já se afirmou aqui, o que predominava como espetáculo e como modelo de atividade física fora do mundo do trabalho para a população em geral eram, precisamente, as atividades circenses e outras exibições de rua, onde funâmbulos e acrobatas ocupavam a cena central.

Aquelas práticas corporais dominavam as atenções e eram consideradas como a verdadeira ginástica aos olhos do povo. Então, como marcar a diferença? Como delimitar os espaços de uma e outra?

Jorge Crespo, analisando este problema em Portugal no século XIX, registra a ira dos médicos que viam as concepções de Ginástica serem “degradadas” pela divulgação de atividades físicas que não se enquadravam no rigor da ciência. Vale-se para tal dos estudos realizados em 1836 pelo médico G. Centazzi na obra intitulada “Considerações gerais sobre os exercícios gymnásticos, e as vantagens que deles resultarão”.

... “He tal o aprôbio que o vulgo tem lançado sobre a palavra Gymnástica, que raro he pronuncia-la em público sem que logo nos não venham á idéia a dança na corda, e os saltos mortaes: no entanto a Gynástica, foi entre as grandes nações, e entre os sábios antigos, huma arte das mais nobres, das mais bellas, das mais cultivadas, e d’aquelas aonde a Hygiene, a therapeutica, e tanto o ramo civil como militar, encontrarão abalisados recursos...

“Hoje, por desgraça, meia dúzia de charlatães puladores tem tomado a seu cargo de a tornar (a ginástica), quase ridícula aos olhos de todos; mas quem não terá visto sobre o tablado dos teatros, ou no meio d’uma praça pública, a par de exercícios ginásticos, exercícios chymicos e físicos, também aviltados pela imperfeita execução deles, de que um vagabundo qualquer lança mão para ganhar preguiçosamente a sua vida e quem deixará apesar disso de conhecer as imensas vantagens que da Física e da Chymica nos resultarão”⁹⁴.

A “Ginástica científica” já estava sendo considerada nos objetivos de construção de um outro mundo, onde todo o dinamismo espontâneo seria redefinido. E o objetivo mais claro neste mundo era o de reunir e preservar as energias já existentes e abundantes no cotidiano e, ao mesmo tempo, libertar este potencial de energia para realizar ações mais eficazes e construir o futuro. Havia um claro propósito de evitar, a todo custo, o desperdício inútil de energias.

Amoros foi aquele que, de certo modo, concretizou um projeto científico e estético redefinindo ali o lugar do corpo na sociedade. As ações corporais, então, surgiam sempre vinculadas a utilidade e a prudência, algo que julgava ausente do mundo do circo, das exposições de feira, lugares que tinham o

corpo como espetáculo. A prudência então era enaltecida pelas palavras de pensadores da antigüidade como Horácio, para quem ... “a força sem a prudência desprende-se dela mesma; quando é regulada pela sabedoria, os deuses se comprazem em auxiliá-la”⁹⁵.

A Ginástica estaria rigorosamente no campo da mais absoluta precisão e segurança, marcando, portanto, a diferença com a ousadia e audácia de funâmbulos e acrobatas. Era como se a Ginástica fosse a representante oficial da sociedade burguesa: produtiva, metrificada, segura, precisa, útil, prudente ...⁹⁶.

Outra demonstração deste desejo estava no tratamento dado ao uso das “máquinas”, que fora por alguns acusada de “Ginástica de circo”. Amoros revidava qualquer acusação valendo-se daquilo que possuía um valor perante a sociedade: as comprovações científicas já amplamente divulgadas.

Apoiava-se para tal empreendimento nos trabalhos desenvolvidos na Suécia por P.H. Ling⁹⁷, portador de grande prestígio nos círculos científicos da França, sendo inclusive considerado como o precursor da Ginástica científica.

Fazendo uso bastante criterioso de aparelhos⁹⁸, a Ginástica sueca desenvolvera um sólido conhecimento básico acerca do tema. O trabalho com os aparelhos incluía não só a execução de exercícios, mas também a compreensão, pelo aluno, de sua construção e das inúmeras possibilidades de modificação de acordo com as circunstâncias de uso. Aos professores cabia o fornecimento de modelos e de dimensões adequadas de cada aparelho, os quais eram então adaptados aos alunos por eles mesmos.

Aparelhos tais como barras, espaldares, trapézios entre outros, possuíam medidas muito precisas que foram codificadas a partir de estudos sobre as possibilidades de cada movimento corporal neles realizados. Suas dimensões estavam, portanto, associadas aos estudos acerca da mecânica dos movimentos que, por sua vez, eram explicados a partir da mecânica das máquinas e, especialmente, da força empregada na execução dos movimentos.

Baseado então na obra de Ling, Amoros pode justificar em certa medida, os aspectos científicos presentes na utilização de aparelhos. Conforme seus estudos, compreende-se que para a utilização correta das “máquinas” é necessário deter-se no estudo da força e de sua aplicação, pois sendo ela ... “uma potência que produz um efeito, pode ser útil ou prejudicial aos interesses públicos e aos interesses particulares, conforme seja bem ou mal empregada”⁹⁹.

Para Amoros, o lugar do mal emprego das forças era o circo, onde os acrobatas em seus aparelhos exibiam proezas feitas com a força física sem considerar e avaliar os riscos decorrentes, sem critérios de segurança e, sobretudo, sem nenhuma utilidade, com o fim único do entretenimento¹⁰⁰.

Na retórica da recusa pelo temor ao circo, não era considerada uma categoria privilegiada de sua existência - o trabalho, uma escola de labor coletivo, de aprendizagem constante que tem início, praticamente, com o nascimento de cada indivíduo que vive no circo. Aprendia-se ali com rigor, disciplina e treinos próprios. Havia ali um trabalho ininterrupto e preciso para a realização de cada espetáculo, para sua preparação e seu sucesso¹⁰¹.

O circo era um lugar de construção e reconstrução de saberes e práticas, de constituição de singularidades. Desse modo, sua forma de existência sempre escapava aos enquadramentos. A transmissão de seus saberes era oral, sem livros que normatizassem e estabelecessem regras, deveres. Seu nomadismo afirmava outras possibilidades de vida¹⁰².

Seus integrantes parecem sempre ter compreendido a sabedoria que pode existir no constante ir e vir, nos trajetos que, como fios tecem a teia da vida, onde

... () “a fixidez é sempre momentânea. É um equilíbrio ao mesmo tempo precário e perfeito, que dura o que dura um instante: basta uma vibração de luz, a aparição de uma nuvem ou a mais ínfima oscilação da temperatura para que o pacto de quietude se rompa e se desencadeie a série de metamorfoses. Cada metamorfose, por sua vez, é outro momento de fixidez ao qual sucede uma nova alteração e outro insólito equilíbrio. Sim, ninguém está só e cada mudança aqui provoca outra mudança lá. Ninguém está só e nada é sólido: a mudança se resume em fixidez, que são acordos momentâneos. Devo dizer que a forma da

mudança é a fixidez ou, mais exatamente, que a mudança é uma busca incessante de fixidez? Nostalgia da inércia: a preguiça e seus paraísos congelados. A sabedoria não está nem na fixidez nem na mudança, mas na dialética que as une. Constante ir e vir; a sabedoria está no instantâneo¹⁰³.

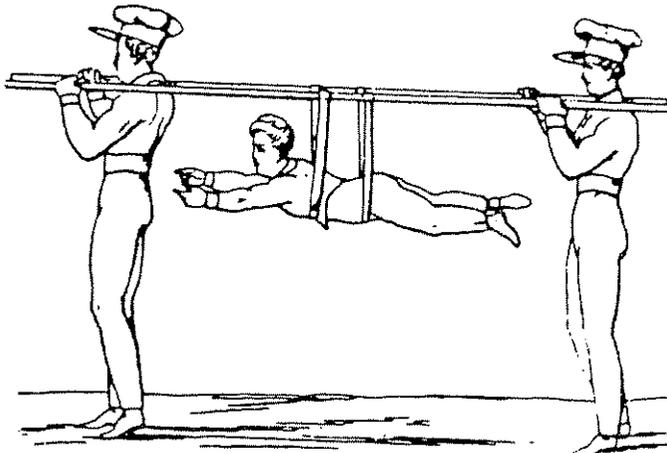
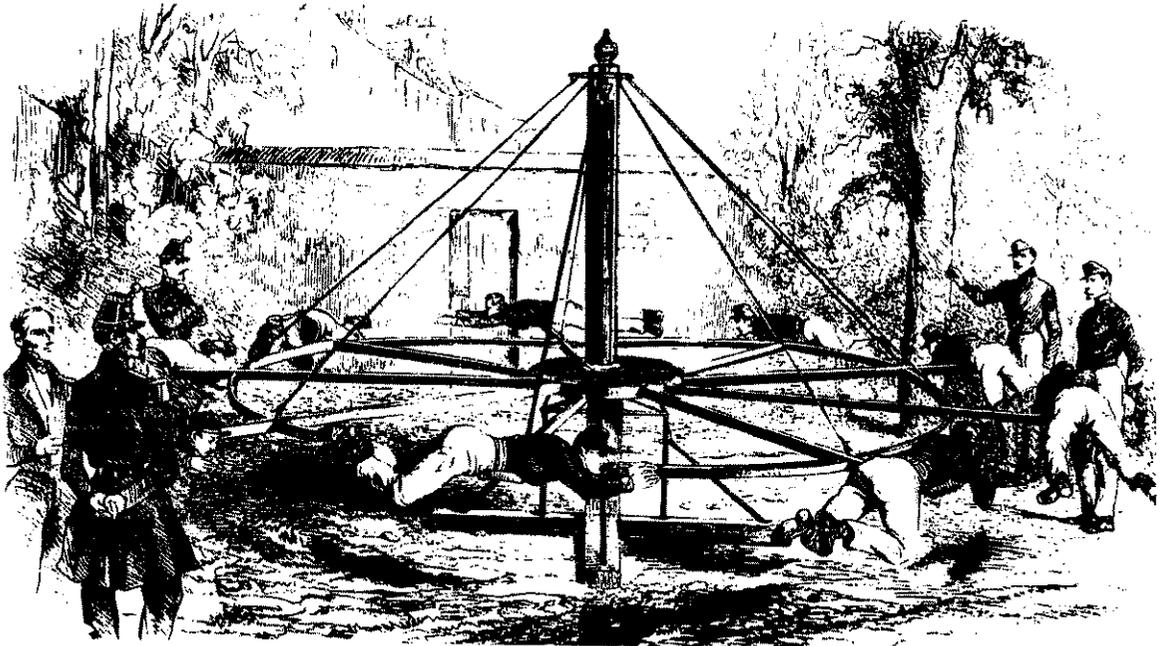
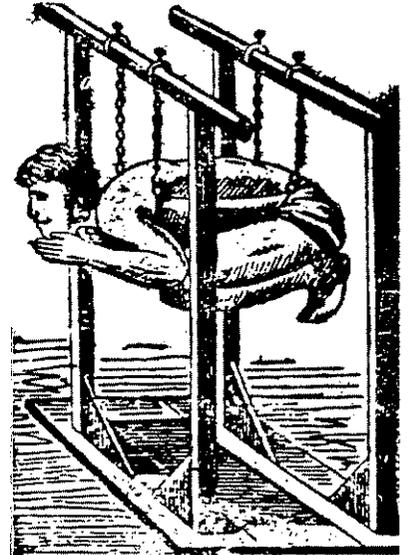
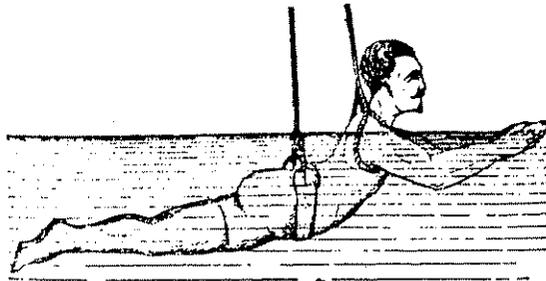
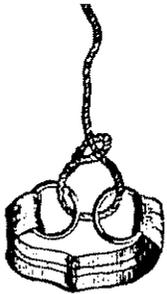
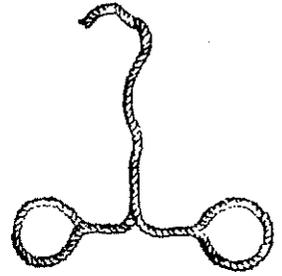
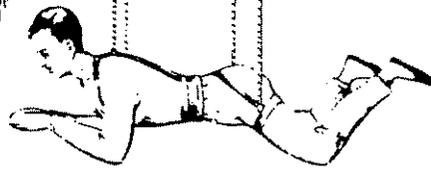
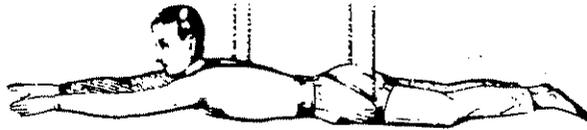
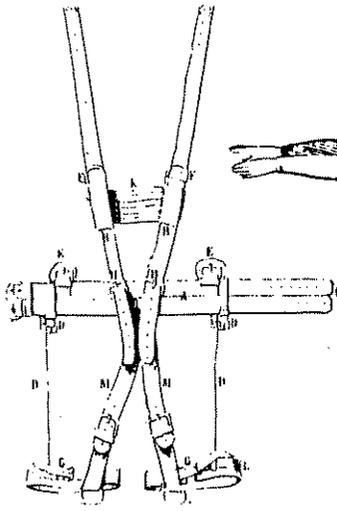
Para Amoros, convicto defensor de uma estética da fixidez e da norma, este universo era assustador. Não cabia na assepsia da nova ordem social que se consolidava. Desse modo, buscava a todo tempo e por todas as formas possíveis, mostrar seu distanciamento do espetáculo circense afirmando-o, tão somente, como uma mera exibição de força física, ousadia e ausência de utilidade e prudência.

Assim, seus aparelhos de Ginástica deviam ser vistos como potencializadores de virtudes morais e qualidades físicas. Eram os estudos de mecânica que explicavam seus usos, dimensões e adequação aos alunos, pois o propósito de Amoros sempre fora o de desenvolver qualidades físicas com aplicação adequada de forças e com fins úteis: salvamentos, combates, disposição para o trabalho ... e tantas outras que envolvam a coragem, a têmpera de caráter, a bondade ...

Com observações desta natureza esperava Amoros comprovar que seu trabalho se definia a partir de enunciados científicos, por comprovações precisas e, supostamente, isentas de erros.

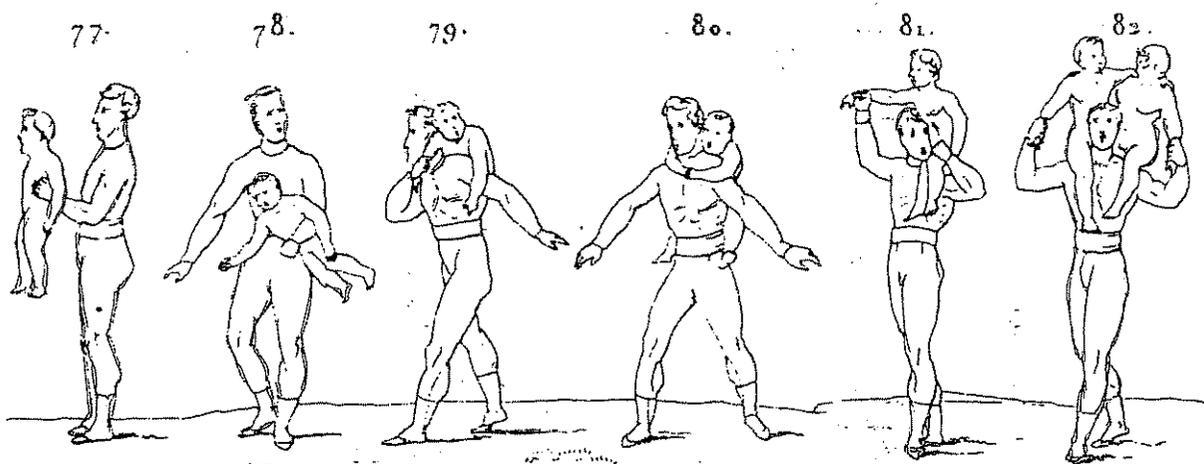
Do ponto de vista de uma pedagogia, havia em sua obra uma preocupação com a progressão dos exercícios e com a utilização, também progressiva, de suas máquinas¹⁰⁴. Seu desejo sempre fora o de transformar todas as ações corporais civis de bravura, coragem, ousadia em “boas ações”. Através da Ginástica, então, era possível enobrecer o homem, torná-lo grande e, desse modo, contribuir para o engrandecimento da humanidade, fim último do método amorosiano.

Amoros indica nos itens gerais de sua obra¹⁰⁵ o ato de nadar nu ou vestido, com fardos e, sobretudo com armas de fogo, bem como o ato de transportar com destreza, corpos incômodos por vezes homens ou crianças. Nestas



1

FIG. 30 - AMOROS. APARELHOS PARA APRENDER A NADAR.



Capitulo X.

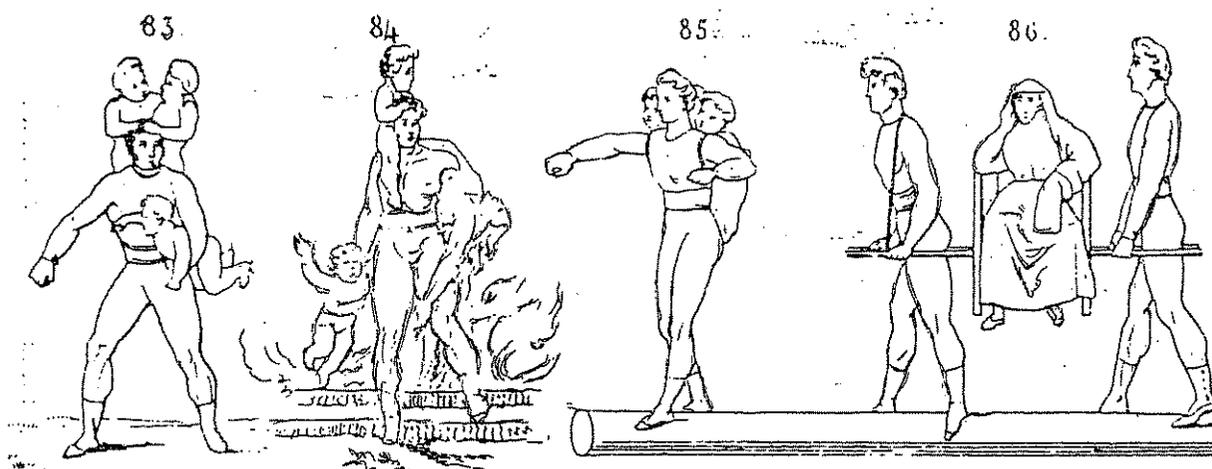
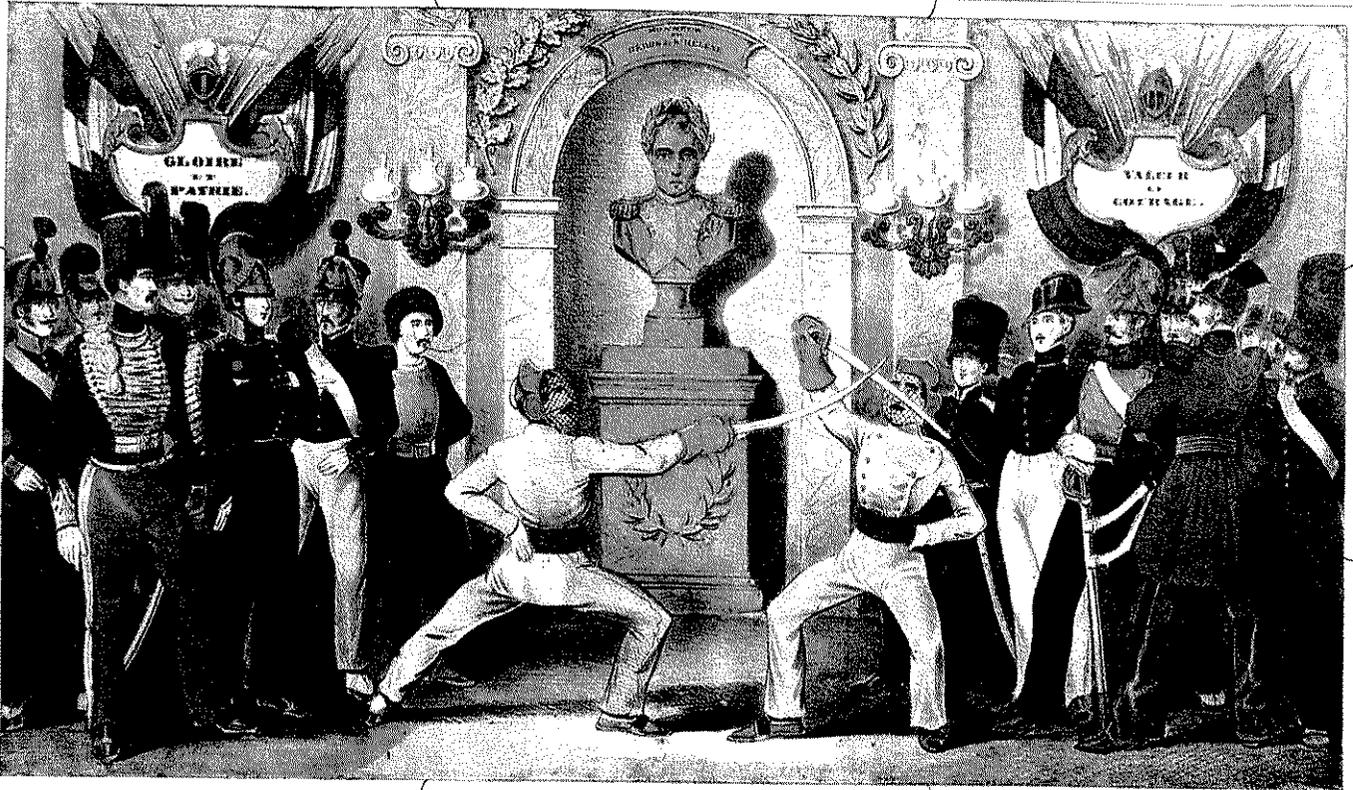


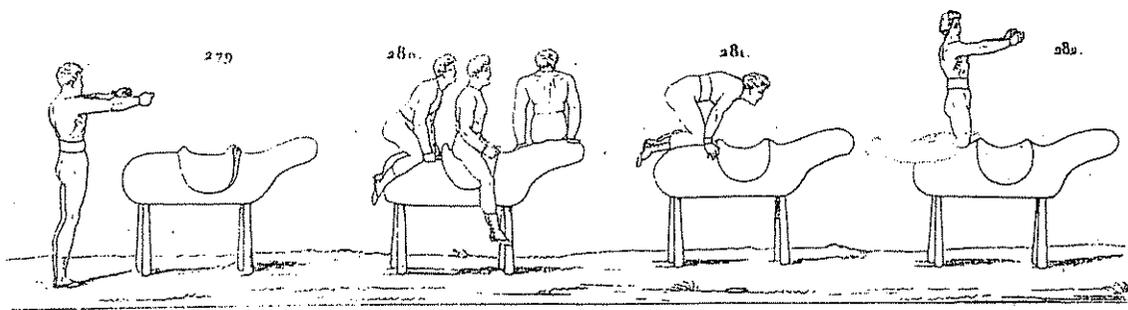
FIG. 31 - EXERCÍCIOS DE SALVAMENTO.

GLORIE A LA FRANCE.

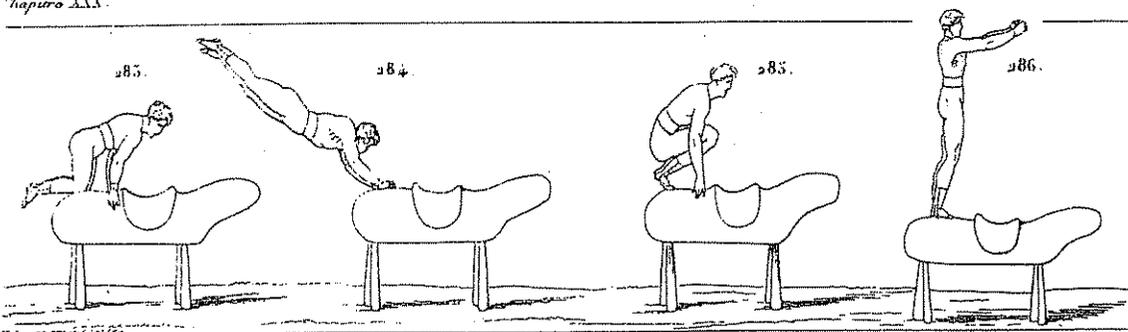


FRATERNITÉ, COURAGE ET CONCORDE.

FIG. 32 - O MANEJO DE ARMAS



Capitulo XXV.



Capitulo XXV.

FIG. 33 - APARELHOS DE AMOROS. SALTOS SOBRE O CAVALO.

indicações quer evidenciar de um lado, a necessidade de precisão e utilidade destes meios ginásticos e de outro, realçar que o salvamento de pessoas é da esfera e do interesse público e não somente militar.

Desse modo havia em sua obra, também, uma atenção especial ao manejo das armas. Em sua opinião elas não podiam estar a serviço dos caprichos e das frivolidades das paixões, motivos recorrentes dos duelos que viviam o seu auge naquele tempo.

Amoros desejava afastar o manejo de armas deste universo das paixões incontroláveis e aproximá-lo de seu mundo limpo. Afirmava a destreza com as armas em sua obra, porque as considerava úteis tanto à aplicações bélicas, quanto ao treino físico e a educação moral. Preparar o indivíduo para o combate e desenvolver a coragem, a têmpera de caráter e a audácia eram as finalidades que estabeleceu para serem alcançadas com este conjunto de saberes onde a esgrima foi eleita como eixo para o ensino do manejo de armas em geral.

Paralelamente à importância atribuída ao uso das armas, Amoros ressaltava em sua obra o ensino da equitação. A afirmação deste ensino era justificada pela utilidade de se obter destrezas físicas de montar e desmontar um animal estando este parado ou em movimento, a passar com ele por rios, elevações e outros obstáculos, além de aprender a fazer os volteios¹⁰⁶, movimentos muito apreciados por aqueles que praticavam a equitação na França oitocentista.

O uso de armas e de animais era algo comum no cotidiano daquela sociedade. Animais e armas eram instrumentos de sobrevivência, de transporte, de trabalho. Todavia, o que Amoros vai pontuar em seu método em relação às armas e aos animais é algo muito diferente e que contém cânones e insígnias específicas, quase ritualísticas. É neste sentido que a esgrima e a equitação não chegaram nunca a ser ensinadas à população em geral, permanecendo como distintivo de classe. A nobreza as incluía no conjunto de suas práticas educativas. Os militares, geralmente advindos da nobreza já possuíam aquele saber. Quanto ao conjunto dos exércitos, o treinamento nas armas e montaria era uma necessidade e

possuía finalidade definida, portanto, o treinamento específico, fazia parte da vida militar.

De um modo geral é possível afirmar que o espírito militar percorre com muito vigor as proposições amorosianas e até mesmo no âmbito da dança, suas indicações privilegiam as danças pírricas, danças guerreiras, de origem dórica, dançadas tanto em Atenas quanto em Esparta. Desde a infância, o homem grego era exercitado nestas danças, cujo objetivo era iniciá-lo nas artes guerreiras do combate. Amoros as incluía em seu método e emprestava dos cantos, os acordes para sua execução. A referência as danças de sociedade era feita somente para afirmar que sua aplicação devia ficar a cargo dos alunos. Já ao fazer referência as danças cênicas ou teatrais, era mais enfático e explicitava sua rejeição. Classificava-as como pertencentes ao funambulismo e, como tal, voltadas a “meras” exhibições, a espetáculos cuja finalidade era somente o entretenimento, razão suficiente para retirá-las de seu plano de trabalho.

Amoros estabeleceu e afirmou com sua obra, uma forte sintonia com a idéia de utilidade que permeava a nova sociedade capitalista. Conforme as análises de Alvin Gouldner,

... “os úteis eram aqueles cujas vidas não giravam evidentemente ao redor do ócio e do entretenimento, mas que cumpriam ramos econômicos rotineiros, nos quais produziam bens e serviços comerciais...”¹⁰⁷.

As idéias amorosianas se inscreviam com intensidade e precisão nesta cultura utilitária. Respondiam, assim, aos apelos de ordem, de disciplina, de fixidez. Atuavam no corpo e, pretendiam, a partir dele, pela auto-disciplina, a extensão desta ordem à sociedade.

Foi este ambiente cultural onde prevalecia a idéia de utilidade que passou a considerar as mulheres, estes seres tratados com indiferença até o século XIX. Amoros concebeu exercícios físicos específicos para as mulheres, pois acreditava que educando-as na arte ginástica, estaria educando as mães e estas, por

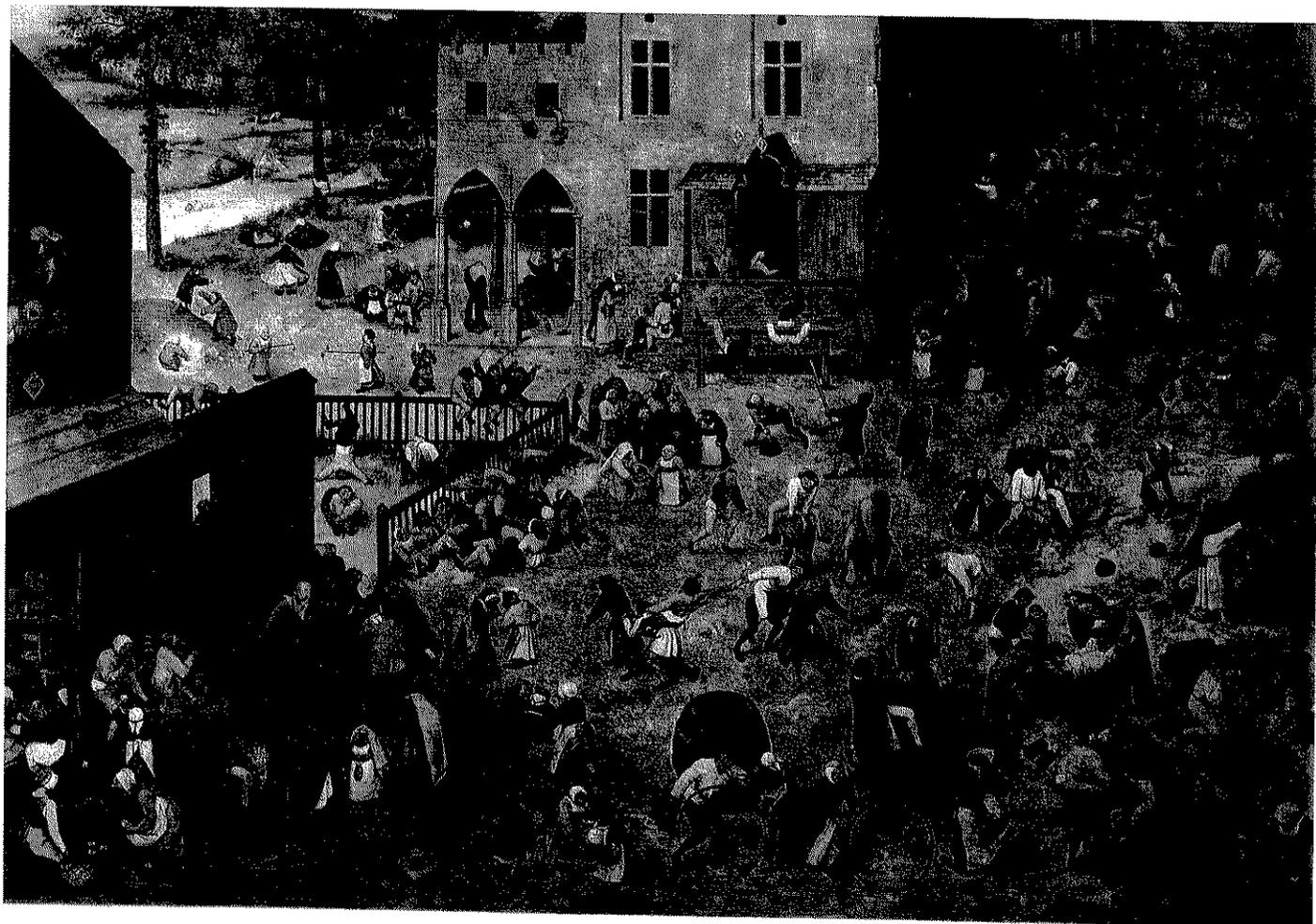


FIG. 34 - PIETER BRUEGEL
JOGOS INFANTIS, 1560



FIG. 35 - FRANCISCO DE GOYA
O BONECO DE PALHA, 1791-1792
OS PEQUENOS GIGANTES, 1791-1792
GAROTOS BRINCANDO DE SOLDADOS, CIRCA 1777-1785

sua vez, carregariam consigo seus filhos que então, desde muito cedo, e guiados pelas mãos das mães, seriam iniciados nesta educação física e moral¹⁰⁸.

Até o jogo, esta primordial forma de relação do homem com o mundo que o cerca foi compreendido por Amoros com caráter útil, como uma atividade que cria ordem, bastando ao professor, somente dirigi-la. O jogo era para ele a atividade que, de modo mais completo e amplo, permitia ao professor conhecer o caráter e os vícios de seus alunos. É no jogo que o aluno encontra-se mais desarmado, sendo mais fácil para o professor, tomar as medidas que desejar para dominar vícios e atitudes pouco civilizadas. Os ódios, as maldades e o acirramento das paixões são tão funestos no jogo como na vida, portanto, dominando-os no jogo por meio da ação segura do professor, o aluno estará pronto para dominá-los em sua vida.

Somadas a estas finalidades morais, o ensino dos jogos também estava voltado para o desenvolvimento físico dos indivíduos. A moldagem do corpo devia torná-lo simétrico, ambos os lados deviam ser igualmente tratados num jogo, especialmente naqueles cujo enredo incluía as ações de lançar e arremessar objetos. Havia nestes jogos a recomendação incisiva da necessidade de se exercitar ambos os lados do corpo, bem como de se ampliar progressivamente a distância para os lançamentos e arremessos.

Esse detalhamento no tratamento do ensino dos jogos demonstrava a preocupação de caráter metodológico de Amoros na busca de treinar, com maior eficácia, as habilidades específicas de arremessar e receber objetos em distâncias variadas, sabendo posicionar-se corretamente para tal ação. A precisão destas ações executadas num jogo, demonstrava a capacidade do indivíduo de reproduzi-las, quando necessário, na vida cotidiana e/ou quando chamado a servir à Pátria nas guerras.

Os jogos para Amoros eram, assim, mais uma possibilidade de treino de ações físicas e morais úteis para a vida diária e/ou militar¹⁰⁹ e em momento algum lembrados como parte significativa da festa popular. Até porque, esta festa popular da Praça Pública também devia ser objeto de controle. Nela havia um gasto



FIG. 36 - PIETER BRUEGEL
A DANÇA DOS CAMPONESES. CIRCA 1568
DANÇA NUPCIAL AO AR LIVRE 1556



FIG. 37 - FRANCISCO DE GOYA
O ENTERRO DA SARDINHA, 1812-1819

desmedido de energias. O controle exercido sobre a festa, contudo, não devia abolí-la mas sim desnaturalizá-la, restringi-la. A festa devia ser enquadrada em racionalizações utilitárias e percebida apenas como necessidade biológica de descanso periódico, de recuperação para o trabalho. Conforme as análises de Bakhtin, ... “A festa é isenta de todo o sentido utilitário (é um repouso, uma trégua, etc). É a festa que, libertando de todo o utilitarismo, de toda finalidade prática, fornece o meio de entrar temporariamente num universo utópico”¹¹⁰.

E era deste universo que também emergiam os jogos, atividades que sempre projetavam inúmeras imagens onde via-se

“uma espécie de fórmula concentrada e universalista da vida e do processo histórico; felicidade/infelicidade/ascensão/queda, aquisição/perda, coroa-mento/destronamento. Uma vida em miniatura desenvolvia-se nos jogos (traduzida na linguagem dos símbolos convencionais), de forma muito direta. Ao mesmo tempo, o jogo fazia o homem sair dos trilhos da vida comum, liberava-o das suas leis e regras, substituía às convenções correntes outras convenções mais densas, alegres e ligeiras”¹¹¹.

Os jogos, com seus códigos e sentidos próprios, profundamente interligados, alargavam o universo utópico da vida em festa com suas predições, adivinhações e augúrios de todos os tipos.

A França, foi um dos países europeus que em grau bem mais elevado teve em seu passado uma alta tradição popular em jogos. Esta superioridade manteve-se ao longo de toda a Idade Média e Renascimento, que inclusive acentuaram e mantiveram o culto e o cultivo destas atividades populares, ... “algumas das quais relacionadas com a vida profissional, mas todas praticadas através dos tempos com caráter periódico nas festividades locais e regionais”¹¹².

Amoros, de certo modo, desejou redesenhar os jogos, apartando-os de um universo de festa e de imagens utópicas. Em seu plano de trabalho os jogos deviam estar à serviço da formação do caráter, deviam ser parte da educação física e moral do homem novo que a sociedade burguesa exigia, portanto, integrados na cultura utilitária.



FIG. 38 - JOGOS. s/d



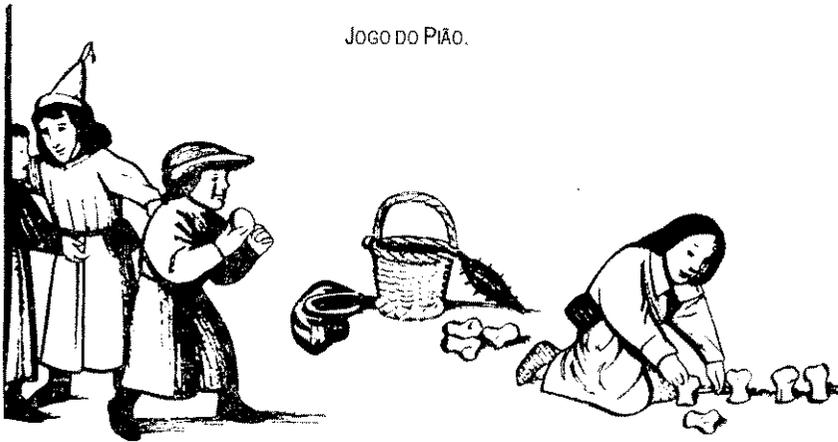
JOGO DE BOLA QUE LEMBRA O CROQUET.



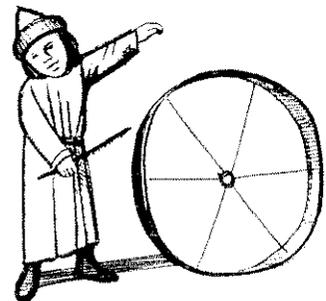
JOGO DO PIÃO.



GOLFE.



JOGO DA MALHA.



JOGO COM ARCO.

Este contexto também o levou a enveredar por discussões em torno de uma moral do trabalho. Se os jogos podiam educar para o trabalho, certamente, os trabalhos manuais potencializavam esta educação. Desse modo os compreendeu como parte da Ginástica e os afirmou como o meio mais adequado para ocupar o tempo das crianças.

Os trabalhos manuais foram, então, enaltecidos e comparados às profissões manuais com o sentido de enobrecê-las. A referência tão pungente a estas atividades, mais uma vez atesta a filiação de Amoros ao pensamento de Pestalozzi.

Conforme os estudos de Los Reys¹¹³, Amoros afirmava ser um homem que considerava todas as profissões dignas e compatíveis com a Ginástica, especialmente as profissões manuais. Desejava que os seus professores de Ginástica tivessem também outra profissão e zombava daqueles que o acusavam por ter em seus ginásios professores que eram também carpinteiros.

Há aqui uma “sabedoria” na interpretação das necessidades que se caracterizavam pela divisão do trabalho e criação de funções novas, cada vez mais específicas a serem desempenhadas. A necessidade de um treinamento físico, mental e, sobretudo moral, nunca fora tão evidente. E Pestalozzi é um dos intérpretes desta ordem social dividida que vai se afirmando com o capitalismo.

Embora as evidências da intervenção humana nos rumos da sociedade já fossem incontestáveis e a ciência já fosse uma nova religião, Pestalozzi acreditava que a ordem social fora criada por Deus, sendo o destino dos homens já traçado. Aceitar sua condição de nascimento sem revolta e desempenhar bem a sua função social “herdada”, significava respeito ao Criador e possibilidade de ser virtuoso, conformando-se com o que lhe fora reservado. Assim, o filho do aldeão seria aldeão, do comerciante, comerciante ... e a vida correria mansa nas veias ardentes deste “corpo social” cujo cérebro era o mercado e cuja alma era o lucro. À educação caberia contribuir com esta situação, desenvolvendo hábitos e atitudes para que os indivíduos aceitassem de bom grado a sua pobreza¹¹⁴.

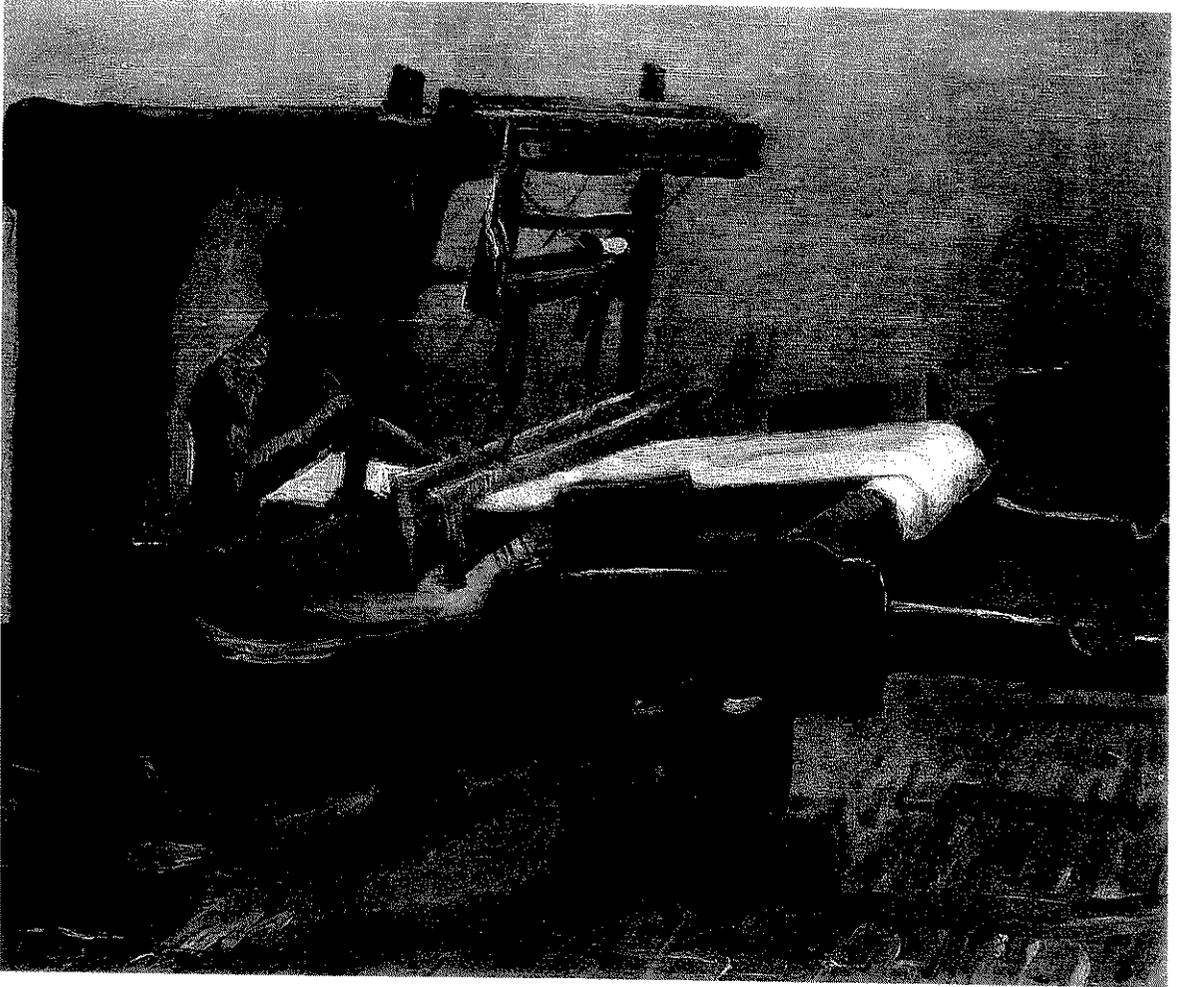


FIG. 40 - VAN GOGH
O TECELÃO, 1884

As virtudes estavam então acima da riqueza e da pobreza. A bondade e as boas ações, de igual modo, eram a própria essência do homem. É dentro deste espírito que se insere a obra amorosiana. E é assim que sustenta a necessidade perene de servir ao Rei, ao Estado e a Deus. Seus estudos mostram ser indispensável a formação específica de um professor de Ginástica.

Basicamente aquela formação seria constituída por um conhecimento no campo da filosofia, lições de canto e de expressão musical. Era forte a idéia de uma educação dos sentidos e de um aprimoramento da sensibilidade. Para moldar o corpo, era necessário um refinamento do espírito.

Os saberes sensíveis constituíam o primeiro momento da formação do professor de Ginástica. De posse deles é que se passava aos conhecimentos científicos, fornecidos pela Anatomia e Fisiologia¹¹⁵.

Estas ciências, pela importância que possuíam na sociedade da época, conferiam legitimidade àqueles que delas faziam uso em suas profissões. No caso da formação do professor de Ginástica, estas ciências permitiam-lhe a compreensão dos movimentos corporais e das suas funções, bem como a possibilidade de proceder a interpretações acerca do caráter de seus alunos, sobretudo daqueles portadores de taras biológicas. Cabe acentuar que, neste período, quando as explicações começam a deslocar-se da Física para a Biologia, o orgânico vai assumindo uma preponderância nas explicações do social dadas pela ciência. Afirma-se neste momento uma naturalização dos fatos sociais, o que permite pensar que os homens surgem determinados por uma natureza biológica que os aprisiona num terrível fatalismo hereditário¹¹⁶.

Para além deste universo de doutrinas biológicas, a formação do professor de Ginástica, na perspectiva amorosiana, comportava ainda um conjunto de saberes bastante singular: a “tecnologia ginástica”, cujo conteúdo era, basicamente, constituído por noções de cálculo e geometria voltadas para a construção, reforma e criação de máquinas e instrumentos para as aulas. A inclusão destes saberes atesta o fascínio que as máquinas em geral despertaram nos homens do século XIX¹¹⁷.

A formação do professor de Ginástica se completava pela compreensão profunda do principal objetivo do método amorosiano, qual seja: desenvolver as faculdades físicas e morais dos indivíduos. As faculdades puramente físicas eram delimitadas em torno da força, agilidade, velocidade, destreza e resistência¹¹⁸. As faculdades físicas e morais eram a regularidade, a graciosidade, o zelo, a energia e, finalmente, a perseverança. Por fim, Amoros destaca as faculdades puramente morais como sendo a sabedoria, a precisão, a temperança, bondade, generosidade e amor ao bem.

Esta formação física e moral perseguida pela Ginástica amorosiana faz surgir uma idéia força própria do romantismo¹¹⁹, qual seja, a reinvenção do herói e a dinamização do mito da nação.

Os alunos de Amoros eram ensinados, até mesmo através dos cantos, a servir ao Rei, à Pátria e à Deus. Deviam ser virtuosos, leais e praticar o bem em qualquer situação. Mas estas características, tão marcadamente aristocráticas, deviam estar vinculadas ao pragmatismo utilitarista da burguesia. As ações deviam ser úteis e não apenas boas ou belas ou leais.

Mas é preciso situar Amoros como um fundador¹²⁰, como aquele que reconhece um terreno já existente, derruba antigos muros para a construção de novas fronteiras e resgata valores heróicos do passado. Acompanha a expansão da racionalidade burguesa vinculada à restauração e aos ideais monárquicos. Vive numa época onde se definiram as classes sociais: uma nobreza que não tem mais poder, uma grande e uma pequena burguesia em franca ascensão, um campesinato e, finalmente, um operariado crescente.

Neste quadro político e ideológico, Amoros falou a voz do monarca, mas baseou seu conteúdo na racionalidade burguesa e assim afirmou uma França conservadora no político e na moral, mas moderna nas realizações de campanha para a construção e consolidação de um estado nacional. Foi porta-voz desse nacionalismo ...

Cabe, todavia, não esquecer os fundamentos de seu método, sua estrutura, dos critérios rigorosos para sua aplicação e, sobretudo, do significado para todo o desenvolvimento da moderna Educação Física.

Conforme os estudos de M. Spivak, é possível afirmar que em seu tempo, primeira metade do século XIX, Amoros soube criar a necessidade da Ginástica, locais apropriados à sua prática - os Ginásios - a aplicação de um método segundo planos determinados e, sobretudo, soube colocar em ação a formação de quadros especializados. Pode-se afirmar "... verdadeiramente que graças ao seu esforço, ajudado talvez por momentos propícios, acabou se criando uma consciência nova, uma mentalidade, uma espécie de mística que seus discípulos souberam depois perpetuar"¹²¹.

As idéias amorosianas são a semente da ginástica científica em solo francês. Seus continuadores irão radicalizar a necessidade da ciência, esta nova deusa que já reina absoluta sobre os homens e, assim, estender a Ginástica a um número maior de pessoas. O reduzido número de praticantes de Ginástica desde finais do século XVIII até meados do século XIX deverá ser aumentado.

Após a Revolução de 1848 e durante todo o 2º Império, constata-se um acentuado desenvolvimento da Ginástica. Ela passa a ser comercializada e

"... vista como um negócio em benefício de uma sociedade que troca de atitude e começa a por em moda a cultura e a força. Reina então um ambiente muito favorável para o corpo, uma boa disposição da mentalidade e a convicção republicana que reconhece sua educação e substitue a nutris pelo médico, os militares e os professores. Neste clima propício, o corpo se converte em objeto de cuidados, os quais vão muito além da ginástica corretiva, ou seja, da ortopedia. Junto dos exercícios nobres, os jogos tradicionais gozam também de certo prestígio e a novidade radica, sobretudo, no uso que deles faz a nova sociedade que se forma depois da revolução"¹²².

Com Amoros, cria-se uma paixão pela cultura do corpo e se revela um verdadeiro modelo de aprendizagem coletiva do exercício. Surge com ele um tipo de sistematização e aprofundamento que irá se generalizar na segunda

metade do século XIX, sobretudo com os estudos de Marey e Demeny. Aquele que ensina Ginástica começa a ter uma competência afirmada.

Todavia, conforme as análises feitas por Vigarello¹²³, essa competência se dá com o apoio da Medicina ou, melhor dizendo, sob a tutela desse saber. E aquele que ensina Ginástica viu-se, entre algumas técnicas do Exército e a autoridade da Medicina, condenado a uma autonomia servil.

O ensino da Ginástica se integrava, no início do século XIX, à busca tanto de eficácia militar quanto de eficácia no trabalho. Os corpos cujas qualidades e destrezas físicas eram determinantes para a sobrevivência do indivíduo e da ordem social que se afirmava, deviam ser formados para funções sociais definidas. A sociedade necessitava de soldados, operários e mães.

Objetivava-se uma eficácia do movimento, um domínio do corpo com finalidades de aplicação precisas do gesto nas guerras e na indústria. Cabia à Ginástica ajudar a recuperar e manter a saúde.

Quando o tema da degeneração física, na França, mostra-se em contornos nítidos à sociedade do século XIX, são colocadas em relevo práticas que podem diminuí-la e até estancá-la. A Ginástica, então, impõe-se como modelo técnico apropriado à educação não só à eficácia, mas também à economia e conservação das energias humanas.

É possível afirmar que as prescrições amorosianas sobre o exercício físico permaneceram como referência após sua morte em 1848.

Até os quixotes do cientificismo do século XIX, Bouvard e Pécuchet, personagens de G. Flaubert, se valem daquelas prescrições para efetuarem a sua ... “patética e hilariante travessia do saber”¹²⁴.

Flaubert fez um estudo minucioso da obra amorosiana descrevendo-a em detalhes, com rigor e precisão, no capítulo VIII de seu Bouvard e Pécuchet¹²⁵.

Há um momento no qual aquelas personagens se debruçam sobre manuais científicos que tratam dos cuidados de si. É ali que Flaubert introduz a idéia em voga da utilização da Ginástica como meio de melhorar a saúde e o

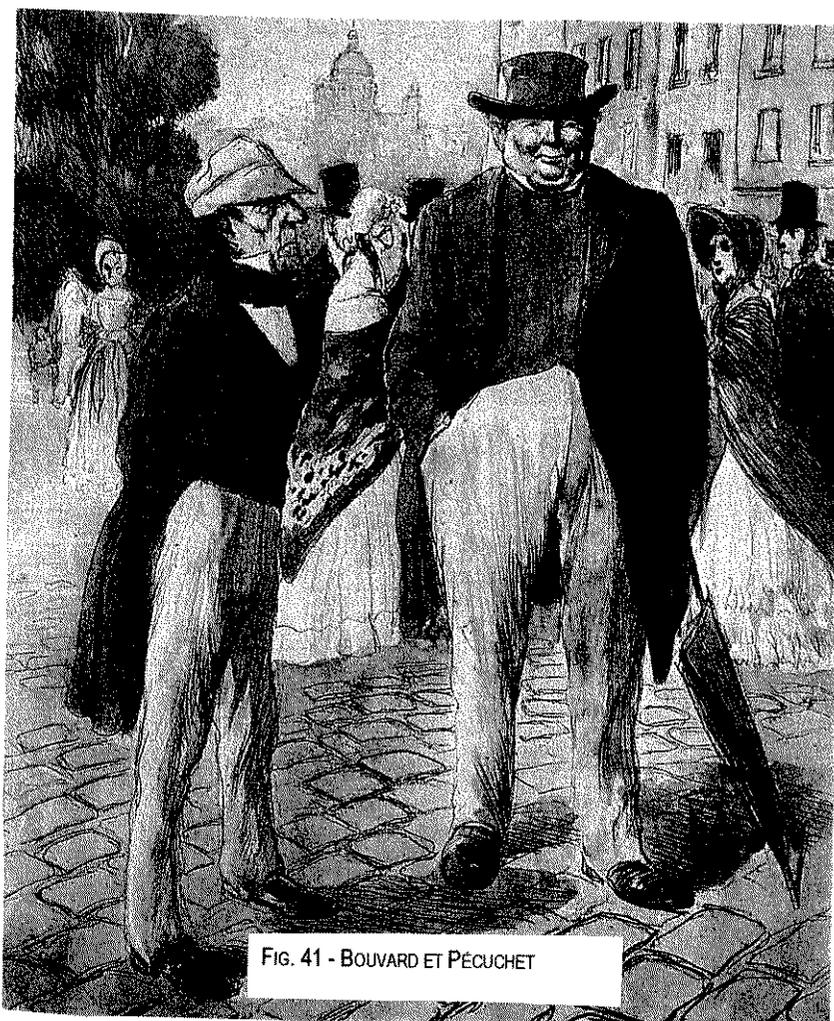


FIG. 41 - BOUVARD ET PÉCUCHE

temperamento. Para tal, suas personagens passam a consultar o manual de Amoros no qual encontram ilustrações precisas sobre o modo de exercitar-se, observando-as então com a máxima atenção. ... “Aqueles jovens de cócoras, de tronco fletido, de pé, dobrando as pernas, abrindo os braços, mostrando o punho, erguendo fardos, cavalgando traves, subindo escadas, cabriolando nos trapézios...”¹²⁶.

Ao mesmo tempo que observam com deslumbramento as ilustrações, se ressentem da impossibilidade de possuírem um Ginásio e um vestibulo para os aparelhos que sobre eles, exercem enorme fascínio. Se entristecem pela falta de um hipódromo, de uma piscina, de uma montanha artificial...

Superando o desencanto das ausências, passam a improvisar aparelhos. Uma tília abatida no jardim serve-lhes de mastro horizontal, cabos de vassoura se transformam em bastões ortossomáticos, pedaços de freixo¹²⁷ torneados pelo carpinteiro da casa substituem a falta de halteres. Animados, seguem as indicações de Amoros e passam a pular fossos e a saltar valas com o auxílio de varas e

... “Para seguir as prescrições do manual, procuraram tornar-se ambidestros, ao ponto de se privarem da mão direita temporariamente. Fizeram mais: Amoros indica os versos que se devem cantar durante os exercícios, e Bouvard e Pécuchet, marchando, repetiam o hino de nº 9: um rei, um rei justo é um bem sobre a terra ... E quando batiam no peito: Amigos, a coroa e a glória ... Durante a corrida: seja nosso o animal tímido! Atinjamos o cervo rápido! Sim, nós venceremos! Corramos, corramos, corramos!”¹²⁸.

O requinte de detalhe da literatura de Flaubert põe em relevo os aspectos mais significativos da obra de Amoros tais como a sua Ginástica elementar, o canto, a utilização de aparelhos, o ginásio e ainda a importância da Ginástica como meio de salvamento, aspecto que exaltava os ânimos de Bouvard e Pécuchet.

Flaubert escrevia tomado pela idéia de exatidão, de exatidão máxima entre palavras, frases, objetos, movimentos. Esta sua procura por exatidão,

traço característico dos romancistas realistas, revelava a influência da exatidão científica, dos métodos científicos sobre a realidade vivida. Sua objetividade porém, esteve sempre mergulhada na ironia e, desse modo, colocou em relêvo a cegueira humana, a cegueira daqueles que acreditam cegamente em suas próprias criações¹²⁹.

Observador sistemático, Flaubert faz uma literatura que bem pode servir de espelho da realidade, da natureza, da condição humana, enfim, da sociedade dos homens. A literatura é expressão das contradições humanas, de suas grandezas e misérias. É este seu papel como arte.

Bouvard e Pécuchet são heróis que permitem-lhe ironizar a crença absoluta depositada na ciência, nos livros e preceitos científicos como lugares onde se aprende tudo.

... “Para os simplórios autodidatas, cada livro dá acesso a um mundo, mas são mundos que se excluem mutuamente ou que com suas contradições destroem toda possibilidade de certeza. Por mais boa vontade que tenham, falta, aos dois escriturários aquela espécie de graça sugestiva que permite adequar as noções ao uso que delas se quer fazer ou ao gratuito prazer que delas se espera tirar, dom esse que não se aprende nos livros”¹³⁰.

Bouvard e Pécuchet apresentam, assim, o deslumbramento do homem comum com o conjunto de verdades, de conquistas e de soluções que a ciência e a técnica revelam no século XIX. A Ginástica era, para eles, mais um campo de saber que aparecia explicado, sistematizado e passível de ser utilizado como meio eficaz de recuperação e manutenção da saúde.

A utilização do Manual de Amoros por Flaubert em seu romance, permite inferir que havia, na sociedade francesa, a divulgação ou, talvez, popularização da Ginástica científica. E as prescrições amorosianas mostraram-se acessíveis à população civil marcando, ao mesmo tempo, um distanciamento das práticas circenses, dos acrobatas de rua e dos artistas de feira.

Isso tudo revela o que Amoros conseguiu: criar algumas condições para a Ginástica tornar-se parte efetiva de uma mentalidade científica.

Este processo, então, vai permitir que se obtenha uma compreensão bem mais elaborada do exercício físico ao longo de todo século XIX.

Da idéia predominante de modelagem do corpo caminha-se para a idéia de adestramento do corpo. Esta concepção, repleta de indagações, começa a encontrar respostas em um novo modelo de ciência que é fornecido pela termodinâmica - o modelo energético¹³¹. À este modelo soma-se o conceito de evolução cunhado por Darwin¹³² a partir da História Natural e se obtém, então, as bases para a elaboração de uma concepção de corpo adestrado.

Este novo modelo não implica em abandono total das primeiras sistematizações traçadas por Amoros¹³³, mas sim, uma retomada a partir de novos parâmetros.

A sociedade francesa, então, acentuou o seu combate à toda empiria e as demonstrações de força em exposições espetaculares do corpo. Desejava uma educação física, mas não aceitava mais atletas de feira nem soldados como instrutores.

Este desejo criou uma forte reação no âmbito estatal, na iniciativa privada e nos círculos científicos. E foram estes últimos que buscaram respostas práticas para atender aquele desejo da sociedade.

Os círculos científicos no século XIX estavam, ainda, investidos de uma aura deificada que a sociedade lhes imprimira. Suas proposições, geralmente aceitas, apareciam como verdades a serem seguidas, crenças a serem cultuadas. O caráter múltiplo e contraditório das práticas humanas, e a ciência é uma delas, foi sempre, deliberadamente ocultado.

No século XIX, a partir da Biologia e da História Natural, novos conceitos do homem e da vida em sociedade foram estabelecidos e com eles, contraditoriamente, formas de dominação aceitas porque cientificamente “explicadas” e “comprovadas”. O darwinismo por exemplo, com o conceito de evolução forneceu os melhores argumentos de caráter biológico para afirmar a liberdade de mercado e a não intervenção do Estado na vida econômica. A sociedade, este grande organismo vivo que evolue do inferior ao superior, deveria

deixar funcionar a seleção natural e a livre competição. Vence o mais forte, o mais apto, “naturalmente”¹³⁴.

Nesta segunda metade do século XIX há um deslumbramento em relação às descobertas científicas no campo biológico. Florescem as teorias raciais¹³⁵ e predominam os estudos acerca do desenvolvimento da sociedade a partir de explicações fundadas em leis biológicas. No campo da Medicina, são abandonados o discurso e prática da medicina social¹³⁶ que procuravam demonstrar a origem e a causa das doenças a partir da realidade social excludente forjada pelo capitalismo.

No romance *Germinal*, de E. Zola, há um contorno nítido de imagens que apresentam a realidade social sem disfarces, esta mesma realidade que fora objeto de atenção da medicina social.

Naquele romance Zola busca criar personagens reais, um meio real e oferecer ao leitor ... “um fragmento da vida humana”¹³⁷. Uma de suas personagens é o médico Vanderhaghen. Ele “atende” aos chamados do cortiço onde moram os mineiros, personagens centrais de *Germinal*. Aquela moradia, nas mãos de Zola, era a própria expressão da exclusão social e escravidão que fora imposta, pelo capitalismo, ao chamado “trabalhador livre”. ... “Vivia-se ali como sardinha em lata; de uma extremidade a outra, e nada da vida íntima se conservava oculto, nem mesmo para as crianças”¹³⁸.

O Dr. Vanderhaghen, ao chegar ao cortiço aproxima-se imediatamente da enferma, uma meninazinha, de nome Alzira, nascida já com acentuado desvio cifótico em sua coluna vertebral, que mal lhe permitia ficar em pé. Aquele corpinho aleijado tornava-se ainda mais frágil pela falta de alimento, de luz, de ar puro nas cercanias das minas. A descrição de Zola do estado de Alzira é singular:

“Desembrulhada da sua coberta, a pequena tiritava à claridade dúbia, de uma magreza de ave agonizando na neve. tão mirradinha, que nem se via a corcunda. Contudo, sorria, com um sorriso desvairado de moribunda, os olhos muito abertos, enquanto as mãozinhas se lhe crispavam sobre a cavidade do peito”¹³⁹.



FIG. 42 - GERMINAL

O Dr. Vanderhaghen, vivendo aquela realidade todos os dias, mesmo não possuindo convicções políticas, curvava-se ante a crueza daquela cena e admitia que Alzira morrera de fome: ... “Ela morreu, mas foi de fome, a tua pequena. E não é só ela, ainda agora vi a outra, ali ao lado ... Todos me chamam, e eu não lhes posso ajudar; o que vocês precisam é de carne”¹⁴⁰.

Mas apesar de ser óbvia a constatação de que a doença era a expressão mais “viva” das condições de miséria a que estava submetida a maioria da população, afirmava-se de modo contundente a medicina bacteriológica, cujas descobertas vão permitindo a recondução dos procedimentos médicos aos limites do orgânico. As doenças infecciosas poderiam, então, ser explicadas nos seus aspectos bacteriológicos e não seriam mais “perturbadas” por reflexões e considerações sociais de políticas médicas¹⁴¹.

O desenvolvimento da Ginástica francesa que floresce neste momento, transforma esta prática em mais uma receita destinada a melhoria da saúde e ao aprimoramento moral dos indivíduos e da sociedade, distante da compreensão de que aquela suposta melhoria, estava intimamente ligada a uma alteração radical das condições de vida, daquela vida retratada com tanta força, por exemplo, na obra de Zola.

Embora alguns estudiosos da Ginástica deste período façam alusão ao elevado índice de mortalidade e baixa longevidade da população urbana parisiense, as prescrições ginásticas tendem a uma crescente afirmação e aceitação como prática quase redentora, senão pelos seus efeitos físicos, por aqueles de natureza moral.

Fruto da abordagem de ciência típica do século XIX - o positivismo - a Ginástica científica segue seu curso e aprimora-se, de certo modo alheia as dores e misérias das muitas “Alziras” que povoavam as minas, os campos e as cidades da França oitocentista.

A afirmação da Ginástica a partir dos trabalhos de Amoros, se dará, particularmente, pela contribuição de estudos específicos no campo da Anatomia, Fisiologia e análise do movimento humano. À estes estudos somam-se

aqueles desenvolvidos para a Ginástica acentuando o seu possível caráter terapêutico¹⁴².

Ganham destaque, sobretudo, os estudos relativos as doenças pulmonares e aos problemas respiratórios. A Ginástica passa a compor a terapêutica daquelas doenças e a ênfase à uma educação da respiração é acentuada.

Os estudos sobre a respiração partem de conhecimentos já consolidados no campo da Química, ciência que estabelecera uma ordem em suas complicadas experiências empíricas desde o século XVIII. Elucidara por exemplo, processos químicos fundamentais como a combustão e elementos químicos fundamentais como o oxigênio¹⁴³.

Assim é possível constatar o início de um 2º momento da Ginástica na França que, embora pontuada por questões militares, estará muito próxima de cientistas, médicos, higienistas e laboratórios.

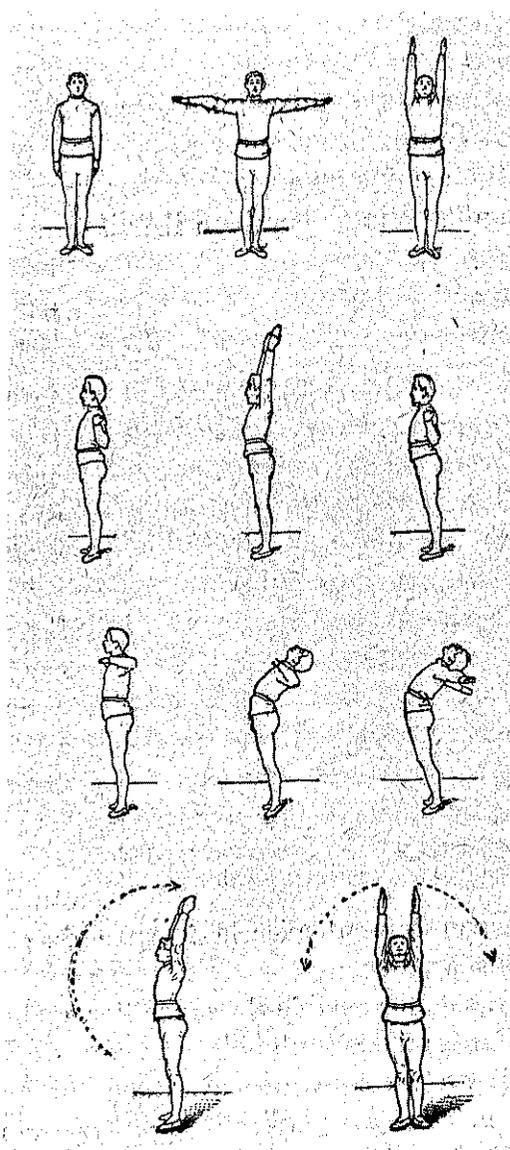
O corpo torna-se cada vez mais objeto de estudos e cuidados. Multiplicam-se as pesquisas sobre o movimento e sua utilização na vida cotidiana e, particularmente, no mundo do trabalho.

Os estudos no campo da Fisiologia avançam e permitem análises mais precisas sobre o esforço, a fadiga e a repetição de gestos do trabalhador.

Cientistas franceses que se dedicam ao estudo do exercício físico mantêm alguns princípios das prescrições suecas, porém, procuram apoiar-se, sobretudo, na Mecânica, na Higiene, na Patologia, Anatomia e Fisiologia.

São as preocupações com a produção que fazem avançar as pesquisas sobre o uso adequado de forças e a economia de gestos necessários à uma dada ação. O corpo vivo, em movimento, passa a ser visto como o centro do aparelho produtivo¹⁴⁴.

Com a utilização progressiva e cada vez mais específica de máquinas no mundo do trabalho, a força física teve sua importância bastante reduzida para a população. O relevante passou a ser a obtenção e sustentação de uma outra qualidade física, a resistência e, sobretudo, a resistência ao desgaste



Signes

1 ^{er} Exercice		
2		3
4		5
6		7
8		9
10		11
12		13
14		15
16		17

FIG. 43 - NOTAÇÕES DE EXERCÍCIOS RESPIRATÓRIOS E EXERCÍCIOS RESPIRATÓRIOS

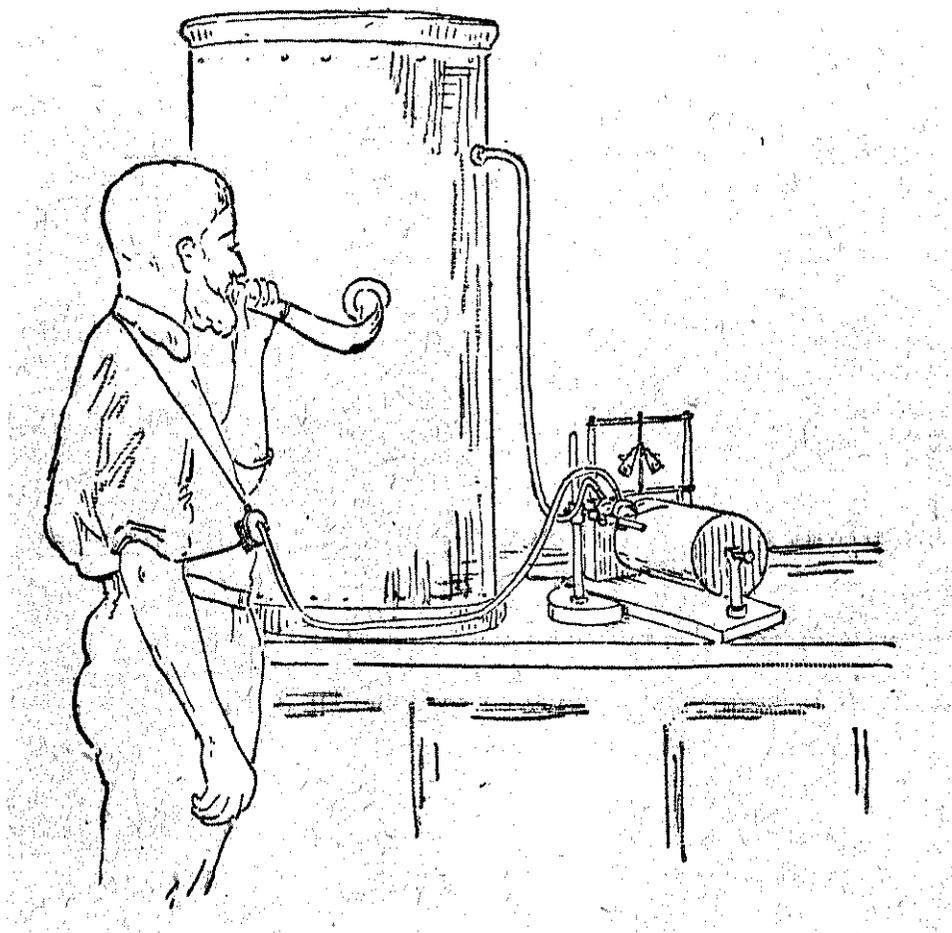


FIG. 44 - DISPOSITIVO EXPERIMENTAL PARA REGISTRAR OS MOVIMENTOS DO TÓRAX, DO ABDOMEN E TAMBÉM O DÉBITO DE AR EXPIRADO DURANTE O CANTO.

nervoso, a fadiga. Desponta então uma nova ciência, a ergonomia¹⁴⁵, ciência da fadiga, das relações entre o homem e a máquina no processo de trabalho.

Em Paris, nos anos 80 do século XIX, no Centro do Parque dos Príncipes, há um laboratório de análise do movimento onde o já renomado médico e fisiologista Etienne Jules Marey* se dedica a pesquisas fundamentais sobre o movimento contínuo realizado pelo trabalhador.

Utilizando a cronofotografia¹⁴⁶, um método que permitia a análise do movimento por meio de fotografias tiradas sucessivamente e com iguais intervalos de tempo, Marey procedia a estudos de seu objeto privilegiado: o corpo em movimento.

Como colaborador de Marey e chefe da estação de Fisiologia daquele laboratório, encontramos George Demeny*. Ambos trabalharam juntos também no laboratório do Colégio de França e produziram, durante 15 anos, os estudos mais exatos e rigorosos sobre a locomoção humana e os movimentos do homem em geral. Foram Marey e Demeny que criaram os processos precisos do método gráfico, cronográfico e até mesmo o cinematográfico para a compreensão do movimento humano a partir de estudos do movimento dos animais¹⁴⁷. Suas pesquisas, somadas as de outros cientistas da época, permitiram um novo e decisivo impulso às questões relativas à Educação Física.

Apoiados em novas e importantes sínteses teóricas, como por exemplo, a descoberta das leis da termodinâmica que permitiram a compreensão das relações entre calor e energia, consolidaram para o estudo dos gestos humanos, uma racionalidade dada a partir da máquina.

O corpo humano é visto então como ... “um conjunto mecânico animado por um motor cuja combustão invisível deve ganhar em eficiência que pode ser medida”¹⁴⁸.

A linguagem industrial e seus cálculos de rentabilidade consolidam-se como fontes de analogias com as pesquisas sobre o gesto. Elabora-se com requinte um modelo de corpo útil e uma tecnologia do orgânico se conceitualiza com a finalidade de fazer crescer a chamada eficácia funcional¹⁴⁹.

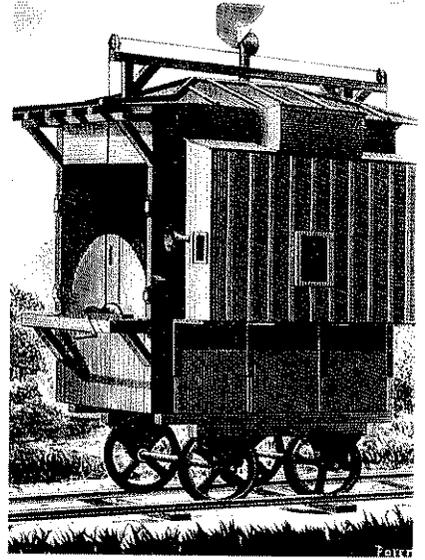
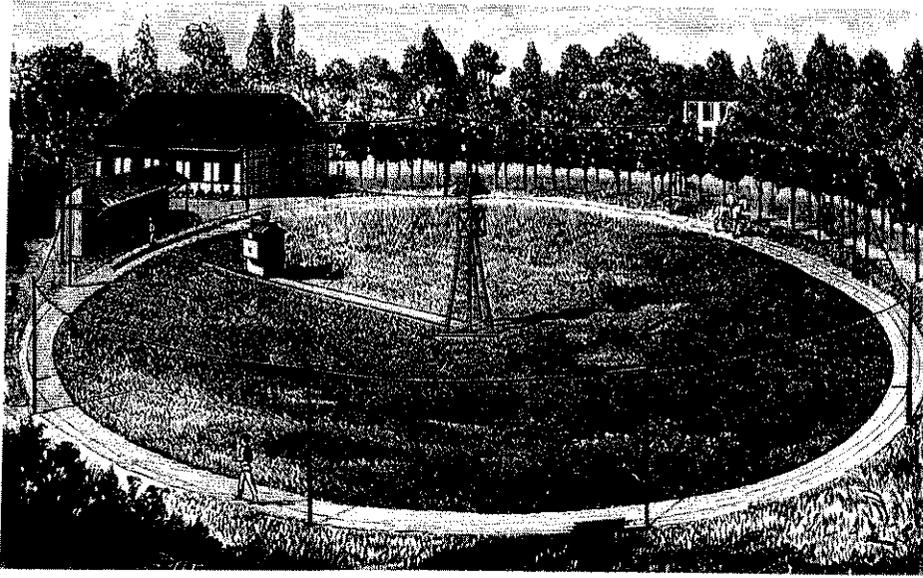


FIG. 45 - ESTAÇÃO FISIOLÓGICA DO PARQUE DOS PRINCIPES.



FIG. 46

A large, stylized handwritten signature of Georges Demeny in cursive script, written in black ink on a light background.

Georges DEMENY nasceu em Dowai, França, em 12 de junho de 1850. Entre os anos de 1860 e 1872, seguiu o curso de Matemáticas especiais e em seguida, na Sorbone, em Paris, dedicou-se ao estudo da Fisiologia. Biólogo, fisiologista e pedagogo. Fundou o Circulo de Ginástica Racional, cuja atividade incluía cursos, palestras e publicações destinadas aos professores que ensinavam Ginástica.*

Juntamente com o médico e fisiologista E. J. Marey, fundou a Estação Fisiológica do Parque dos Príncipes e dirigiu o laboratório de Fisiologia de 1880 até 1894.

No ano de 1900, organizou o Congresso Internacional de Educação Física. Os debates desse Congresso permitiram reformas na Armada e suas teses e conclusões propagaram-se pelo estrangeiro.

Em 1902, organizou o curso de Educação Física da Escola Normal e Militar de Joinville le Pont e foi nomeado professor de Fisiologia. Nesta escola, também organizou o laboratório de pesquisa fisiológica. No ano de 1903, organizou o primeiro curso superior de Educação Física na França - Lycée Janson-de-Sailly.

Georges Demeny morreu em Paris, em 26 de dezembro de 1917.

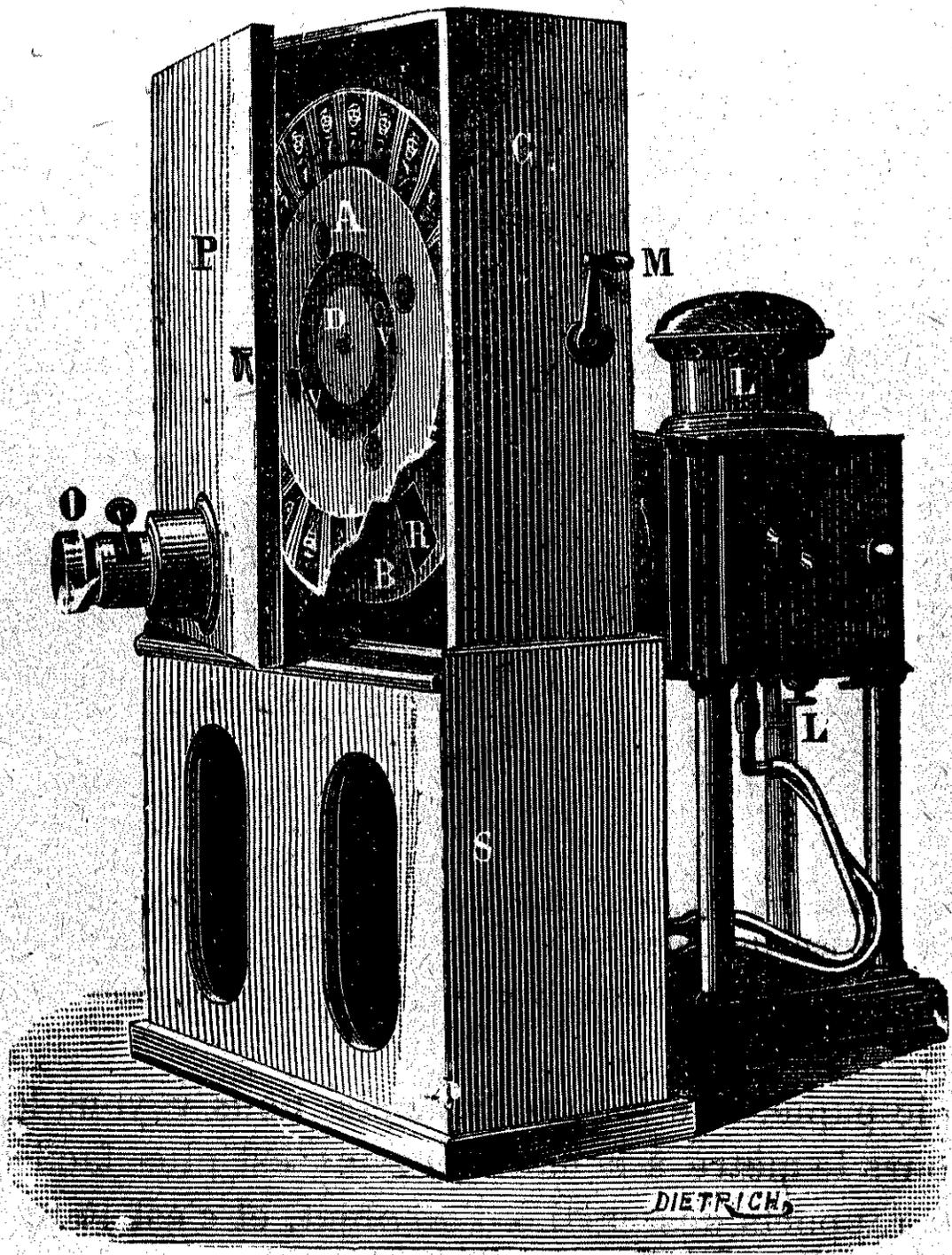
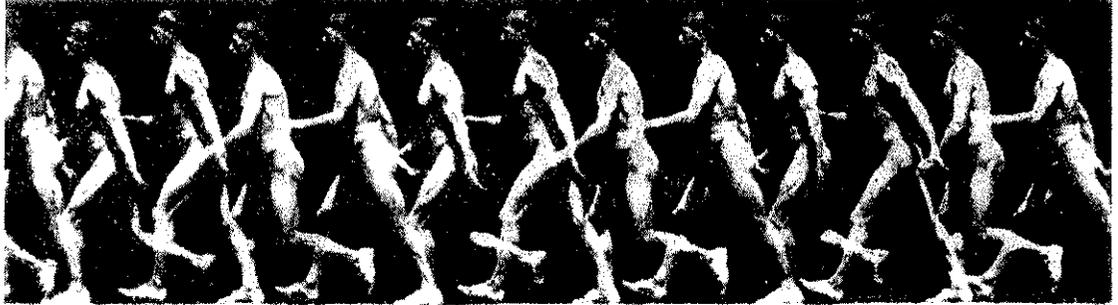


FIG. 47 - FONOSCÓPIO DEMENY.



1756



1758

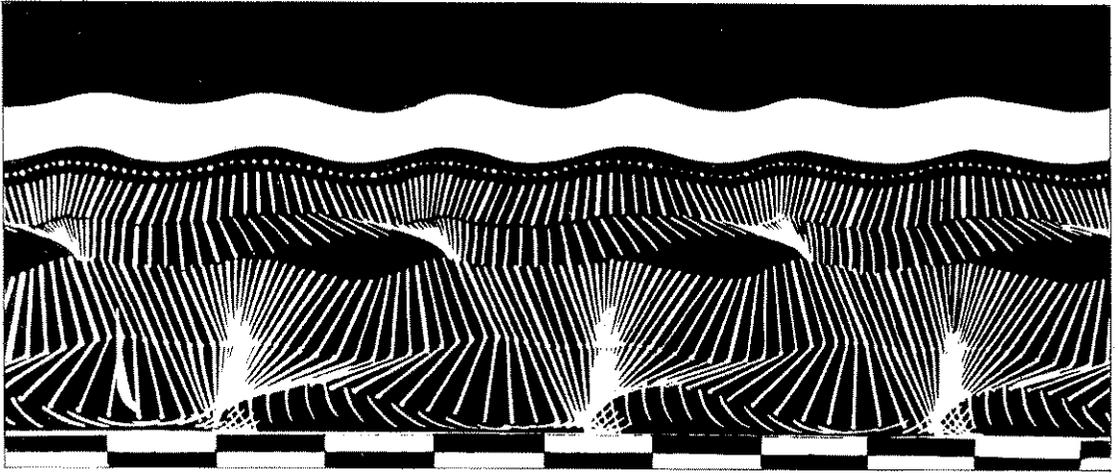
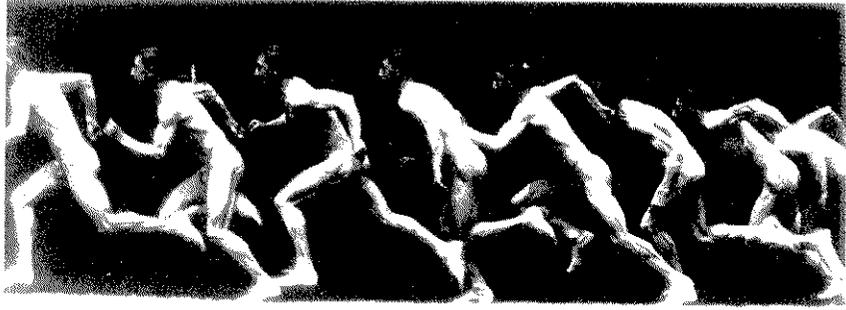
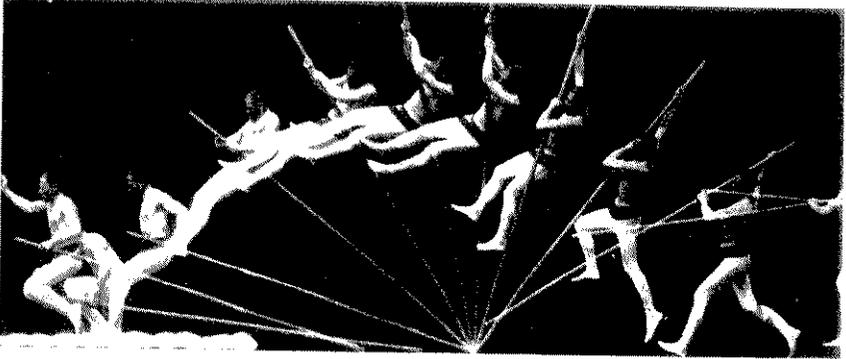


FIG. 48 - MAREY. CRONOFOTOGRAFIAS.



1757



1759

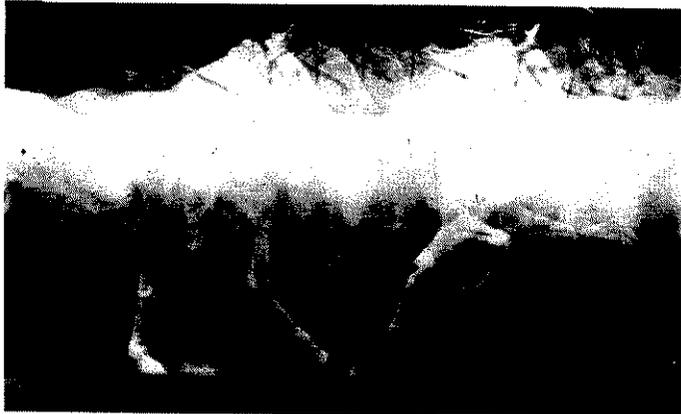
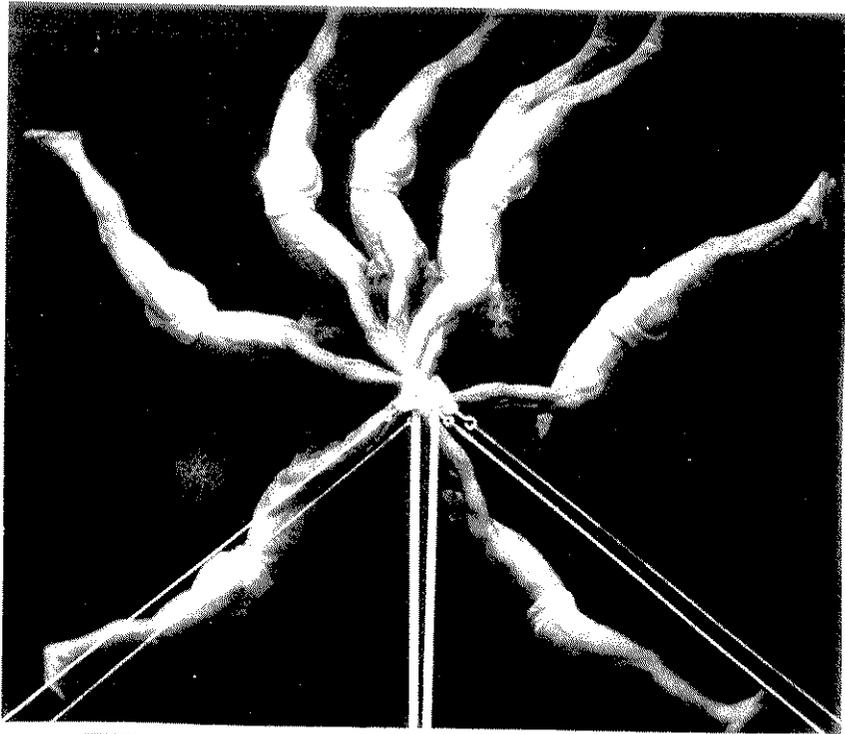


FIG. 49 - MAREY. CRONOFOTOGRAFIAS.

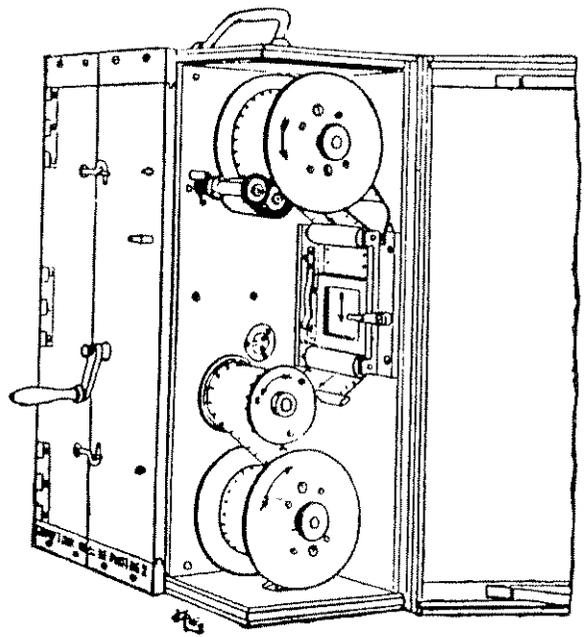
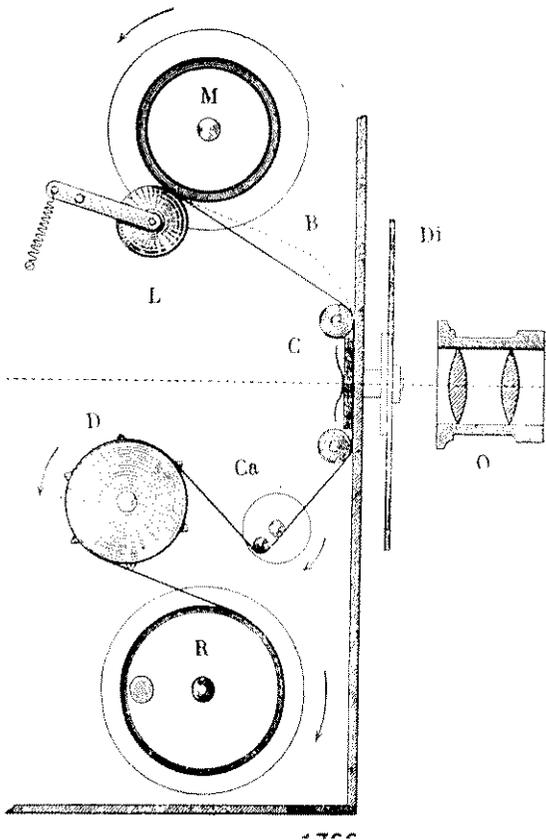
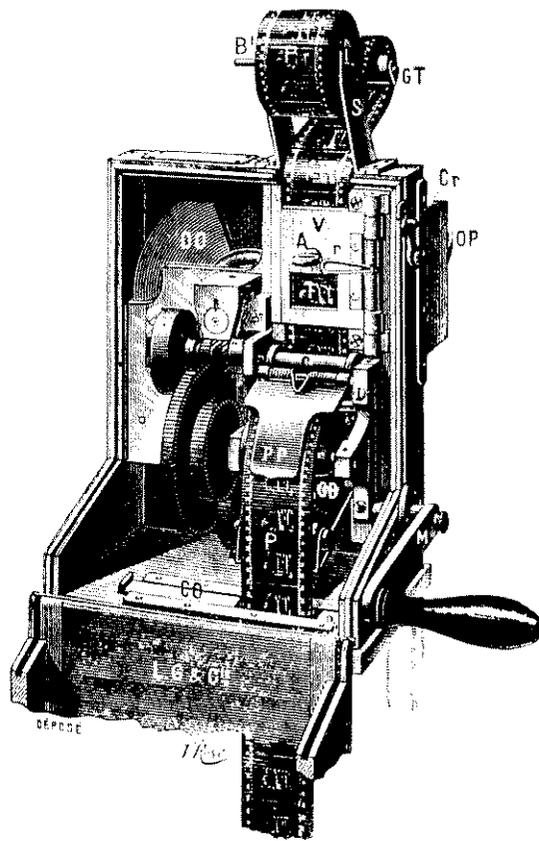


FIG. 50 - CRONOFOTÓGRAFO DEMENY.

Números, medidas, comprovações, ou seja, dados atestam o positivismo triunfante da segunda metade do século XIX, onde a visibilidade mensurável dos resultados das pesquisas era imprescindível.

Vivia-se o desejo não mais contido de construir normas únicas. Vivia-se o fascínio pelos modelos fixos e generalizáveis. E é este contexto que abraça a Ginástica por percebê-la como capaz de revelar, a partir de sua sistematização cada vez mais apurada, uma visão totalmente nova do movimento corporal e, também de sua aplicação no trabalho¹⁵⁰.

A prática da Ginástica, desde Amoros, fora pensada como possibilidade de educar o corpo para desempenhar funções úteis à sociedade. Mas a ciência da época, primeira metade do século XIX, limitara o empreendimento de Amoros. Não havia ainda a possibilidade de utilização de certos conhecimentos. Foi preciso esperar a segunda metade do século XIX para proceder ao requinte de análises empreendidas por Marey e Demeny, num momento onde a “educação do corpo” comparece totalmente reconhecida.

A partir das pesquisas realizadas com Marey, dos progressos da cronofotografia, do cinema lento e do método gráfico, Demeny pode se dedicar a até então incipiente Fisiologia aplicada. A Ginástica, então, começa a fasciná-lo, dadas as possibilidades que apresenta para uma “educação do movimento”.

Nela se revela o êxito do ensinamento a partir do “gesto educado”, do “domínio das forças” e sua distribuição adequada pelo corpo, da postura ereta. A Ginástica é a grande responsável pela visibilidade deste “corpo educado”.

Mas, era indispensável, sobretudo, cuidar do tênue fio que separa o necessário aperfeiçoamento corporal do virtuosismo, dos usos do corpo e de suas forças “educadas” em exposições inúteis, em diversões diletantes. A Ginástica não poderia aparecer ligada à universos onde o gasto de forças não era medido nem economizado. Daí a necessidade de alguém com “conhecimento” para ministrá-la.

Conforme Demeny, este “alguém” deve reunir os conhecimentos do sábio, bem como aqueles do prático para então adaptá-los ao aperfeiçoamento do homem¹⁵¹. Tal qual Amoros deseja formar um profissional do ramo.

Demeny denomina este profissional com uma expressão bastante curiosa: “engenheiro biologista”¹⁵². Esta denominação contudo, sugere algumas interpretações. De certo modo, parece revelar uma tentativa de Demeny de aproximar ainda mais a Ginástica de dois campos já reconhecidos e destacados da sociedade oitocentista, sobretudo nos círculos científicos: a Engenharia e a Biologia.

A Engenharia desenvolvera uma apurada tecnologia nas construções de grandes estações de estradas de ferro, pontes e palácios públicos atestando, inclusive, uma tentativa de fazer destas construções obras de arte ou, como afirma Hobsbawm, “monumentos às belas artes”¹⁵³.

A Biologia, por sua vez, atingia de modo direto o homem social e estava vinculada ao conceito de evolução, cuja importância já era incontestável ao final do século XIX.

Mas, há um outro ângulo a ser considerado nesta importância atribuída à Biologia. Conforme observa Hobsbawm, sob a forma de racismo, a Biologia fornece os elementos essenciais para a elaboração da ideologia igualitária da burguesia, deslocando a culpa das desigualdades humanas da sociedade para a “natureza”. Desse modo, a Biologia acabou se tornando ... “potencialmente a ciência da direita política como também a ciência dos que desconfiavam da ciência, da razão e do progresso”¹⁵⁴.

Assim, tornava-se possível mais que em qualquer momento, navegar em certezas, evidências, estatísticas e onde predominava uma visão tecnificada da vida humana.

A eficiência orgânica, a planificação do trabalho, as descrições e os números mostrados sempre com mais exatidão por uma fisiologia cardiopulmonar atestavam a soberania da ciência. E a Ginástica compunha este mosaico

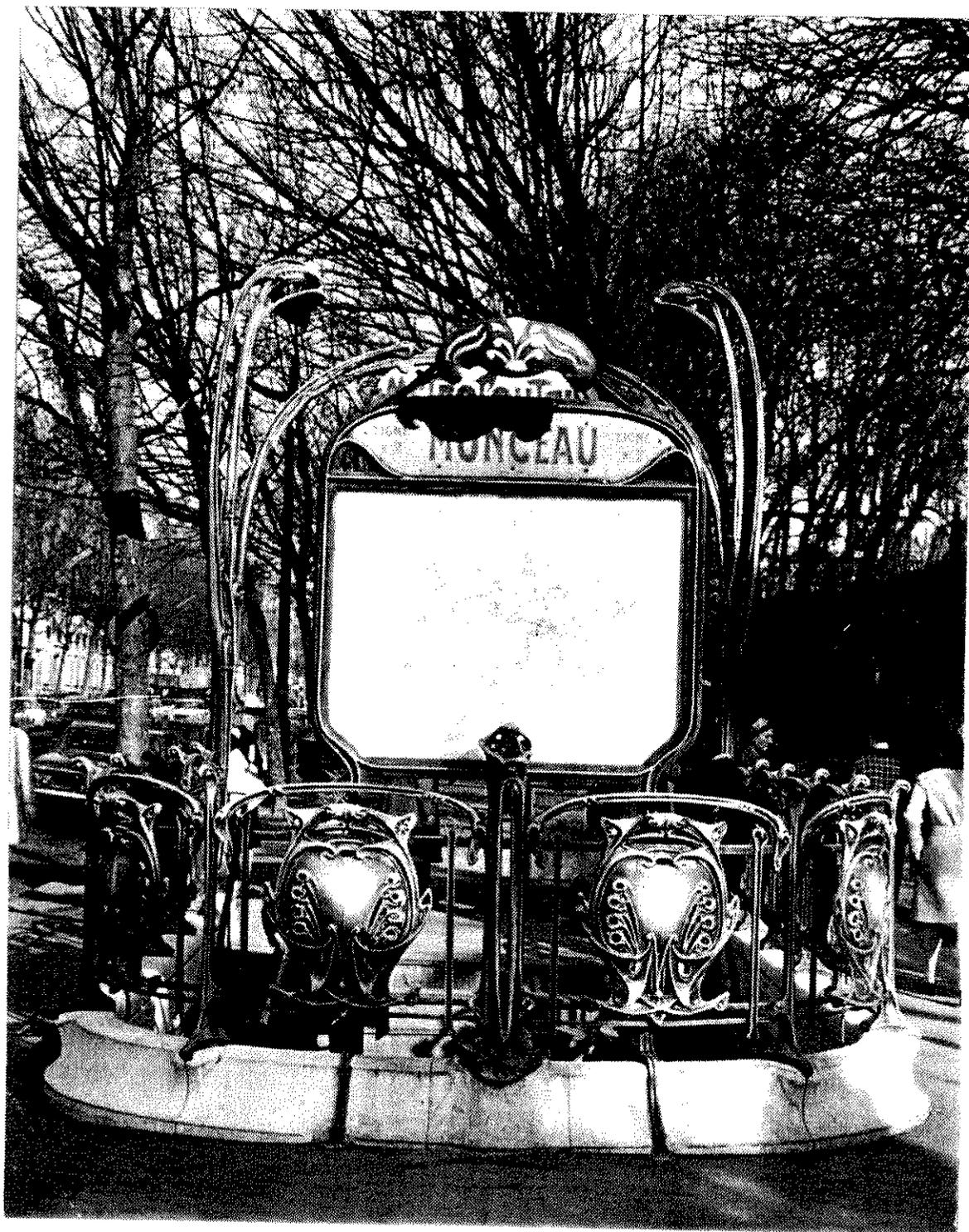


FIG. 51 - ENTRADA DO METRÔ, *PARIS, 1899*

de certezas. Nele não cabiam indagações, apenas ações úteis e passíveis de comprovações experimentais. O ... "artifício da dúvida ..." ¹⁵⁵ passava ao largo.

Demeny ¹⁵⁶ desenvolvera enorme sintonia com este mundo de certezas onde a precisão e a economia de energias eram predominantes. É de este lugar existencial e conceitual que retira as bases científicas da Educação Física que denominou de racional e harmoniosa. Com suas pesquisas pretendeu opor-se às prescrições ginásticas que privilegiavam a força, por considerá-las brutais e pouco adequadas fora dos círculos militares. Sua compreensão de Educação Física, desse modo, foi bastante pragmática. Ele a percebe mais como um conjunto de meios destinados a ensinar o homem a executar todos os tipos de trabalho mecânico, com a máxima economia possível no gasto de força muscular ¹⁵⁷.

Suas preocupações voltavam-se para a forma do movimento em suas implicações fisiológicas, pois estava interessado na vida. A Fisiologia colava-se à vida e, portanto, estava além dos estudos que a Anatomia, com seus cadáveres, podia fornecer.

Guardadas as diferenças das ações no tempo, Demeny, tal qual Amoros, foi também um fundador ¹⁵⁸. Apoiado na ciência, que julgava ser a única saída para a Educação Física superar a falta de reconhecimento da sociedade acerca dos seus efeitos sobre o indivíduo, indica o caminho que julgava mais adequado para superar aquele estado de coisas afirmando que:

"Só há um meio de sair desse estado: é preciso questionar os fatos, reunir documentos, coordená-los e, a partir deles, formular leis. A doutrina da educação física deve repousar sobre os resultados da mecânica, da física, da química e da biologia. Ela se torna, então, senão uma ciência, pelo menos uma aplicação da ciência à educação ... A ciência pura limita-se a conhecer as leis que relacionam os fatos entre si. A ciência acumula documentos sobre documentos, divide-se em uma infinidade de ramos particulares; seu limite é o porquê das coisas. Ela lança, às vezes, dúvida e confusão em nosso espírito, sem atenuar nossas misérias. Isso tudo não nos torna melhores ou mais felizes. A ciência destruiu as crenças que formavam uma barreira aos nossos descaminhos; ela deve substituir essas crenças por regras igualmente severas e mais positivas. A humanidade liberou seu capital de fé focalizado nas superstições; ela deve reencontrá-lo e empregá-lo na religião do progresso.

Precisamos de pontos fixos na vida: é em direção à luz que devemos caminhar. Não se trata de saber tudo: as forças da natureza, uma vez conquistadas, podem ser dirigidas contra nós”¹⁵⁹.

Neste trecho de uma de suas obras encontramos Demeny, o homem do fim do século tomado de sentimentos ambíguos em relação ao mundo que a razão descortina, ao poder que a razão confere, as crenças que a razão desloca.

Como um missionário da nova religião, a religião do progresso, Demeny se deslumbra com a ciência e aprofunda em si a consciência do poder, quase absoluto, por ela revelado. Dedicou-se então a sistematizar as conquistas no campo da pesquisa do movimento afirmando, já nas décadas finais do século XIX e início do século XX, uma característica marcante na concepção francesa de Ginástica/Educação Física: o ecletismo¹⁶⁰.

Da experiência inglesa, buscou aproveitar todo o cabedal de práticas corporais ao ar livre, como por exemplo aquela relativa aos jogos em geral. Todavia, tratava dos jogos com muita cautela e não concordava com a exacerbação do caráter competitivo e seus inúmeros concursos por considerar que esta abordagem se destinava a uma minoria e

“A educação física dirige-se a todos, aos fracos sobretudo. Não é preciso restringir, como se faz muito frequentemente, a educação física a simples práticas atléticas. Estas servem antes para utilizar as forças que para adquiri-las... sem pretender tais superioridades físicas, todos podem se desenvolver e sair de um estado deplorável de inferioridade nesse aspecto.

O fraco é tímido, bastante suscetível em questões de amor próprio: não se deve desencorajá-lo, mas ao contrário, atraí-lo para o exercício do qual ele tanto necessita. Ele deve ser o objeto da atenção complacente do educador preocupado com a prosperidade e o futuro de seu país. Os fracos constituem a maioria. Urge elevar o nível médio de uma nação em lugar de se procurar produzir alguns indivíduos singulares.

A educação física não é o atletismo, não é a busca da força pela força; seu objetivo é mais elevado, ele diz respeito ao poder mesmo de um povo enquanto fonte de energia e produtor de trabalho”¹⁶¹.



FIG. 52 - FUTEBOL NA INGLATERRA, 1860.

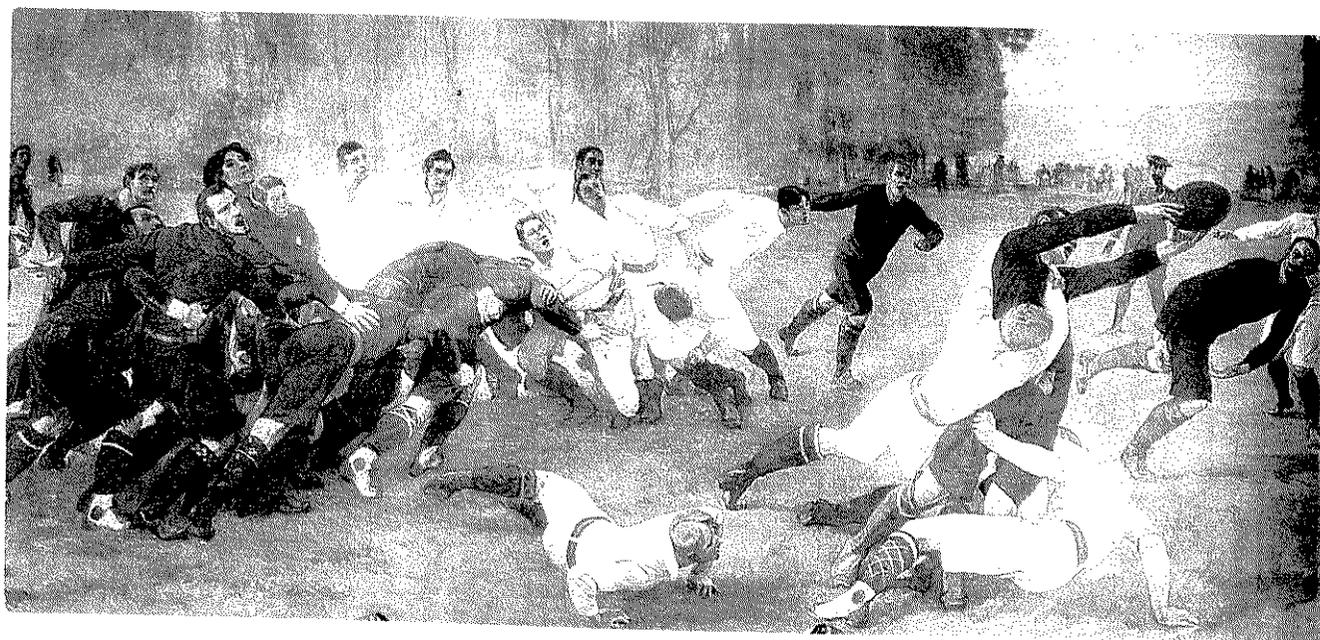
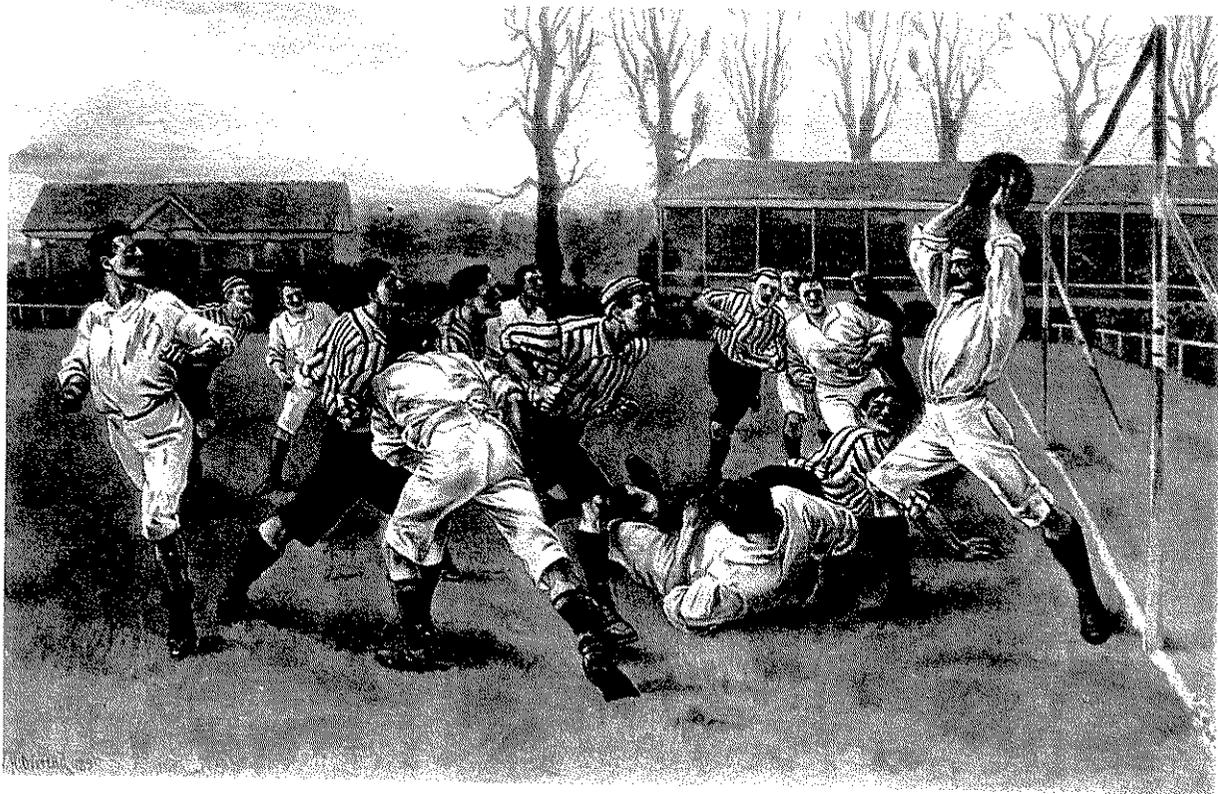


FIG. 53 - JOGO DE FUTEBOL. 1880?. 1899

Demeny esta mergulhado na constatação óbvia daqueles que defendem a religião do progresso, qual seja, a de que o capital está matando sua mais preciosa fonte de lucro: o trabalhador.

Em Paris de fins do século XIX, Demeny constata que, metade de sua população morre até os 21 anos e resta apenas um terço aos 46 anos. Na França, um quarto das crianças que nascem, morrem até 3 anos, não resta mais que a metade disso aos 41 anos e um quarto aos 68 anos¹⁶².

Demeny prossegue com seu registro assinalando que a par deste quadro de mortalidade, avançam de modo assustador as doenças degenerativas, a diminuição da estatura e a esterilidade. Aumenta também dia-a-dia, o número de crimes, delitos e a loucura.

Ora, em sua visão de higienista convicto, a causa de todos estes problemas se resume a má higiene, a má educação física, a má educação, a um mal emprego das forças no trabalho.

É diante deste quadro e das causas que aponta que a sua “defesa” dos fracos se expõe. O fraco é fraco porque não sabe fazer uso adequado de suas forças, não aprendeu como potencializá-las, não sabe cuidar de si. Cabe ao governante, pelas vias institucionais, educá-lo para superar sua fraqueza, elevar sua auto-estima e, assim, elevar todo o poder de um povo.

Estava dado então, para Demeny, o papel social da Educação Física: ela ensinaria ao indivíduo como evitar o desperdício de forças nas atividades e assim, seria tão benéfica tanto para formar atletas como para melhorar a condição dos fracos.

Com este papel social, a Educação Física francesa pensada por Demeny deveria, então, agregar saberes que pudessem potencializá-lo.

Desse modo procurou assimilar saberes e práticas já consolidadas em outros países como por exemplo os jogos ao ar livre, largamente utilizados pelos ingleses tendo, porém, cautela ao empregá-los, dado o caráter excessivamente competitivo que estas atividades poderiam tomar. Parece claro que Demeny, ao assimilar os jogos para sua Educação Física, desejou instrumentalizá-

los, atribuindo-lhes funções úteis rompendo, assim., com o jogo como representação livre dos processos da vida, como parte viva das festas e ritos populares.

Seguindo em seu propósito de agregar saberes, incorporou dos suecos sua concepção estética do exercício ginástico, demonstrando assim seu reconhecimento por aqueles que, muito antes dos franceses, pensaram formas gímnicas para a população civil.

Por fim, de seus compatriotas franceses buscou as técnicas de aplicação da ginástica militar que se desenvolvera de modo bastante promissor ao longo de todo século XIX. Em relação aos franceses, contudo, cabe assinalar que embora a ginástica militar tivesse predominado, houve em suas prescrições preocupações bastante nítidas voltadas à sua aplicação para a população civil, nas quais os jogos ao ar livre foram largamente utilizados, sobretudo, nas proposições amorosianas.

Herdeiro do pensamento francês, essencialmente enciclopedista e universalista, Demeny incorpora uma dada visão da França como foco de irradiação da cultura, como centro aglutinador de interpretação e de crítica do seu próprio pensamento, bem como da cultura mundial em geral.

Conforme assinala Celestino F. M. Pereira¹⁶³, o ecletismo da Educação Física na França deriva desta circunstância, ou seja, de que a Educação Física que hoje nos é dada a conhecer, localiza os seus fundamentos científicos e pedagógicos num espaço geográfico bem determinado: os países próximos e que mantinham um contato com a França.

O pensamento francês sobre a Educação Física foi bastante crítico e analítico. De um modo geral, a apreciação que fez dos problemas indica que nunca orientou-se de forma ortodoxa. A preocupação básica foi sempre colocar em relevo, de forma bastante contundente, os fundamentos teóricos dos problemas e o seu caráter especulativo, quer sob o ponto de vista filosófico, quer sob o ponto de vista científico¹⁶⁴.



FIG. 54 - GINÁSTICA SUECA.

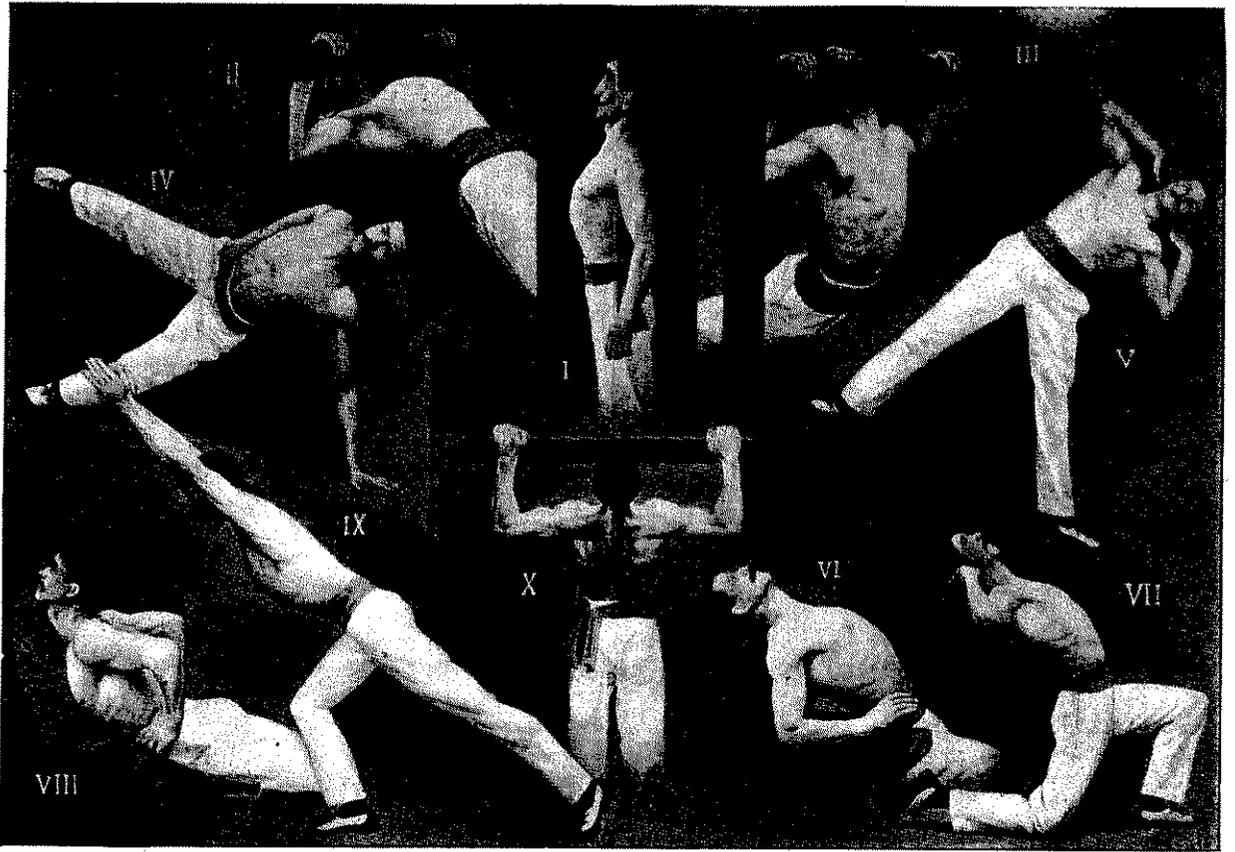
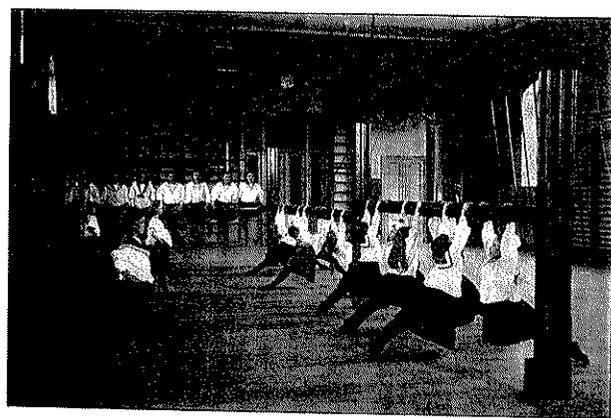
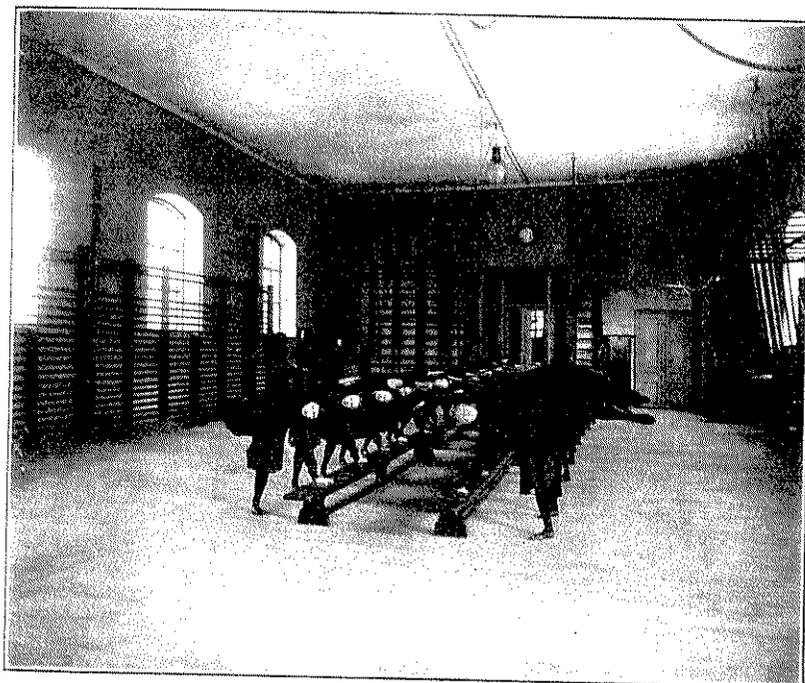


FIG. 55 - GINASTICA SUECA.



115-6- Antropometry



115-6- Antropometry

FIG. 56 - GINÁSTICA SUECA.

Pátria de Claude Bernard*, fundador da Fisiologia, a França procurou criar ao longo de todo o século XIX uma concepção de Educação Física estruturada na experiência alheia (inglesa e sueca particularmente) e, ao mesmo tempo, nos modernos ensinamentos da ciência que lá se estruturavam.

A Educação Física é, para os franceses, um problema formativo. Mas é um problema relacionado intimamente com as questões de natureza política, social e econômica, onde a educação escolar e não escolar aparece em relevo, pois é da sua natureza socializar o indivíduo e equacionar parte significativa dos problemas sociais. Conforme Demeny,

“O indivíduo, abandonado a si mesmo, pode às vezes encontrar condições favoráveis a seu desenvolvimento, mas em geral ele vegeta, ele não pode superar os obstáculos e os entraves que encontra, e não atinge o grau de florescimento completo de sua natureza. O efeito benéfico da educação não cessa conosco; nossos descendentes herdam nossas qualidades físicas; é preciso ter também um patrimônio a lhes deixar, o Estado deve, por essas razões, ocupar-se da educação da juventude”¹⁶⁵.

Sua crença também na educação, e na educação estatal, vendo-a inclusive como o lugar da aplicação das descobertas da ciência e da técnica, levou-o a integrar várias comissões formadas pelo Ministério da Instrução Pública.

Na última década do século XIX, Demeny se identifica plenamente com os ideais educacionais da III República em França com Jules Ferry, quando se busca, sobretudo, uma unidade nacional e se valoriza o mérito, a conquista pelo esforço e capacidade individuais. Sua compreensão da Educação Física, leva-o a crer que, através dela, se fortaleçam não somente física, mas sobretudo moralmente o indivíduo e a sociedade.

O ecletismo da Educação Física em França, particularmente aqui destacado nas obras de Amoros e Demeny, foi motivado por razões que vão de necessidades militares a necessidades utilitárias de aplicação imediata.

É possível assinalar então, que o ecletismo de Demeny procurou estabelecer um sentido nacional ao problema da Educação Física buscando e identificando, nas revelações da ciência, as possíveis e necessárias soluções.

O seu método eclético é também conhecido como “escola francesa”¹⁶⁶. A Fisiologia é aí posta em relevo para a classificação e concepção dos exercícios físicos, até então predominantemente analisados sobre bases anatômicas. A Fisiologia irá permitir a compreensão das possibilidades de aperfeiçoamento funcional e das qualidades físicas daí decorrentes. Com uma sólida base fisiológica, a escola francesa não se limitava apenas ao estudo dos órgãos e dos músculos, mas preocupava-se sobretudo com a globalidade do funcionamento do organismo.

A escola francesa de Demeny, com base na Fisiologia, vai colocar a vida no centro de suas preocupações, indagações e buscar a compreensão das principais funções vitais. Vai também demonstrar redobrada atenção ao ainda misterioso sistema nervoso e constatar que ele pode ser melhorado pelo exercício físico. “O exercício não deve ser considerado somente um meio de desenvolver os músculos, mas sobretudo uma educação dos centros nervosos que os comandam, tendo em vista uma melhor utilização de nossa energia”¹⁶⁷.

Na prescrição de exercícios físicos, Demeny afirma em sua obra que o sistema nervoso deve ser abordado de imediato, pois todas as ações empreendidas pelo indivíduo estão sob o domínio deste sistema. Afirma ainda que os movimentos a serem executados devem assumir uma relação direta com as necessidades e o estilo de vida de cada um. A melhor utilização de nossa energia, tese central da obra de Demeny, ocorre pela necessária dosagem e medida do valor e utilidade de todo e qualquer esforço e, ao mesmo tempo pela rejeição de tudo o que for supérfluo. É assim que

“Cada movimento pode ser estudado, igualmente, do ponto de vista fisiológico, isto é, em relação aos seus efeitos sobre o corpo, e do ponto de vista pedagógico e educativo, isto é, em relação às vantagens que ele proporciona ao indivíduo”¹⁶⁸.

O resultado destes estudos e análises do movimento humano permitiu a criação de regras gerais para proceder análises do movimento a partir de leis gerais da mecânica¹⁶⁹. E foi este acúmulo de saberes técnicos e científicos das últimas décadas do século XIX que permitiu à Demeny proceder a conclusões

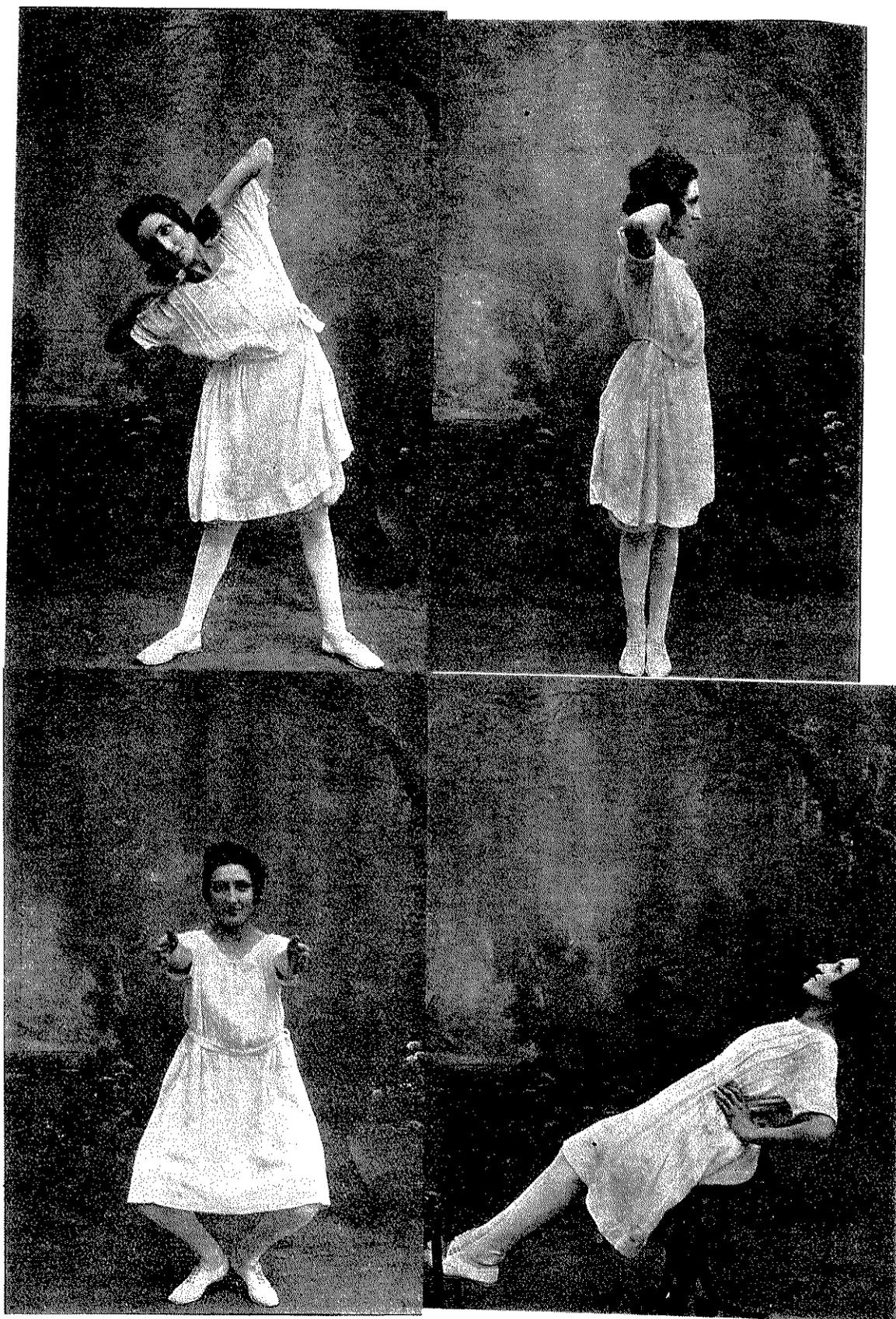


FIG. 57 - GINÁSTICA SUECA.

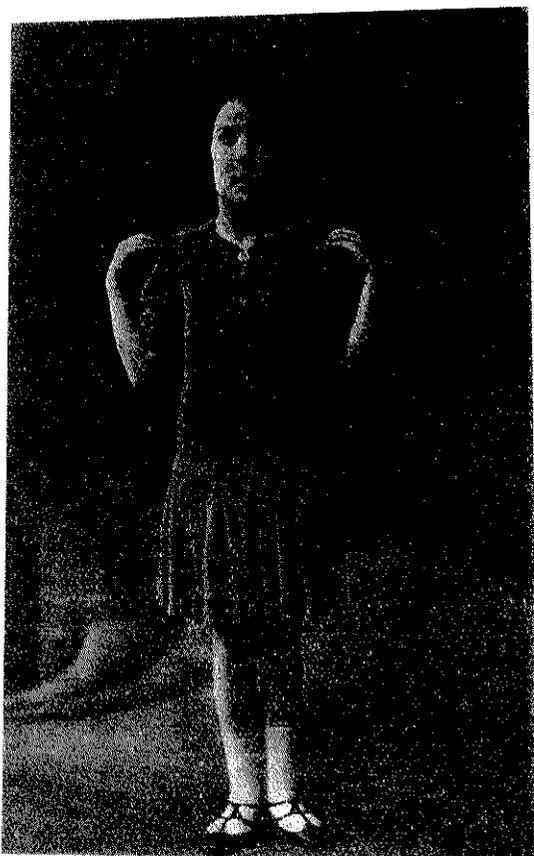


FIG. 58 - GINÁSTICA SUECA.

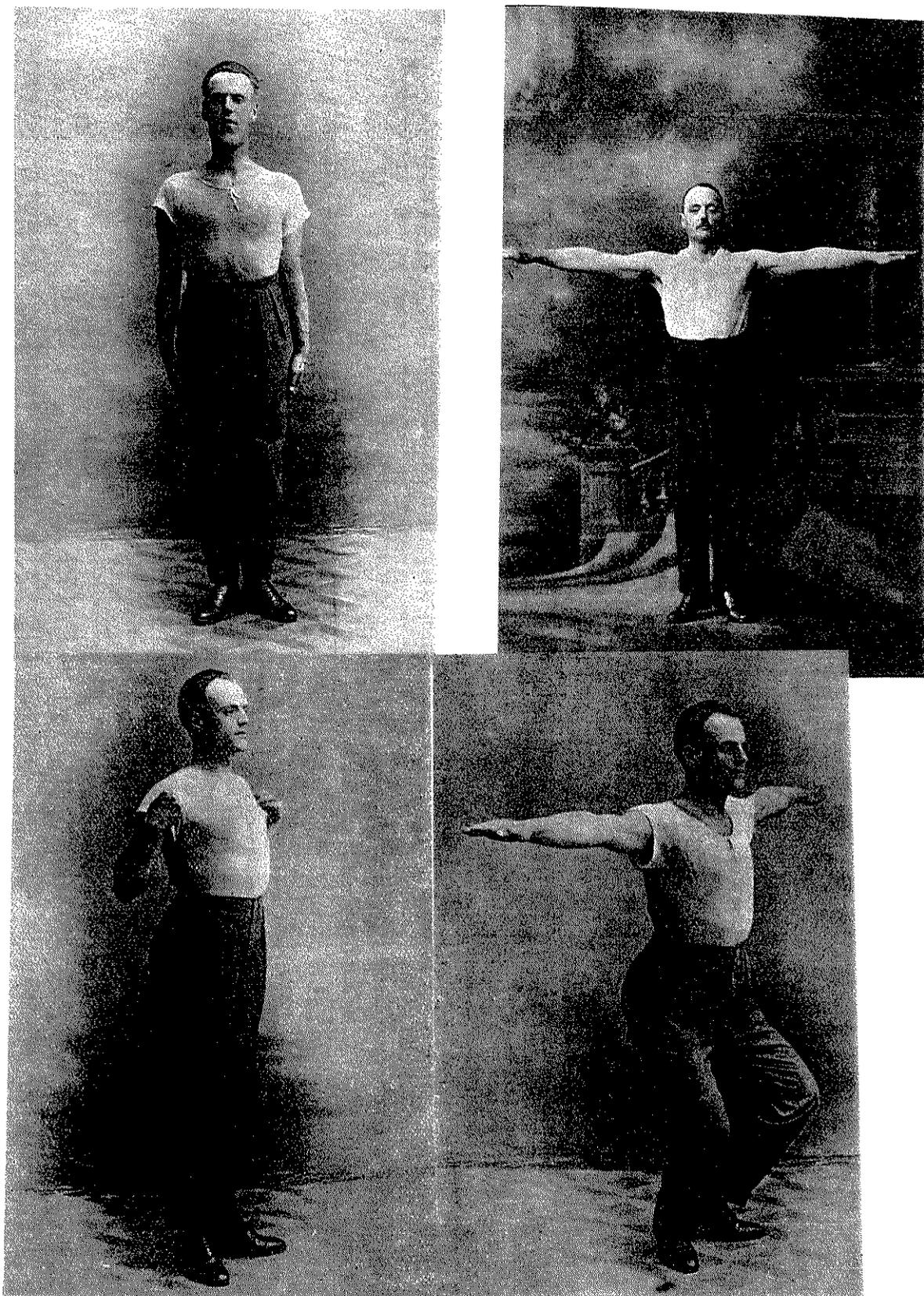


FIG. 59 - GINÁSTICA SUECA.

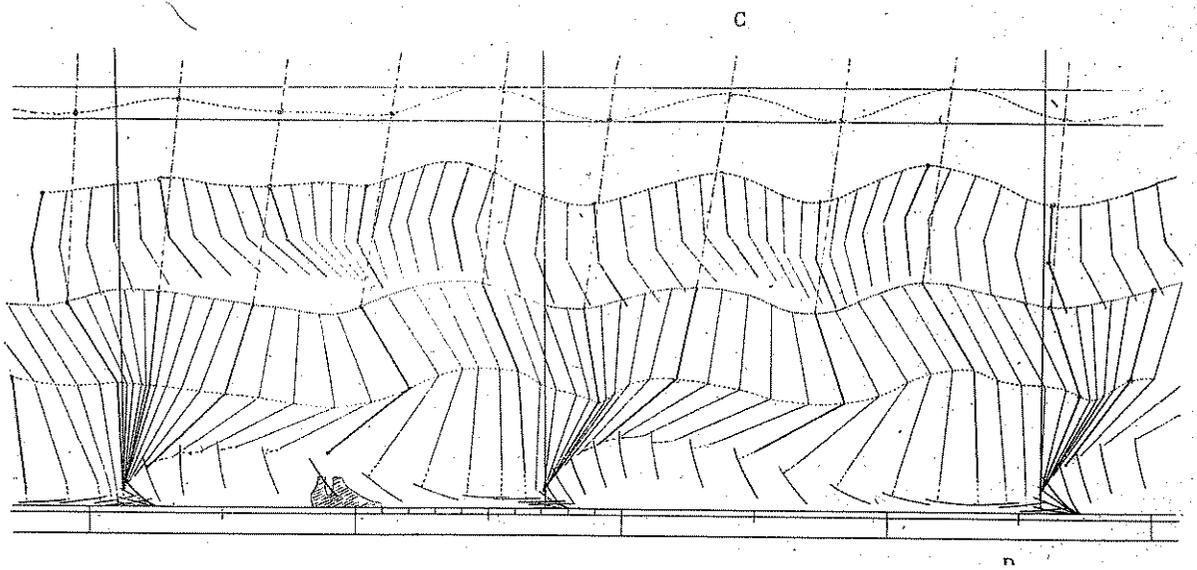
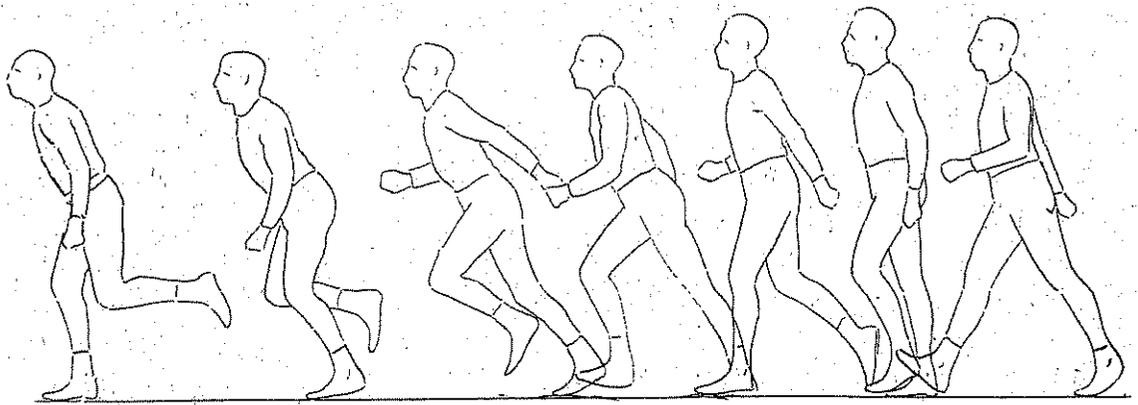


FIG. 60 - ANÁLISE CRONOFOTOGRAFICA DA PASSAGEM DA MARCHA A CORRIDA.

bastante inovadoras para o seu tempo acerca da importância da energia dinâmica. Esta é uma das conclusões centrais de sua obra que o levou a confrontar-se com as prescrições do sistema sueco de ginástica, cuja tese central se acenta sobre a execução de exercícios estáticos e sincopados¹⁷⁰.

Ao contrário destas prescrições, a escola francesa e, particularmente, a obra de Demeny, tendo a Fisiologia e não a Anatomia como base, irá afirmar que a vida não se manifesta nunca sob a forma de energia estática mas sim, dinâmica, por um trabalho com um tipo específico de movimento que deve ser contínuo e completo ... “A ginástica é movimento e não imobilidade, a flexibilidade não pode ser o resultado de movimentos executados com rigidez”¹⁷¹.

Para Demeny a rigidez na execução de um movimento é considerada como um inútil dispêndio de energia. A execução dos saltos, corridas e marchas devem expressar um modelo de destreza, de flexibilidade e, sobretudo, de economia, pois cada trabalho deve possuir uma atitude econômica e seus efeitos não podem estar restritos às funções da vida animal, mas influir sobre a moral do homem, sobre a atividade dos centros nervosos e sobre as funções mais elevadas do cérebro¹⁷².

A economia de energia na execução dos movimentos está diretamente ligada a este desenvolvimento harmônico do organismo. A fadiga é, para Demeny, o resultado de um mal emprego das forças e das noções inadequadas de como executar os movimentos e

“A mais tangível manifestação do aperfeiçoamento dos centros nervosos, consiste na coordenação dos movimentos voluntários. Sabemos quanto a educação proporciona em termos de ordem e de economia em nosso dispêndio de forças e de energia; conseguimos, através do hábito, produzir mais trabalho e um trabalho mais perfeito com menos fadiga.

O aperfeiçoamento dos centros nervosos só se adquire pelo exercício; mas aqui não é, como seria para o efeito higiênico, a dose ou quantidade de trabalho que importa, mas o modo e a perfeição da execução dos movimentos”¹⁷³.

A maneira perfeita de executar um dado movimento, implica, sobretudo, no ensino e aprendizagem de um universo técnico. Dominando aquele universo, qualquer movimento poderia ser executado com o menor dispêndio de energia. Aqui está colocada a idéia de economia de forças, tão presente na obra de Demeny, idéia esta que o faz acreditar na necessidade de uma educação para o esforço pensando, inclusive, fazer como decorrência desta educação, uma melhor adaptação ao mundo do trabalho¹⁷⁴.

Tendo como pressuposto básico a economia de forças e a necessidade de uma educação para o esforço, Demeny formula princípios gerais para a Educação Física e para qualquer trabalho ginástico. São eles:

- “1. Dar aos movimentos, desde o princípio, uma forma natural e uma direção útil, preparando metodicamente para um trabalho sem especialização nem automatismos, executando-os como se faz com as aplicações;
2. Adquirir simultaneamente a força e a flexibilidade, com a independência das contrações musculares, eliminando as inúteis e aprendendo a contrair e a relaxar oportunamente;
3. Buscar em todo trabalho a associação econômica das contrações musculares, quer dizer, a participação dinâmica de todo corpo mesmo que em movimentos localizado, pois todo esforço é resultante de ações parciais bem definidas e bem precisas;
4. Buscar um bom ritmo de trabalho que durante o período de repouso permita a completa recuperação das forças;
5. Realizar durante o trabalho uma respiração bem ritmada sem paradas na inspiração e na expiração, onde os movimentos das costelas e do diafragma estejam em sintonia;
6. Evitar esforços estáticos e paradas bruscas. Ao contrário, executar os movimentos em toda sua possível amplitude, em todas as direções e seguindo trajetórias contínuas e bem diversificadas;
7. Não deixar nada ao acaso; despertar sempre a atenção para formas variadas do movimento e por uma execução perfeita;
8. Desenvolver o sentido da orientação no espaço e o equilíbrio mediante exercícios cada vez mais complexos e difíceis. Porém, sempre associados à energia, flexibilidade, graça, facilidade, beleza e à utilidade dos movimentos”¹⁷⁵.

Tomando estes princípios como básicos nas prescrições da arte de exercitar-se, Demeny espera que os indivíduos, de posse de um domínio técnico em relação ao uso adequado de suas forças, possam usufruir os efeitos do exercício físico bem dosado. Desse modo, poderão ampliar significativamente as qualidades físicas indispensáveis à uma vida saudável e, ao mesmo tempo, a um aumento de produtividade.

Isto porque, para Demeny o aperfeiçoamento moral dos homens está ligado ao seu estado físico e um exercício físico bem aplicado deve ter um efeito higiênico, estético e, sobretudo, moral.

Do ponto de vista higiênico, o exercício físico deve atuar na harmonização das grandes funções como a respiração, circulação, digestão e controle nervoso, o que acaba por determinar uma condição ótima de saúde.

Já o efeito estético sugere uma educação da forma e da atitude dando ênfase à beleza. Para Demeny,

“A noção de beleza não deve estar limitada à conformação do rosto; ela abrange a conformação do corpo inteiro. Os artistas, impregnados das obras-primas antigas, buscaram, na proporção dos membros e do tronco, estabelecer um tipo de beleza; mas limitaram-se às medidas exteriores e as relações numéricas, úteis principalmente ao escultor prático. Podemos ir mais longe e de forma mais precisa. A beleza só pode existir no homem vigoroso, em plena posse de seus recursos físicos; ela é a consequência da perfeição de seus órgãos e é inseparável da agilidade e da força adquirida pelo exercício”¹⁷⁶.

A beleza, conforme Demeny, foi abandonada como atributo humano no período da idade média. A exaltação mística, acompanhada de um desprezo pela cultura corporal permitiu que o corpo se degenerasse de forma nunca vista ... “A arte gótica deixa, sobre esse ponto de vista, documentos interessantes que passam uma impressão deplorável”¹⁷⁷.

Para Demeny a retomada da beleza como atributo humano só reaparece na arte com o Renascimento. O tipo de beleza, inspirado na antiguidade clássica ressurgiu com grande força e se impõe como modelo. ... “Em lugar da máscara plácida e sem expressão dos deuses e atletas, as obras desse período são mais completas, senão



FIG. 61 - A DAMA E O LICORNE.
TAPEÇARIA. DETALHE.
(FIM SÉC.XV)



FIG. 62 - MICHELANGELO
CAPELA SISTINA. ROMA. DETALHE.

mais perfeitas: a fisionomia desperta, as emoções da alma se unem à beleza da forma para dar a ela mais vida, harmonia e expressão”¹⁷⁸.

Conforme as análises de Demeny, o ideal de beleza varia ao longo do tempo e um indivíduo nunca é considerado belo em absoluto, mas, de forma relativa, por reunir características comuns a sua raça.

Mas, Demeny está interessado em definir a beleza mais cientificamente, quer desvincular-se de convenções existentes. Pretende associar a beleza à idéia de aperfeiçoamento físico e adaptação ao meio. Sugere que este é, certamente, um terreno muito mais positivo e assim indica o que seriam as condições da beleza:

“Em resumo, todo homem normal, gozando de boas condições de saúde e de força média, possui uma estrutura óssea sólida, simétrica, sem desvios; ele apresenta também músculos desenvolvidos e aparentes sob a pele, espáduas carnudas e bem colocadas, o peito largo e bem aberto, o ventre volumoso e com paredes musculosas: esses são os atributos da beleza”¹⁷⁹.

A beleza, portanto, aparece na obra de Demeny como a consequência de uma dada disciplina, onde o exercício físico passa a ter um lugar privilegiado. Este exercício também deve ser belo, deve expressar a harmonia geral do corpo.

Demeny trabalha então com o conceito de coordenação, considerando a beleza e a graça dos movimentos como a consequência de uma perfeita coordenação¹⁸⁰. Seus estudos sobre este tema partem sempre da importância atribuída ao sistema nervoso na definição desses movimentos e, sobretudo, na representação mental deles.

“Todo movimento voluntário é precedido de um ato nervoso que o comanda e há nesse ato os elementos necessários a garantir sua precisão. A vontade faz os músculos se moverem como a mão comanda os cordões de uma marionete.

O ato nervoso pode existir independente do ato muscular, ele pode ser separado do movimento, não ser seguido por este, basta representar mentalmente as contrações musculares sem avançar para a execução das mesmas”¹⁸¹.

Sendo a coordenação uma qualidade fundamental na execução dos movimentos, Demeny é categórico ao afirmar que, para obtê-la e por consequência obter agilidade na arte de utilizar as próprias forças, é preciso uma educação do sistema nervoso. Um homem bem coordenado utiliza sua energia da forma mais adequada e obtém como resultado, movimentos harmônicos. Um ato voluntário é, para Demeny, a expressão de movimentos harmônicos.

A harmonia traz a beleza. Um movimento não é belo se não é correto, preciso ou bem definido. Assim, ele deve estar de acordo com o fim estabelecido e o seu resultado deve ser útil e, sobretudo, obtido com economia de forças.

Contribuem para esta formação a idéia de educação dos sentidos, que para Demeny, é inseparável da educação de nossos outros órgãos ... “nossa vida de relação não pode ser aperfeiçoada sem ela, sem a educação de nosso aparelho sensitivo”¹⁸².

O uso da expressão “aparelho sensitivo”, permite apreender em Demeny uma idéia de integração dos sentidos e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de trabalhar apenas um, de forma isolada. Para ele, um sentido isolado fornecerá noções incompletas sobre as coisas e somente o trabalho com todos os sentidos poderá contribuir para a obtenção de noções suficientes sobre as coisas.

Em sua obra, Demeny acentua uma vez mais a importância da compreensão do sistema nervoso, uma vez que é nos centros nervosos que se acumulam todas as sensações recebidas pelos órgãos dos sentidos.

É tarefa de um indivíduo saudável associar as diferentes noções, fazê-las concordar entre si e ir reduzindo-as a uma idéia cada vez mais clara, até chegar ao trabalho final que é realizado pelos centros nervosos cuja função é acumular as sensações recebidas. Há aí uma educação recíproca, uma interpretação das sensações cujo resultado é um conhecimento mais preciso da natureza¹⁸³.

Demeny destaca a necessidade de aperfeiçoamento dos sentidos e sugere que o exercício constante, metódico e progressivo cumpre tal tarefa.

Acrescenta, ainda, que este aperfeiçoamento é influenciado diretamente pelo repouso ou o excesso de atividade, pela fadiga e esgotamento conforme as leis gerais do trabalho. Por fim afirma que os órgãos dos sentidos exigem cuidados muito especiais de higiene para manter sua integridade.

A partir destas afirmações básicas sobre os sentidos, Demeny se detém no estudo de cada sentido em particular: o tato, a visão, a audição, o olfato e o gosto.

Sobre o tato, afirma a necessidade de exercícios bastante delicados para aprender a distinguir "... os tecidos, os metais, apreciar o polimento ou a aspereza dos objetos, sua dureza, sua temperatura e seus movimentos de vibração"¹⁸⁴.

O tato também já é entendido como um sentido que se reparte sobre todo o corpo e que se especializa nas mãos, motivo pelo qual Demeny faz severas restrições aos exercícios de locomoção com as mãos, ao ato de trepar e, sobretudo, ao uso das barras fixas e de todos os aparelhos de Ginástica considerando-os inconvenientes. O uso das mãos com estes fins, retira-lhes toda a delicadeza de textura fazendo-as assemelhar-se aos pés¹⁸⁵.

Com estas observações, afirma seu distanciamento do conjunto de práticas físicas próprias de acrobatas e artistas circenses, onde a inversão do corpo, o apoio sobre as mãos e o uso de aparelhos é uma constante.

Porta voz da Ginástica científica, Demeny a afirma como superior, como evolução de um estágio primitivo onde localiza as acrobacias. Se o uso das mãos para fins acrobáticos sobre o solo e/ou em aparelhos retira a sensibilidade e delicadeza das mãos, o que dizer do uso não só das mãos mas do próprio corpo no trabalho? O que dizer do corpo como instrumento de trabalho?

A revolução industrial acentua a degradação de homens, mulheres, crianças. Mergulha-os num universo de embrutecimento de sua sensibilidade.

Os lugares onde passam seus dias são as fábricas, as minas. Destes ícones do progresso sobram-lhes apenas as sombras. É de sombras que suas vidas se fazem. É nas sombras que seus corpos se "educam". Corpos sem cor que



FIG. 63 - HENRY PERLEE PARKER
O DESCANSO DOS MINEIROS. O JOGO. 1836

desenvolvem-se mimetizados por este mundo do trabalho, pela “miséria hereditária” como dissera E. Zola em seu romance *Germinal*, cujos personagens centrais são mineiros. Mineiros que por gerações e gerações crescem misturados à lama e a escuridão da mina. Mineiros que desenvolvem pulmões da cor da hulha que carregam e transportam em intermináveis dias nos quais nunca vêem o sol.

Nestes lugares surgia, de modo inequívoco, o avesso do mundo limpo e do corpo asséptico apresentados por Demeny. Ali surgia também a ausência da inteireza humana em seus estudos, inteireza esta revelada pela arte literária.

É possível dizer que o romance oitocentista, sobretudo o romance realista, em suas emanções do vivido, conduz a uma identificação dos avessos e das ruelas que se desejam obscurecidas pela névoa opaca da sociedade que se quer oficial.

O romance pode ser a cidadela de nós outros pois ... “seus heróis habitam em nós, sua música penetra em nosso ser”¹⁸⁶. O corpo que nos mostra é contraditório, multifacetado. Não se esgota nas preleções de hábitos e atitudes. Pelo contrário, precisa romper com elas para manter-se vivo.

O requinte e profundidade dos estudos de Demeny sobre o corpo, sobre os sentidos humanos marcam decisivamente, por um lado, um campo de saber e, assim, contribuem para um tipo de conhecimento sobre o homem. Por outro lado, contudo, desaparecem feito espuma do mar tocada pelo vento quando encontram a realidade fétida das sobras de ar das fábricas, as escuras e úmidas galerias que cortam o interior da terra e fazem as minas. Nelas deve penetrar o homem, a mulher, a criança. Deve adaptar-se nestas veias que se estreitam a medida que se distanciam da luz, da claridade do dia. Estes caminhos que conduzem às entranhas da terra e forçam os corpos a se vergarem continuamente, feito árvores plantadas em grutas.

E. Zola vai descrever a descida ao interior da mina como o mergulho ... “numa noite escura, cega e ardente ... Para cortarem a hulha, tinham de estar deitados de lado, com o pescoço torcido, os braços levantados, e brandindo cada um a picareta de cabo curto”¹⁸⁷.

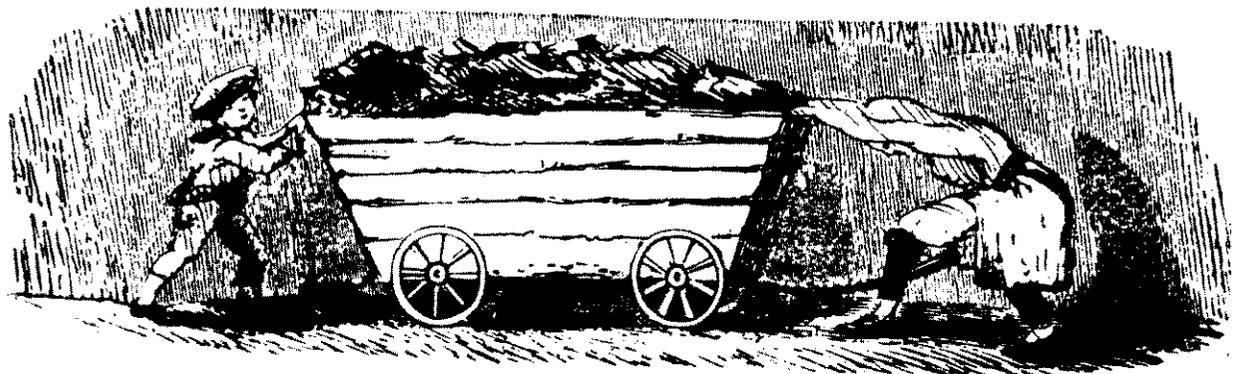


FIG. 64 - CENAS DA MINAS DE CARVÃO.

A umidade, as temperaturas instáveis nos diferentes espaços da mina, os gases da terra ... devia haver ali também uma aprendizagem, uma educação e, sobretudo, uma auto-educação dos sentidos para suportar as entranhas da terra, buscar em meio as trevas, pelo tato, pontos sólidos para apoiar-se e não submergir por inteiro na hulha cortada.

Zola descreve o desembaraço de uma personagem, uma mineira muito jovem de nome Catherine, em movimentar-se através de posturas rastejantes, bastante adequadas ao trabalho da mina. Catherine ensina a um novo operário de nome Etienne, recém chegado à mina, a necessidade da paciência, da agilidade e, paradoxalmente, de uma delicadeza de gestos para não por abaixo as frágeis estruturas que ousavam sustentar a terra. Assim, ela demonstra que o

“O corpo devia estar inclinado, com os braços bem retesados, de modo que empurrasse com todas as forças, com ombros e com os quadris. Ele acompanhou-a numa viagem vendo-a subir, com os quadris caídos e os punhos tão embaixo que parecia trotar a quatro pés, como um desses animais anões que trabalham nos circos. Ela suave, arquejava, estourava por todas as juntas; mas sem uma queixa, com a indiferença do hábito, como se a miséria comum consistisse, para todos, em viverem assim dobrados”¹⁸⁸.

E se no corte e carregamento da hulha havia uma necessidade de o corpo estar dobrado, quando aquela atividade cessava e até mesmo fora da mina, os mineiros ... “acocoravam-se, com os cotovelos nos flancos e as nádegas apoiadas sobre os calcanhares ... sem sentirem a necessidade de um calhau ou de uma tábua para se sentarem”¹⁸⁹.

Auto educavam-se para sobreviver, seus corpos, com o tempo, também gastavam menos energia, internalizavam os códigos da economia de forças sem nenhuma explicação científica, mas tão somente por esta enorme capacidade que tem o ser humano de adaptar-se para não morrer, antes de buscar as formas de transformar, para daí viver.

A personagem de Zola, de nome Etienne, rapidamente se adaptou àquele mundo e em alguns meses já,

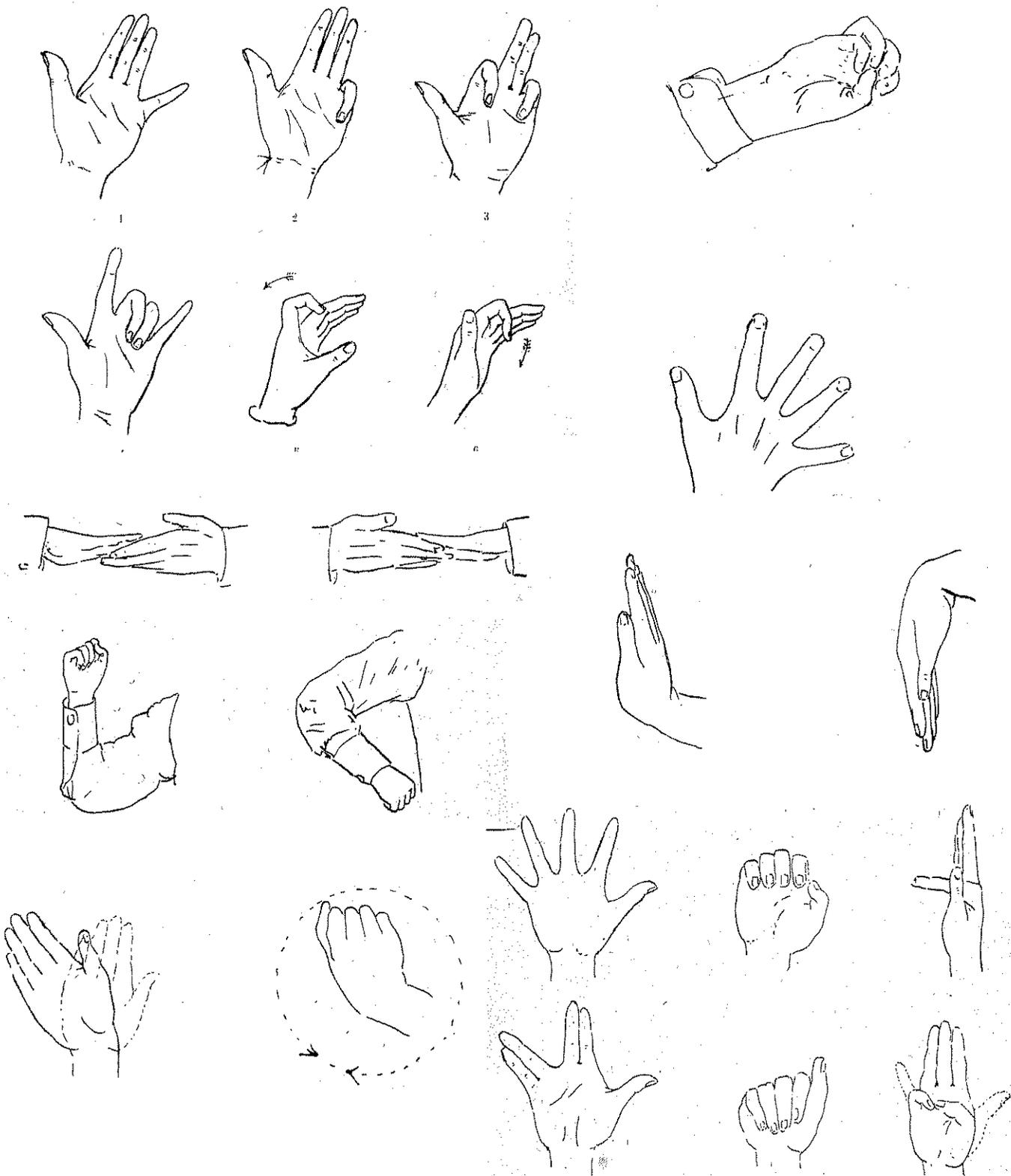


FIG. 65 - EXERCÍCIOS PARA INDEPENDÊNCIA E FLEXIBILIDADE DOS DEDOS DAS MÃOS.

“Respirava sem lhe custar as poeiras do carvão, via claro às escuras, suave descansado, afeito à sensação de ter desde a manhã até a noite a roupa ensopada sobre o corpo. Aliás, não esbanjava desastrosamente as forças; tinha lhe vindo uma destreza de bom operário”¹⁹⁰.

O corpo ali aprendia silenciosamente os gestos, a utilização das forças. O tempo tomado pelo trabalho era quase o absoluto. Dispensava-se qualquer treinamento extra ... o corpo adestrava-se no próprio trabalho para suportar o trabalho. As mãos que sangraram num primeiro contato com o corte da hulha, num segundo contato já se mostravam adestradas e recobertas por uma camada de dor que as tornavam ágeis e que um dia as tornariam insensíveis até a própria dor.

À parte esta realidade das condições do humano que se diluam e desintegravam naquele mundo do trabalho, entre tantos outros tão ou mais degradantes, os círculos científicos prosseguiam estudando o “trabalho” e a educação das crianças; prosseguiam particularmente com Demeny, também os estudos sobre os sentidos, como educá-los, preservá-los.

Indicavam assim para mãos e dedos uma ginástica especial que, segundo Demeny, se praticada com regularidade, poderia diminuir sensivelmente dificuldades profissionais e, particularmente, aquelas ligadas ao universo dos instrumentos musicais, permitindo aos que tocam, uma maior agilidade e destreza das mãos¹⁹¹.

Sobre o sentido da visão, Demeny também irá afirmar a necessidade de educação e os meios mais adequados de cuidar dos órgãos diretamente ligadas a aquele sentido.

Assim, refere-se a importância da iluminação para ações que decorrem diretamente do sentido da visão, citando o ato de escrever, ler, pintar, observar objetos, costurar, etc. e acentua as noções fornecidas por aquele sentido como as de forma e cor.

Para as crianças, sugere jogos que exercitem o sentido da visão como aqueles que utilizam as bolas e os lançamentos de pedra e dardo. Para os adolescentes e jovens, acrescenta o tiro, o boxe, a esgrima e o bastão, pois todas

estas ações conferem àqueles que as executam uma prontidão e precisão espantosas¹⁹².

Com estas sugestões de atividades que podem educar a visão, Demeny vai acrescentar aquilo que aperfeiçoa este sentido e que nada mais é do que a associação perfeita entre as sensações visuais e os movimentos. Por isto recomenda que esta educação seja feita na natureza e não por meio de desenhos que são já uma interpretação da natureza. Porém, fascinado pelas invenções de seu tempo, Demeny vai afirmar a importância do cinematógrafo para educar a visão, pois este aparelho permite ver e rever imagens em movimento¹⁹³.

Por fim Demeny afirma a necessidade de cuidados higiênicos adequados a delicadeza dos órgãos da visão, afirmando que

“É preciso lavá-los diariamente com água quente. Os cílios e as sobrancelhas não são simplesmente ornamentais; eles desempenham um papel de proteção; é preciso conservar sua integridade e para isso não se deve esfregar os olhos com os dedos, estes nunca estão limpos e seu contato com a conjuntiva provoca inflamações que é preciso evitar”¹⁹⁴.

As preocupações higiênicas de Demeny se estendem também aos órgãos de um outro sentido, os da audição. As secreções sebáceas produzidas pelos órgãos da audição podem obstruir este sentido, daí a necessidade de cuidados especiais como ... “retirar essas substâncias com o cotonete e uma pequena esponja umedecida com água morna”¹⁹⁵.

O sentido da audição permite a percepção da variação dos sons desde um simples ruído até as mais delicadas nuances da música e da voz ... “Há no ouvido, como no olho, duas qualidades: a acuidade e a delicadeza”¹⁹⁶.

A música é um elemento importante na educação do sentido da audição, vez que se baseia sobre o valor relativo dos sons em altura, intensidade e duração.

... “A música ensina também a dividir o tempo em partes iguais ou em tempos desiguais, levando (aqueles que a ouvem), a marcar o pulso, a conservá-lo rigorosamente e a colocá-lo em concordância com um conjunto de outros instrumentos”¹⁹⁷.

Assim Demeny sugere que é preciso fazer com que as crianças ouçam, com frequência, belas obras musicais, tarefa que educa o seu sentido da audição.

Por fim, faz referência aos guardiões das vias respiratórias e digestivas: o sentido do olfato e do gosto.

Considera a proximidade com a natureza e os hábitos menos artificiais como fundamentais para o refinamento do gosto, e condena o uso do tabaco e dos temperos, fortes, afirmando que eles destroem a delicadeza daquele sentido.

Assim como para o sentido da visão e da audição, também para o gosto os centros nervosos habituados a estímulos muito fortes, acabam não percebendo mais um estímulo mais delicado, "... eles são embotados e semi-paralisados"¹⁹⁸. O olfato completa o gosto, é o guardião das vias respiratórias. Indica com precisão a presença de vapores mal cheirosos no ar, assinala a presença de matérias em decomposição tais como animais, insetos, flores ou frutas. Ele nos ajuda a reconhecer objetos. Para conservar e aperfeiçoar esta delicadeza do sentido do olfato

"... é preciso evitar sua redução com perfumes muito concentrados ou através do cheiro acre do tabaco; é preciso dar atenção aos odores e exercitar-se em reconhecer os objetos sem olhá-los, sentindo-os. É preciso cuidar sobretudo da limpeza do nariz e evitar provocar, por resfriamento, uma inflamação crônica das mucosas nasais"¹⁹⁹.

As preocupações de Demeny incluem os cuidados essenciais em relação aos órgãos diretamente ligados ao sentido do olfato, com o objetivo de se evitar doenças que acabem comprometendo as vias respiratórias. O que aparece em relevo, contudo, é uma quase obrigação do indivíduo em cuidar de si e evitar, a qualquer custo, os produtos e comportamentos que o afastam da natureza. Alimentos e perfumes fortes, excesso de temperos, ambientes fechados, vida noturna, vícios ... a alteração ou melhor, o embotamento dos sentidos compromete o julgamento do indivíduo sobre as coisas.

A educação dos sentidos, ao contrário, influe diretamente sobre a retidão de nossos julgamentos e Demeny é categórico ao afirmar que

“A educação dos sentidos tem por efeito colocar-nos sempre em contato com os objetos exteriores, dar-nos noções verdadeiras sobre a natureza, exercitar-nos a percebê-las claramente e basear, assim, as operações do espírito em realidades, o que confere ao nosso julgamento as qualidades essenciais de ponderações e certeza, educando a imaginação caprichosa pela razão sadia e pela experiência das coisas”²⁰⁰.

Mas, como se daria esta experiência sensorial para quem sequer vê a luz do sol, pois trabalha em fábricas escuras e sem ventilação ou sob a terra como os mineiros? Esta passagem do romance *Germinal* é singular para se pensar os sentidos.

“No corte, a faina dos cortadores recomeçara, muitas vezes apressavam o almoço, para não arrefecerem; e as buchas, comidas, assim longe do sol, com voracidade muda, enchiam-lhes de chumbo o estômago. Estendidos de lado, picavam com maior força na idéia fixa de completarem um dia cheio. Tudo esmorecia, naquela fúria de lucro, tão desumanamente disputado. Não sentiam mais a água que escorria e lhes ensopava os membros, as câibras das atitudes retesadas, o esmagamento das trevas, onde empalideciam como plantas postas em adegas. Todavia, à medida que avançava o dia, o ar mais ainda se envenenava e aquecia com a fumaça das lanternas, com a pestilência dos hábitos e com a asfixia do grisu, que velava os olhos como teias de aranha, e que só o ar da noite devia varrer. Eles, no fundo do seu buraco de toupeira, sob o peso da terra, sem ar nos peitos em fogo, escavavam sem parar”²⁰¹.

As respostas para a transformação daquele inferno eram estruturais. A ciência estabelecera os parâmetros para explorar, para dominar a natureza ... detalhara em muito os estudos sobre o homem, seu corpo, suas doenças. Mas era um deus estranho ao homem que não possuía nada além de suas próprias forças. Ao proprietário apenas de si mesmo.

Para aquele homem os estudos requintados de Demeny sobre os sentidos passavam ao largo. Os seus gestos, suas atitudes eram ditadas pela necessidade de alimento e de abrigo, talvez também de afeto. Compunham, qual notas na elaboração de uma música, a partitura de uma revolta futura ... na

exigência de um direito ao ar, a luz, ao alimento, ao teto, ao repouso, ao saber. Em suas vozes, expressões, gestos, fisionomias não havia espaço para excessos ...

Mas Demeny, em seus estudos sobre os três meios de expressão que são o acento da voz, o gesto e a expressão da fisionomia vai falar de excessos. Vai então afirmar que estes meios de expressão devem ser trabalhados retirando-lhes o que é falso ou exagerado e acentuando o que é comum e particular a cada indivíduo e a um país.

A partir deste esboço Demeny conclui suas observações e propostas sobre a educação dos sentidos, evidenciando a utilidade de trabalhos manuais.

“Nada é tão útil no início da vida quanto a prática de um ou vários trabalhos manuais. Eles fornecem aos sentidos a ocasião de se exercitarem de todas as maneiras. Eles permitem um julgamento imediato, é o trabalho, a obra terminada e julgada; são um repouso para o espírito, um meio de adquirir destreza e coordenação, o intermediário necessário entre a idéia e a realização. Tudo se obtém pela prática das coisas, mas é necessário entender por prática o exercício educativo dos órgãos numa direção dada, com método”²⁰².

Para Demeny, há regras que devem ser seguidas no trabalho profissional para que se adquira um certo grau de perfeição:

“...mínimo de esforço, ritmo o mais proveitoso, atitudes favoráveis ao trabalho, divisão do trabalho em grupos sinérgicos úteis, execução correta dos movimentos desde o início da aprendizagem, alternância de períodos de atividade e repouso para diminuir a fadiga, manuseio de instrumentos em posições incômodas e difíceis”²⁰³.

Há aqui uma síntese do pensamento de Demeny sobre a necessidade de um corpo adestrado e, assim, preparado para enfrentar os desafios da moderna sociedade industrial. O erro na execução de tarefas poderia ser previsto e afastado. O indivíduo seria dono de um corpo adestrado que dominaria as próprias forças e as distribuiria adequadamente, controlaria seus impulsos ... e enfim, seria o disciplinador de si mesmo.

Por isto sua ênfase recai sempre sobre a modificação interna, mental e moral. Conforme Demeny estas são as verdadeiras modificações que contribuem para o aperfeiçoamento físico. Qualquer outra é mera consequência e não se produziria sem as primeiras.

Há, portanto, para ele uma íntima relação entre as ações de natureza física e aquelas de natureza moral. À uma educação física, corresponde então uma educação dos sentidos e uma educação moral. Como os músculos, os órgãos do pensamento e os da vontade se aperfeiçoam seguindo a lei geral de acomodação à quantidade e a espécie de trabalho produzido. Mas, é necessário, segundo Demeny, não confundir a educação física com a educação moral, pois "... a força física pode existir ao largo de qualquer moralidade; são necessários dois ensinamentos concordantes; a educação moral deve dominar a educação física"²⁰⁴.

Caso isto não ocorra há uma possibilidade bastante real de a Educação Física ser desviada de seu verdadeiro objetivo que, segundo Demeny, é o aperfeiçoamento moral do homem.

... "Definitivamente a Educação Física se propõe a aumentar o rendimento de todos que trabalham e a utilizar da melhor forma possível esse dispêndio de energia; é portanto, para qualquer nação, uma questão econômica da maior importância"²⁰⁵.

Para Demeny, a Educação Física não pode desviar-se deste objetivo. Ela não pode ser considerada simplesmente como um meio de satisfazer a vaidade de alguns, um pretexto para tolos espetáculos ou lisonjeios e curiosidade de ignorantes ou ... "pior que isso, onde se jogam e onde se apostam grandes somas de dinheiro"²⁰⁶.

Preservar o caráter de utilidade da Educação Física era um de seus projetos mais vigorosos. Alargar a sua prática, uma decisão de Estado. Estendê-la, com método, às mulheres, uma necessidade. Necessidade que desde Amoros se fizera presente. Desde Amoros a educação física das mulheres fora pensada como possibilidade de, através delas, educar toda uma geração. Demeny segue este indício e instaura um vigoroso debate em torno de uma prática de

atividade física específica às mulheres. Ao mesmo tempo começa a dedicar-se com mais rigor aos escolares, tendo como preocupação a descoberta daquilo que despertaria o interesse de crianças e jovens pela Educação Física.

Considerando a Educação Física um problema de Estado, Demeny dedica-se cada vez mais às sessões de Ginástica existentes nas escolas e tece sérias críticas sobre o conteúdo e metodologia existentes.

Destaca, por exemplo, a motivação e o prazer como condições indispensáveis para conservar o aluno interessado e afirma que as sessões de Educação Física devem se valer das formas mais variadas para exercitar a vontade do aluno. O prazer deve ser considerado como condição de realização de uma boa sessão de Ginástica, pois com ele e a partir dele o exercício torna-se atraente, agradável e proveitoso.

Demeny vai argumentar ainda que somente a razão e o bom senso não bastam. Lições sensatas, planos bem escritos sobre uma folha de papel, são apenas belos projetos e não darão resultados positivos se for esquecido de lhes dar vida. E isto, conforme Demeny, se faz com o auxílio da arte e do prazer.

Para conservar o entusiasmo dos jovens é preciso abandonar o caráter monótono e estático das lições de Ginástica e trabalhar com a maior variedade possível de exercícios. Toda esta vitalidade não é incompatível com a ordem e com o plano de ensino, pois ambos são determinantes para uma boa aula.

Tal qual Amoros, Demeny quer marcar bem o seu propósito. Não pretende, com a Ginástica, entreter ou divertir ninguém e, desse modo acentua que a alegria e o prazer são o espírito do exercício mas não o seu objetivo, pois um método de educação não pode estar baseado sobre o estudo do prazer em si. Esta é apenas a caricatura de uma educação que prefere o sucesso imediato ao bem dos alunos. ... “A alegria e o prazer são o tempero do exercício, este deve ser substancial e atraente ao mesmo tempo; cabe ao educador provê-lo de tais atributos”²⁰⁷.

Esta educação, que se preocupa com o prazer, sem todavia confundi-lo com finalidades, vale-se sobretudo da música e da dança como linguagens.

Encontram-se na obra de Demeny preocupações bastante significativas em relação à necessidade de estímulos cerebrais para que se realize uma atividade com sucesso. Seus estudos indicam que não somos apenas um esqueleto articulado recoberto de músculos. É preciso que o cérebro seja excitado e nada corresponde de modo mais proveitoso para este fim do que a música. Associada ao movimento, podemos ter então a dança, que pode exprimir um sentimento, um pensamento que transforma o movimento em expressão, beleza e harmonia²⁰⁸.

Percebe-se aqui um requinte maior do que aquele encontrado em Amoros no que se refere a música e a dança. Demeny pensa numa associação de música e dança e concebe aquilo que, em sua obra, denominou de “danças gímnicas”. Estas danças resultavam de um esforço seu em extrair, da Dança, todos os elementos ginásticos e executá-los como Dança, a partir de movimentos coreografados com o acompanhamento de música, porque para ele,

... “(a música) tem uma influência moral muito grande, é um estimulante encantador ao qual poucos sabem resistir. E valeria para as crianças e para as jovens infinitamente mais que uma lição enfadonha comandada militarmente e incapaz de prender a atenção”²⁰⁹.

Para Demeny a arte e a música são atrações quase irresistíveis para os jovens, por isto as utilizava largamente em suas sessões de Ginástica, especialmente naquelas destinadas exclusivamente às mulheres, pois acreditava na necessidade de uma educação específica para elas.

Afirma, por exemplo, que a manifestação da beleza feminina não pode ser completa se forem ignorados os exercícios corporais, pois “... não se trata aqui da beleza dos traços do rosto, mas da forma do corpo e da expressão geral de vigor e de graça que dela emanam”²¹⁰.

Demeny é enfático ao afirmar que a verdadeira beleza feminina não possui nada de languidez doentia e que a gracilidade somada a fraqueza não são necessariamente atributos da mulher. A Ginástica bem aplicada é o melhor meio de acentuar a beleza e a graciosidade.



FIG. 66 - EXERCÍCIOS DESTINADOS AS MULHERES

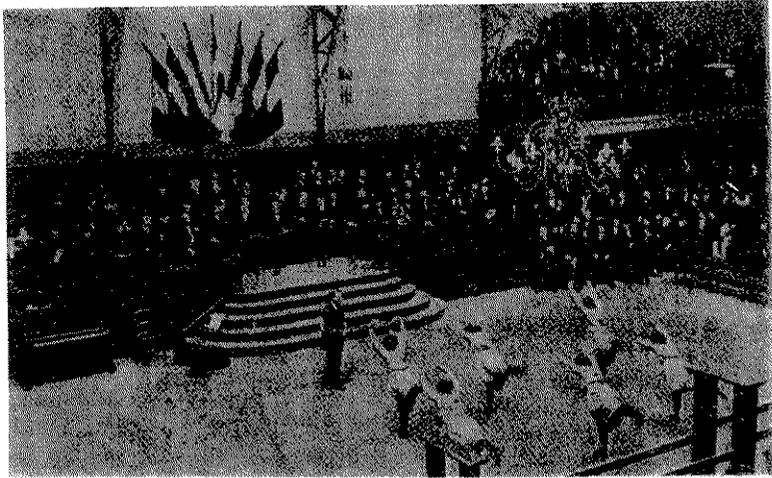


FIG. 66 - DEMENY APRESENTA UMA LIÇÃO DE GINÁSTICA.

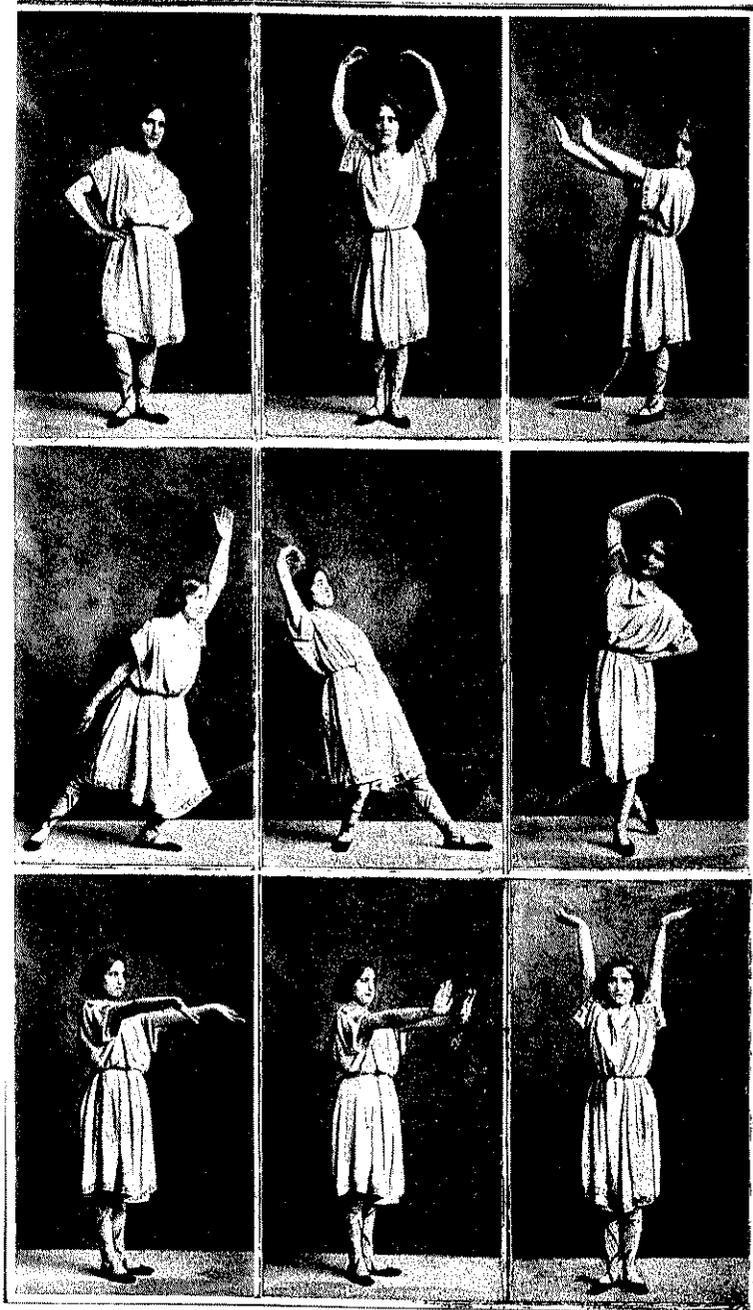


FIG. 67 - EXERCÍCIOS DESTINADOS AS MULHERES.

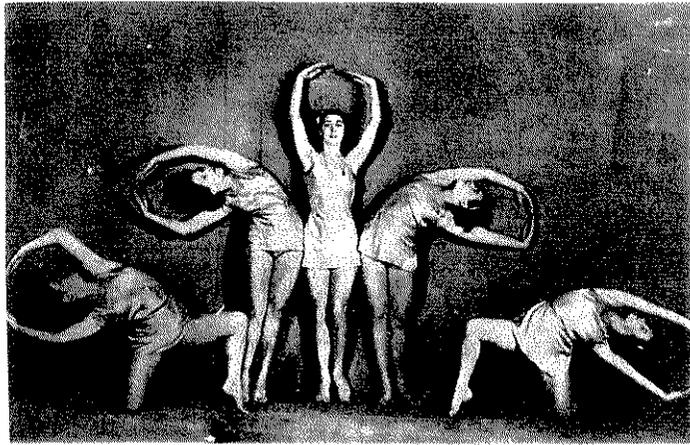


FIG. 68 - EXERCÍCIOS DESTINADOS ÀS MULHERES.

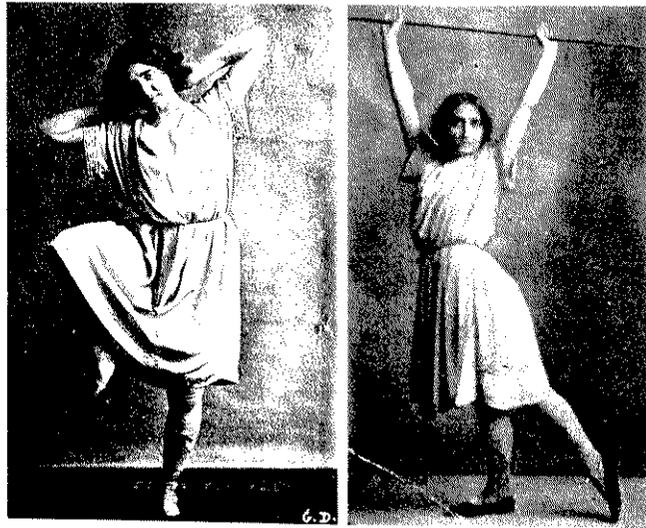


FIG. 69 - EXERCÍCIOS DESTINADOS ÀS MULHERES.

“Alheia a qualquer esforço muscular, a mulher não tem senão uma beleza efêmera: ela oscila entre a magreza e a gordura exageradas, mas não adquire jamais a forma pura e bem definida de uma estátua antiga, que somente uma ossatura sólida e um desenvolvimento harmonioso dos músculos podem fornecer”²¹¹.

Fazendo uma defesa de tudo o que esteja mais próximo da natureza e de hábitos mais simples, Demeny desenvolve uma crítica bastante dura aos hábitos gerados pela moda afirmando:

“o traje valoriza o encanto das linhas e a naturalidade do gesto; para isso, a roupa deve ser moldada pelo corpo e não o corpo pela roupa; esta não deve, aliás, esconder os defeitos de conformação. Um espartilho apertado ao extremo ou uma veste estofada, proveniente dos melhores fabricantes, eliminam toda a graça natural ao menor movimento”²¹².

Demeny atribui parte do que chama de decadência física das mulheres, ao uso destes acessórios das roupas femininas e das próprias roupas e calçados. Condena então o uso dos espartilhos, porta-seios, cintas, saltos altos e todos os meios de sustentação do corpo que fossem artificiais. Isto porque eles

“... restringem os movimentos respiratórios, comprimem o peito e o ventre; uma jovem envolvida por essa couraça externa encontra-se quase impossibilitada de levantar os braços ou de se abaixar. Estando os movimentos dos membros assim reduzidos, os músculos tornam-se inativos, atrofiam-se, o corpo enfraquece e não pode mais se manter sem o auxílio desses meios artificiais. A jovem não pode se decidir a abandonar seus instrumentos de tortura pelo receio de “despencar”; e acidentes de todos os tipos, na melhor das hipóteses uma hérnia, ocorrem num corpo incapaz de sustentar a si mesmo”²¹³.

Os hábitos saudáveis devem se sobrepor a estes que causam tantos malefícios. O exercício físico bem dosado e adequado à mulher deve tomar acento em sua educação. Educando-a se educa a mãe e esta fará o mesmo com suas filhas. Educar a mulher para cuidar de seu corpo é então, iniciá-la na Ginástica que, para Demeny é ... “uma arte fundada sobre a ciência do movimento”²¹⁴.

“A francesa é naturalmente graciosa, tem o instinto da elegância, não lucra nada em abandonar seus dons naturais, seu gosto artístico, por

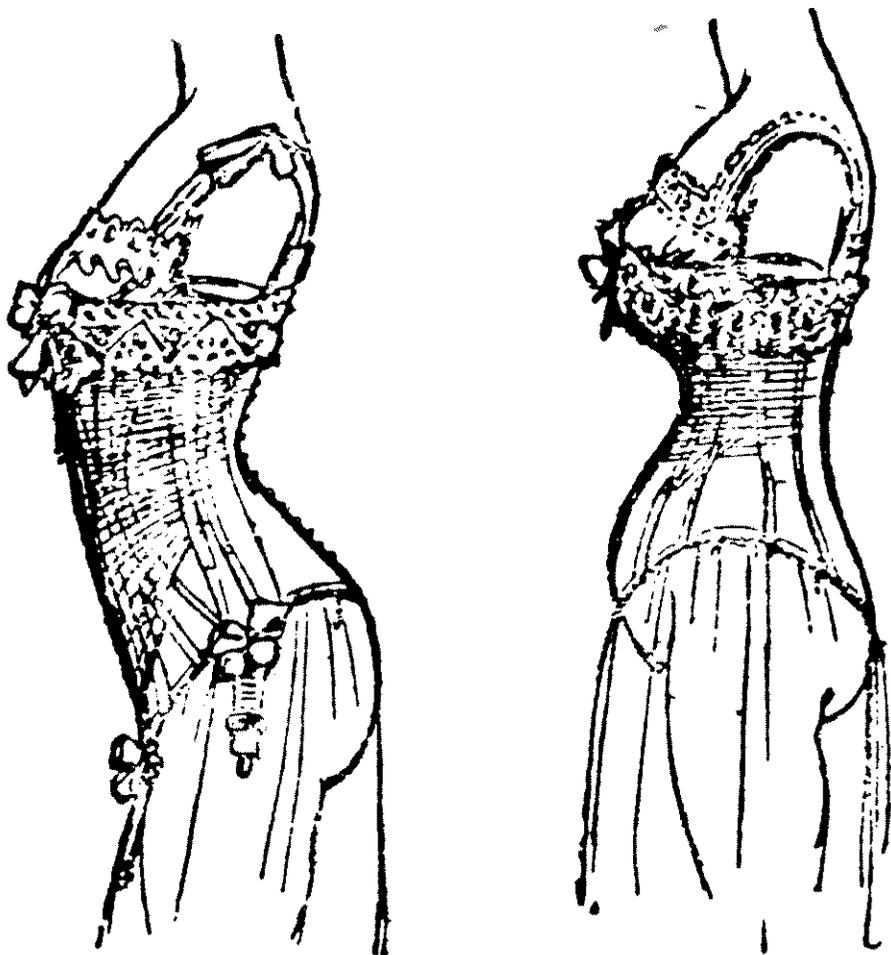


FIG. 70 - ESPARTILHOS.

uma beleza de convenção que exige demais de si e a leva à tortura. Seria suficiente inscrever a educação física na lista dos segredos de sua toilette, para gozar dos recursos naturais de que ela dispõe e ter o encanto de sua verdadeira beleza. Trocar sua flexibilidade, seu modo pessoal de ser e estar e mesmo sua saúde por um luxo fútil e mal compreendido que não acrescenta nada às suas qualidades é uma estranha maneira de entender o coquetismo”²¹⁵.

Assim, Demeny pensa que o aperfeiçoamento real do porte geral de uma mulher se dá a partir de bons hábitos que excluem o que é artificial e colocam a Ginástica em relevo. E esta não é uma tarefa fácil. Ela é o resultado de um esforço perseverante que termina por traduzir-se em benfeitorias efetivamente duráveis que não podem mais nos ser tiradas. ... “Para conservar nossa máquina em bom estado, é preciso colocá-la em movimento todos os dias e fazê-la funcionar integralmente”²¹⁶.

Esta afirmação é como uma lei geral de sua obra. Desta importância que dá aos movimentos bem definidos e estudados é que julga poder melhorar a saúde física geral do povo francês, da mulher, e particularmente da mulher mãe.

Acentua então os resultados de suas pesquisas acerca da superioridade de benefícios que advém dos chamados movimentos completos e executados com independência de contrações musculares. Estes movimentos tanto trazem benefícios localizados, como benefícios gerais pois aprende-se a utilizar os músculos necessários à ação, relaxando os demais e assim ganha-se mais resistência à fadiga.

Para concluir as prescrições da Ginástica destinada às mulheres Demeny acentua a necessidade de que a forma de aplicação seja intensa, porém aprazível. Assim, afirma: ... “espero incitar as jovens ao esforço vigoroso e ofereço a elas o meio de desenvolver estas qualidades fascinantes e preciosas: a graça e a beleza”²¹⁷.

Demeny trazia naquele momento, formas novas e bastante ousadas para a época no que diz respeito à Ginástica que chamava de convencional e afirmava ser enfadonha para os jovens, além de fechada a qualquer inovação. Assim, afirmava: ... “Procurei, dessa forma preencher a enorme lacuna existente entre a arte

da dança e a mimica e os meios insuficientes empregados até hoje para tornar realmente o corpo flexível e completar seu aperfeiçoamento”²¹⁸.

Todo o esforço de Demeny em buscar o novo para a Educação Física incluindo aí suas incursões na dança, no teatro e na música, se acenta nas explicações fornecidas pela ciência. Busca, sobretudo, desqualificar qualquer forma de trabalho corporal que não possua base científica, qualquer saber que fuja aos cânones científicos.

Como um positivista convicto, crê na fase científica como aquela que goza de superioridade sobre as demais, como uma evolução natural das ações do homem sobre a natureza. Afirma assim que como ... “A química substituiu a alquimia, a medicina, o curandeirismo, a educação física científica deve substituir as loucas incoerências da acrobacia e do atletismo”²¹⁹.

Este trecho de sua obra é emblemático de sua filiação científica e destaca sua desconsideração em relação a outros saberes, como por exemplo, aquele desenvolvido pelos acrobatas e artistas circenses, núcleo primordial da Ginástica na Europa oitocentista. Para qualquer afirmação exigia provas, demonstrações e exames. Desdenhava opiniões quando estas não se curvavam perante a demonstração rigorosa dos fatos. Chamava a atenção para a necessidade absoluta de regras e, sobretudo, de precaução para qualquer afirmação que antes de tudo devia ser rigorosamente demonstrada. Afirmava assim que uma doutrina deve sempre estar acentada sobre a experimentação e o método científico²²⁰.

Mergulhado nas crenças positivistas, criticava os espíritos metafísicos afirmando que desdenhavam as regras, as precauções e assim terminavam por construir com sonhos, monumentos frágeis²²¹.

Para que uma opinião prevaleça, afirmava Demeny, ela necessita de provas e estas provas devem ser apresentadas com um método de trabalho positivo e um verdadeiro conhecimento da vida. Com estas observações conclui, afirmando que só há um método aceito no campo da Biologia, que é o método experimental e é a ele que a Educação Física deve recorrer para afirmar-se no campo da ciência.

Demeny lutava fervorosamente para conseguir o distanciamento gradativo e crescente da Educação Física de toda discussão que não apresentasse provas. Do conjunto de frases e palavras soltas que, segundo ele, nada demonstram e apenas fazem diminuir a confiança na ciência.

Considerava como equívoco, erro, pseudo-ciência tudo aquilo que não se enquadrasse nos cânones positivistas. Chamava de sacerdotes da pseudo-ciência a todos que ousassem proferir observações sobre a Educação Física que não fossem comprovadas rigorosamente, afirmando que esta atitude contribuía para abalar a confiança da ciência, já diminuída.

Criticava, sobretudo, aqueles que, sendo partidários e conhecedores do método científico, positivo e experimental para a educação, se recusavam a admitir sua necessidade e importância para a Educação Física²²².

“Essa lamentável confusão é consequência de uma falsa ciência, ciência só de palavras que, sob um pedantismo de mau gosto, esconde a ignorância e semeia confusão nos espíritos. Alguns autores são especialistas em obscurecer os assuntos de que tratam e em atormentar o leitor através de contradições e sofismas. Depois de uma exposição ostensiva e confusa de conhecimentos científicos, uma série interminável de citações e opiniões contraditórias, não resta nada que se aproveite, nenhum ensinamento, nenhuma ordem no pensamento. Poder-se-ia concluir facilmente dessas obras de charlatães que não há lei na natureza para reger o aperfeiçoamento humano. A esses sofismas é preferível o empirismo. Nada é tão perigoso quanto uma falsa ciência”²²³.

E Demeny quer livrar-se dela, quer seguir no único caminho que acredita ser o da ciência verdadeira: o estudo metódico e experimental dos efeitos do exercício. Este estudo não se faz em qualquer lugar. Para sua realização são necessários fundos especiais, locais apropriados, instrutores experimentados e aparelhos de pesquisa. E tudo ... “isto foi realizado pelo Ministério da Instrução Pública no laboratório de Marey”²²⁴.

O largo apoio oficial confesso indica que o grupo ao qual pertencera Demeny, contribuiu para a grande aspiração do Estado francês, de colocar o país em pé de igualdade com outros países europeus no campo “educativo” próprio das atividades físicas.

O reconhecimento e o apoio do Estado à ciência, às organizações culturais e científicas é inegável no fim de século e Demeny é parte deste momento. Um momento especial pois fruto de uma mentalidade consolidada ao longo da III República, nascida a 4 de setembro de 1870 e que se caracteriza, sobretudo, por um enorme sentimento de recuperação e afirmação nacional da França. Patriotismo, espírito republicano, escola. Estes podem ser os termos-chave da III República na França, sendo a escola o instrumento básico de difusão de um mundo laico e de uma visão de homem e sociedade fiéis aos ideais da Revolução de 1789.

Cabe lembrar que às vésperas de 1870, a França apresentava uma unidade nacional bastante precária ainda. “A população é heterogênea em sua língua, suas idéias e seu modo de vida: ela é um mosaico de culturas. A consciência de uma identidade local vai muito além da idéia do pertencer a uma mesma nação”²²⁵.

Este quadro um tanto desagregador comporta, ainda, de um lado a derrota da França pela Prússia e, de outro, a instauração da Comuna de Paris²²⁶. O sentimento de “Pátria em perigo” que a elite dirigente alimenta e deseja ver estendido a toda a população se acentua.

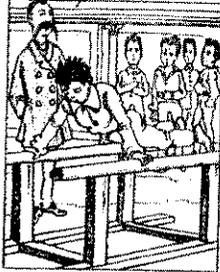
Partindo, então, desse quadro é possível afirmar que este sentimento “orienta”, de certo modo, uma reordenação nas instituições de um modo geral e na instituição escolar em particular.

Com Jules Ferry como ministro da instrução pública, há um processo de larga ampliação dos conteúdos de ensino que não descartam a Educação Física, presente já nos discursos oficiais desde mesmo os revolucionários de 1789.

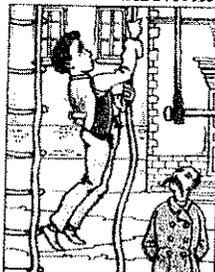
Como desfecho da derrota para a Prússia, há uma decisão de auxílio mútuo entre os Ministérios da Instrução Pública e da Guerra para preparar a revanche, decisão que se mistura ao sentimento nacional de “Pátria em perigo”²²⁷.

Afirma-se então, neste período, em toda a França, um desejo de que a Educação Física possa contribuir de forma significativa na preparação dos exércitos. Criam-se os batalhões escolares e proliferam os exercícios militares

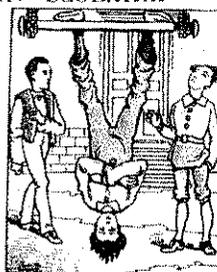
LE BATAILLON SCOLAIRE



Marc a quatre ans. Il sait déjà tous les exercices principaux de la gymnastique. On le voit s'élever avec légèreté entre les barres parallèles.



Grimper lestement et sans secousse le long de la corde bleue et redescendre lentement, et suivant les principes, jusqu'à terre.



Au trapèze, il se balance lentôt un se suspendant par les mains, lentôt en s'accrochant avec les pieds, sans avoir la moindre peur.



Comme il est en cela le plus habile de la classe et qu'il a reçu des mains du maître de sa commune le premier prix de gymnastique, on songe à le récompenser.



En conséquence on l'admet à faire partie du bataillon scolaire dont il admirait les dimanches toutes les évolutions.



Le jour de son admission, il trouve au pied de son lit un costume complet: bottes bleues avec cols et parements rouges, pantalons de drap bleu, gaitres de coutil blanc.



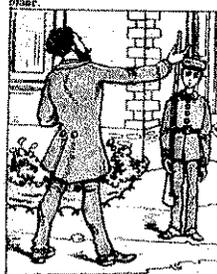
Et surtout un joli fusil tout brillant, tout reluisant, tout flamboyant, Marc est si content que, pieds nus et en chemise, il se met au port d'armes.



Puis, il fait sa toilette: un soldat doit être propre; aussi Marc trempe sa tête dans la cuvette. Bientôt le cou, les oreilles, le visage, les mains, tout est nettoyé.



Voilà l'uniforme endossé! Le petit soldat a vraiment bon air; il présente les armes à sa jeune sœur qui vient lui dire bonjour et l'admirer sincèrement.



C'est jour de grande revue; Marc est un peu ému; mais son papa a été amené à lui apprendre la théorie et aussi le maniement du fusil....



En sortit que le petit soldat se tira d'affaire et que l'officier, qui commande le bataillon, s'approche de lui pour le complimenter sur sa bonne tenue.



A la classe, Marc croit pouvoir un peu causer et s'amuser comme il a l'habitude de le faire; ses cahiers sont détrempés sur un coin du pupitre.



Attention! dit le maître, on n'est pas soldat quand on ne veut pas s'habituer à la discipline; le soldat doit posséder surtout deux vertus: la bravoure et l'obéissance.



Pour affirmer sa bravoure, Marc défend un petit dièze contre deux grands qui le battent; le jeune soldat rentre victorieux, mais blessé, il a une glorieuse bonne no front.



Pour montrer son obéissance, il est le premier en rang; il marche sans raisonner au premier appel et devient le modèle de sa classe.



Il n'a pas quatorze ans lorsqu'il reçoit les galons de sergent après avoir été cité à l'ordre du jour. Cet enfant, si en douzons pas, sera quelque jour un brave officier.

FIG. 71 - O BATALHÃO ESCOLAR. 1885

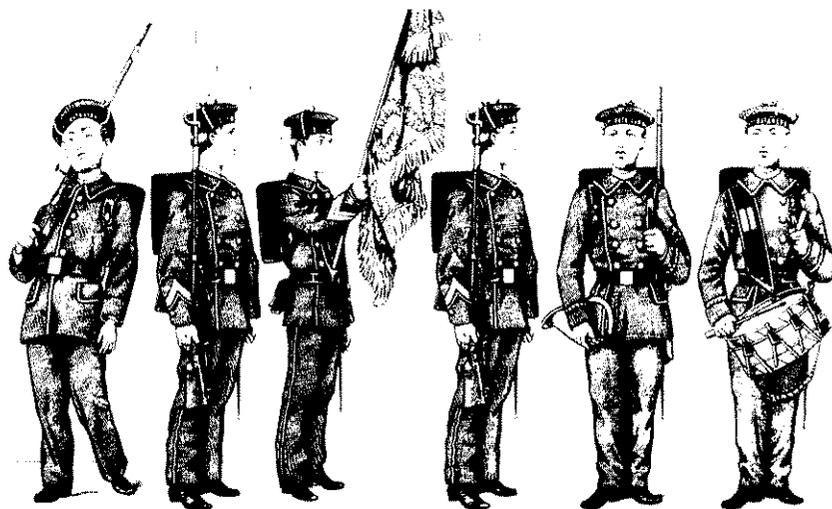


FIG. 72 - BATALHÕES ESCOLARES.

espetaculares com caráter de exibição sem qualquer interesse pedagógico. Predomina o interesse propagandístico de uma França forte e unida²²⁸.

É neste contexto que as pesquisas de Marey e Demeny, entre outros, terão um papel decisivo à medida em que retiram dos exercícios físicos, o caráter de mero treino militar. Embora o caráter militar fosse algo importante naquele momento, estes homens de ciência não o queriam como determinante sobre a compreensão geral do exercício físico, sobretudo na escola.

A tradição cultural e pedagógica humanística na França, acrescida do conhecimento obtido pelas pesquisas no campo da Biologia, vai conferir um lugar de destaque para a Educação Física, um lugar que ela já conquistara há cem anos senão de fato, ao menos de direito, ... “Cultivar os corpos e o espírito tal era a vontade dos revolucionários de 1789 e 1792”²²⁹.

Invenção consolidada no século XIX, a Educação Física encarna o espírito deste século, que consagra a vitória progressiva do conhecimento científico sobre o que se julgava ser obscurantismo. De parte constitutiva da educação escolar, a atividade física cresce fora de seus muros. As duas últimas décadas do século há um forte movimento na sociedade francesa que vai lentamente fazendo aparecer inúmeras organizações de Ginástica e Esportes²³⁰. Estas organizações lograram uma ampla projeção social e política afirmando, em diferentes lugares sociais, a possível relevância da prática da atividade física na resolução de problemas educativos e morais da sociedade.

Demeny, por exemplo, foi o criador de uma organização desta natureza: o “Cercle de Gymnastique Rationnelle” que funcionou até 1886. Entre as atividades daquela organização se destacam conferências destinadas a professores e instrutores, lições práticas e de demonstração e a edição de um boletim, “L’Education Physique”, em cujo conteúdo eram editados trabalhos científicos originais. Aquele boletim era, ainda, enviado gratuitamente a todos os professores primários do “Senne”²³¹.

Em plena sintonia com as políticas oficiais, Demeny e seu grupo tiveram uma grande influência também sobre a Educação Física escolar. Por mais

de duas décadas, seus trabalhos vão sendo cada vez mais destinados a resolver problemas ligados à escola e, particularmente, a partir de 1890 iniciam um programa bastante rigoroso de definição de diretrizes gerais para o ensino nas escolas.

O próprio Demeny já vem fazendo um trabalho minucioso de revisão dos programas de ensino desde 1887, tarefa que o levou a elaborar um Manual completo de exercícios e jogos escolares, publicado pelo Ministério da Instrução Pública³².

O ano de 1891 é marcado por outra publicação do gênero, Manual de Ginástica e jogos escolares elaborado por uma comissão organizada por Marey e integrada por Demeny. Em seu conteúdo proposto, aquele Manual diminuiu visivelmente a utilização de aparelhos para a execução de exercícios, assim como as evoluções militares, afirmando o afastamento da Educação Física “científica” das acrobacias e da caserna.

Neste quadro de rigor científico na definição de diretrizes para a Educação Física escolar, merece relevo uma viagem empreendida por Demeny e Lagrange* a Suécia, em 1890. O objetivo daquela viagem fora o de estudar com rigor a Ginástica praticada naquele país.

Lá o uso de aparelhos e de demonstrações acrobáticas fora bastante reduzido. A análise mais detida desta compreensão do exercício físico destinado às escolas, certamente influenciou Demeny e seu grupo na elaboração do Manual de 1891 onde acrobacias e evoluções militares aparecem com discrição.

Partidário da Ginástica Sueca num primeiro momento, Demeny tornar-se-á seu crítico mais tenaz. Suas pesquisas experimentais sobre o movimento humano levaram-no a perceber limitações naquelas prescrições, sobretudo no que diz respeito à ênfase sobre o músculo e a articulação, bem como sobre esforços estáticos.

A predominância de movimentos analíticos, a ausência de prazer nas sessões de Ginástica e uma excessiva rigidez demonstraram à Demeny

que os suecos haviam negligenciado a importância dos centros nervosos na equilíbrio funcional²³³.

A última década do século XIX será então marcada por um intenso debate entre os defensores do método sueco, Tissié* e Lagrange e o grupo de Demeny.

Conforme Celestino Pereira, a realização do Congresso Internacional de Educação Física em Paris, no ano de 1900, organizado por Demeny, representa o confronto oficial entre a tradição francesa desde Amoros e o método sueco de P.H. Ling²³⁴.

O debate público que se instala naquele congresso se prolonga por toda uma década (1900-1910) e assegura a supremacia do grupo de Demeny. É possível identificar assim a afirmação da escola francesa onde documentos oficiais²³⁵ atestam as idéias básicas daquele grupo e, particularmente as de Demeny.

Assim encontramos três grandes diretrizes para a Ginástica na França:

- 1) a ginástica educativa deveria ser regida de acordo com sua utilidade profissional;
- 2) a ginástica de aplicação deveria ser constituída por exercícios militares utilitários e desportivos, baseados sobre o princípio da economia de forças;
- 3) a ginástica de seleção deveria compreender exercícios especiais nos aparelhos e desportos, exigindo aptidões especiais e, por isso, só poderia convir à uma "elite"²³⁶.

Na primeira década do século XX, a presença de Demeny é sentida em várias instâncias. Redige um Manual de armas e torna-se o único membro civil de uma Comissão Militar encarregada da redação daquele Manual²³⁷.

Já nos primeiros dois anos deste século, ajuda a organizar o curso de Educação Física da École Militar de Joinville le Pont e é nomeado professor de Fisiologia Aplicada. Nesta mesma escola cria e dirige um laboratório de Fisiologia Aplicada.



FIG. 73 - ESCOLA NORMAL MILITAR DE JOINVILLE-LE-PONT.

Além destes empreendimentos, no ano de 1902, Demeny organiza o primeiro curso superior de Educação Física na França no Lyceé Janson-de-Sailly.

Neste período, Demeny foi um representante oficial do governo francês no campo da Educação Física, sendo enviado a congressos internacionais²³⁸ que debateram temas acerca do exercício físico e de suas aplicações. Colocava-se, assim, em relevo o caráter público da pesquisa científica, sendo a sua divulgação uma tarefa do Estado republicano.

Mas, a supremacia de Demeny vai se diluindo e suas idéias vão perdendo força para os defensores do método sueco. Do ponto de vista oficial o apoio vai diminuindo e Demeny lamenta que a ciência perca terreno para as opiniões genéricas e sem comprovação.

Para ele, aquele momento era o único de um sem número de resultados que seriam obtidos pela pesquisa experimental, uma vez que os meios para tal haviam sido criados. Era o laboratório de Joinville, o laboratório de Marey, as colaborações com o Ministério da Instrução Pública onde se podiam aplicar os resultados das pesquisas.

Mas, conforme suas palavras,

“De repente e quando estes meios já vinham dando resultados, foram subitamente suprimidos e das mãos do inventor fizeram passá-los para as mãos de inexperientes; e assim ficou perdida toda uma grande soma de dinheiro dispendida nestas instalações. A técnica experimental que tantas e tão cabais provas já havia dado foi condenada, sem exame e sem competência dizendo-se: “Não temos necessidade de tudo isto, a verdade está em Estocolmo!” O espírito científico será incompatível com o espírito militar? Não o cremos; todavia, esta maneira de agir podia-nos fazer supor, pelo menos no presente caso”²³⁹.

Diante deste revez, desiludido, Demeny deseja que a ciência e a educação fiquem fora de influências políticas. Suas convicções positivistas o fazem crer que isto fosse possível e necessário para que a marcha do progresso não fosse retardada. Que a incompreensão de um ministro que substituisse outro não

rompesse com a evolução do conhecimento, privando um pesquisador de seus meios de pesquisar.

A ciência, para ele, esta acima das paixões humanas e deve sempre ser preservada destes sentimentos. Suas desilusões, portanto, localizam-se nos homens.

Desse modo, a sua crença na ciência em nenhum momento é abalada. Demeny tem a certeza de que num futuro, quando a sociedade inteira for regida por leis criadas pela ciência, ou seja, quando a sociedade inteira estiver na fase científica/positiva, suas pesquisas triunfarão.

Assim, tem a convicção de que suas pesquisas científicas sobre a Educação Física, são propostas do futuro. Nem construídos ao acaso, nem amontoado de palavras, seus resultados, pelo contrário, são obtidos pelo rigoroso controle experimental, que não é intangível mas, evolue continuamente. Busca um grau maior de perfeição e combate os espíritos céticos.

Como um missionário da nova “religião do progresso”, suas idéias não poderiam ser mais claras. Elas estão em sintonia com um mundo mais urbano que se afirma. A cidade é pois o cenário que decide os atos da vida de indivíduos e sociedade. Acumula pessoas e ilusões. Expõe, de modo inequívoco, a exclusão social e a miséria decorrente. Os seres urbanos, esses novos bárbaros, precisam, portanto, ser educados. Devem tornar-se auto-disciplinados, decididos.

Ser o senhor de seus gestos é condição indispensável para a vida urbana e veloz que se afirma.

De certo modo, a Educação Física matiza com tons mais quentes este novo olhar sobre indivíduo e sociedade. Mostra-se, como modelo científico e técnico, capaz de potencializar recursos e energias físicas. Fornece algumas das muitas respostas e soluções buscadas por uma burguesia ávida por compreender, cada vez mais, o uso das forças da natureza, das forças humanas e assegurar o progresso a que tão triunfalmente dera início.

Quando Demeny afirma que o trabalhador deve ser pensado como um “capital de energia” e que cabe à Educação Física contribuir,

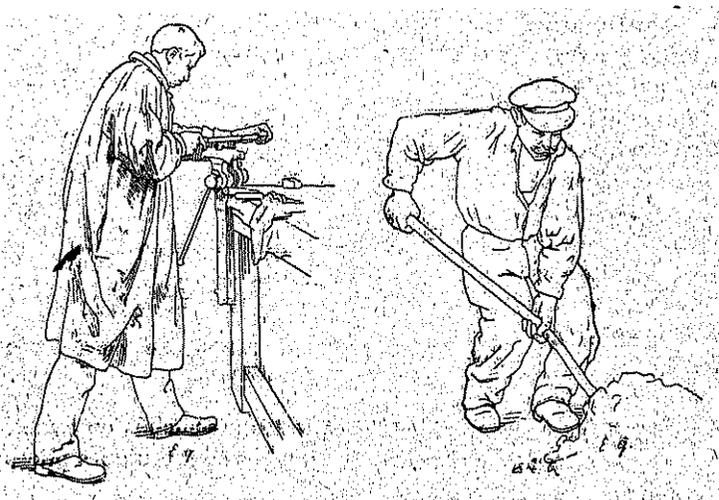


FIG. 74 - O USO DAS FORÇAS NO TRABALHO.

decisivamente na formação deste capital²⁴⁰, é possível vislumbrar, mais claramente, o lugar desta Educação Física.

Demeny, com suas pesquisas experimentais sobre o movimento humano, mesmo quando é contestado, apenas confirma o lugar já assegurado da Educação Física na sociedade. Sobretudo de uma Educação Física que apresentava-se com finalidade muito precisa: ensinar os indivíduos a adquirir forças, a adquirir também uma destreza geral que favorece não só o manejo de instrumentos no mundo do trabalho, mas também melhora a utilização das forças físicas e morais.

A energia, “moeda do universo”, não podia ser desperdiçada. Aprender a sua utilização com o corpo e no corpo era tornar-se senhor de seu gasto.

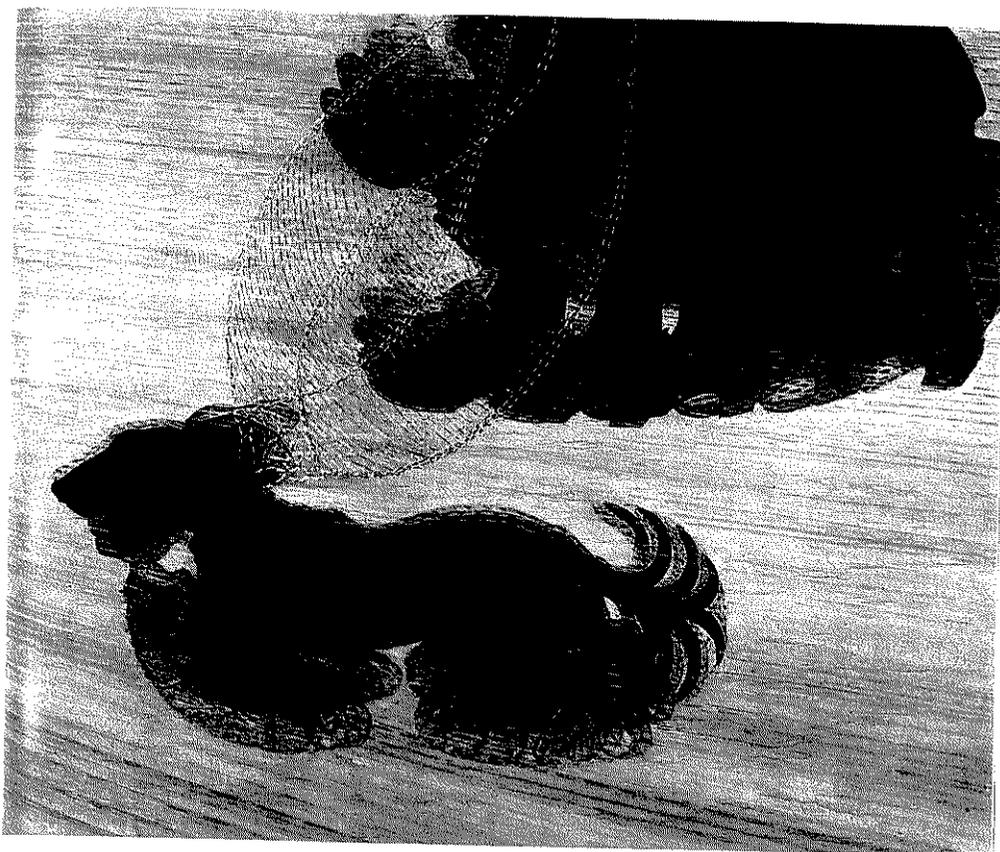


FIG. 75 - GIACOMO BALLA
CÃO NA COLEIRA, 1912

NOTAS

¹ VIGARELLO, 1978, p. 9. Ver também FOUCAULT (1986:80), para quem o "... controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica".

² VIGARELLO, 1978, p. 9.

³ Esta expressão é utilizada por LANGLADE, LANGLADE (1986).

⁴ Cf. HOBBSAWM (1982:18) "... não seria exagerado considerarmos esta dupla revolução - a francesa, bem mais política, e a industrial (inglesa) - não tanto como coisa que pertença a história dos dois países que foram seus principais suportes e símbolos, mas sim como a cratera gêmea de um vulcão regional bem maior.

⁵ Sobre o assunto consultar entre outros BERNAL (1975: v.1 e 3); COMTE (1983); LUZ (1988); LOWY (1987).

⁶ A esse respeito ver DURKHEIM (1983:78-79); LUZ (1988:78-79).

⁷ VOVELLE, 1991, p. 144.

⁸ Sua origem etimológica vem do grego *gymnikos*, adj. que é relativo aos exercícios do corpo e de *gimn(o)*, elemento de composição culta que traduz a idéia de nu, do grego *gymnós*, "nu, despido", não coberto, que se limita a ser alguém ou alguma coisa, puro e simples, sem acessórios ou sem modificações... que não traz vestuário exterior, que só traz a roupa interior, a túnica; sem armadura ou armas. (MACHADO, 1977, v. 3, p. 151). Consultar ainda, ARNAUD, CAMY (1986: 54 et seg).

⁹ Sobre o assunto consultar: PEREIRA (s.d.); LANGLADE e LANGLADE (1986); CRESPO (1990).

¹⁰ Sobre o assunto consultar PEREIRA, (s.d.), p. 423 et seg. especialmente.

¹¹ Em trabalho publicado em 1994 intitulado, *Educação Física: raízes européias e Brasil*, desenvolvo o tema de modo mais detido. (SOARES: 1994).

¹² O movimento esportivo expandiu-se, tal qual expandiu-se o modo de ser e de viver da burguesia inglesa. O esporte conscientiza, aliena, (re)cria e afirma o homem burguês: audaz, ágil, educado, obediente e, sobretudo, cumpridor e adorador de regras sociais, morais, físicas... Este movimento cria o gosto pelo aparato burocrático do esporte moderno, este imenso universo de signos, símbolos e linguagens que encantam multidões e que já serviu e ainda serve as mais díspares ideologias.

Fenômeno de massas, espetáculo de plasticidade quase coreográfica, o esporte em suas diferentes manifestações, cada vez mais desenvolve-se colado, ou como expressão de formas específicas de saber como a ciência e a técnica. Como marca da passagem de homens e mulheres pelo mundo, situa-se no âmbito da cultura.

Para o senso comum, o esporte ou os esportes significam qualquer forma de exercitação física e exercem um fascínio que, monitorado pelos mídia, transforma-se quase em fetiche. A esse respeito consultar PEREIRA (s.d.: 347 et seg.); GRIESWELLE (1978); SPIVAK (1988:178). *La preparacion militar en Francia, un Fracasso del regimen republicano*.

¹³ Para maiores informações consultar JAEGER (1989).

¹⁴ Cf. STRASSER, 1991, p. 6 et seg.

¹⁵ HOBBSAWM, 1982, p. 292-293.

¹⁶ As análises que procedo em relação ao tema cultura popular na Idade Média e Renascimento estão baseadas nas obras de BAKHTIN (1987, 1993).

¹⁷ Ver o excelente trabalho de DUARTE (1993).

¹⁸ DUARTE (1993). p. 115.

¹⁹ Esta expressão é tomada de CRESPO (1990:443).

* Francisco AMOROS y ODEANO. DEL POZO (1986). Ver também, SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS 1988: REYS, 1961.

²⁰ Cf. DEL POZO, 1986. p. 294.

²¹ AMOROS, 1838. p. 262-263. Cf. ANDRIEU (1988:119), a obra de Amoros foi publicada pela primeira vez em 1820 e reeditada em 1838 e 1848. Utilizo, neste trabalho, a edição de 1838 que pode ser encontrada, para consulta, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²² Cf. BAKHTIN (1987: 18 et seq.) ... "no realismo grotesco ... o "alto" e o "baixo" possuem aí um sentido absoluto e rigorosamente topográfico. O "alto" é o céu, o "baixo" é a terra, a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). Este é o valor topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico. No seu aspecto corporal, que não está nunca separado com rigor do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça), e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro. O realismo grotesco e a paródia medieval baseiam-se nessas significações absolutas". Cito ainda uma definição do grotesco trazida por Bakhtin da obra de L. Pinski: O realismo na época renascentista: ... "No grotesco, a vida passa por todos os estágios, desde os inferiores inertes e primitivos até os superiores mais móveis e espiritualizados, numa guirlanda de formas diversas porém unitárias. Ao aproximar o que está distante, ao unir as coisas que se excluem entre si e ao violar as noções habituais, o grotesco artístico se assemelha ao paradoxo lógico. A primeira vista o grotesco aparece apenas como engenhoso e divertido, mas na realidade possui grandes possibilidades".

²³ BAKHTIN, 1987. p. 17. Ainda Cf. BAKHTIN (1987:23) ... "uma das tendências fundamentais da imagem grotesca do corpo consiste em exibir dois corpos em um: um que dá a vida e desaparece e outro que é concebido, produzido e lançado ao mundo ... Do primeiro se desprende sempre, de uma forma ou de outra, um corpo novo".

²⁴ BOSI. (s.d.). p. 191.

²⁵ PERROT, 1991. v. 4. p. 17.

²⁶ CORBIN, 1991. v. 4. p. 608.

²⁷ A este respeito consultar REYS, 1961. p. 7-18, especialmente. PHILIPPE, 1930: v. 1, p. 7-60.

²⁸ Ver especialmente PESTALOZZI (1936).

²⁹ Cf. DEL POZO (1986:290), o ano de criação do ginásio de Amoros em Madrid é 1806, data que confirma ser aquele, um dos primeiros ginásios criados no mundo. Cabe ainda registrar que Amoros foi o diretor do Real Instituto Pestalozziano de Madrid até o ano de 1808.

³⁰ Cf. CARRETERO, 1988. p. 71. AMOROS (1838:111) relata este fato em seu *Nouveau manuel d'éducation physique*.

³¹ Cf. PHILIPPE, 1930. v. 1, p. 8.

³² Amoros é nomeado em 1815, "Mariscal de campo para los refuerzos" e é declarado membro da "sociedad para la Enseñanza en Paris" e em 1816 é naturalizado francês. Cf. ANDRIEU, 1988. p. 119. Quanto a

instituição escolar, cabe esclarecer que Amoros não criou o seu sistema de Ginástica para aquela instituição, muito embora os interessados pela educação escolar, e entre eles o próprio Amoros, encontrem princípios gerais para o ensino da Ginástica na escola em sua obra.

³³ Cf. PHILIPPE (1930: v. 1, p. 8-9), o primeiro ginásio amorosiano foi instalado entre os anos de 1816 e 1817, na L'Institution Durdan, localizado ao lado do Jardin des Plantes, próximo ao antigo Gymnase de J. Verdier, nº 9 da Rue Daubenton então chamada Rue d'Orléans. Ver ainda SPIVAK, 1988, p. 140.

³⁴ Cf. ANDRIEU, 1988, p. 120.

³⁵ AMOROS, 1838, p. 453-455. Cabe ressaltar que todo o capítulo X desta obra é dedicado as reflexões e propostas em torno de ações de beneficência e exercícios ginásticos adequados a estas ações, onde a coragem é fundamental, cf. pode-se observar na afirmação de Amoros que abre este capítulo: ... "nós podemos aprender a fazer o bem como o mal e a coragem se aprende tal qual se aprende a virtude: pois nada daquilo que honra verdadeiramente o homem não lhe vem sem aprendizagem e esforços". (AMOROS, 1838:453).

³⁶ REVEL, 1991, v. 3, p. 172.

³⁷ REVEL, 1991, v. 3, p. 172.

³⁸ De DURKHEIM (1983) ver especialmente, *As regras do método sociológico*.

³⁹ AMOROS, 1838, p. 1. Cf. DEL POZO (1986:304), ... "esta definição foi elaborada por Amoros dez anos antes da publicação de seu livro, durante o discurso que pronunciou em 1820 ao inaugurar o curso de educação física na instituição Villodon. Amoros é um dos primeiros a chamar CIÊNCIA a ginástica, seguindo o exemplo de alguns grandes filósofos da antiguidade. Até então, a palavra ARTE aparecia como a mais adequada, por sua tradição latina e renascentista". In Francisco Amoros, *el primer gimnasiarca espanhol*.

⁴⁰ Sobre o assunto consultar AJA (1988:13-27); PEREIRA (s.d.), p. 191 et seq.

⁴¹ A obra a qual faço alusão é o seu "*Nouveau manuel d'education physique, gymnastique et morale*".

⁴² AMOROS, 1938, p. V-X. (Grifos meus).

⁴³ Amoros empreendeu estudos detalhados sobre a composição corporal, os diferentes órgãos e suas funções, os tecidos e os aparelhos. Detem-se largamente no estudo do aparelho locomotor e de todo o esqueleto humano, fazendo descrições de todos os ossos, o que demonstra a importância que passava a ter, naquele momento, a osteologia. Seus estudos sobre os ligamentos, as articulações e a independência de cada uma na realização dos movimentos atestam seus conhecimentos de sindesmologia, completado pela miologia, que lhe permite fazer descrições precisas e detalhadas de todos os músculos conhecidos.

⁴⁴ AMOROS, 1838, p. 173. Todo o capítulo II desta obra é dedicado ao estudo das leis da mecânica e sua relação com o corpo humano.

⁴⁵ AMOROS, 1838, p. 256.

⁴⁶ É possível aqui fazer uma relação com o moderno Atletismo, onde vamos encontrar entre suas provas, as corridas, classificadas em corridas de velocidade, fundo, meio-fundo, com barreiras, com obstáculos e de revezamento, de acordo com distâncias percorridas e velocidades. Encontram-se ainda as provas de saltos classificadas em salto em extensão, em altura, triplo e com vara e, por fim os lançamentos de disco e dardo e o arremesso do peso e do martelo.

⁴⁷ HOMERO apud REYS, 1961, p. 90-91.

⁴⁸ AMOROS, 1838, p. 282.

-
- ⁴⁹ AMOROS. 1838. v. 1, p. 271.
- ⁵⁰ AMOROS. 1838. p. 286 et seq.
- ⁵¹ Em relação aos saltos também é possível fazer uma relação com o moderno Atletismo e suas provas. Ver nota nº 46.
- ⁵² Cf. AMOROS apud REYS. 1961. p. 61 et seq.
- ⁵³ AMOROS. 1838. p. 68. (Grifos meus).
- ⁵⁴ AMOROS (1838) dedica todo o capítulo III de sua obra a estudos e propostas de como desenvolver a voz a partir do canto.
- ⁵⁵ AMOROS. 1838. p. 104-113.
- ⁵⁶ Para informações mais detalhadas acerca da importância atribuída ao canto consultar, AMOROS (1838:111, 153 et seq. especialmente).
- ⁵⁷ Os compositores do rei, tanto na Espanha quanto na França, foram aqueles que compuseram a quase totalidade dos cantos utilizados por AMOROS em seu método de Ginástica. Ver AMOROS. 1838. p. 111.
- ⁵⁸ PLUTARCO apud AMOROS. 1838. p. 108.
- ⁵⁹ AMOROS. 1838. p. 110. Sobre as relações entre gesto e música ver o excelente trabalho de PINTO (1996).
- ⁶⁰ AMOROS. 1838. p. 110.
- ⁶¹ AMOROS. 1838. p. 109.
- ⁶² AMOROS. 1838. p. XI.
- ⁶³ Para AMOROS (1838:XI) a educação Ginástica pode ocorrer desde o momento em que a criança começa a fazer uso de seus sentidos e dar a seus movimentos impulso e vontade.
- ⁶⁴ AMOROS. 1838. p. XIV. A idéia básica de Amoros, de reunir num mesmo local - o Ginásio - um grande número de pessoas e "comandar" uma série de exercícios físicos com objetivos de melhorar habilidades físicas e preservar/manter a saúde, sugere uma aproximação com as academias de ginástica da sociedade contemporânea. Se, além desta 1ª idéia trouxermos o conceito de saúde utilizado por Amoros, ou seja, saúde reduzida a seus aspectos de natureza biológica, a aproximação torna-se mais tentadora e possível. Todavia, mesmo com estas e outras evidências, é prudente não ceder a este impulso inicial, sobretudo, porque a ginástica de academia, hoje, é um tema que carece de estudos mais abrangentes.
- ⁶⁵ AMOROS. 1838. p. XIV.
- ⁶⁶ AMOROS. 1838. p. XV.
- ⁶⁷ Cf. análises de PHILIPPE (1930:33). Ver também LA METTRIE. 1982.
- ⁶⁸ AMOROS. 1838. p. I. Ver também VÁZQUEZ (1988:29-64). Ao que Amoros denominava "máquina", hoje denomina-se "aparelho" de ginástica.
- ⁶⁹ Uma explicação do plano e projeto geral do Ginásio Normal. Militar e civil dirigido por Amoros pode ser encontrado na p. 57 e seguintes de sua obra já aqui citada. (AMOROS. 1838:57 et seq.). Ver ainda SPIVAK. *Amoros. el hombre y su obra examinadas con lupa*, p. 140. O Ginásio civil e militar, no qual Amoros foi o

diretor, funcionou de 1820 a 1837. O seu fechamento foi ordenado pelo Rei Luís Philipe, cansado de intermináveis pedidos e das incansáveis reclamações de Amoros.

⁷⁰ Cf. AMOROS (1838:204), na página 204 há a afirmação de Amoros na qual se lê: “Meu método e meus exercícios param onde a utilidade cessa e onde começa o funambulismo”.

⁷¹ Cf. AMOROS, 1938, v. 1, p. xiiij.

⁷² BAKHTIN, 1987, p. 309.

⁷³ DUARTE, 1993, v. 1, p. 93.

⁷⁴ DUARTE, 1993, p. 241.

⁷⁵ DUARTE, 1993, v. 2, p. 251-252.

⁷⁶ DUARTE, 1993, v. 2, p. 249-250.

⁷⁷ DUARTE, 1993, v. 2, p. 260.

⁷⁸ BAKHTIN, 1987, p. 78. Ainda sobre o riso ver BAUDELAIRE, *Da essência do riso* ..., 1991.

⁷⁹ BAKHTIN, 1987, p. 78.

⁸⁰ BAKHTIN, 1987, p. 57.

⁸¹ DUARTE, 1993, v. 2, p. 270.

⁸² Os laboratórios de análise do gesto se estruturam na Europa a partir de 1870, ditados pela lógica da racionalização do trabalho. A economia de forças, o gasto de energias são aspectos que começam a ser considerados na computação dos lucros. Tratarei deste assunto ao longo deste trabalho.

⁸³ Ver ELIAS, 1993. O processo civilizador, onde há um rico detalhamento de códigos, de gestos e atos corporais considerados como civilizados, os quais devem ser incorporados pelos indivíduos na sociedade.

⁸⁴ As restrições médicas e pedagógicas embora insistentes e bastante divulgadas não chegaram a abalar o gosto popular em relação aos espetáculos circenses, em especial, ao corpo como espetáculo. DUARTE (1993: v. 2, p. 258 et seq.), cita como exemplo o contorcionista, este ser em transformação, em mutação, portanto contrário a fixidez exigida pela sociedade. As restrições médicas nunca chegaram a “abalar o gosto pela exibição dos contorcionistas nem mesmo a aura mágica que os cercava aos olhos do público, já bem mergulhado no controle do corpo, de suas posturas e gestos”.

⁸⁵ O número de filhos aqui se insere num debate de caráter moral: a fecundidade também devia ser útil. Cf. BAKHTIN (1987:274), a fecundidade foi um motivo dominante na cultura popular da Idade Média e do Renascimento, nas imagens grotescas. Foi uma força sólida e poderosa e não caberia na racionalização burguesa do tipo: “a fecundidade dos cidadãos, o crescimento da população são a defesa militar mais segura da cidade”.

⁸⁶ SOMBART, 1986, p. 121. Ainda Cf. CARPEAUX (1963: v. 5, p. 2116-2117), as aparições da burguesia datam do “trecento”. Eram burgueses os poetas e políticos das cidades italianas daquele tempo. Burgueses também eram Lorenzo Médici e os humanistas do “Quatrocento” ... burgueses eram os puritanos de “Commonweal” de Cromwel e Milton. Burgueses eram os dramaturgos e poetas que rodeavam Luís XV, “ce grand roi burgeois”. Burgueses eram os “dissenters” ingleses do século XVIII, o público de Addison e Steele, do romance e do teatro sentimentais e da poesia pré-romântica. Burgueses eram os oradores da Revolução Francesa. Nestas épocas de transição agiu, histórica e literalmente a burguesia: mas sempre imitando o estilo de outras classes, as mais altas da sociedade. Só depois de 1830 venceu, com a burguesia, o estilo de vida

burguês: a economia livre e o parlamentarismo, os trajes masculinos sóbrios sem qualquer vestígio de pitoresco.

⁸⁷ GOULEMOT, 1991, v. 3, p. 376 et seq.

⁸⁸ BAKHTIN, 1987, p. 16-17.

⁸⁹ BAKHTIN, 1993, p. 291.

⁹⁰ RABELAIS, 1939.

⁹¹ RABELAIS, 1986, p. 126-134. Neste livro, o capítulo largamente utilizado pelos pensadores da Ginástica é o de nº XXIII, onde encontram-se elementos do pensamento clássico na obra de Rabelais. O episódio da “segunda” educação de Gargantua é posto em relêvo vez que, naquela educação, são acentuados os aspectos de ordem, disciplina, uso adequado do tempo, a par de uma educação intelectual “equilibrada” com um correto uso do corpo pelos exercícios físicos.

⁹² BAKHTIN, 1987, p. 281.

⁹³ BAKHTIN, 1987, p. 25.

⁹⁴ CENTAZZI, apud CRESPO, 1990, p. 459-461.

⁹⁵ HORÁCIO apud AMOROS, 1838, p. 109.

⁹⁶ Cabe registrar ainda as análises de ANDRIEU (1988:120), a respeito das distinções que pretendia Amoros, quais sejam ... “ensinar uma Ginástica séria e que inspire confiança, uma Ginástica racional de formação, que nada tenha que ver com as diversões nem os espetáculos, nem tampouco com as proezas dos homens fenômeno, dos saltimbancos, dos volantis ou dos hércules de feira”.

⁹⁷ Para as informações que se seguem, tomei por base a obra de PEREIRA (s.d. p. 300-306). Pehr Henrik LING, fundador do método sueco nasceu em 1776 e morreu em 1839. As bases iniciais da Ginástica sueca são dadas pela Ginástica alemã de Guths-Muths, de Vieth e de Pestalozzi, somadas a orientação filosófica de Schelling. Não pode também ser esquecida a forte influência intelectual dos enciclopedistas e pedagogos tais como Rousseau, Basedow e Salzmann.

⁹⁸ Na literatura sobre Ginástica encontramos o termo “aparelho” para denominar aquilo que Amoros chamava de “máquinas”.

⁹⁹ Cf. AMOROS (1838:323 et seq.), onde encontram-se explicações detalhadas acerca dos usos da força nos exercícios físicos em geral, naqueles executados nos aparelhos, bem como os tipos de força existentes e sua aplicação. Cabe ainda registrar o que a palavra força lhe sugere: “... diremos somente que a palavra força é tão apropriada para exprimir todo tipo de poderes ou de faculdades que possuímos em um grau superior, que dizemos, força de ânimo, força de espírito, de memória, de imaginação, de julgamento, de um bom senso, da mesma forma que dizemos, força de coração, força motriz, força das circunstâncias, força pública, força de opinião, etc, etc.” (AMOROS, 1838:363-364).

¹⁰⁰ Cf. AMOROS, 1838, p. 213.

¹⁰¹ STRASSER, 1991, p. 47 et seq.

¹⁰² Ver o instigante trabalho de SILVA (1996).

¹⁰³ PAZ, 1988, p. 16.

¹⁰⁴ Amoros considerava o octogno uma maquina singular, que permitia fazer um grande número de exercicios e era, portanto, essencial num Ginásio. Cf. REYS, 1961:90-91. Sobre os aparelhos/máquinas de Amoros, ver ainda. VÁZQUEZ (1988:29-64).

¹⁰⁵ Estes itens são em número de 17 e estão registrados na nota nº 42 deste trabalho.

¹⁰⁶ Os volteios constituíam-se em um conjunto de exercicios acrobáticos executados sobre o cavalo, sem o uso dos estribos.

¹⁰⁷ GOULDNER, 1979, p. 67.

¹⁰⁸ AMOROS, 1838, p. xii. Ver também AJA, 1988, p. 15-27. Na França a educação física das mulheres é assunto tratado de modo amplo e profundo pelos continuadores de Amoros, como por exemplo, Georges Demy.

¹⁰⁹ Cf. AMOROS (1838), os jogos também permitem a realização de trabalhos coletivos onde, por exemplo, nos jogos com bola é possível que 100 alunos se exercitem ao mesmo tempo.

¹¹⁰ BAKHTIN, 1987, p. 241.

¹¹¹ BAKHTIN, 1838, p. 204.

¹¹² PEREIRA, (s.d.), p. 470.

¹¹³ REYS, 1961, p. 104.

¹¹⁴ PONCE, 1986, p. 143.

¹¹⁵ Ver AMOROS (1838), onde encontram-se idéias sobre a formação do professor ao longo de toda a obra. Ver também REYS (1961), onde encontram-se estas idéias ao longo de toda obra.

¹¹⁶ Desenvolvi esta temática de modo mais amplo no trabalho de dissertação de mestrado publicado em 1994, Educação Física, raízes européias e Brasil, ver especialmente o I e II capítulos (SOARES, 1994). Ver ainda ROSEN, 1979; LUZ, 1988; COSTA, 1983; BISSERET, 1979; CANGUILHEM, 1986.

¹¹⁷ Fascínio este que persiste de forma quase absoluta nos nossos dias, inclusive em relação à Ginástica.

¹¹⁸ Na moderna Fisiologia do treinamento desportivo encontramos uma vigorosa discussão e consideração em torno destas qualidades/capacidades físicas, evidentemente ampliadas pelos avanços do conhecimento neste campo da pesquisa do exercicio físico. A esse respeito ver BARBANTI (1979:98-290); SCHMOLINSKY (1982, p. 47-55 e 114-119); WEINECK, (s.d.), p. 52-190 especialmente.

¹¹⁹ Cf. CARPEAUX, 1962, v. 4, p. 1652 e 2009. O Romantismo é um movimento literário que servindo-se de elementos historicistas, místicos, sentimentais e revolucionários do pré-romantismo, reagiu contra a Revolução e o classicismo revificado por ela; defendeu-se contra o objetivismo racionalista da burguesia, pregando como única fonte de inspiração o subjetivismo emocional "... é um fenômeno de reação a Revolução Francesa (que) encerrou de início uma crítica da civilização e da sua evolução ...". Ver ainda HOBBSAWM, 1982, p. 275-299 especialmente.

¹²⁰ Acerca desta afirmação ver DEL POZO (1986:277-279, especialmente). Este autor o considera um fundador da ginástica francesa e espanhola.

¹²¹ SPIVAK, *Amoros, el hombre y su obra examinados con lupa*, p. 137-145.

¹²² ANDRIEU, 1988, p. 115. Naquilo que foi possível constatar e interpretar das fontes consultadas, Amoros foi um dos primeiros a transformar a Ginástica num produto que podia ser vendido, portanto, num "negócio". Foi também aquele que criou um tipo específico de propaganda em torno da necessidade da educação do corpo. Certamente este aspecto mercantil e propagandístico que Amoros instaurou, também permite uma

aproximação com as academias de ginástica de nossos dias - grandes mercados criados para atender uma significativa fatia de consumidores de produtos que prometem transformar corpos e mentes.

¹²³ VIGARELLO, 1978, p. 157 et seq.

¹²⁴ Cf. CALVINO (1990:128-129), ao analisar a obra de Flaubert em *Seis propostas para o próximo milênio*.

¹²⁵ Esse é o último romance de Flaubert, publicado após sua morte. Consultei a 2ª edição da trad. bras. editada pela Nova Fronteira, e a edição francesa editada por Brodard et Taupin.

¹²⁶ FLAUBERT, 1891, p. 171, ed. bras.: FLAUBERT, 1994, p. 178, ed. franc. As ilustrações a que se refere Flaubert fazem parte de um atlas de posturas físicas que compõem o II Tomo da obra de Amoros.

¹²⁷ Freixo é uma árvore da família das oleáceas. (FERREIRA, 1986:811).

¹²⁸ FLAUBERT, 1891, p. 172, ed. bras.: FLAUBERT, 1994, p. 180, ed. franc. Este canto era utilizado por Amoros para o treino das corridas de velocidade. (AMOROS, 1838:271).

¹²⁹ Ver a respeito CANETTI, 1990, p. 76; CARPEAUX, 1963, v. 5, p. 2201-2202, especialmente.

¹³⁰ CALVINO, 1990, p. 128-129.

¹³¹ Sobre a importância de Termodinâmica no desenvolvimento da ciência, ver BERNAL, 1976, v. 3, p. 590-602 especialmente.

¹³² Charles DARWIN publica *A Origem das espécies* em 1859.

¹³³ Amoros teve muitos continuadores de sua obra sendo os de maior renome Laisné e o coronel d'Argy. Cabe também registrar a transferência do ginásio Normal e Militar do Parque de Grenelle para a escola de Joinville-le-Pont em 22 de junho de 1852. (Cf. PEREIRA, s.d.:315-316).

¹³⁴ A concepção de evolução das espécies, cf. LUZ (1988:104-105), "... fornece um modelo teórico para a idéia de progresso intelectual da humanidade, como forma específica de evolução do inferior (mais primitivo, mais simples) para o superior (mais elaborado, mais complexo): à medida que a biologia e a história natural - e as ciências físicas em geral podem embasar, através da concepção de ordem natural, a categoria de ordem, tão fundamental no pensamento sociológico positivo: na medida em que estas disciplinas fornecem um modelo evolutivo para a explicação das mudanças na sociedade, e que desta forma, a história social pode ter uma analogia na história natural, otimista, harmônica e equilibrada, apesar de eventuais episódios cruentos que a lei da sobrevivência do mais forte explica. A mão invisível da Natureza conduz todos os eventos, mesmo os sociais, para o "melhor", isto é, para o progresso e o aperfeiçoamento da humanidade".

¹³⁵ Sobre o assunto consultar BERNAL, 1977, v. 6, p. 1118-1119 especialmente; BISSERET, 1978, p. 43; LUZ, 1982, p. 172 especialmente.

¹³⁶ Cf. ROSEN (1979:78), desde ... "o século XVIII vários médicos reconheceram a necessidade de abordar a medicina e a higiene, levando em consideração sua inserção social ... mas coube ao século XIX, desenvolver a idéia da medicina como ciência social e finalmente formular com maior precisão e clareza o conceito de medicina social".

¹³⁷ "Hoje a qualidade mestra do romancista é o senso do real. E é a isso que eu gostaria de chegar. O senso do real é sentir a natureza e representá-la como ela é". (ZOLA, 1995, p. 26). Em Zola encontra-se de modo muito nítido a tendência de tingir de ciência experimental a literatura. Seus métodos de trabalho literário são inspirados no trabalho de cirurgiões e fisiologistas famosos como por exemplo Claude Bernard. Seus indivíduos persangens, seus tipos coletivos, são verdadeiras exemplificações de conceitos e não meras abstrações personificadas. (Cf. CARPEAUX, 1963: v. 5, p. 2389 et seq.). A escola realista/naturalista, a qual pertenceu Zola, reivindica um certo enobrecimento do romance pois, para os integrantes daquela escola

literaria, o ... "romance se transforma em análise crítica das paixões e comportamentos contextualizados". (CARONI, 1995:15).

¹³⁸ ZOLA, s.d. p. 22. ed. port.: ZOLA, 1968, p. 43. ed. franc.

¹³⁹ ZOLA, s.d. p. 261. ed. port.: ZOLA, 1968, p. 388-389. ed. franc.

¹⁴⁰ ZOLA, s.d. p. 261. ed. port.: ZOLA, 1968, p. 389. ed. franc.

¹⁴¹ Ver a respeito DONANGELO, PEREIRA (1979:58 especialmente).

¹⁴² A Ginástica, desde o mundo grego sempre esteve ligada à medicina e a terapêutica em geral. No século XIX esta ligação se acentua sobretudo porque confere status à esta prática.

¹⁴³ HOBBSAWM, 1982, p. 305. Cf. este autor, a Química foi aquela ciência que entre todas da época, teve a mais imediata e íntima relação com a prática industrial.

¹⁴⁴ PERROT, 1988, p. 78 especialmente; DELEULE, GUERY, 1975.

¹⁴⁵ Ergonomia, palavra que se origina a partir do grego érgon = trabalho e significa o estudo científico das condições (psicofisiológicas e socioeconômicas) do trabalho e das relações entre o homem e a máquina. (LE NOUVEAU petit Robert, 1994:806).

* Etienne Jules MAREY (1830-1904), médico e fisiologista francês que generaliza o emprego de aparelhos que servem para o registro gráfico de fenômenos fisiológicos. Juntamente com o fisiologista Auguste CHAUVEAU estuda ainda a atividade cardíaca, lei de Marey; lei da variação periódica da excitabilidade cardíaca e lei da uniformidade do trabalho do coração. Colocou igualmente em destaque a cronofotografia (1892); O Método gráfico nas ciências experimentais, 1878; estudo da locomoção animal pela cronofotografia, 1887. Com seus estudos afirmou o movimento humano como objeto de estudo científico. (PETIT Robert, 1993:1148).

¹⁴⁶ A Cronofotografia foi uma importante etapa para a cinematografia moderna e muito utilizada pelos artistas plásticos que desejavam pintar o movimento. Ver a esse respeito as observações de PAZ, 1993:47.

* Georges DEMENY (1850-1917). Cf. REY-GOLLIET, 1930, p. 63-121.

¹⁴⁷ A ciência da época e, em particular as pesquisas sobre a decomposição do movimento realizadas por Marey e Demeny a partir da cronofotografia, fascinava os artistas do período. O pintor Georges Seurat, por exemplo, embora preferisse sempre "o realismo da imaginação", acompanhava de perto aquelas pesquisas. Cf. STRASSER, 1991, p. 28-29.

¹⁴⁸ VIGARELLO, 1978, p. 211.

¹⁴⁹ VIGARELLO, 1978, p. 211.

¹⁵⁰ VIGARELLO, 1978, p. 215 et seq.

¹⁵¹ DEMENY, *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 24-25.

¹⁵² DEMENY, *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 24.

¹⁵³ HOBBSAWM, 1988, p. 315.

¹⁵⁴ HOBBSAWM, 1988, p. 351.

¹⁵⁵ VALERY, 1991, p. 100.

¹⁵⁶ Há uma unanimidade entre os autores consultados em considerar G. DEMENY como o "chefe" da ginástica francesa deste período e como aquele que divulga esta ginástica para o mundo ocidental. Cf. REY-GOLLIET, 1930; PEREIRA, (s.d.); BONORINO, MOLINA, MEDEIROS, 1931; RICE, 1926; MACKENZIE, 1923; ROY, 1913.

¹⁵⁷ DEMENY (1931, 1924). Esta compreensão acerca da Educação Física é encontrada ao longo de sua obra, especialmente nos livros, *Les bases scientifiques de l'éducation physique e mécanisme et éducation des mouvements*.

¹⁵⁸ Demeny, juntamente com Marey e F. Lagrange podem ser considerados como fundadores da análise dos movimentos e da medicina desportiva contemporânea. (PEREIRA, s.d.:449).

¹⁵⁹ DEMENY, 1931, p. 21-22. A insistente busca de vínculos da Ginástica/Educação Física com a ciência é ainda, nos dias de hoje, uma questão em aberto na área. É interessante observar que Demeny faz referência a uma base científica para a Educação Física e, assim, mesmo seguindo caminhos abertos por Amoros, não acata com tranquilidade a afirmação de que a "... Ginástica é a ciência fundamentada de nossos movimentos, de suas relações com nossos sentidos, nossa inteligência, nossos sentimentos ..." (ver nota 39). Neste trabalho, não ignoro esta questão e, ao recuperar parte da história do conceito de Ginástica/Educação Física, acredito estar contribuindo para este debate.

¹⁶⁰ Sobre o assunto ver PEREIRA (s.d.:473-476); LANGLADE, LANGLADE (1986:254-268); REY-GOLLIET (1930:63-129), entre outros.

¹⁶¹ DEMENY, *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 1-2.

¹⁶² DEMENY, *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 9-10.

¹⁶³ PEREIRA, (s.d.). p. 444-445; ver ainda REY-GOLLIET, 1930, p. 63-99.

¹⁶⁴ PEREIRA, (s.d.). p. 444.

* Claude BERNARD. (1813-1878). Fisiologista e médico formou-se em Farmácia na cidade de Lyon e em Medicina na cidade de Paris. Em 1855 ocupou a cadeira de Medicina Experimental no Collège de France. É considerado o fundador da Fisiologia moderna. (ROBERT, 1993:215).

¹⁶⁵ DEMENY, *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 9.

¹⁶⁶ Cf. PEREIRA, (s.d.); LANGLADE, LANGLADE, 1986; BONORINO, MOLINA, MEDEIROS, 1931.

¹⁶⁷ DEMENY, *Mécanisme et éducation des mouvements*. Apêndices. Note 5., p. 534.

¹⁶⁸ DEMENY, *Mécanisme et éducation des mouvements*, p. 71.

¹⁶⁹ Existem 5 leis de mecânica dos movimentos: lei do menor esforço; lei da distribuição dos esforços de acordo com as resistências a vencer, lei do relaxamento dos músculos e lei da inércia das massas. (DEMENY, *Mécanisme et éducation des mouvements*, p. 72-3).

¹⁷⁰ Ver a este respeito REY-GOLLIET, 1930, p. 73-88; PEREIRA, (s.d.). p. 450-483; BONORINO, MOLINA, MEDEIROS, 1931, p. 129 et seq.

¹⁷¹ DEMENY, *Education et harmonie des mouvements*, p. 10. Ver também DEMENY, *Les bases scientifiques de l'éducation physique*.

¹⁷² DEMENY, *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 246 et seq.

¹⁷³ DEMENY, *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 246.

-
- ¹⁷⁴ Ver GOELLNER, 1992, p. 58-60 especialmente.
- ¹⁷⁵ DEMENY. *La educacion del esfuerzo*, p. 214-216.
- ¹⁷⁶ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 159-160.
- ¹⁷⁷ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 160.
- ¹⁷⁸ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 160.
- ¹⁷⁹ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 161.
- ¹⁸⁰ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 261.
- ¹⁸¹ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 261.
- ¹⁸² DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 269.
- ¹⁸³ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 269.
- ¹⁸⁴ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 270.
- ¹⁸⁵ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 271. Ver ainda a análise detalhada que faz DEMENY das possibilidades de locomoção com os membros superiores in *Mécanisme et éducation des mouvements*, especialmente p. 378-419.
- ¹⁸⁶ PERROT, 1991, v. 4, introdução, p. 12.
- ¹⁸⁷ ZOLA, (s.d.), p. 33-35, ed. port.: ZOLA, 1968, p. 62, ed. franc.
- ¹⁸⁸ ZOLA, (s.d.), p. 37-38, ed. port.: ZOLA, 1968, p. 65-66, ed. franc.
- ¹⁸⁹ ZOLA, (s.d.), p. 38, ed. port.: ZOLA, 1968, p. 67, ed. franc.
- ¹⁹⁰ ZOLA, (s.d.), p. 98, ed. port.: ZOLA, 1968, p. 152, ed. franc.
- ¹⁹¹ Ver a esse respeito DEMENY. *Mécanisme et éducation de mouvements*, especialmente p. 144-149. Ver também do mesmo autor *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 63-68.
- ¹⁹² DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 272.
- ¹⁹³ Em 1890, DEMENY construiu um aparelho que chamou de "phonoscope". Este aparelho permitia rever periodicamente as fases de um movimento fixo e torná-lo mais lento de acordo com a vontade do observador, cf. DEMENY em seu livro *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 271-279.
- ¹⁹⁴ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 277.
- ¹⁹⁵ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 279.
- ¹⁹⁶ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 277.
- ¹⁹⁷ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 278.
- ¹⁹⁸ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 281.
- ¹⁹⁹ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 281.

-
- ²⁰⁰ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 281.
- ²⁰¹ ZOLA. (s.d.). p. 42, ed. port.: ZOLA, 1968, p. 72, ed. franc.
- ²⁰² DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 281-282. Ver também DEMENY. *Mécanisme et éducation des mouvements*, especialmente o cap. 3, p. 217-218. Analyses des attitudes et des mouvements, travail manuel.
- ²⁰³ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 282.
- ²⁰⁴ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 295-296.
- ²⁰⁵ DEMENY. *Guide du maître chargé de l'enseignement des exercices physiques dans les écoles*, p. 8.
- ²⁰⁶ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 296. Ver também BONORINO, MOLINA, MEDEIROS, 1931, p. 148-149.
- ²⁰⁷ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 19.
- ²⁰⁸ Cf. as análises de BONORINO, MOLINA, MEDEIROS (1931:148), baseado no conjunto da obra de DEMENY. Estas análises estão mais presentes em DEMENY nos livros *Éducation et harmonie des mouvements* e *Mécanisme et éducation des mouvements*.
- ²⁰⁹ DEMENY. *Mécanisme et éducation des mouvements*, p. 444.
- ²¹⁰ DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 1. Este livro é dedicado exclusivamente à educação física feminina.
- ²¹¹ DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 1-2.
- ²¹² DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 2.
- ²¹³ DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 3. Ver também ROY, 1913, p. 77 et seg. (Grifos meus).
- ²¹⁴ DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 4.
- ²¹⁵ DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 5-6.
- ²¹⁶ DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 8.
- ²¹⁷ DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 11-12.
- ²¹⁸ DEMENY. *Éducation et harmonie des mouvements*, p. 12.
- ²¹⁹ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 328.
- ²²⁰ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 21.
- ²²¹ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 23. Ver também BONORINO, MOLINA, MEDEIROS, 1931, p. 148-150 especialmente.
- ²²² DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 23.
- ²²³ DEMENY. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*, p. 23.

²²⁴ Cf. DEMENY apud BONORINO, MOLINA, MEDEIROS, 1931, p. 151. O trabalho realizado no laboratório de J.E. MAREY é estendido à École Normal Militar de Joinville le Pont quando lá se organiza um laboratório de Fisiologia. A direção daquele laboratório é entregue a G. DEMENY, com o apoio do Ministério da Guerra. A École Normal Militar de Joinville le Pont teve singular importância para a Educação Física em França. Editou trabalhos como por exemplo *Cours de Pédagogie, Cours d'Anatomie et de Physiologie, Cours d'Anatomie et de Physiologie: étude et Analyse des Mouvements*, bem como o *Règlement Général d'Éducation Physique - Méthode Française*. Ver ainda, a respeito do Método Frances, GOELLNER (1992: cap. 1 e 2).

²²⁵ ARNAUD, 1991, p. 15.

²²⁶ Sobre o assunto consultar MARX (1984).

²²⁷ ARNAUD, 1991, p. 16. Ver também SPIVAK, *La preparation militar en Francia, un fracaso del regime republicano*.

²²⁸ Ver a respeito PEREIRA, (s.d.); ANDRIEU, 1988, p. 158 et seq. Os batalhões escolares são criados em 1882 e 1885 e terminam por formar sociedades, federações chegando a criar uma Associação Nacional de Preparação para o Serviço Militar.

²²⁹ Maiores informações consultar ARNAUD (1991), especialmente a introdução e a primeira parte.

²³⁰ Os partidos políticos e até a Igreja sentem a projeção social e política dessas organizações, cf. PEREIRA (s.d.:461). Ver ainda ARNAUD, CAMY, 1986.

²³¹ Cf. REY-GOLLIET, 1930, p. 120.

²³² Cf. DEMENY, *Guide du maître, changé de l'enseignement des exercices physiques dans le écoles*, p. 5-8.

* Fernand LAGRANDE (1845-1909). Médico e fisiologista, dedicou parte de seus estudos para esclarecer questões relacionadas com a higiene e terapêutica e sua relação com a utilização do movimento. Criou assim uma teoria do movimento embasada em medições e séries fotogramétricas. Procurou demonstrar as relações entre as atividades cardio-pulmonares e o trabalho muscular. (PEREIRA, (s.d.). p. 401).

²³³ Na França, vamos encontrar no médico Philippe TISSIÉ e no fisiologista Fernand LAGRANGE, sérios defensores do Método sueco.

* Philippe TISSIÉ (1845-1909) teve renomada importância nos destinos da Educação Física em França tendo sido presidente da Ligue Française de l'Éducation Physique. Como médico aprofundou estudos em relação ao método sueco de Ginástica defendendo-o acirradamente e criando, assim, uma enorme polêmica com Demeny. O Dr. Tissié também tinha uma aversão ao mundo do circo e afirmava: ... "a Física e a Química não se aprendem por passes divertidos de prestidigitação de ilusionistas; de igual modo a educação física não se aprende por prestidigitações acrobáticas de "music-hall" ou de exibições de feira. O circo - eis o grande inimigo!". (PEREIRA, s.d.:477; TISSIÉ, 1920 e 1922).

²³⁴ Cf. PEREIRA, (s.d.), p. 466.

²³⁵ Regulamento elaborado na Escola Normal Militar de Joinville le Pont onde Demeny foi professor de Fisiologia e diretor do laboratório de pesquisas fisiológicas sobre o movimento. (Cf. PEREIRA, s.d. p. 468).

²³⁶ PEREIRA, (s.d.), p. 468.

²³⁷ Cf. REY-GOLLIET, 1930, p. 121.

²³⁸ Por exemplo, o Congresso de Bruxelas, realizado em 1904 onde temas importantes relativos ao exercício físico e suas aplicações foram debatidos. (PEREIRA, s.d. p. 466-468).

³⁹ DEMENY apud BONORINO, MOLINA, MEDEIROS, 1931, p. 151.

⁴⁰ Cf. DEMENY, *Mécanisme et éducation des mouvements*, p. 518.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - "*Polichinelles et saltimbanques ou la Baraque des saltimbanques*", quadro de Giandoménico TIEPOLO pintado circa 1793.

FONTE - GUILLOU, 1995, p. 135.

FIGURA 2 - "*Cirque*", quadro de Georges SEURAT, pintado em 1891.

FONTE - STRASSER, 1991. Apresentação.

FIGURA 3 - *Francisco Amoros* comandando uma classe de alunos em seu Ginásio, em Paris.

FONTE - ZORO, 1986. Encarte especial.

FIGURA 4 - "*La Tentation de Saint Antoine*", quadro de Jérôme BOSCH pintado circa 1500-1510.

FONTE - FRANÇA, 1994, p. 80-81.

FIGURA 5 - *A cruz de ferro*. "L'Ilustration, 1868".

FONTE - CORBIN, 1991, v. 4, p. 604.

FIGURA 6 e 7 - Exemplos de aparelhos que "corrigem" posturas e "endireitam" o corpo no século XIX.

FONTE - LABBÉ, 1930, v. 1, p. 417-419.

FIGURA 8 e 9 - Exemplos de aparelhos utilizados por Georges DEMENY.

FONTE - DEMENY, 1924, p. 74 e 194.

FIGURA 10- Foto e assinatura de *Francisco Amoros* reproduzida por Jean ZORO.

FONTE - ZORO, 1986, p. 22.

FIGURA 11- "*A Família de Carlos IV*", quadro de Francisco de Goya pintado entre 1800-01.

FONTE - WRIGHT, (s.d.), p. 35.

FIGURA 12- *Fachada e Esquema do Ginásio Normal Militar* criado e dirigido pelo Cel. Amoros. Imagens respectivamente retiradas de Jean ZORO e Eduardo de Los REYS.

FONTE - ZORO, 1986, p. 23; REYS, 1961. Anexo.

FIGURA 13 e 14- Imagens das *aulas de Amoros* por volta do ano de 1840 catalogadas por Jean ZORO.

FONTE - ZORO, 1986, p. 23 e 80.

FIGURA 15- Desenhos reproduzidos a partir de Jean ZORO, Marcel LABBÉ. Os desenhos apresentados pelos autores aqui utilizados, foram reproduzidos diretamente da obra do próprio Amoros - *o Atlas* que acompanha o *Manuel d'éducation physique, gymnastique et moral*.

FONTE - ZORO, 1986, p. 80 e 86; LABBÉ, 1930, v. 2, p. 31, 39 e 45.

FIGURA 16- Desenhos reproduzidos a partir de Marcel LABBÉ.

FONTE - LABBÉ, 1930, v. 2, p. 37 e 50.

FIGURA 17- Desenhos reproduzidos a partir de Marcel LABBÉ.

FONTE - LABBÉ, 1930, v. 2, p. 27.

FIGURA 18- Desenhos reproduzidos a partir da obra de José Luís Hernández VÁZQUEZ.

FONTE - VÁZQUEZ, 1988, p. 29-64.

FIGURA 19- Imagens reproduzidas a partir de Jean ZORO e José L. H. VÁZQUEZ.

FONTE - ZORO, 1986, p. 74; VÁZQUEZ, 1988, p. 36.

FIGURA 20, 21, 22 e 23- Imagens reproduzidas a partir de José Luís Hernández VÁZQUEZ.
FONTE - VÁZQUEZ, 1988, p. 37, 43, 44 e 45.

FIGURA 24- Imagens reproduzidas a partir de Marcel LABBÉ.
FONTE - LABBÉ, 1930, v. 2, p. 42-43.

FIGURA 25- "*No Circo Fernando: a amazona*", quadro de TOULOUSE-LAUTREC pintado em 1888.
FONTE - MUNDO dos museus, 1967, p. 62.

FIGURA 26- "*No Circo: cavalo e macaco amestrados*", quadro de TOULOUSE-LAUTREC, pintado em 1899.
FONTE - ARNOLD, 1991, p. 81.

FIGURA 27- "*Mademoiselle Lala au Cirque Fernando*", quadro pintado por Edgar DEGAS em 1879.
FONTE - HUTTINGER, 1977, p. 48.

FIGURA 28- "*Le Clown au Cirque*", quadro de Pierre Auguste RENOIR, pintado em 1868.
FONTE - DELEVOY, 1994, p. 41.

FIGURA 29- "*Le Combat de Carnaval et Carême*", quadro de Pieter BRUEGEL, pintado em 1559.
FONTE - DELEVOY, 1994, p. 59.

FIGURA 30- Imagens reproduzidas a partir da obra de Jean ZORO.
FONTE - ZORO, 1986, p. 138-139.

FIGURA 31- AMOROS, "*exercícios de salvamento*".
FONTE - REYS, 1961. Anexo.

FIGURA 32- Imagens reproduzidas a partir da obra de Jean ZORO.
FONTE - ZORO, 1986, p. 148.

FIGURA 33- Imagens reproduzidas a partir de Eduardo de Los REYS.
FONTE - REYS, 1961. Anexo.

FIGURA 34- "*Les jeux d'enfants*", quadro de Pieter BRUEGEL pintado em 1560.
FONTE - DEVELOY, 1994, p. 62.

FIGURA 35- "*O Boneco de palha*", "*Garotos brincando de soldados*" e "*Os pequenos gigantes*", quadros pintados por Francisco de GOYA nas duas últimas décadas do século XVIII.
FONTE - WRIGHT, (s.d.), p. 21, 22 e 23.

FIGURA 36- "*La danse de Paysans*", quadro de Pieter BRUEGEL pintado circa 1568 e "*Dança nupcial ao ar livre*", quadro de Pieter BRUEGEL pintado em 1556.
FONTE - DEVELOY, 1994, p. 73; OS GRANDES..., 1986, v. 2, n. 18, p. 56.

FIGURA 37- "*O enterro da sardinha*", quadro de Francisco de GOYA, pintado entre os anos de 1812 e 1819.
FONTE - WRIGHT, (s.d.), p. 45.

FIGURA 38- Imagens reproduzidas a partir de Jean ZORO.
FONTE - ZORO, 1986, p. 110.

FIGURA 39- Imagens reproduzidas a partir de Celestino F. M. PEREIRA.
FONTE - PEREIRA, (s.d.), p. 583, 589 e 736.

FIGURA 40- "*Le Tisserand*", quadro pintado por VAN GOGH em 1884.
FONTE - GUILLOU, 1995, p. 121.

- FIGURA 41- Capa do livro "*Bouvard et Pecuchet*", de Gustave FLAUBERT em edição francesa da Brodart e Taupin.
FONTE - FLAUBERT, 1994. capa.
- FIGURA 42- Capa do livro "*Germinal*" de Émile ZOLA em edição francesa de Garnier-Flammarion.
FONTE - ZOLA, 1968. capa.
- FIGURA 43- Imagens reproduzidas do livro de Georges DEMENY, *Les Bases Scientifiques de L'Éducation Physique*.
FONTE - DEMENY, 1931. p. 112 e 123.
- FIGURA 44- Imagens reproduzidas de Georges DEMENY.
FONTE - DEMENY, 1931. p. 95.
- FIGURA 45- Imagens reproduzidas a partir de Jean ZORO.
FONTE - ZORO, 1986. p. 234.
- FIGURA 46- Imagens reproduzidas a partir de Jean ZORO.
FONTE - ZORO, 1986. p. 36.
- FIGURA 47- Imagens reproduzidas a partir de Georges DEMENY.
FONTE - DEMENY, 1931. p. 275.
- FIGURA 48 e 49- Imagens reproduzidas a partir de Catherine STRASSER e Jean ZORO.
FONTE - STRASSER, 1991. p. 29; ZORO, 1986. p. 235.
- FIGURA 50- Imagens reproduzidas a partir de Jean ZORO.
FONTE - ZORO, 1986. p. 236
- FIGURA 51- "*Entrée de metro*". Hector Guimard. 1899. Construction du métro. Traversée de la Seine du Chatelet. 1907. Archives Hachette.
FONTE - CLAY, 1975. p. 12.
- FIGURA 52- Imagens reproduzidas a partir de Celestino F. M. PEREIRA.
FONTE - PEREIRA. (s.d.). p. 518.
- FIGURA 53- Imagens reproduzidas a partir de Jean ZORO.
FONTE - ZORO, 1986. p. 47 e 203.
- FIGURA 54, 55, 56, 57, 58 e 59- Imagens reproduzidas a partir de Marcel LABBÉ.
FONTE - LABBÉ, 1930. v. 2, p. 175, 173, 203, 207, 275, 276, 277, 278, 246, 247, 248, 249, 281, 283 e 284.
- FIGURA 60- Imagens reproduzidas a partir de Georges DEMENY.
FONTE - DEMENY, 1924. p. 308-309.
- FIGURA 61- "*La dame à la licorne*", tapeçaria de fins do século XV. Reprodução em cartão. Musée des Thermes.
FONTE - MUSÉE DES THERMES, 1991. (cartão).
- FIGURA 62- "*Capela Sistina*", (detalhe).
FONTE - OS GRANDES ..., 1986. V. 2, N. 16, P. 12.
- FIGURA 63- "*La pause des mineurs: le jeu*", quadro pintado por Henry Perlee PARKER em 1836.
FONTE - GUILLOU, 1995. p. 120.
- FIGURA 64- Imagens reproduzidas a partir de Celestino F. M. PEREIRA.
FONTE - PEREIRA. (s.d.). p. 580 e 246.

FIGURA 65- Imagens reproduzidas a partir de Georges DEMENY. *Mecanisme et éducation des mouvements*.

FONTE - DEMENY, 1924. p. 145, 146 e 147.

FIGURA 66, 67, 68 e 69- Imagens reproduzidas a partir de Georges DEMENY e Jean ZORO.

FONTE - DEMENY, 1920. p. 49. *Figural*. ZORO, 1986. p. 90, 102, 126 e 130.

FIGURA 70- Imagens reproduzidas a partir de Georges DEMENY e Jean ZORO.

FONTE - DEMENY, 1931. p. 229; ZORO, 1986. p. 77.

FIGURA 71 e 72- Imagens reproduzidas a partir de Jean ZORO.

FONTE - ZORO, 1986. p. 208 e 209.

FIGURA 73- Imagens reproduzidas a partir de Jean ZORO.

FONTE - ZORO, 1986. p. 103 e 165.

FIGURA 74- Imagens reproduzidas a partir de Georges DEMENY.

FONTE - DEMENY, 1931. p. 180, 181, 182 e 183.

FIGURA 75- "*Chien en laisse*", quadro pintado por Giacomo BALLA em 1912.

FONTE - CLAY, 1975. p. 303.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJA, Teresa Maria Gonçalves. La educación física en España: 1800 - 1936. In SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS: SU OBRA ENTRE DOS CULTURAS. 1988, Madrid. *Anaes ...* Madrid, 1988. p. 13-27.
- AMOROS, Francisco y Odeño de. *Nouveau manuel d'éducation physique, gymnastique et morale*. Paris: A La Librairie Encyclopédique de Roret, 1838. v.1.
- ANDRIEU, Gilbert. La gimnasia amorosiana en Francia: 1818 - 1891. In SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS: SU OBRA ENTRE DOS CULTURAS, 1988, Madrid. *Anaes ...* Madrid, 1988. p. 109-133.
- _____. Amoros, los militares, los médicos y la educación física en Francia - siglo XIX y comienzos del XX. SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS: SU OBRA ENTRE DOS CULTURAS, 1988, Madrid. *Anaes ...* Madrid, 1988. p. 147-174.
- ARNAUD, Pierre, CAMY, J. *La naissance du mouvement sportif, associatif en France; sociabilités et formes de pratiques sportives*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1986. 422 p.
- ARNAUD, Pierre. *Le militaire, l'écolier, le gymnaste; naissance de l'éducation physique en France (1869-1889)*. Lyon: Presses Universitaires, 1991. 273 p.
- ARNOLD, Matthias. *Henri de Toulouse-Lautrec: 1864-1901. O Teatro da vida*. Köln: Benedikt Taschen, 1991. 95 p.
- AUERBACH, Erich. Na mansão de la Mole. In: _____. *Mimesis; a representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 405-441.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento; o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987. 419 p.
- _____. *Questões de literatura e de estética do romance; a teoria do romance*. 3. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993. 439 p.
- BARBANTI, Valdir José. *Teoria e prática do treinamento desportivo*. São Paulo: Edgard Blücher, 1979. 240 p.
- BAUDELAIRE, Charles. Da essência do riso e, de um modo geral, do cômico nas artes plásticas. In: _____. *Escritos sobre Arte*. São Paulo: Imaginário/Ed. Universidade de São Paulo, 1991. p. 25-50.
- _____. O pintor da vida moderna. In: CHIAMPI, Iremar (Org.). *Fundadores da modernidade*. São Paulo: Ática, 1991. p. 102-124.

- BERNAL, John Desmond. *Ciência na história*. Lisboa: Livros Horizonte, 1975. v. 1.
- _____. *Ciência na história*. Lisboa: Livros Horizonte, 1976. v. 3.
- _____. *Ciência na história*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977. v. 6.
- BISSERET, Noelle. A Ideologia das aptidões naturais. In: DURAND, J.C.G. (Org). *Educação e hegemonia de classe*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 30-67.
- BONORINO, Laurentino, MOLINA, Antonio de Mendonça, MEDEIROS, Carlos M. de. *História da educação física*. Vitória: Imprensa Oficial, 1931. 232 p.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, [s.d.]. 582 p.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*; lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 141 p.
- CANETTI, Elias. *A consciência das palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 286 p. (Ensaio).
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. 270 p.
- CARONI, Ítalo. A utopia naturalista. In: ZOLA, Émile. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. São Paulo: Imaginário/Ed. Universidade de São Paulo, 1995. p. 9-21.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962, v. 4.
- _____. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963, v. 5.
- CARRETERO, Mariano Garcia. Amoros en España y el Gimnasio de Segóvia. In: SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS: SU OBRA ENTRE DOS CULTURAS, 1988, Madrid. *Anaes ...* Madrid, 1988. p. 65-77.
- CLAY, Jean. *De l'impressionisme a l'arte moderne*. Paris: Hachette, 1975. 318 p.
- COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 3-39 p. (Os pensadores).
- CORBIN, Alain. Os bastidores. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 4. p. 413-611.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 2, ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 282 p.

CRESPO, Jorge. *A História do corpo*. Lisboa: Difel, 1990. 627 p.

DEL POZO, Miguel Piernavieja. Francisco Amoros, el primer ginasiarca español. Separata de *Citius, Altius, Fortius*, Madrid, v. 2, n. 3, p. 277-313, 1986.

DELEULE, Didier e GUÉRY, François. *El cuerpo productivo*, teoría del cuerpo en el modo de producción capitalista. Buenos Aires: Tempo Contemporáneo. 1975. 125 p. (Coleção Signos).

DELEVOY, Robert L. *Bruegel*. Genève: Editions d'Art Albert Skira, 1994. 138 p.

DEMENY, Georges. *Éducation et harmonie des mouvements*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1920. 192 p.

_____. *Éducation physique des adolescents*; préparation sportive par la méthode synthétique avec l'art de travailler. Paris: Félix Alcan, 1917. 157 p.

_____. *Guide du maître, chargé de l'enseignement des exercices physiques dans les écoles*. 4. ed. Paris: F.R. de Rudeval, [s.d.]. 180 p.

_____. *La educación del esfuerzo*. Madrid: Daniel Jorro, 1928. 218 p.

_____. *Les bases scientifiques de l'éducation physique*. 8. ed. Paris: Librairie Félix Alcan, 1931. 335 p.

_____. *Mécanisme et éducations des mouvements*. 5. ed. Paris: Librairie Félix Alcan, 1924. 542 p.

DONANGELO, Maria Cecilia F. e PEREIRA, Luis. *Saúde e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979. 124 p.

DUARTE, Regina Horta. *Noites circenses*; espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: IFCH - Departamento de História - UNICAMP, 1993. 2 v.

DULOUT, Stéphanie. *Renoir*. Paris: Hazan, 1994. 102 p.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 57 p. (Os pensadores).

ÉCOLE NORMALE DE GYMNASTIQUE & D'ESCRIME - JOINVILLE-LE-PONT. *Cours de pédagogie*. Paris: Imprimerie - Librairie Militaire Universelle, 1924. 1043 p.

ÉCOLE SUPERIEURE D'ÉDUCATION PHYSIQUE DE JOINVILLE. *Cours d'anatomie et de physiologie*. [s.n.t.]. v. 1.

ÉCOLE SUPERIEURE D'ÉDUCATION PHYSIQUE DE JOINVILLE. *Cours d'anatomie et de physiologie*. Joinville-le-Pont: Imprimerie de l'École, 1935. 27 p.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*; formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.
- _____. *O processo civilizador*; uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.
- FLAUBERT, Gustave. *Bouvard et Pécuchet*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1891. 317 p.
- _____. *Bouvard et Pécuchet*. Paris: Brodard et Taupin, 1994. 285 p.
- FRANÇA, José Augusto. *Bosch ou "le visionnaire intégral"*. Lisboa: Société Lisbonne, 1994. 122 p.
- FRANCE. Ministère de la Guerre. *Règlement général d'éducation physique - méthode française*. Paris: Imprimerie Nationale, 1925. 275 p.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. 295 p.
- GOELLNER, Silvana V. *O método francês e a educação física no Brasil; da caserna à escola*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. 215 p. (Dissertação, Mestrado em Ciências do Movimento Humano).
- GOULDNER, Alvin. *La crisis de la sociologia occidental*. Buenos Aires: Amarrortu, 1979. 467 p.
- GOULEMOT, Jean Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- GRIESWELLE, Detlef. *A gênese do esporte moderno*. Trad. Walter Bracht. [s.n.t.]. 1978. p. 56-65. (Tradução de: Die genese des modernen sport). (Mimeogr.). 10 p.
- GUILLOU, Jean-François. *Les grands classiques de la peinture*. Paris: Solar, 1995. 207 p.
- HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções; Europa 1789-1848*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 365 p.
- _____. *A era dos impérios: 1875-1914*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 546 p.
- HUTTINGER, Edouard. *Degas*. Paris: La Librairie Flammarion, 1977. 96 p.
- JAEGER, Werner. *Paidéia; a formação do homem grego*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 966 p.

- LA METTRIE. *O homem-máquina*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982. 200 p.
- LABBÉ, Marcel (Org.). *Traité d'éducation physique*. Paris: Gaston Doin, 1930. 2 v.
- LACAPRA, Dominique. *História e romance*. Revista de História, Campinas, v. 2, n. 3, p. 107-124. 1991.
- LANGLADE, Alberto e LANGLADE, Nelly R. de. *Teoria general de la gimnasia*. 2. ed. Buenos Aires: Stadium, 1986. p. 526.
- LANSON, Gustave. Le naturalisme. In: _____. *Histoire da la littérature française*. Paris: Hachette, 1947. p. 1029-1266.
- LE NOUVEAU petit Robert. dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Dictionnaire Le Robert, 1994. 2467 p.
- LOWY, Michel. *As aventuras de Marx contra o Barão de Munchhausen; marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Busca vida, 1987. 210 p.
- LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira; políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. 218 p.
- _____. *Natural, racional, social; razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. 152 p.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977. 3 v.
- MACKENZIE, Tait R. *Exercice in education and medicine*. Philadélphia and London: W.B. Saunders, 1923. 601 p.
- MARX, Karl. *A guerra civil em França*. Lisboa: Avante, 1984. 111 p.
- MUNDO dos museus. *Instituto de Arte de Chicago*. Madrid: Codex, 1967. 86 p.
- MUSÉE DES THERMES. *La dame à la licorne. La vue, défail, tapisserie, laine et soie. Fin du 15e siècle*. Reprodução de 1991. (cartão).
- OS GRANDES Artistas. São Paulo: Nova Cultural, 1986. v. 2.
- PAZ, Octávio. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993. 148 p.
- _____. *O Mono Gramático*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. 153 p.
- PEREIRA, Celestino Feliciano Marques. *Tratado de educação física; problema pedagógico e histórico*. Lisboa: Bertrand, [s.d.]. v. 1.

- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história; operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 332 p.
- _____ (Org.) et al. *História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. 637 p.
- _____ . Outrora, em outro lugar. In: PERROT, Michelle, HUNT, Lynn, HALL, Catherine. *História da vida privada. Ergue-se a cortina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4, p. 17-19.
- PESTALOZZI, J.H. *Como ensena Gertrudis a sus hijos*. Madrid: Espasa-calpes. S.A., 1936. 269 p.
- PETIT Robert; dictionnaire de culture generale. Paris: Dictionnaire Le Robert, 1993. 1952 p.
- PHILIPPE, Jean. La gymnastique scolaire en France au XIXe (Méthode d'Amoros). In: LABBÉ, Marcel (Org.). *Traité d'éducation physique*. Paris: Gaston Doin, 1930. v. 1, p. 7-60.
- PINTO, Renato Magalhães. *Gestos musicalizados; uma relação entre educação física e música*, 1996. 80 p. (no prelo).
- PONCE, Anibal. *Educação e luta de classes*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1986. p. 196.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992. 215 p.
- RABELAIS, François. *Gargantua*. São Paulo: Hucitec, 1986. 277 p.
- _____ . *Pantagruel*. Paris. Cluny. 1939. 204 p.
- REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ARIÉS, Philippe e DUBY, Georges (Org.). *História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3, p. 169-209.
- REY-GOLLIET, Adrien. La méthode française(Méthode DEMENY). In: LABBÉ, Marcel (Org.). *Traité d'éducation physique*. Paris: Gaston Doin, 1930. p. 63-159.
- REYS, Eduardo de los. *Amoros, adelantado de la gimnasia moderna; su vida, su sistema*. Madrid: Estades Artes Gráficas, 1961. 129 p.
- RICE, Emmett A. *A brief history of physical education*. New York: Barnes, 1926. 288 p.
- RONAI, Paulo. A vida de Balzac. In: BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. 2. ed. São Paulo: Globo, 1989. p. 9-77.
- ROSEN, George. *Da polícia médica à medicina social; ensaios sobre a história da assistência médica*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 401 p.

- ROY, George Le. *Éducation physique et gymnastique*. Paris: Pierre Lafitte, 1913. 378 p.
- SCHMOLINSKY, Gerhardt. *Atletismo*. Lisboa: Estampa, 1982. 508 p.
- SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS: SU OBRA ENTRE DOS CULTURAS, 1988, Madrid. *Anaes ...* Madrid: 1988. 206 p.
- SILVA, Erminia. *O circo: sua arte e seus saberes; o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX*. Campinas, IFCH-UNICAMP, 1996. 161 p. (Dissertação, Mestrado em História).
- SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994. 167 p.
- SOMBART, Werner. *El burgués*. Madrid: Alianza, 1986. 371 p.
- SPIVAK, Marcel. Amoros, el hombre y su obra examinados con lupa. In: SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS: SU OBRA ENTRE DOS CULTURAS, out. 1988, Madrid. *Anaes ...* Madrid, 1988. p. 135-145.
- _____. La preparation militar en Francia, un fracaso del regimen republicano. In: ANAES DO SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS: SU OBRA ENTRE DOS CULTURAS, out. 1988, Madrid. *Anaes ...* Madrid, 1988. p. 175-206.
- _____. Le développement de l'éducation physique et du sport français de 1852 a 1914. *Revue d'histoire moderne et contemporaine*. Paris, v. 24, n. 1, p. 28-48, jan./mar. 1977.
- STRASSER, Catherine. *Seurat-cirque pour un monde nouveau*. Paris: Darantiere, 1991. 63 p.
- TISSIE, Philippe. *L'éducation physique et la race; santé-travail-longévité*. Paris: Ernest Flammarion, 1920. 336 p.
- _____. *L'éducation physique rationnelle; la méthode - les maîtres - les programmes*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1922. 224 p.
- VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991. 230 p.
- VÁZQUEZ, José Luis Hernandez. Los aparatos de Amoros y su influencia en la gimnasia española del siglo XIX. In: SEMINÁRIO FRANCISCO AMOROS: SU OBRA ENTRE DOS CULTURAS, 1988, Madrid. *Anaes ...* Madrid, 1988. p. 29-64.
- VIGARELLO, Georges. *Les corps redressé*. Paris. Jean Pierre Delarge, 1978. 399 p.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 414 p.

WEINECK, Jürgen. *Manual de treinamento esportivo*. 2. ed. São Paulo: Manole, [s.d.]. 292 p.

WRIGHT, Patricia. *Galeria de arte Goya*. São Paulo: Manole, [s.d.]. 64 p.

ZOLA, Émile. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. São Paulo: Imaginário/Universidade de São Paulo, 1995. 213 p.

_____. *Germinal*. [s.l.]: Ediouro, [s.d.]. 340 p.

_____. *Germinal*. Paris: Garnier-Flammarion, 1968. 502 p.

ZORO, Jean. *Images de 150 ans d'E.P.S. L'éducation physique et sportive à l'école, en France*. Paris: Amicale, 1986. 278 p.